



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Entre mar e terra:
um estudo sobre a Festa de São Pedro em Tambaú



Crédito: Cleomar Cabral

Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade

João Pessoa

2011

CLEOMAR FELIPE CABRAL JOB DE ANDRADE

Entre mar e terra:
um estudo sobre a Festa de São Pedro em Tambaú

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Cultura Urbana

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Ayala

João Pessoa

2011

A553e Andrade, Cleomar Felipe Cabral Job de.
Entre mar e terra: um estudo sobre a Festa de São Padro
em Tambaú / Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade.- João
Pessoa, 2011.
251f.
Orientador: Marcos Ayala
Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA
1. Cultura popular. 2. Cultura urbana. 3. Cultura popular –
Tambaú – João Pessoa (PB). 4. Festa de São Pedro –
interação – grupos sociais.

UFPB/BC

CDU: 398.2(043)

CLEOMAR FELIPE CABRAL JOB DE ANDRADE

ENTRE MAR E TERRA:

UM ESTUDO SOBRE A FESTA DE SÃO PEDRO EM TAMBAÚ

Tese aprovada em _____ / _____ /2011

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Luciana de Oliveira Chianca

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Prof^a. Dr^a. Silvana de Souza Nascimento

Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof^a. Dr^a. Simone Carneiro Maldonado

Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof^a. Dr^a. Flávia Ferreira Pires

Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Marcos Ayala

Orientador

Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal da Paraíba - UFPB

DEDICATÓRIA

A Magno Job,
amigo, companheiro, um grande amor.

A Paulo e Severina,
meus pais, meus exemplos de vida.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores e ex-moradores de Tambaú, aos moradores da Penha, aos responsáveis pela Colônia dos Pescadores de Tambaú, aos integrantes da Igreja de São Pedro Pescador e da Igreja de Nossa Senhora da Penha, pelo carinho que me receberam em suas casas e local de trabalho, sem os quais esse estudo não seria possível;

Ao professor **Marcos Ayala**, por mais uma vez me propiciar caminhos de reflexão antes nunca percorridos, por me ajudar a dar os nós necessários para essa trama, essa rede, um amigo por quem tenho profunda admiração;

À professora **Maria Ignez Ayala**, que esteve sempre presente nesses longos anos de pesquisa, com quem também aprendi “a olhar” as manifestações populares;

Às professoras, **Simone Maldonado e Flávia Pires**, pela leitura cuidadosa dos primeiros textos desse trabalho e pela contribuição na difícil tarefa de talhar e arrematar a tese;

Aos amigos, **Liliane, Ninno, Fátima**, companheiros de graduação, que mesmo distantes (respectivamente, no Distrito Federal – BR, Rondônia – BR, São Vicente – CV) estiveram presentes;

À CAPES, pela bolsa concedida no último ano do doutorado, fundamental para a continuidade desse trabalho;

À minha família, em especial, meus cunhados, **Fernando e Marcus Vinicius**, e sobrinhos, **Gabrielle e Marcus Vinicius Filho**, pelo carinho e apoio que foram fundamentais para a minha formação;

Às minhas irmãs, **Clécia**, pelo amor, incentivo e entusiasmo, e **Cristiane**, por ter compartilhado de minhas angústias, lendo, se emocionando e discutindo cada capítulo que era produzido;

A meus pais, **Paulo e Severina**, que vêm acompanhando cada fase de minha caminhada;

A **Magno**, meu esposo, por todo apoio indispensável à realização desse trabalho, toda compreensão e palavras de ânimo, atitudes de incentivo, escutando e discutindo as idéias do texto, viajando junto, indo a campo - estando comigo não só em Tambaú e na Penha - mas desde a graduação, quando juntos começamos a pesquisar as brincadeiras populares através do Laboratório de Estudos da Oralidade - LEO;

A **Deus**, por ter concedido aos homens o dom da ciência.

Eu ando aqui devagarzinho, sem enxergar as quatro paredes que nos cercam. Mas eu sempre digo, que a noite de ontem se foi e hoje o dia, já estamos nessa hora, vai também, e amanhã será outro dia. (Seu Aluízio)

RESUMO

Tambaú, área hoje extremamente valorizada do litoral de João Pessoa – PB, até o início da década de 1960, foi uma área residencial, habitada por comunidades pesqueiras e de criadores de gado. Nas últimas décadas, Tambaú vem passando por muitas transformações, assumindo um relevante caráter comercial. Essa região possui uma história bastante rica no que se refere à cultura popular, podendo ainda ser verificada a realização de uma das festas importantes na vida dos antigos moradores da região: a Festa de São Pedro ou, como também é denominada, a Procissão de São Pedro. Esse trabalho busca compreender o processo de organização, realização e transformação da Festa de São Pedro, enfocando a interação e o papel dos diversos grupos envolvidos e, mais especificamente, observando de que forma as relações de classe, status e de prestígio interferem na organização e realização da festa. Foi utilizado o método da pesquisa participante, com registros nos contextos culturais habituais por meio de anotações escritas, gravador de áudio e fotos. Também foram utilizadas as conversas informais e as entrevistas apoiadas em roteiros temáticos. Observou-se que as festas estão configuradas enquanto profundos códigos sócio-culturais em espaços geográficos, compostos pelas particularidades de cada contexto social, e elas possibilitam e são constituídas por celebrações, como também por *relações de poder*; compreendendo processos de aproximação e distanciamento, de inclusão e exclusão de indivíduos ou grupos sociais. Em Tambaú, a festa devocional organizada pelos pescadores também reforça, reconstrói e retoma *objetos e lugares biográficos coletivos*, além dos laços de família, de amizade e de re-conhecimento constituídos, em espaços de trabalho e de comemoração, no mar e na terra.

Palavras chaves: festa; cultura popular; pescadores; relações de poder.

ABSTRACT

Tambaú area today highly valued the coast of João Pessoa - PB, until the early 1960s, was a residential area, inhabited by fishing communities and livestock breeding. In recent decades, Tambaú has undergone many changes, assuming an important commercial nature. This region has a very rich history in relation to popular culture, may also noted the realization of one of major festivities in the life of the ancient inhabitants of the region: the Festival of St. Peter (Festa de São Pedro), or, as is also called the Procession of St. Peter (Procissão de São Pedro), this work seeks to understand the process of organizing, conducting and processing of the Festival of St. Peter, focusing on the interaction of the various groups involved and, more specifically, watching how the relationships of class, status and prestige interfere with the organization and implementation of the festival. We used the method of participatory research, with records in the usual cultural contexts through handwritten notes, audio recorder and photos. Were also used informal conversations and interviews supported in theme routes. It was observed that the festival are configured in deep socio-cultural codes in geographic areas, comprised of the particularities of each social context, and they enable and consist of celebrations, but also by power relationships, including processes of approximation and detachment, inclusion and exclusion of individuals or social groups. In Tambaú, the festival organized by fishermen devotional also strengthens, rebuilds and takes collective biographical objects and places, beyond the bonds of family, friendship and knowledge re-constituted in spaces of work and celebration, at sea and on land.

Keywords: festival; popular culture; fishermen; power relationships.

RESUMEN

Área de Tambaú hoy muy valorado en la costa de João Pessoa - PB, hasta la década de 1960, fue una zona residencial, habitada por comunidades pesqueras y ganaderas. En las últimas décadas, Tambaú ha sufrido muchos cambios, asumiendo un carácter comercial importante. Esta región tiene una historia muy rica en relación con la cultura popular, todavía se pueden examinar una de las principales fiestas en la vida de los antiguos habitantes de la región: la Fiesta de San Pedro, o, como también se conoce como la Procesión de San Pedro. Este trabajo busca comprender el proceso de organización, realización y procesamiento de la Fiesta de San Pedro, se centra en la interacción y el papel de los diversos grupos involucrados y, más concretamente, viendo cómo las relaciones de clase, estatus, el prestigio influyen en la organización y ejecución de la fiesta. Se utilizó el método de investigación participativa, con registros en los contextos habituales cultural a través de notas escritas a mano, grabadora de audio y fotos. También se utilizaron las conversaciones informales y entrevistas apoyadas en rutas temáticas. Se observó que las fiestas están hundidas en códigos socioculturales de las áreas geográficas, compuesto por las particularidades de cada contexto social, y permiten y se componen de las celebraciones, sino también por las relaciones de poder, incluyendo los procesos de acercamiento y alejamiento de inclusión y exclusión de individuos o grupos sociales. En Tambaú, la fiesta organizada por los pescadores devocionales también fortalece, reconstruye y toma otra vez objetos y lugares biográficos colectivos, acrecentado de los lazos de la familia, la amistad y el conocimiento re-constituido en espacios de trabajo y celebración, en el mar y en tierra.

Palabras clave: fiesta; cultura popular; los pescadores; las relaciones de poder.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	O andor na casa de Seu João Preto na Penha em 2010.....	14
Figura 2 –	O andor na casa de Seu João Machado na Penha em 2011.....	14
Figura 3 –	O bairro de Manaíra e o processo de verticalização.....	23
Figura 4 –	Casas da Vila dos Pescadores, localizadas no denominado bairro de Manaíra	23
Figura 5 –	Casas de antigos moradores situadas em uma rua principal do bairro de Tambaú	23
Figura 6 –	Foto de Tambaú de aproximadamente 1973.....	33
Figura 7 –	Foto panorâmica de Tambaú em 2009.....	33
Figura 8 –	A chegada da barqueata em Tambaú no ano de 2008.....	47
Figura 9 –	A devoção em Tambaú em 2008.....	47
Figura 10 –	O “santo” e o pescador – 2008.....	58
Figura 11 –	A reza antes da <i>caminhada</i> em Tambaú em 2007.....	58
Figura 12 –	O andor sendo levado para o barco na Penha em 2004.....	75
Figura 13 –	Dona Cila enfeitando o palanque em 2008.....	75
Figura 14 –	A <i>caminhada</i> na praia da Penha em 2010.....	75
Figura 15 –	A <i>caminhada</i> em frente à Vila dos Pescadores em Tambaú no ano de 2008	83
Figura 16 –	A <i>caminhada</i> seguindo para a Vila dos Pescadores na Penha em 2011..	83
Figura 17 –	A festa e as crianças em 2007.....	108
Figura 18 –	Fiéis esperando a barqueata na caiçara de Tambaú em 2010.....	108
Figura 19 –	I quadro dos laços de família.....	113
Figura 20 –	II quadro dos laços de família.....	114
Figura 21 –	A <i>caminhada</i> na Penha em 2011.....	131
Figura 22 –	A festa e devoção na Penha em 2011.....	131
Figura 23, 24, 25, 26 e 27 –	O palanque, respectivamente, nos anos de 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011	134
Figura 28 –	Galiléia organizando a saída da carreata em 2009.....	147
Figura 29 –	A celebração da palavra na Igreja de Nossa Senhora da Penha em 2011	147

Figura 30 – A chegada da <i>barqueata</i> em Tambaú no ano de 2008.....	156
Figura 31 – O antigo padre abençoando a chegada da <i>barqueata</i> em Tambaú em 2008	156
Figura 32 – Bandeirinhas sendo distribuídas por fiéis no ano de 2011.....	156
Figura 33 – Percurso da <i>caminhada</i> na Penha em 29/06/2010.....	158
Figura 34 – Percurso da <i>caminhada</i> em Tambaú entre 2007 e 2011.....	170
Figura 35 – A celebração da missa em Tambaú em 2011.....	173
Figura 36 – A devoção e disputa pelos adornos da charola após a missa em 2011...	173
Figura 37 – A Procissão de São Pedro em Tambaú no ano de 1979.....	200
Figura 38 – A <i>barqueata</i> em Tambaú aproximadamente entre 1970 e 1980.....	200
Figura 39 – Os percursos da <i>caminhada</i> de outrora e de hoje em Tambaú.....	212
Figura 40 – Banda de Música em Tambaú aproximadamente entre 1970 e 1980.....	217
Figura 41 – A caminhada pelas ruas de Tambaú em 1979.....	217
Figura 42, 43, 44 – A festa social promovida pela Igreja de São Pedro Pescador em 2008	235

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	TAMBAÚ: OS ESTABELECIDOS E OS OUTSIDERS.....	23
1.2	TAMBAÚ E O PROCESSO DE <i>GENTRIFICATION</i>.....	33
2	INTERFACE TEÓRICA-METODOLOGICA: FESTA E CULTURA POPULAR	47
2.1	FESTA E FESTA POPULAR: ESPAÇOS DE CELEBRAÇÃO, INTEGRAÇÃO E CONFLITO	58
3	A FESTA DE SÃO PEDRO	75
3.1	OS PROTAGONISTAS DA FESTA: LAÇOS DE RE-CONHECIMENTO	83
3.1.1	Laços de Família.....	108
3.2	FESTA-PROCISSÃO NO MAR E NA TERRA.....	131
3.2.1	A Organização da Festa: a Importância do Sagrado e do <i>Mestre</i>	134
3.2.2	A Carreata e as Caminhadas: Festas na Festa e Festas da Festa....	147
3.2.3	A Barqueata e a Caminhada: as Diferentes Disputas no Mar e na Terra	156
3.2.4	A Festa e a Igreja de São Pedro Pescador.....	173
4	MEMÓRIA DA FESTA: OBJETOS E LUGARES BIOGRÁFICOS COLETIVOS	200
4.1	SANTO ANTÔNIO NA FRENTE, SÃO JOÃO NO MEIO E SÃO PEDRO ATRÁS: AS NARRATIVAS	217
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	235
	REFERÊNCIAS.....	240
	ANEXO.....	252

1 INTRODUÇÃO



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 1 – O andor na casa de Seu João Preto na Penha em 2010



Crédito: Magno Job

Figura 2 – O andor na casa de Seu João Machado na Penha em 2011

Iniciei um trabalho com os moradores e ex-moradores de Tambaú, região situada no litoral de João Pessoa – PB, ainda na graduação em Ciências Sociais, através das pesquisas “Literatura e memória cultural: fontes para o estudo da oralidade” e “Laços de família: outras memórias e registros da cultura popular brasileira”, coordenadas pela Prof^a. Dr^a. Maria Ignez Novais Ayala e co-orientadas pelo Prof. Dr. Marcos Ayala, financiadas pelo PIBIC/CNPq.

No mestrado em Sociologia, retomei a pesquisa sobre a memória dos antigos moradores de Tambaú, a partir da expressão *no meu tempo*, buscando compreender como o passado era lembrado hoje, na visão dos moradores e ex-moradores que participavam das brincadeiras populares em Tambaú, enfocando as transformações sofridas pela região e, mais especificamente, como estas transformações afetavam a cultura e a vida dos antigos moradores.

Um dos pontos indicados pelos antigos moradores para se compreender os diferentes tempos está relacionado às mudanças ocorridas em vários aspectos de suas vidas, como também na forma de se relacionar com o outro, com o vizinho. Essas questões percorrem todas as entrevistas, no entrelaçado entre memória, trabalho, espaço, brincadeira e vida.

Dessa forma, foi possível observar como ao longo dos anos essas esferas vão ganhando outras características que acabam diferindo tempos e modos de vida. Tempos em que os espaços de sociabilidade e trabalho eram entrelaçados, como também a vivência das crianças no trabalho fazia parte do processo de formação e sociabilização.

A partir desse cenário de transformações, surgiu o interesse em pesquisar uma das manifestações que aparece constantemente nos relatos desses antigos moradores, podendo ainda encontrá-la sendo realizada nessa região: a Festa de São Pedro.

A Festa de São Pedro é uma das mais importantes manifestações populares de Tambaú para os antigos moradores, em especial, pescadores e seus familiares, como também, para os

devotos do santo. No entanto, pouco se conhece sobre essa festa que acontece anualmente e as relações sociais entre antigos e novos moradores de Tambaú.

Ao saber que as relações sociais se dão em constante processo de negociação das partes envolvidas, temos na organização dessa festa a participação de diferentes segmentos: os pescadores e suas famílias, a direção da Colônia de Pescadores de Tambaú e representantes e integrantes da Igreja Católica de São Pedro Pescador. Já na realização, encontramos pessoas dos mais diferentes estratos sociais e oriundos de vários bairros de João Pessoa.

A festa é iniciada, para os “de dentro”, a partir da escolha da casa em que ficará imagem no bairro da Penha e do barco que transportará o andor de volta a Tambaú, na decoração dos barcos, na preparação das comidas e, de forma especial, nas celebrações realizadas na Penha. Para os demais, a festa é iniciada com a saída dos barcos, da praia de Tambaú para a Penha, para buscarem a imagem de São Pedro, no dia vinte e nove de junho.

Quando os barcos retornam em procissão marítima para Tambaú, nesse momento, a atenção é voltada para a habilidade dos pescadores, que navegam quase que emparelhados ao barco que leva o “santo”. Nos barcos estão crianças, jovens e adultos de ambos os sexos, geralmente familiares e amigos dos pescadores.

Nessa perspectiva, o presente trabalho busca compreender o processo de organização, realização e transformação da Festa de São Pedro, enfocando a interação e o papel dos diversos grupos envolvidos e, mais especificamente, observando de que forma as relações de classe, status e de prestígio interferem na organização e realização da festa.

Esse trabalho aborda a festa como objeto e conceito para análise das relações sociais vigentes na região de Tambaú. Outros termos utilizados como sinônimos para a festa, ao mesmo tempo em que integram características da Festa de São Pedro, foram: festejo, comemoração, celebração, diversão.

A Festa de São Pedro ou Procissão de São Pedro, conforme aparece em diferentes relatos dos colaboradores, refere-se à totalidade da festa, a todas as fases de realização e organização (da ornamentação às festas de encerramento), como também da participação, institucionalização, integração e conflito presentes nessa comemoração em devoção ao santo homenageado.

Esta pesquisa tentou privilegiar o contexto social e cultural da festa, enfatizando os produtores culturais, desde o registro de quem são (nomes, famílias), até o estudo das condições de vida e trabalho, bem como as mudanças ocorridas nesta região e como elas atingem as condições de realização da Festa de São Pedro. Por isso, os depoimentos orais são de grande importância nesta pesquisa. Eles propiciam o acesso à visão que essas pessoas têm de suas próprias práticas culturais e suas condições de vida, valendo-nos da memória daqueles que vivenciaram as transformações nas várias esferas da vida e são os principais responsáveis pela existência da festa.

O método utilizado foi o da pesquisa participante, com registros nos contextos culturais habituais por meio de anotações escritas, gravador de áudio e fotos. Esse método consiste em “obter dados sobre o comportamento através de contatos diretos, em situações específicas, nas quais a distorção resultante do fato de ser o investigador agente estranho é reduzida ao mínimo”. (KLUCKHOHN *apud* NOGUEIRA, 1973, p.93). Além disso, foram utilizadas as conversas informais, com anotações em cadernetas de campo e as entrevistas gravadas, apoiadas em roteiros temáticos. É bom ressaltar que a iniciativa da pesquisa é sempre do estudioso e caberá a ele interpretar os depoimentos; entretanto, isso não significa minimizar a importância de dar vez e voz àqueles que produzem a cultura popular. Outras informações foram obtidas em registros escritos e visuais, realizados anteriormente, publicados e inéditos, em arquivos e acervos públicos e privados.

Nessas idas e vindas ao campo, entre a observação e participação, já era possível me *re-conhecerem*, um reconhecimento de confiança, conforme ocorreu enquanto eles esperavam a carreata sair. Assim que cheguei à festa, no ano de 2009, Dona Cila veio me abraçar e falou com alegria: “**sabia que você vinha!**” Fui sendo posta em um lugar na festa, lugar de proximidade, ao ponto de lembrarem minha presença ou ausência.

Na transcrição, tentei me aproximar o máximo possível da narração elaborada pelos meus colaboradores. Para a fala deles, utilizei o estilo de letra **Comic Sans MS** e para as demais, inclusive a minha, utilizei o formato Times New Roman. Também foi necessário me valer de alguns recursos de formatação de fontes para poder expressar determinados gestos e entonações que acompanham a narrativa ou imprecisões do processo de transcrição. Vejamos o quadro abaixo:

RECURSO UTILIZADO	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Negrito	Ênfase dada pelos colaboradores.	Não deixei nadinha em casa, eu fiz uma pescaria tão boa. Foi uma pescaria bonita!
Itálico	Reprodução de uma fala na narrativa feita pelo colaborador.	Aí, muita gente diz assim: <i>mas Cila, tu enfeita São Pedro, tu não ganha nada...</i>
Sublinhado	Destaque feito por mim.	Depois que <u>o rico</u> tomou conta dali da frente, acabou-se Tambaú de brincadeiras.
Repetição de letras	Efeito de alongamento da palavra.	<i>Foi porque você quis. Você já veio mandado. Nãooo... Você veio mandado pra fazer isso.</i>
...	Pausa	É que tem um rapaz, que o nome dele é João, ele é que escolhe a... Antigamente era um sorteio
(...)	Supressão de um trecho da narrativa.	E de fato, fiz uma pescaria bonita, mais! Cabe a cada pessoa ter fé e a gente ter fé. (...) Eu digo: tenho fé em Deus que São Pedro vai me ajudar.
(texto entre parênteses)	Explicação feita por mim.	Mas dite feito, quando foi no ano seguinte, o nome dele foi sorteado... (Balança a cabeça e dá um pequeno sorriso).
Letra tamanho 8	Quando o narrador fala bem baixinho, quase inaudível.	até então ela tá decidida que caso viesse o dia dela falecer, eu iria seguir a tradição dela de ornamentar o santo.
[]	Incerteza no que ouvi.	agora [ninguém brinca, não pode mais brincar, faz zoada] no meu tempo quando eu cheguei em Tambaú era <u>de pobre</u> mas era bom...

Este estudo está dividido em quatro partes. Na **primeira** parte, são discutidos alguns processos de mudança em Tambaú a partir das relações sociais e de vizinhança que vêm sendo constituídas nessa região. Foi adotada como ponto de partida a relação entre os *estabelecidos* e os *outsiders* na Winston Parva, analisada por Jonh Scotson e Norbert Elias (2000), em princípio, por um motivo bastante relevante em Tambaú: por ser uma relação entre antigos e novos moradores, o que nos conduziu a outro aspecto mais crucial: uma *relação desigual de poder*. Para a análise em Tambaú foi necessário tomar essa relação entre *estabelecidos* e *outsiders* e invertê-la, o que nos levou a um novo caminho, onde os recém-moradores são os *estabelecidos* e os antigos moradores são os *outsiders*. A partir do tempo de residência, observou-se outras características e especificidades locais que diferem e interferem na relação entre os grupos aqui estudados, como: as casas, o grau de escolaridade, a remuneração, a cor de pele, os bens, áreas de descanso, assim por diante, e que conseqüentemente remetem a outras *relações desiguais de poder* que podem ser instituídas entre antigos e novos moradores. A partir dessa relação, enfocamos o processo de *gentrification*, podendo ser destacado como um de seus efeitos o reforço das desigualdades existentes, desencadeando expropriações e invisibilizações dos grupos subalternizados.

Na **segunda** parte, ofereço ao leitor uma pequena reflexão sobre festa, delimitando caminhos possíveis para análise das relações sociais. Considerou-se, a partir de diferentes abordagens, que as festas estão configuradas enquanto profundos códigos sócio-culturais em espaços geográficos, compostas pelas particularidades de cada contexto social, e elas possibilitam e são constituídas por celebrações, como também por *relações de poder*; compreendendo processos de institucionalização, aproximação, distanciamento, inclusão e exclusão de indivíduos ou grupos sociais.

Na **terceira** parte, ao ser traçado o perfil dos antigos moradores, foi descoberto e tecido também uma rede familiar, foram aparecendo os “laços de família”. Essa rede são

histórias que se cruzam não só por morarem ou terem morado em Tambaú, mas pelos laços de família e de amizade, que são permeados de harmonia e conflitos. Apresento também uma pequena reflexão sobre o trabalho e a vida, como essas esferas se entrelaçam e se constroem na história de vida dos antigos moradores de Tambaú. Surgem, a partir desse entrelace, as práticas e o universo simbólico que se estabelecem no *saber-fazer de pescador* e nas relações sociais e “parentais” construídas no mar e prolongadas em terra, ou ainda, construídas em terra e revivificadas nas jornadas no mar.

Foram estudadas também as tensões e disputas, entre os grupos envolvidos, os pescadores, os *estabelecidos* e o sacerdote da Igreja de São Pedro Pescador, na organização e realização dessa celebração, ao mesmo tempo em que as relações simbólicas e o saber-fazer dos pescadores estabelecem especificidades à Festa de São Pedro. Foi realizada uma descrição e discussão dos diferentes momentos da festa, *a organização, carreatas, caminhadas, barqueatas e festas*, nos quais aparecem a importância do mestre, a hierarquia no barco e a hierarquia em terra, a concepção de sagrado dos pescadores e do pároco, a “festa-participação” e “festa-espetáculo”, os processos de exclusão e reinvenção da festa.

Na **quarta** parte, vocês encontrarão diferentes descrições sobre a festa no passado a partir das narrativas de três antigos moradores de Tambaú: Seu Arlindo, Dona Ana Maria e Seu Aluízio. Essas narrativas propiciarão a visualização de algumas mudanças, rupturas e continuidades, que vêm ocorrendo ao longo dos anos, na realização e organização da Festa de São Pedro. Outro aspecto importante foi o surgimento de *objetos e lugares biográficos coletivos*. Como o sentido atribuído a esses objetos e lugares constrói uma identidade grupal e como a memória sobre a festa encontra obstáculos, ao ser transformado o cotidiano do lugar (de trabalho, vizinhança, descanso), a partir de uma relação desigual de poder entre “os estabelecidos e os outsiders”, afetando também o ato de recriar e restabelecer antigas e novas relações sociais. Entretanto, percebe-se também que a procissão, mesmo exposta a

transformações externas e internas ao grupo de pescadores, ainda consegue reunir familiares e amigos e reintegrar fragmentos da memória, ao mesmo tempo em que dá visibilidade aos homens do mar, *os outsiders*, antigos moradores de Tambaú.

1.1 TAMBAÚ: OS ESTABELECIDOS E OS OUTSIDERS



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1260053>

Figura 3 – O bairro de Manaíra e o processo de verticalização



Crédito: Cleomar F. Cabral

Figura 4 - Casas da Vila dos Pescadores, localizadas no denominado bairro de Manaíra



Crédito: Cleomar F. Cabral

Figura 5 - Casas de antigos moradores situadas em uma rua principal do bairro de Tambaú

O Tambaú de alguns anos atrás, pois é, o que é considerado o Tambaú dos pobres né (risos). Hoje nós temos o Tambaú dos ricos, o Tambaú turístico... (Ana Maria, 29/01/2000)

Nesse tópico será apresentado um breve panorama da região de Tambaú, tomando como “paradigma empírico” e ponto de partida a análise de Norbert Elias e Scotson (2000) sobre os estabelecidos e os outsiders. A figuração estabelecidos-outsideers é uma forma utilizada para marcar esse modelo que se estabelece a partir da *relação desigual de poder*, dito isto, são posições estigmatizantes que só fazem sentido em função das características específicas que atuam em cada contexto.

Conforme assinalam os autores, é possível aplicar esse modelo estabelecidos-outsideers e identificar esses grupos em diferentes lugares, mesmo que a dinâmica, as características e as condições em que eles estejam envolvidos sejam outras. Em Winston Parva, a principal característica que diferenciava os estabelecidos e os outsiders era o *tempo de permanência nessa pequena comunidade de vizinhos*, alguns eram antigos residentes (os estabelecidos) e outros recém-chegados (os outsiders).

Bosi (1999, p. 12), ao falar sobre o termo *estação*, do latim *statio*, que tem como significado *morada, lugar de pouso, ancoradouro, porto*, ressalta palavras que fazem parte da mesma família, como: *estágio, estância, instância, insistência, obstáculo, constância, subsistência*. Nessa família, podemos acrescentar *estabelecido*, por todas terem em comum a raiz *st*, que segundo o autor, “denota uma parada no fluxo do tempo, um deter-se mais largo no cumprimento da ação”.

Nesse caso, estabelecidos-outsideers, por se referir a uma relação desigual de poder dado ao tempo de residência em um determinado lugar, pareceu-me bastante adequada para

analisar as relações sociais entre os moradores de Tambaú. De acordo com Elias e Scotson (2000, p. 20, grifo meu),

bastava falar com as pessoas de lá para deparar com o fato de que os moradores de uma área, na qual viviam as ‘famílias antigas’, consideravam-se humanamente superiores aos residentes da parte vizinha da comunidade, de formação mais recente. Recusavam-se a manter qualquer contato social com eles, exceto o exigido por suas atividades profissionais; **juntavam-nos todos num mesmo saco**, como pessoas de uma espécie inferior. Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como ‘os de fora’.

Outro elemento a ser destacado é que não existia entre eles nenhum outro atributo, a não ser o tempo de residência no lugar, que servisse como possibilidade de tratar os moradores de uma área como inferiores e até mesmo fazê-los sentirem-se inferiores. “Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, ‘cor’ ou ‘raça’ entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional – em suma, quanto a sua classe social”. Inclusive os padrões habitacionais eram semelhantes e as duas áreas eram de trabalhadores, os quais desempenhavam atividades similares. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.21).

A exclusão e estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido serviam como armas importantes para que este último defendesse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. Em consequência, um dos resultados obtido foi um sintoma de inferioridade nos membros do grupo estigmatizado, que segundo Elias e Scotson (2000, p.28), ocorreu “pelas próprias condições e sua posição de outsiders e pela humilhação e opressão que são concomitantes. Sob alguns aspectos, eles são iguais no mundo inteiro. A pobreza – o baixo padrão de vida – é um deles”.

O que chama a atenção é que os outsiders são estigmatizados por “pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo”, não por suas qualidades individuais como pessoas. No entanto, quando a disparidade de poder entre esses

grupos é imensa, o grupo estigmatizado passa a ver e a vivenciar a “inferioridade *de poder* como sinal de inferioridade *humana*”. (ELIAS E SCOTSON, 2000, p.23 e 28).

Já em Tambaú, diferentemente da comunidade estudada por Elias e Scotson (2000), o tempo de residência no lugar também indica dois grupos, porém as pessoas que compunham o grupo mais antigo nessa região são os *outsiders* e os moradores recém-chegados são os *estabelecidos*, invertendo a lógica do paradigma original e adotando outra face ao comportar novas características.

Ser *antigo* ou *recém-chegado* não é um elemento decisivo de diferenciação entre eles, nem o único. Há outros fatores que integram o processo de exclusão, estigmatização e inferiorização nessa região, como: o tipo de ocupação, a diferença nos padrões habitacionais, a renda, o nível de educação escolar, ou seja, quanto a sua classe social e, em especial, a ascendência etno-racial (de cor) entre os residentes. Esses grupos desempenham também atividades diferenciadas: os *outsiders* são pescadores ou família de pescadores e vaqueiros ou família de vaqueiros, ou ainda ex-pescadores e ex-vaqueiros e seus familiares¹ e os *estabelecidos* são constituídos de uma parcela significativa de funcionários públicos, nesse caso, eles formam a classe média do lugar.

Estou utilizando a classificação de “classe média” para o grupo dos *estabelecidos* por duas razões: a primeira, por ser um termo empregado por órgãos governamentais (por exemplo, a prefeitura da cidade) e geralmente utilizado pelos meios de comunicação para se referir a essa área e aos moradores do lugar; mas principalmente pelo segundo motivo, dado o reconhecimento e *auto-posicionamento* desses moradores como classe média, conforme assinala Scocuglia (2000, p.62) ao estudar essa região:

¹ Desse modo, não estão sendo contemplados nessa relação entre antigos residentes (os *outsiders*) e residentes recém-chegados (os *estabelecidos*) outros possíveis moradores das áreas periféricas que não tenham relação familiar com os pescadores da região e tampouco são antigos moradores do lugar, apesar de formarem outro grupo de *outsiders*.

ao reconhecerem-se como pertencentes à classe média e associarem essa posição ao local de moradia, ao Bairro de Manaíra, com todas as vantagens que parece representar, se consideram acima dos segmentos formados por trabalhadores manuais, trabalhadores domésticos, favelados, moradores de bairros periféricos e abaixo de uma classe alta, rica, representada em geral por industriais.

Esse trecho também é importante porque não só menciona o auto-reconhecimento da posição desse grupo como classe média, como também evidencia a diferenciação deles em relação a outros moradores e antigos moradores do lugar. São ainda utilizadas outras expressões como sinônimas para se referirem à posição social dessa população ou à região, por exemplo: classe média baixa, classe média alta, área nobre, entre outras.

Um aspecto significativo dessa nova configuração de Tambaú ocorreu durante o processo inicial de valorização da orla como espaço de moradia. A região de Tambaú, situada no litoral de João Pessoa-PB, até aproximadamente o início da década de 1960, era uma área residencial, habitada por comunidades pesqueiras e de criação de gado, e lugar de veraneio. Com o processo de expansão, ela deixa de ser distrito e é desmembrada em quatro bairros: Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa². Por essa razão, vem sendo utilizada a designação Tambaú, ou região de Tambaú, para diferenciar do atual bairro de Tambaú, e contemplar toda essa área que vai do Cabo Branco ao Bessa. Como também a expressão “antigos moradores” é empregada para sintetizar moradores e ex-moradores de Tambaú que viveram ou vivem na região antes ou a partir da década de 1960, os quais desenvolvem ou tem algum parentesco com os pescadores do lugar³. Mesmo hoje é comum ouvir que “nessa região, não morava ninguém, só os pescadores”. Essa frase pode nos levar a diferentes significados, dentre eles, que em Tambaú não havia quase moradores, sendo os pescadores antigos moradores da

² Atualmente, conforme o mapa da cidade de João Pessoa disponível na página da prefeitura, o bairro do Bessa foi desmembrado em três bairros: **Jardim Oceania, Aeroclube e Bessa**.

³ Até mesmo as pessoas identificadas como donas de vacaria, consideradas localmente como pertencentes a outro grupo social, em geral, mantinham algum contato com a pesca ou contraíam alguma relação de parentesco com os pescadores.

região; ou ainda, que toda essa área era considerada “terra de ninguém”, podendo as residências dos antigos moradores da região ser desmanchadas, realocadas, quando necessário, compradas para habitação de novos moradores. Nessa dinâmica, os donos de vacaria foram vendendo seus terrenos e os pescadores foram, em sua maioria, expropriados de suas casas em frente à praia, sendo deslocados para casas situadas em ruas mais afastadas da orla. Assim, foram construídas as casas para os pescadores. Nem todos foram “beneficiados” com essas primeiras casas, resultando, mais tarde, na construção da “Vila de Pescadores”, e dado direito de posse, sem direito a escritura, a qual encontramos até os dias atuais. Entretanto, algumas casas antes eram de taipa, hoje, todas são de alvenaria, resultados dos esforços de seus moradores.

Tambaú, nessa época, era constituída por pequenas microrregiões de habitação: a “Franca Filho”, tendo como principais ruas: a Av. Franca Filho e a Av. João Maurício (hoje situadas no bairro de Manaíra); a “Enseada”, compreendendo a Av. Cabo Branco como rua principal (localizada no Cabo Branco); o “Centro”, nas redondezas da Igreja de Santo Antônio; a “Rua do Arranco”, atual Paulino Pinto, que beira o rio Jaguaribe (as duas situadas no bairro de Tambaú); a “Marinha Velha”, perto da antiga Escola de Aprendizes de Marinheiro (situada mais precisamente no Bairro de Manaíra, na avenida João Maurício, próximo da atual quadra de esportes); o Tebei, visto como uma localidade mais humilde em relação à “Franca Filho” e ao “Centro”, pois o loteamento ainda não possuía energia elétrica e as casas em sua maioria eram de palha (localizadas na rua Major Ciraulo em Manaíra); entre outras. A colônia de pescadores localizava-se onde hoje é o restaurante “Bahamas”, o seu prédio foi demolido devido a contendas políticas. Atualmente, a colônia situa-se na rua Carlos Alverga, no bairro de Manaíra, a cerca de 150 metros do Bahamas.

Com o passar dos anos, alguns antigos moradores venderam suas casas devido ao preço que as imobiliárias ofereceram pelas terras, que lhes pareceu alto, resultando no

afastamento ainda maior dos moradores da praia e de seu local de trabalho. Desse modo, os antigos moradores que permaneceram nessa região residem, em sua maioria, no mesmo lugar ou foram para as partes periféricas dos bairros. Partes periféricas entendidas como as casas que beiram o rio Jaguaribe, tanto em Tambaú, quanto em Manaíra, por exemplo, o bairro São José, as Chatubas I, II e III.

Devido ao grande número de habitantes em uma mesma residência ou no mesmo terreno, foi difícil saber com precisão ou aproximadamente a renda familiar. Na maioria das vezes foi possível perceber que existia a aposentadoria dos mais velhos e em algumas residências funcionava algum tipo de comércio: costura, lavagem de roupa, berçário, demonstrando assim um complemento para a renda familiar, além da renda proveniente do trabalho dos filhos e netos.

Por essa razão, se olharmos atentamente, andando pelos bairros da orla, se torna fácil identificarmos antigos moradores a partir das características peculiares de suas residências que sofreram geralmente pouquíssimas modificações e diferem das casas dos recentes moradores mais abastados, bem como das casas mais antigas que foram ocupadas por novos moradores, além do contraste com os altíssimos prédios⁴. Essas casas estão localizadas em diferentes lugares da região. Esse processo transformou os antigos moradores, ora em vizinhos (não desejados) – os que permaneceram em suas casas -, ora em intrusos e perigosos - moradores das áreas periféricas dos bairros -. Conforme Scocuglia (2000, p.35), “nesse caminho, as novas habitações surgiram caracterizadas não mais pela ‘mesclagem’ das famílias com poderes aquisitivos distintos mas, pelo contrário, nas áreas mais valorizadas passaram a residir apenas famílias de classe média e de maior poder econômico”.

Dessa forma, atualmente essa região não é mais identificada por ser habitada por pescadores ou criadores de gado, visto que o primeiro grupo se tornou minoria e o segundo,

⁴ São raros os pescadores ou família de pescadores que conseguiram acompanhar e participar do processo de ascensão econômica na região.

praticamente inexistente, tornando-se assim reconhecida como um conjunto de bairros habitados por moradores de classe média, com suas casas de alto padrão e pelos edifícios. Há, dessa forma, uma *apropriação de espaço e tempo*, em que os *antigos moradores* são cada vez mais tratados como intrusos em seu território e invisibilizados enquanto moradores do lugar.

Martins (1993, p.11), ao estudar comunidades indígenas e camponesas no Brasil, observou que o estranho é, "em princípio, o que vem 'de fora', o que pertence a 'outro mundo social', diverso do daqueles que sofrem o seu impacto e vivem a sua presença intrusa e incômoda". Ele provoca situações diferentes do encontro, como: desencontro, estranheza, resistência. O autor também afirma o seguinte:

essas populações têm vivido e sofrido o impacto do estranho, que não só invade territórios tribais e terras camponesas, confinando ou expulsando, mas também quebra linhagens de família, destrói relações sociais, clandestiniza concepções culturais, valores, regras - vitais para a sobrevivência de tribos indígenas e comunidades rurais. (MARTINS, 1993, p.12).

O que mais chama atenção nesse processo de mudança (de “terra de ninguém, só de pescadores” a bairros de classe média; de antiga região de Tambaú a bairros nobres da cidade de João Pessoa) a partir da chegada dos novos moradores em Tambaú, é que os pescadores ou os antigos moradores do lugar sofreram a presença do estranho e, através desse impacto, eles foram se tornando a presença intrusa e incômoda na região, constituindo o grupo de *outsiders* em meio aos *estabelecidos* que hoje são inclusive numericamente majoritários no lugar, dando aos bairros a ilusória impressão de únicos moradores da região.

Segundo Ecléa Bosi (1977, p.55), "se as condições de vida social que garantem a sua persistência são ameaçadas, também o folclore entra em crise". O afastamento dos antigos moradores das praias gerou também, dentre outros fatores, um declínio das atividades pesqueiras, das antigas relações de vizinhança, reduzindo a vivência comunitária, de grande

importância para a existência das brincadeiras e festas populares. De acordo com Vera Pallamin (2000, p.29),

é no âmbito da vida cotidiana que as redes de lealdade e sociabilidade são tramadas e conferidas. É aí que os hábitos são compartilhados e as reciprocidades fazem sentido. (...) A noção de cotidiano como que ‘costura por dentro’ as relações entre as ações culturais, as práticas sociais e os espaços nos quais ocorrem, situando o trato com a espacialidade não como pano de fundo daquelas, mas como sua dimensão constituinte. A cultura é socialmente situada e espacialmente vivida.

Essa região atualmente está situada em uma área extremamente valorizada do litoral de João Pessoa – PB, que nos últimos anos, com seu comércio crescente, vem atraindo pessoas de diferentes locais por dispor de shopping, restaurantes, hotéis, boates etc.

O Tambaú dos pobres vem sendo transformada em Tambaú dos ricos, destacando-se por seu “*habitus* de classe média” (SCOCUGLIA, 2000), como também essa região vem se transformando em área comercial até mesmo na promoção de algumas festas, explicitando cada vez mais as desigualdades sociais. Os novos moradores, através do seu poder aquisitivo e status, impuseram novas expressões em Tambaú, de acordo com sua forma de viver, sua cultura, seu estilo de vida. Cada um pode usufruir (e consumir) do lugar de sua forma particular.

Éclea Bosi (1977, p.55), citando Florestan Fernandes⁵, afirma que, “quando a cultura popular entra em crise, quando se empobrece e desagrega, ‘os prejuízos que daí advém afetam a segurança subjetiva do homem que se reduz de seu papel de criador e renovador da cultura para o de consumidor’”. Impacto semelhante a este resultou da expansão de Tambaú. O estranhamento com os vários usos do espaço trazidos pelos novos habitantes, transeuntes, turistas, também fez com que *algumas* manifestações populares não fossem mais realizadas, pois as pessoas, ao não se conhecerem face a face, já não exerciam o controle social anterior,

⁵FERNANDES, Florestan. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. São Paulo: Anhangü, 1961. In: BOSI, Écléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p.55.

visto que não existiam mais os mesmos laços. As festas sofreram o impacto do estranho, muitas vezes anônimo, não se realizando de forma “ordeira e sensata”, segundo os moradores. Vale destacar, que o uso dos termos, “ordeira e sensata”, está longe de ser entendido como *ausência de conflito*, nesse caso, é uma forma de marcar e distinguir o controle social que era exercido pelos antigos moradores através dos elos de re-conhecimento, amizade, familiar e de prestígio.

Com a diversidade cultural dos novos moradores, a cultura popular já não serve mais como um elo de identificação entre os recém-chegados e os antigos moradores, porém, ainda permanece como um fator de integração entre esses antigos moradores.

É possível observar a existência e resistência de brincadeiras populares tanto na memória, quanto na prática, como os ursos de carnaval, brincadeiras infantis na rua, entre algumas outras festas e brincadeiras. Conforme García Canclini (2002, p.190), "las fiestas están entre los pocos espacios donde pueden seguir reafirmando su solidaridad comunitaria". Essas festas, brincadeiras e costumes permanecem, retomam ou retornam a Tambaú por seus antigos e ex-moradores dessa região e também por moradores de outros bairros, como, por exemplo, a Festa de São Pedro, no entanto, nesse contexto marcado por novas relações de poder.

1.2 TAMBAÚ E O PROCESSO DE *GENTRIFICATION*



Figura 6 - Foto de Tambaú de aproximadamente 1973, encontrada na agenda organizada pela Industrial SOCIC. Podemos observar nessa foto a igreja em seu novo local, os primeiros edifícios, algumas ruas de barro e areia, um ônibus, o Elite-bar, as ruínas da cooperativa dos pescadores, a caiçara, entre outras coisas



Crédito: Toddy Holland

Figura 7 – Foto panorâmica de Tambaú em 2009

Em Tambaú, juntamente com as relações de poder a partir da configuração estabelecidos-outsiders, os recém-chegados e os antigos moradores, (brancos e negros, classe média e classe popular, entre outras características dessa relação e região); podemos agregar o processo de *gentrification*. Esse processo pode ser considerado como

criação de áreas residenciais para classes médias e altas em bairros de áreas urbanas centrais, articulados a processos de controle ou expulsão de setores das classes populares, num processo também assinalado pelo desempenho de determinados estilos de vida e de consumo, produzindo mudanças da composição social de um determinado lugar, bem como tipos peculiares de segregação socioespacial e de controle da diversidade (FRÚGOLI JR. *apud* FRÚGOLI JR. e SKLAIR, 2009, p.119)⁶.

Com o aparecimento de novos moradores, a região de Tambaú vai sendo transformada: mudanças nas formas das residências, dificuldades em manter relações de vizinhança⁷, além das transformações nas formas de sociabilidade e na cultura, principalmente na cultura popular. Segundo Ayala e Ayala (1987, p.62), a cultura popular, “como toda cultura, [...] só se mantém na medida em que for reproduzida, reelaborada permanentemente, e necessariamente se transforma quando se modificam as condições histórico-sociais no âmbito das quais é produzida”.

Tambaú, por conseguinte, vai se distanciando da noção de comunidade para sociedade, semelhante ao conceito de Tönnies (1991, p.231-232), ao afirmar que "na comunidade, há uma ligação desde o nascimento, uma ligação entre os membros tanto no

⁶ FRÚGOLI JR., Heitor. 2006a. “Intervention dans les espaces centraux des villes brésiliennes, le cas de São Paulo”. En: H. Rivière D’Arc & M. Memoli (ed.), *Le pari urbain en Amérique latine*. Paris: Armand Colin. p.133-147.

⁷ A esse respeito, ver também Scocuglia (2000, p.83), quando afirma que entre os moradores da classe média de Manaíra, “quanto às relações de vizinhança, os depoimentos atestam uma ausência quase total desse tipo de relacionamento”.

bem-estar quanto no infortúnio. Já na sociedade, entra-se como quem chega a uma terra estranha". Nessa região, esfacelados com o processo de expansão, os antigos pescadores vão formando pequenas porções comunitárias desagregadas.

Segundo Heitor Frúgoli (2000, p.22), desde a década de 1970, algumas cidades vêm se transformando, cada vez mais, em centros financeiros, de consumo e entretenimento, passando por várias modificações, com a intenção de atração de capital e pessoas (principalmente das classes médias), tornando-as também atrativas aos turistas e ao comércio, por meio da ressignificação dos espaços. Um fenômeno resultante desse processo é a *gentrification*, ou seja, o “enobrecimento”, em que áreas centrais “passam a ser habitadas por grupos sociais de maior poder aquisitivo, com tendência à criação de novos enclaves residenciais e à expulsão dos moradores originais, de baixa renda ou de origem étnica distinta daquela dos novos moradores”. Percebe-se que esse fenômeno é semelhante ao processo vivenciado pelos antigos moradores de Tambaú.

Ao refazer o mapa cognitivo da segregação social na cidade de São Paulo, atualizando as referências através das quais a vida cotidiana e as relações sociais são entendidas, Tereza Caldeira (2000, p.211) identifica três formas de expressão de segregações vivenciadas ao longo do século XX no espaço urbano: a primeira, do fim do século XIX até os anos 1940, é caracterizada pela cidade concentrada, onde os grupos sociais estavam segregados por tipos de moradia; a segunda, do fim dos anos 1940 até os anos 1980, os diferentes grupos sociais estão separados por grandes distâncias espaciais, a relação centro-periferia; e a terceira forma urbana, que vem se configurando desde 1980, são os espaços em que os grupos sociais estão na maioria das vezes próximos, entretanto estão separados por muros e tecnologias de segurança e, geralmente, não circulam ou interagem em áreas comuns. Para ela:

o principal instrumento desse novo tipo de segregação é o que chamo de ‘enclaves fortificados’. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência,

consumo, lazer, e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. Esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, os ‘marginalizados’ e os sem teto. (CALDEIRA, 2000, p.211).

No trabalho intitulado “Enclaves fortificados: a nova segregação urbana”, Caldeira (1996), analisando os anúncios de jornal, identifica a elaboração do mito de um “conceito de moradia” a partir da junção de imagens de segurança, isolamento, homogeneidade, instalações e serviços. Nesse artigo, a autora caracteriza os enclaves, evidenciando as intenções segregacionistas apresentadas de forma resumida em quatro pontos:

primeiro, eles usam dois instrumentos para explicitamente criar separação: barreiras físicas, como grades e muros, e grandes espaços vazios que criam distância e desencorajam a aproximação de pedestres. Segundo, como se muros e distâncias não fossem suficientes, a separação é garantida por sistemas privados de segurança: controle e vigilância são condições para a homogeneidade social interna e o isolamento. Terceiro, os enclaves são universos privados voltados para dentro; seu desenho e organização excluem gestos em direção à rua. Quarto, pretendem ser mundos independentes que proscovem a vida exterior, avaliada em termos negativos. Eles não se subordinam nem às ruas e ao espaço público, nem a instituições e edifícios circundantes. Em outras palavras, a relação que estabelecem com o resto da cidade e sua vida pública é de evitação; dão-lhes as costas. Assim, com a sua proliferação, as ruas públicas tornam-se espaços para a circulação das elites em seus automóveis e dos pobres a pé ou em transporte coletivo. Andar nas ruas vai se tornando um sinal de classe em muitas cidades ou zonas urbanas, uma atividade que as elites estão abandonando. Para estas elites, não apenas as ruas deixam de ser espaços de sociabilidade, como também é necessário assegurar que a vida das ruas, com sua heterogeneidade e imprevisibilidade, fique fora de seus enclaves. (CALDEIRA, 1996, p.164).

Esse mito segregacionista e de segurança parece que se estendeu aos bairros nobres residenciais, tornando cada casa um pequeno enclave fortificado. Geralmente um processo não exclui totalmente outro(s). Mais um aspecto espacial de relação de poder possível de ser observado em Tambaú é o contraste e a existência de centro-periferia.

Por outro lado, ainda identificamos, nessa região, espaços compostos por elementos considerados básicos que constituem a experiência da vida moderna (CALDEIRA, 1996, GARCÍA CANCLINI, 1995, MARC AUGÉ, 1994): circulação livre de multidões e veículos; encontros impessoais e anônimos entre pedestres, a aproximação física de pessoas de diferentes origens sociais em ruas e praças, olhando vitrines, como também espaços de diversão “enobrecidos”, entre outros elementos.

Para Sousa (1998, p.12), a tragédia da cultura moderna ocidental em Simmel “é definida como separação e estranhamento entre as esferas objetivas e subjetivas. A economia monetária, implicando a mediação das relações humanas por meio do dinheiro, é o fundamento das duas”. A cultura objetiva passa a ser cultivada e rica, enquanto os indivíduos se tornam mais pobres e raramente cultivados. Nessa lógica, o dinheiro dispensa as formas de solidariedade costumeira, pelas quais as pessoas se comprometiam. Como consequência, aparecem como típicos dessa sociedade dois modos comportamentais cotidianos, os quais vão ser denominados, por Simmel (1998): o “cínico” e o “blasé”.

Os dois são frutos da redução de todos os valores da vida à forma de dinheiro e o que os une é o fato “de tudo ser comprável e medido segundo critérios monetários”. (SOUSA, 1998, p.14). Resumidamente, o “cínico” é aquele que não reconhece o valor ou valores não monetários, como convicção, talento, beleza ou virtude. O fundamental é a indistinção de valores para aquisição de vantagens. A “atitude blasé” consiste no embotamento do poder de discriminar as coisas; incapacidade de reação e vontade.

Segundo Sousa (1998, p.18), “o dinheiro confere às grandes cidades suas duas características mais marcantes: o intelectualismo e a calculabilidade, por um lado, e a indiferença (*Blasiertheit*), por outro”. A indiferença surge como produto da calculabilidade que embota emoções e como produto do efeito nivelador do dinheiro. O dinheiro, por sua vez, também fez gerar, através de relações monetárias de permuta constante, um forte

individualismo. Segundo Simmel (1896, p.28), “não é o isolamento em si que aliena e distancia os homens, reduzindo-os a si próprios. Pelo contrário, é uma forma específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro, que provoca o individualismo”.

Em nome da privacidade, o individualismo, nas sociedades modernas ocidentais, desencadeou inúmeros processos, que por um lado, propiciou uma maior liberdade ao indivíduo, mas por outro lado, o desdém para com o dessemelhante, desconfiança, “atitude de reserva”, gerando espaços de sociabilidade cada vez mais constituídos por ambientes monitorados e vigiados por policiais e seguranças privados. Segundo Simmel (1979, p.17), “o aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas mais freqüentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado”.

A sociabilidade, definida por Simmel (2006, p.71, grifos do autor), é uma condição essencial e originada pelas formas sociais. A sociação é a forma na qual os indivíduos se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual os interesses (sensoriais, ideais, momentâneo, duradouros, conscientes, inconscientes, entre outros) se realizam. Todas as formas de sociação são adotadas por um sentimento e por uma satisfação de estar “socializado”, pelo valor de formar uma sociedade. Sendo assim, o autor ressalta que “se a sociação é sobretudo interação, então o caso mais puro de sociação é aquele que ocorre entre iguais”. Tal situação, na vida moderna, se realiza no jogo do “‘faz-de-conta’, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, *faz de conta que cada um é especialmente honrado*”. Contudo, esse jogo não é uma mentira. Só apresenta-se como um jogo mentiroso quando “a ação sociável e o discurso se tornam simples instrumentos das intenções e dos

acontecimentos da realidade prática”. Essa realidade prática na modernidade está relacionada à necessidade que o indivíduo tem de obter vantagens de conteúdos materiais e objetivos.

Simmel (2006, p.70) distingue a vida moderna, saturada de conteúdos objetivos e exigências práticas; de os tempos remotos, no qual o comportamento individual, longe dessa constante necessidade de obter tais vantagens, “era muito mais cerimonioso, acanhado e supra-individualmente regulado e rigoroso do que hoje”, o que imputava ao indivíduo a redução do caráter pessoal à interação homogênea.

Waizbort (2007, p. 26), chamando a atenção para a definição do que seria a Sociologia em Simmel (1992, p.115, grifos do autor) ⁸, destaca que ela tomaria como objetos de estudo: primeiro, os *fatos*, no seu aspecto de *socialidade* – de *societalização* - para acentuar o seu caráter dinâmico, ou seja, os fatos de *dependência do indivíduo*, da organização social e da cultura. Por sua vez, os fatos de *dependência* do indivíduo ocorreriam através da socialidade, *da organização social e da cultura*. Segundo, “o *processo* ou a *forma* de interação por que se realiza essa interdependência e mercê do qual o indivíduo perde de início a pureza individual para tornar-se, através de *funções*, homem social, *pessoa social* ou *socius*: indivíduo com *status* ou com situação na vida social”. Esse processo permite a compreensão, através da observação dos movimentos de conexão, diferenciação, combinação, dessas relações.

As mudanças no espaço urbano constituídas por relações de poder nas quais estão presentes a calculabilidade, intelectualidade e indiferença, influenciaram de forma crucial nas formas de diversão e na socialidade. Em Tambaú, as pessoas não mais se sentiam estimuladas a realizar algumas das brincadeiras populares, pois os filhos se negavam a brincar devido à discriminação e procuravam outras formas de divertimento. Como também, de acordo com Sampaio (2000, p.64), "os jovens são atraídos pelos modismos veiculados pelos meios de

⁸SIMMEL, Georg. “**Soziologische Ästhetik**”, in *Georg Simmel Gesamtausgabe*. Frankfurt, Suhrkamp, vol. 5, 1992, p. 197-214, *apud* **Waizbort** (2007, p. 26).

comunicação, que rejeitam os valores já existentes, que levam não só a uma mudança de comportamento, mas também de costumes culturais".

As brincadeiras comunitárias, que antes podiam ser realizadas em qualquer espaço da região, por um determinado tempo, ficaram restritas a um número pequeno de casas de antigos moradores que resistiam às inovações do bairro e das formas de lazer trazidas pelos novos habitantes e pelo avanço da indústria cultural (rádio, televisão).

A forma de vida e as manifestações culturais dos antigos moradores passaram a ser discriminadas pelos novos habitantes, por diversas condições: pela etnia (negros, índios e seus descendentes), pela escolaridade (iletrados ou semi-iletrados), pela situação econômica, pelas profissões que desempenhavam (pescadores, pedreiros, caseiros, domésticas), pela habitação (casas humildes).

Dessa forma, como característica desse novo modo de vida, muitos dos recém-moradores tentam manter um certo distanciamento entre eles e um maior distanciamento dos antigos moradores (de etno-racialidade ou de cor distinta e de padrões sócio-econômicos diferenciados) que vivem em suas casas simples e que mantêm proximidade parental e social com pessoas que residem nas partes periféricas da região, passando a ser tratados, por isso, sob a ótica do estigma da marginalidade⁹. Sendo assim, esse aumento populacional ocasionou a aproximação espacial de pessoas dos mais diferentes estratos sociais, econômicos, étnicos e culturais, oriundos de realidades dessemelhantes, pondo em evidência desigualdades.

Outro aspecto importante foi a transformação nas formas espaciais internas das residências. O modo como estão relacionadas as casas com a rua, as casas com outras casas e as casas e seus espaços internos interferem, como também, são expressões dos modos de vida

⁹ O Bairro São José é apontado como moradia e rota de fuga de infratores que praticam assaltos, latrocínios, furtos, entre outros delitos pela região de Tambaú (bairros de Manaíra, Bessa e Tambaú). Devido aos freqüentes assaltos, foi implantada uma delegacia no bairro de Manaíra, próximo ao principal shopping da cidade e de uma das principais vias de acesso ao Bairro São José. Em 2009 e 2010, os moradores voltaram a ficar bastante amedrontados com a freqüência e violência nos crimes praticados na região. Enquanto pesquisadora e moradora, andar pelas ruas de Tambaú, passou a ser um desafio, cheguei a presenciar e também fui vítima de assalto. Nesse cenário, os infratores apresentam um perfil físico e social em comum com os antigos moradores da região, fazendo com que esses últimos sejam também estigmatizados, por geralmente serem negros e pobres.

das pessoas que habitam esses espaços, principalmente, na proximidade e distanciamento, associação e dissociação, reconhecimento e estranhamento entre elas.

Scocuglia (2000, p.85), ao analisar o relacionamento dos moradores de classe média com vizinhos e com amigos do bairro de Manaíra, afirmou que apesar deles se conhecerem e saberem informações gerais sobre as famílias, há uma impessoalidade e distanciamento entre eles,

para a maioria das famílias entrevistadas esses contatos são considerados ocasionais e formais e, em certos casos indesejáveis. Inclusive, todos aqueles que consideraram indesejáveis os contatos com vizinhos ergueram muradas altas, acima de um metro e meio na frente de suas moradias, com portões de segurança, evidenciando uma preocupação não apenas com assaltos, mas com o olhar de quem passa na rua, de quem circula pelas calçadas, dificultando uma abordagem ou uma conversa ocasional.

Esses são alguns dos aspectos que diferem tempos e modos de vida. Em Tambaú, até a década de 1960, os pescadores possuíam geralmente casas de taipa, e eram eles que faziam quase todas as brincadeiras populares dessa região. Eles formavam uma comunidade de negros, de pouca escolaridade e de baixa renda. Os criadores de gado leiteiro tinham pequenas propriedades agrárias. Os pescadores, nessa época, moravam em sua maioria na rua da praia, ou ruas próximas da praia. Como lembra seu Deca:

quando chegamos aqui, meu pai chegou aqui, chegou primeiro, a gente tava na Bahia, ele nos trouxe de lá para cá, aqui era só coqueiral, infra-estrutura não existia. Os veranistas vieram com exploração imobiliária, mas aí, houve uma explosão, explosão essa, que levou a orla marítima que nós morávamos (...), naquele bem-estar de estarmos cheirando o cheiro da maresia do oceano, nos foi afastando, porque o progresso empurra aqueles que chegaram primeiro... (...) Lá na João Maurício exatamente ouvindo o barulho do mar quando ia dormir, era, era minha canção de ninar. (...) Você saindo do mar, trinta metros depois eu morava na João Maurício é aquela rua da praia. (...) Tem a calçada, o calçadão onde as pessoas caminham, logo em seguida tem a rua, que é a João Maurício, ali exatamente onde estão edificadas aquelas casas era uma vila de pescadores, era uma vila de pescadores, por quê? Porque o

pescador tem que está em contato com o mar, mas a especulação imobiliária foi nos afastando, eu vim terminar ali na Rui Carneiro onde tem aquela vila de pescadores, que é perto do edifício Camboriu. (Seu Deca. Entrevista realizada no dia 04/03/04).

Nessa época, a população era pequena, em comparação aos dias atuais e, todos se conheciam através das várias práticas comunitárias: de trabalho – como a pescaria –, de lazer – como as brincadeiras populares –, de relações de parentesco – as que já existiam e as que surgiam com o passar do tempo. Ruas de barro e areia, casas de taipa, luz de candeeiro, água de cacimba, muitas árvores e arbustos formavam o cenário de Tambaú. A Igreja Católica de Santo Antônio localizava-se na *rua da praia*¹⁰, na atual avenida Almirante de Tamandaré, só depois foi construída a igreja de Santo Antônio na avenida Olinda.

Na década de 1930, já se registra a existência de veranistas, que aos finais de semana e especialmente no verão e no período de férias, ficavam em suas casas à beira-mar. Tambaú passou a ser disputada pelas pessoas de fora na década de 1950, quando no lugar das casas dos pescadores começaram a ser construídas casas para veraneio.

Nessa época, o Elite-bar¹¹, situado na antiga *rua da praia*, já se constituía como ponto turístico¹² e pelos bailes que aconteciam à noite para a alta sociedade paraibana. Os pobres, a maioria dos moradores da região, eram proibidos de participar dos bailes. Segundo os colaboradores, eles geralmente brincavam até o momento que a elite chegava, depois eram chamados para se retirarem do salão. No entanto, eles tinham suas próprias brincadeiras, como o coco (brincadeira do coco ou coco de roda), a lapinha, o pastoril, a nau (nau catarineta ou barca), boi de reis, quadrilha (festa na roça ou São João na roça), forró (assustado e baile de pau e corda ou baile de corda), festa de São Pedro, festa do marinheiro, ursos do carnaval,

¹⁰ A *Rua da Praia* significa a atual Av. Almirante de Tamandaré e parte da Av. João Maurício.

¹¹ No livro STUCKERT FILHO, Gilberto. **Parahyba**: capital em fotos. 1 ed. João Pessoa: F&A, 2003, p. 112 e 139, já registra o Elite-bar no ano de 1946. Após o fechamento do Elite-bar, situado a esquerda da Rui Carneiro, funcionou nesse lugar: uma casa de jogo e uma boate, Manaíra Games e Café 33, construídos, aproximadamente, no fim da década de 1990. Atualmente, nesse local, foi inaugurada uma agência do Banco do Brasil.

¹² Ver: AGUIAR, Wellington; OTÁVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos**: evolução e roteiro. 2.ed. João Pessoa: FUNCEP, 1989, p. 166.

charanga, corrida de argolinha, cantoria, serra-velho, malhação de Judas, que com as transformações foi se tornando mais difícil de serem realizadas¹³.

Nesse processo de expansão urbana, o litoral tornou-se uma área privilegiada para se morar, com isso, Tambaú passou a ser bastante apreciado, pois aproximadamente no fim da década de 1970, já era um local de fácil acesso que o tornava relativamente próximo ao centro da cidade. Jovanka Scocuglia (2000, p.35) assim se refere a Manaíra:

até 1950 a população do bairro, como toda orla marítima, era constituída 95% de pescadores. A partir de 1960, teve início uma ocupação mais diversificada, com a presença de casas para veraneio e um pequeno número de pessoas, não pescadores, que passaram a residir no local. Quase toda a área foi loteada, mas sua ocupação não acompanhou o surgimento dos loteamentos: em 1964, apenas 7,8% dos lotes de toda sua área estavam ocupados (todos situados à beira-mar); em 1970, 19,5% da área estava efetivamente ocupada, em 1976, esses índice de ocupação subiu para 32,5% e em 1977, não só Manaíra, mas todo Distrito de Tambaú e adjacências teve seu índice de ocupação acrescido consideravelmente com os incentivos do Projeto CURA (Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada), um projeto do BNH que os dotou de infra-estrutura.

Ruas calçadas e asfaltadas, casas de laje e edifícios, centros empresariais e as antigas casas constituem o cenário atual dos bairros de Bessa, Manaíra, Tambaú e Cabo Branco. O crescimento populacional acarretou várias mudanças em Tambaú: uma ampliação espacial do bairro, aumento do número de imóveis, modificação das residências, modificou-se também o interior das casas: a distribuição do espaço interno, os móveis, os equipamentos utilizados.

As novas casas, em comparação com as casas antigas, diferem completamente em suas divisões internas, nos móveis utilizados e em sua disposição com relação à rua - nesse sentido, podemos enfatizar os novos sistemas de segurança.

Com as transformações, a maioria dessas casas, atualmente, é constituída de tijolo e laje, térreo e primeiro andar, muros altíssimos, cercas elétricas, sistemas de alarme e

¹³ A esse respeito, ver Cabral (2005).

cachorros de grande porte separando as casas da rua. Há também um aumento considerável do processo de verticalização. Os edifícios estão sendo construídos tanto em terrenos vazios, quanto em terrenos onde existiam casas de pequeno, médio e de grande porte. No entanto, vale ressaltar que encontramos ainda algumas das antigas casas, onde residem poucos dos antigos moradores.

Tambaú, Manaíra, Bessa e Cabo Branco são considerados, atualmente, bairros de classe média da capital, que vêm se transformando em locais de movimentação constante, por contemplar os principais hotéis, bares, restaurantes, *shopping centers*, faculdades particulares, escolas e boates da cidade, atraindo pessoas de diferentes bairros à procura de lazer e de trabalho, além da freqüente presença de turistas. Essa região vem se transformando em centro, ou melhor, “bairro-centro”, principalmente os bairros de Tambaú e Manaíra, tanto por sua localização, quanto pela crescente modificação das residências em casas comerciais.

As praias também servem como atrativos, pois essa região se tornou um dos locais de mais fácil acesso em João Pessoa, devido à diversidade de linhas de ônibus que permitem a locomoção e às avenidas Epitácio Pessoa, Ruy Carneiro e José Américo de Almeida, como ligação centro-praia, bem como à existência de um variado sistema de comércio. Esses espaços, deste modo, se tornam lugares de coexistência cultural e social e de grande dinamismo de relações sociais, onde transcorrem diversas outras formas de sociabilidade.

A antiga região de Tambaú, a partir desse processo de crescimento e divisão em bairros, começa a obter características de forte heterogeneidade, onde seu espaço é compartilhado por grandes disparidades identitárias. Com esse aumento populacional, os sujeitos interagem e se adaptam em diferentes grupos, no entanto convivem em muitas instâncias no anonimato, devido ao grande número de pessoas, mantendo assim relações superficiais.

Dessa forma, a presença de estranhos (a contínua chegada de moradores, pessoas de outros bairros de toda João Pessoa e turistas), nesse novo espaço em que se configura Tambaú (praia-centro), provoca medo e estranhamento aos antigos e novos moradores, pela perda de controle do próprio espaço, gerando a instauração do exacerbado individualismo, concomitantemente com a busca da racionalidade para se relacionar, intensificando o distanciamento entre os estabelecidos e outsiders.

Nesse caso, as produções culturais, ainda que produzidas para servir os indivíduos, adquirem uma lógica independente da intenção original, a partir de sua objetivação e autonomização. A cultura objetiva passa a ser cultivada e rica, enquanto os indivíduos se tornam mais pobres e raramente cultivados. Nessa lógica, o dinheiro dispensa as formas de solidariedade costumeira, pelas quais as pessoas se comprometiam. Conforme narram os antigos moradores:

Tambaú acabou-se mesmo. Depois que o rico tomou conta dali da frente, acabou-se Tambaú de brincadeiras. A gente saía de casa sem medo pra brincar, não tinha assombroso de nada. Hoje em dia não, a gente sai, é com medo de levar um tiro, é com medo de ser assaltado. (Seu Arlindo. Entrevista do dia 17/06/03).

Não se dizia que brincava só um pedacinho da noite não, brincava até o sol fora, o sol saía a gente brincando, ninguém não via briga, ninguém não via morto, ninguém não via nada, nada, não tinha nada, se brincar, você amanhecia o dia era tudo amigo, não tinha nada de zoada em Tambaú, agora [ninguém brinca, não pode mais brincar, faz zoada] no meu tempo quando eu cheguei em Tambaú era de pobre mas era bom, Tambaú foi muito bom, muito, muito, muito, gostei muito de Tambaú... mas depois que passou pra rico... (Dona Apolônia. Entrevista realizada no dia 06/06/99).

Poucos foram os antigos moradores que conseguiram manter uma relação de vizinhança com os recém moradores mais abastados. Esses antigos moradores, muitas vezes por sua condição de renda, estabeleceram elos empregatícios com os moradores recém

chegados, sendo esse, em Tambaú, mais um motivo de discriminação e desconsideração, por não pertencerem ao mesmo padrão social.

Devido à impossibilidade dos antigos moradores viverem a vida comunitária, quebrada através de processos de mudança (e também de expulsão) impostos pelos novos habitantes, algumas manifestações populares não existem mais como práticas culturais dessa região. Ao mesmo tempo, ocorre a busca por formas de diferenciação não só entre indivíduos de posição dominante, como também entre populares. Nesse caso, a sociabilidade é marcada pela procura recíproca de características comuns e de códigos compartilhados, que ultrapassam as fronteiras dos bairros.

A região de Tambaú, atualmente constituída pelos bairros de Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa (Jardim Oceania e Aeroporto), é habitada por antigos e novos moradores, por (ex)pescadores e (ex)donos de vacaria e funcionários públicos, por populares e classe média, por outsiders e estabelecidos, em uma *relação desigual de poder*.

Nesse processo e nova configuração de Tambaú, encontramos a tradicional Festa de São Pedro que vem tendo como protagonistas os pescadores e, cada vez mais, a participação da classe média local, por ter sido atribuído ao santo o papel de padroeiro do bairro de Manaíra. A partir dessa relação de poder estabelecidos-outsiders encontrada nessa região, é que se pretende observar e analisar como se dão a produção e realização dessa festa em Tambaú. Quais mudanças se processam na festa quando um novo grupo se apropria do espaço e tempo da região? Quais características afloram e são utilizadas como elemento de distinção no processo de decisão e concretização da festa? Será que é possível também uma apropriação da festa pela classe mais abastada que atenda a seu estilo de vida? São essas inquietações que nortearão esse trabalho.

2 INTERFACE TEÓRICA-METODOLOGICA: FESTA E CULTURA POPULAR



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 8 – A chegada da barqueata em Tambaú no ano de 2008



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 9 – A devoção em Tambaú em 2008

Um preconceito de não ter preconceito. Ou seja, a tendência do brasileiro seria de continuar discriminando, apesar de considerar tal atitude ultrajante (para quem sofre) e degradante (para quem a pratica). (Florestan Fernandes, 2007, p.18).

Quem viaja, constantemente, experimenta alguma situação de risco, mas também, sempre pode descobrir e conhecer diferentes pessoas, histórias, lugares, detalhes da estrada, modos de ver a vida. Mais uma vez viajo em direção à cidade de Patos, localizada no sertão da Paraíba, aonde trabalho. São 301 km de distância de João Pessoa, a capital do Estado. O ônibus geralmente faz esse percurso, João Pessoa – Patos, em cinco horas. As narrativas que antecedem a viagem são de cuidado, acidente, perigo.

Aos viajantes apaixonados e aos mais experientes é sempre necessário coragem para viajar novamente. No entanto, são idas e vindas que proporcionam um misto de emoções e conhecimento. A pesquisa, como forma de conhecer e construir conhecimento, também é constituída de viagens. Fazem-se necessárias idas e vindas a textos, ao campo, a conversas, a transcrições, a interpretações. Segundo Bourdieu (2010, p.18, grifo do autor), “uma exposição sobre uma pesquisa é, com efeito, o contrário de um *show*, de uma exibição na qual se procura ser visto e mostrar o que se vale. É um discurso em que *a gente se expõe*, no qual se correm riscos”. É nesse e a partir deste contexto, de caminhos percorridos e de novos olhares a descobrir, a experimentar, a construir, que se iniciam as inquietações sobre o percurso teórico-metodológico dessa pesquisa sobre a Festa de São Pedro em Tambaú.

Para iniciar esse percurso, chamo a atenção para a festa considerada como um código sócio-cultural impresso nos espaços geográficos. Conforme afirma Di Méo (2002, p.3), em seu trabalho *La géographie en fêtes*, a festa é um “*phénomène social, global et générique, présent dans le temps et dans l’espace de tout groupe identifiable, la fête s’imprègne des valeurs culturelles les plus profondes des sociétés qui la secrètent*”.

Um autor que sempre me ajudou a proporcionar uma reflexão sobre algumas questões culturais do Brasil foi Gramsci (1979, 1986), não diretamente sobre cultura popular e espaço, mas como as modificações de um lugar podem estar subordinadas a uma determinada camada social. Nestes espaços se encontram grupos em estado de subalternidade, ficando à mercê dos usos e gostos daqueles que podem, a partir do poder aquisitivo e dos “aparelhos do Estado”, modificar essa realidade, afetando diretamente ou indiretamente o povo e suas brincadeiras. Nessa trama social estão presentes relações de poder vinculadas também a relações culturais, de classe, de status e prestígio, de cor, entre outras.

Dessa forma, esse trabalho pretende compreender o processo de organização, realização e transformação da Festa de São Pedro em Tambaú, enfocando a interação e o papel dos diversos grupos envolvidos e, mais especificamente, observar de que forma as relações de classe, de status e de prestígio interferem na organização, realização e transformação dessa festa.

Nesse sentido, essa reflexão inicial tem como objetivo percorrer e edificar um arcabouço analítico e metodológico para o estudo aqui proposto, como também, assinalar lacunas e dimensões que possibilitem análises sobre a festa e discussões a respeito de possíveis ações futuras sobre a sociedade.

Faz-se necessário, a princípio, destacar dois pontos de discussão que parecem primordiais para a compreensão da problemática aqui levantada, que são: em primeiro lugar, a festa tomada como objeto e conceito; em segundo lugar, algumas dimensões das relações sociais e culturais, anteriormente citadas, na medida em que podem interferir no processo de produção e execução da festa.

Para adentrar nesse assunto, por entender inicialmente que a Procissão de São Pedro é organizada por pessoas negras, o primeiro passo realizado foi observar atentamente literaturas que abordassem alguma festa ou manifestações populares brasileiras, em especial, quando era

reconhecida nitidamente (ou seja, grupalmente ou socialmente) como festa negra, festa de negros. Foi fácil encontrar vários estudos de diferentes áreas, especialmente em Sociologia, Antropologia, História, Letras, Religião, produzidos em diferentes épocas, analisando ou descrevendo distintas festas, em contextos e com preocupações bem diversas²⁷.

Logo se constata que mesmo depois de vários aspectos estudados, alguns problemas e dificuldades vão surgindo ou são apresentados quando se tenta analisar uma festa, evidenciando assim novos fatores cruciais para sua compreensão. Segundo analisa Perez (2002, p.16):

a festa também se faz presente na literatura antropológica. Dificilmente deixamos de encontrar uma referência a ela, seja de modo direto, seja de modo indireto. Todavia, é uma presença paradoxal: uma espécie de hóspede não convidado que irrompe porta a dentro, trazendo, aliás, como é próprio da festa, a *des-ordem* e a *con-fusão*, de modo a não se saber muito bem o que fazer com ela, como tratá-la.

Conforme observa a autora, na maior parte dos estudos antropológicos, não se atribui à festa o estatuto de objeto analítico, geralmente ela aparece como mera ilustração ou como elemento descritivo de rituais, esses sim tomados como objetos privilegiados. Desse modo, não é difícil perceber que ainda existem várias carências relacionadas aos estudos alusivos a esse fenômeno social.

Perez (2002, p. 17) ainda acrescenta que, mesmo com os trabalhos de DaMatta (1997); Magnani e Torres (1996); Magnani (2003); Amaral (1998); entre outros²⁸, “a Antropologia

²⁷ Esses estudos aparecerão, na medida do possível, ao longo desse trabalho.

²⁸ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes da viola**: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo preto**: as congadas na festa de N. Sra. do Rosário em Catalão, Goiás. Rio de Janeiro/Goiânia: Funarte/UFG, 1985.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1993.

MONTES, Maria Lúcia; MEYER, Marlyse. **Redescobrimo o Brasil**: a festa na política. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brésilien**: le vécu et le mythe. Paris: Gallimard, 1992.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

parece ter despertado para a festa tardiamente em relação, por exemplo, à Sociologia e à História que a elegeram como objeto privilegiado, desde pelo menos o fim dos anos 1960”.

De acordo com Alves (2008), o primeiro pesquisador a assumir que estava fazendo uma teoria da festa foi Caillois (1988), em seu trabalho: *O homem e o sagrado*²⁹. Para ele, nem toda festa é alegre, existem também as tristes, mas o que as caracteriza é a ingestão de comida, de bebida, a dança, a música.

Recentemente diferentes pesquisadores, principalmente na área de Antropologia³⁰, vêm se debruçando na construção e compreensão da festa em suas dimensões sociais e individuais (ALVES, 2008; PEREZ, 2002; MAGALHÃES, 2002; AMARAL, 1998).

Alves (2008) destaca em seu trabalho a dificuldade de criar um conceito de festa que seja operacional, ou seja, que possibilite compreender e analisar a realidade social, quando diz que

a festa é um fenômeno que perpassa todas as culturas com sentidos diversos. Entretanto não é fácil conceituar festa. Perez (2004) instiga com a pergunta: Por que será que não se consegue constituir uma teoria da festa? E afirma que o termo festa denomina mas não conceitua o fenômeno. A festa é muito mais do que a festa. Não existe uma festa, e sim várias, pois cada indivíduo pode participar dela de uma maneira. Além disso, existem várias festas dentro da festa. Para cada um ela é uma. Daí a dificuldade em conceituá-la.

Ao analisar a Festa do Rosário, em Pombal – PB, Ayala (1996) também constata festas realizadas por familiares e amigos que ocorrem “paralelas” à festa maior, mas que dela fazem parte. Ele explica que não só a Festa do Rosário é composta por eventos que acontecem simultaneamente, como também integra reuniões de parentes e amigos em festas particulares, percebendo assim a ocorrência de várias festas dentro da festa.

²⁹ CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988. A primeira publicação que encontrei deste livro, *L'homme et le sacré*, aparece em 1938.

³⁰ Ver grupo que se reúne na Associação Brasileira de Antropologia - ABA: A festa em perspectiva e como perspectiva, coordenado por Léa Perez, período de 2004-2010.

Apesar das dificuldades, esses estudiosos constituíram um novo olhar sobre a festa, tomando-a como objeto central de análise e como conceito, ao considerá-la possuidora “de uma realidade e uma dinâmica próprias, o que possibilita tomá-la como objeto autônomo e heurísticamente produtivo para a compreensão das variadas formas de viver a experiência humana em sociedade” (PEREZ, 2002, p. 18).

Nos demais trabalhos encontrados, as diferentes festividades estudadas estão relacionadas principalmente às comunidades negras e etnografias de sociedades indígenas; geralmente trabalhos de cunho simplesmente descritivos ou nos quais as festas aparecem entrelaçadas a outras questões de forma ilustrativa, ou inseridas nas reflexões sobre cultura popular. Conforme assinala Magalhães (2002, p. 112),

sejam quais forem as manifestações festivas, elas fazem parte do cotidiano dos povos. Se antes foram objetos do Folclore e da Etnografia, hoje integram plenamente o campo da História sociocultural. Seu aparato, sua trajetória, por simbolismo de seus gestos, o engajamento dos povos são muitos dos elementos merecedores de estudos mais aprofundados.

Mesmo assim, alguns desses estudos, embora apresentem alguma preocupação sociocultural, desprezam, por vezes, os elementos contextuais de sua produção e execução, mas, sobretudo, desconsideram as pessoas ou os grupos que estão envolvidos em sua realização. Problemas semelhantes acompanhavam também muitos estudos relacionados à cultura popular.

Ao percorrer esse caminho, a primeira questão ou inquietação para quem estuda festa, encontrada em boa parte desses trabalhos levantados, é situá-la na problemática dos olhares e posturas sobre cultura popular, já que as implicações e preocupações teóricas e metodológicas

nessas pesquisas ainda cabem e algumas estão intrinsecamente relacionadas aos estudos recentes sobre festa, especialmente, festa popular.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que se destaca a festa popular como parte da cultura de um povo, faz-se necessário, nesse caso, mesmo que de forma concisa, situar a discussão sobre festa através do prisma dos estudos relativos à cultura popular no Brasil. Como este tópico sobre cultura popular se propõe breve, inevitavelmente algumas discussões e alguns autores que participaram do debate proposto estarão ausentes³¹.

Esse caminho traçado pelos estudos sobre cultura talvez não só possibilite compreender algumas lacunas existentes em vários trabalhos sobre festa, como também permita dar continuidade ao olhar sobre a festa como conceito.

Seguindo esse fio, imediatamente, quando se põe em discussão a cultura popular surgem, a princípio, duas visões bem distintas. A primeira visão pensa a cultura popular como folclore, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções consideradas "tradicionais", ou como resíduos da cultura culta de outras épocas, ou ainda, como uma coisa do passado que se mantém no presente. Essa perspectiva conservadora tende a cristalizar as manifestações culturais, dissociando-as de seu contexto social e de quem as produz.

É preciso dissociar a cultura popular dessa idéia de “tradição” como sinônimo de “que a sua Idade de Ouro deu-se no passado”, nesse caso as “modificações por que passaram esses objetos, concepções e práticas são compreendidas como deturpadoras ou empobrecedoras" (ARANTES, 1988, p.17-18).

Uma das conseqüências que vem sendo observada, dada a postura conservadora diante das mudanças pelas quais passam também as culturas populares, é a contribuição para o esfacelamento ou invisibilização das manifestações populares, conforme assinala Magnani (2003, p. 26),

³¹ Essa discussão sobre cultura popular aparece bem proporcionada nos trabalhos de Rodrigues (2006); Ayala (1987); Ayala e Ayala (1987).

aquelas festas, rituais, tradições populares e formas de entretenimento constituem um espaço fecundo para a análise desse processo de mudanças. A preocupação, no entanto, dos estudos que tradicionalmente ocupam essa área, e que poderíamos denominar de ‘folclorista’, é outra. Descobrir festas, lendas, folguedos e objetos de antigo uso; descrever e registrar a indumentária, os gestos e instrumentos que os acompanham; preservar sua ‘autenticidade’ e denunciar as contaminações a que estão sujeitos – eis a tarefa daqueles pesquisadores para os quais toda mudança é vista como deturpação de uma forma já fixada em sua pureza original e considerada como elemento desagregação. Apresentam-se como defensores de uma cultura popular, mas paradoxalmente são os que mais passam atestados de óbito a essa mesma cultura, por recusar-se a assimilar suas transformações. A mudança de uma vestimenta, a substituição de um instrumento ou a adaptação de um antigo costumes são vistos como sintomas da progressiva diluição das tradições populares. É, pois, uma visão estática e ‘museológica’, que encerra a cultura como um acervo de produtos acabados e cristalizados, alheios às mudanças das condições de vida de seus portadores.

A outra visão, mais relacionada à Antropologia Cultural, na qual venho desenvolvendo meus trabalhos, "procura estabelecer relações entre as manifestações e outros elementos sociais e culturais que, direta ou indiretamente participam de um 'processo' em constante transformação" (FONSÊCA, 1999, p.11).

Segundo Ayala e Ayala (1987), motivados por uma ruptura de concepções teóricas e metodológicas com relação aos estudos folclóricos, essa perspectiva crítica vai se configurando especialmente a partir dos trabalhos realizados por Amaral (1976), Andrade (1983), em seguida por Bastide (1959), Fernandes (1989) e Xidieh (1993).

Vale destacar que a principal conseqüência da diferença existente entre os trabalhos sobre cultura popular está relacionada aos procedimentos metodológicos a serem utilizados. Conforme Ayala e Ayala (1987, p.19),

estes estudos apresentam-se alicerçados em concepções teóricas que, por sua vez, impõem procedimentos metodológicos reveladores de interesses contrastantes, tendendo ora para uma posição conservadora, ora, em menor número, para uma perspectiva mais crítica na exposição e interpretação dos dados.

Esta vertente estuda a cultura popular como parte integrante da dinâmica do processo social em que, conforme Xidieh (1976, p.5), a sua "enunciação propõe uma cultura diferenciada em relação a outras formas de cultura" (cultura erudita e cultura de massa), e também uma "cultura possuidora de permanente capacidade de renovação e reelaboração"³².

Dessa forma, os processos de reelaboração e renovação das práticas populares também se constituem em formas de atualização e comunicação entre tempos e ritmos diferentes, popular, industrial e erudito, que coexistem e são ressignificados na sociedade, desencadeando um processo de hibridização da cultura popular, como ressalta Ayala (1997, p.168-169),

o processo de hibridização da cultura popular, a meu ver, constitui sua maior riqueza. É a mistura que permite a recomposição de danças populares, através dos remanescentes de diferentes grupos, que, por algum motivo tenham parado de dançar – por perda dos mestres, mudanças de cidade ou de região, entre outras. A necessidade de manter as práticas culturais encontra na mistura o procedimento fundamental para impulsionar os artistas populares a recompor suas atividades com as ruínas da experiência individual (mas de base coletiva) que sobraram na memória de cada um.

De acordo com Rodrigues (2006, p.9), todos esses autores de perspectiva crítica têm em comum a preocupação de estabelecer a análise das manifestações culturais populares no contexto sociocultural mais amplo em que elas acontecem. "Vinculando-as ao seu contexto de

³² A esse respeito, veja-se Xidieh (1976, p. 5) e também Gramsci (1986).

produção, percebendo-nas dentro de conflitos existentes entre vários grupos que compõem uma sociedade marcada pelas diferenças de classes”.

Gostaria de reforçar também o distanciamento acerca da idéia de “continuum cultural”, para que não haja possibilidade alguma da cultura popular e, especialmente, as manifestações populares serem entendidas como um “ente” que se encontra em uma etapa inferior no processo de “evolução” cultural e, que dessa forma, necessariamente e inevitavelmente, irá ser absorvido, acabar ou desaparecer, resultando em uma brincadeira mais evoluída, conforme nos alerta Xidieh (1976, p.2),

ora, uma tentação se apresenta: estabelecer um ‘continuum’ de etapas culturais. O primitivo dando lugar ao popular, o popular como continuidade do primitivo e fulcro do erudito, civilizado e institucionalizado, urbanizado e superior. Seria uma posição bastante cômoda e “econômica”; numa visão mecanicista e ‘evolucionista’ ou mesmo ‘positivista’ primárias, as etapas culturais formulam-se historicamente, sucedem-se queimando tabelas. Na verdade, a ‘experiência social’ reformula axis e práxis constantemente, a partir de dados imediatos avaliados como ‘ótimos’ em presença de situações que variam.

Segundo Xidieh (1976), a posição teórica e engajamentos científicos e ideológicos dos pesquisadores são de grande importância para entendermos as intenções e os resultados obtidos na abordagem em relação à cultura popular.

Atualmente, é quase consenso entre os estudiosos das manifestações populares considerar cultura popular e folclore como sinônimos. Entretanto, nesse trabalho, parece mais apropriado fazer uso da expressão cultura popular, pois estaria mais próxima de ser entendida como cultura do povo. Entendo como povo "o conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade até agora existente" (GRAMSCI, 1986, p.184).

Dessa forma, de acordo com Cabral (2001, p.15), o caminho que se procura seguir “é a forma de pensar e de fazer pesquisa desses estudiosos que entendem a cultura popular como uma cultura específica que está inserida, com outras formas de cultura, na dinâmica do processo social”, em constante processo de reprodução e reelaboração material e simbólica das relações sociais que o povo produz no trabalho e na vida.

Verifica-se também, que diferentemente da cultura popular, em que seu adjetivo anuncia e qualifica o que constata o pesquisador: uma cultura “criada pelo povo e apoiada numa concepção de mundo” e da vida toda específica, que se contrapõe à “concepção de mundo hegemônica” (XIDIEH, 1976, p.5; GRAMSCI, 1986, p.184), o termo festa ou festas, do modo que vem sendo utilizado, tomado de forma ampla, pode nos levar a contextos e grupos sociais completamente diferenciados, por isso, nesse trabalho, para melhor compreensão do objeto, será utilizada a expressão festa popular, porque delimitará a festa aqui estudada e nos aproximará dela.

Ainda parece pertinente estarmos atentos a algumas inquietações presentes nesses diversos trabalhos de postura mais crítica sobre cultura popular (XIDIEH, 1976; GARCÍA CANCLINI, 2002; BOSI, 1999; AYALA, 1987; RODRIGUES, 2006; entre outros), para adentrarmos nas reflexões e discutirmos os conceitos sobre festa e festa popular. Questões que circulam em torno do que é, em um determinado contexto, cultura popular, nesse caso, festa popular? Quais os problemas que se apresentam na sua elaboração, produção e realização e quais as relações que se estabelecem quando diversas culturas se defrontam?

2.1 FESTA E FESTA POPULAR: ESPAÇOS DE CELEBRAÇÃO, INTEGRAÇÃO E CONFLITO



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 10 – O “santo” e o pescador – 2008



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 11 – A reza antes da *caminhada* em Tambaú em 2007

Não obstante os resultados obtidos a respeito da cultura popular, os estudos sobre festa popular, a partir da ótica conservadora, também apontam para vê-la congelada no tempo, ou seja, todo processo de transformação é visto como aspecto de decadência e pauperização das manifestações populares. A festa pode ainda ser percebida como objeto exótico que deve ser salvo da extinção, servindo a explorações políticas e comerciais de toda ordem. Além disso, podem-se encontrar trabalhos de cunho puramente descritivo, ricos em detalhes, mas carentes de análise, como também o contrário, rico em análise, porém carente de contextos, das especificidades locais.

Perez (2002, p.17) ainda acrescenta que há uma confluência entre os estudos antropológicos e um certo senso comum, como folclore. “A festa é vista como mero divertimento das ditas classes populares, ou confundindo-se com esse último, como sobrevivência de certos arcaísmos tradicionais”.

Um dos trabalhos mais significativos no Brasil, que assinala para uma preocupação teórica sobre a festa, ao qual tive acesso, foi a tese de Rita Amaral (1998), intitulada *Festa à brasileira: sentidos de festejar no país que “não é sério”*. Nele, a autora expressa a preocupação de abordar a festa como objeto e conceito, ao propor que “no Brasil tudo acaba em festa”, porque a festa é um forte elemento constitutivo do modo de vida brasileiro. Nessa pesquisa, ela ressalta as razões de a festa ter assumido tríplice importância:

por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção do povo brasileiro), como modelo de ação popular (no sentido de que ela tem sido, em muitas ocasiões o modo de concentração e investimento de riquezas - investimento feito em benefícios sociais, como creches e escolas) e como espetáculo, produto turístico capaz de revigorar a economia de muitas cidades, como tento demonstrar aqui.

Um dos pontos teóricos de partida, no trabalho de Amaral (1998), é a importância da análise de Durkheim, em sua obra *Les formes élémentaires da la vie religieuse*³³, ao apresentar a existência de uma estreita relação entre o ritual e a festa.

Nesse sentido, os limites flutuantes que separam os ritos representativos das recreações coletivas são fundamentais para a delimitação e o entendimento do objeto. Amaral (1998) destaca nos estudos de Durkheim três características inerentes a todo tipo de festa, as quais se tornaram importantes alicerces para pesquisas posteriores, que são: a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de “efervescência coletiva” e a transgressão das normas coletivas.

A autora também chama a atenção para a importância da festa na vida social e, como tal, um objeto que merece ser tratado com dedicação, quando afirma que o “divertimento é coisa séria e pode ser entendido até mesmo como a segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência” (AMARAL, 1998). Ela pode ser entendida como um modo de ação coletiva que é capaz de responder à necessidade de superação das dificuldades dos grupos e das regiões onde estão inseridas. Nesse sentido, a alienação, o desperdício ou a irresponsabilidade são ângulos que não ajudam a alcançar a festa.

No período colonial brasileiro, destaca Amaral (1998), a festa pode ter servido para diminuir as tensões inerentes à diversidade étnica e às distinções sociais. Entretanto, “ela se formava e se consolidava justamente a partir das diferenças culturais, da participação de múltiplos atores anônimos, do barulhento uso de ritmos e danças - o riso crítico, jocoso e farsesco da cultura dos diferentes grupos no interior dessa mesma festa”.

Outro fato que chama a atenção, no trabalho de Amaral (1998), é que as festas, no período colonial, eram espaços que possibilitavam o intercâmbio entre as culturas e serviam

³³ DURKHEIM, Emile. **Les formes élémentaires da la vie religieuse**. Paris, PUF, 1968.

como modo de inserção social, porém a participação dos diferentes agentes sociais ocorria de forma obrigatória³⁴. Os índios, portugueses, negros, ciganos, espanhóis, franceses eram sujeitados, ameaçados de prisão e confisco de suas licenças caso se recusassem a participar das festas. Vejamos:

o chamado da festa acabava incentivando a quebra das regras e o rompimento dos rígidos padrões de comportamento exigidos pelas autoridades. Isto porque a aparente ‘promiscuidade’ da festa era relativa e a participação maciça de todas as classes se dava dentro de regras razoavelmente bem estabelecidas (AMARAL, 1998).

Perez (2002, p.36-37) também ressalta que “as procissões e as festas religiosas são as atividades urbanas mais antigas do Brasil. Até o século XIX foram os acontecimentos culminantes da vida social de nossas cidades”.

Para essa autora, a festa aparece ainda como coisa pública e de domínio da rua, favorecendo “a mestiçagem à medida que provoca uma quebra no encadeamento dos determinismos” (PEREZ, 2002, p.51). Dessa forma, a autora coloca a mestiçagem como vetor de mobilidade da sociedade brasileira, em que a cidade é o espaço da mestiçagem das pessoas e das coisas.

No entanto, que tipo de integração pode acontecer quando as pessoas ou diferentes grupos são ameaçados e obrigados a participarem das festas? Por essa razão, é preciso estamos mais atentos às diferentes festas brasileiras. As festas nem sempre permitem integração de grupos sociais diferentes, tampouco mestiçagem somente pelo fato de serem realizadas na rua e na cidade. Em alguns casos, elas podem proporcionar apenas um certo

³⁴ Cambi (1999, p. 166) comenta também o domínio da Igreja Católica, em outros contextos sociais, através dos ritos e das festas na Idade Média, vejamos: “ao lado do tempo do trabalho, também para o povo, havia um tempo de não-trabalho (os domingos e as festas religiosas) administrados diretamente pela Igreja através dos ritos e das festas que incidiam profundamente sobre o imaginário mediante todo o sistema de signos e de símbolos que enredavam a experiência do sujeito, valorizando figuras, estilos de vida, comportamentos, mas também suscitando temores, expectativas, exaltações”.

contato social entre pessoas e grupos diferentes em determinados momentos e espaços, quer dizer, as pessoas podem estar ao lado de outras sem necessariamente ocorrer integração; em outros casos, pode ocorrer, quando possível, uma participação via consumo (GARCÍA CANCLINI, 2002). Contudo, as festas podem proporcionar também o fortalecimento de laços entre *pessoas pertencentes ao mesmo grupo social*, todavia podem permitir ao mesmo tempo a separação e distinção de lugares, grupos e pessoas, ou até mesmo a exclusão deles. Tanto as festas, quanto os espaços urbanos comportam novos processos de segregações, isolamentos, *gentrificación* e invisibilizações, o que contraria a visão de festa como espaço de integração e mestiçagem desses autores (AMARAL, 1998; PEREZ, 2002).

Perez (2002, p.51), se referindo ao carnaval como “festa carnal e orgiástica”, acrescenta que a festa à brasileira evidencia o caráter híbrido da sociedade e de sua forma de operar por meio do entrecruzamento de códigos e de registros.

A festa seria um espaço de integração do homem na circulação geral dos seres, fazendo parte dos “atos sem finalidade”; seria, portanto, “consumação, dispêndio, sacrifício, troca-dom, reciprocidade, ou seja, o ato mesmo de produção da vida”, como também um espaço de novidade (PEREZ, 2002, p.47).

Outro aspecto importante no trabalho de Amaral (1998), ao analisar cinco festas distintas: Oktoberfest de Blumenau; Nossa Senhora da Achiropita em São Paulo e Peão de Boiadeiro, em Barretos; São João de Caruaru; O Círio de Nazaré, em Belém do Pará e Festa do Divino, em Minas Gerais e Goiás, a autora destaca que a razão para o contínuo crescimento das festas seria elas terem se revelado um grande e lucrativo negócio, vejamos:

as festas vêm se tornando um excelente negócio. O forte apelo turístico que lhes é peculiar, especialmente quando elas apresentam particularidades regionais, mitos religiosos ou simplesmente a vontade de dançar, cantar e beber, tem se mostrado capaz de gerar milhões de dólares em divisas, conforme os relatórios da Embratur,

que vem desenvolvendo projetos de incentivo ao desenvolvimento de festas em pequenas cidades carentes de recursos. (AMARAL, 1998).

Ao elencar algumas idéias e teorias que têm sido discutidas em relação às festas, a autora defende a tese de que a “festa à brasileira” constitui uma mediação entre diferentes dimensões culturais, categorias e símbolos. Opera também como mediação entre os dois principais modelos antropológicos de entendimento deste fenômeno, nos quais as festas têm a função de referendar ou de negar a vida em sociedade. Ela acrescenta também que a festa brasileira, “além de ser uma linguagem capaz de expressar simultaneamente múltiplos planos simbólicos é, ainda, uma mediação capaz de tornar compreensível a vida num país em que as *contradições* de todos os tipos são realçadas diariamente”. (AMARAL, 1998, grifo meu).

Os significados conclusivos, nesse trabalho de Amaral (1998), são que desde a formação da festa à brasileira, ela serve como mediação; meio de comunicação entre culturas; modo de inserção social; espetáculo de idéias e projetos sociais; integração (conquista popular da festa); mediação simbólica, constituindo uma linguagem pela qual diferentes povos podem se comunicar; como também, *síntese de mediação*, especialmente entre a cultura e a natureza, quando relata que:

a festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é a mediação, o diálogo, da cultura consigo mesma. (AMARAL, 1998).

Já a “festa à brasileira”, segundo Perez (2002, p.17), pode ser tratada como “forma lúdica de sociação e como um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva,

buscando mostrar como o vínculo social pode ser gerado a partir da poetização e estetização da experiência humana em sociedade”.

Na análise dessa autora, a condição da festa é dada pela confluência de três elementos fundamentais, um ato coletivo *extra-ordinário*, *extra-temporal* e *extra-lógico*, interdependentes uns dos outros, que se *con-fundem* uns com os outros. “Em resumo: a festa instaura e constitui um outro mundo, uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções – com um forte acento hedonista e agonístico – e, mesmo, em grande medida, pelo não-social”. (PEREZ, 2002, p.19).

Se Amaral (1998) nos permite ver a festa como mediação, Perez (2002) retoma a idéia de efervescência coletiva de Durkheim, quando afirma que:

a efervescência que aqui quero ressaltar é aquela que diz respeito à noção durkheimiana de exaltação geral, aquela dos momentos/situações nos quais as ‘energias passionais’ da coletividade encontram-se em estado de ‘exaltação geral’, nos quais a ‘influência corroborativa da sociedade se faz sentir com maior rapidez e muitas vezes até com maior evidência’, pois ‘as interações sociais tornam-se muito mais freqüentes e mais ativas’. (PEREZ, 2002, p. 21-22).

Conforme podemos observar, a idéia de festa para essa autora é apresentada como transgressora e instauradora de uma forma de sociação, de uma nova forma de estar junto, de excesso, de des-ordem, produzida pela transgressão das normas vigentes. No entanto, essa transgressão não significa a inexistência de ordem. “Pelo contrário, a festa tem toda uma etiqueta própria que deve ser seguida, seu elemento é o princípio da inversão, do excesso” (PEREZ, 2002, p.32).

Dessa forma, podemos perceber que outra idéia retomada por Perez (2002, p.24), é a festa como paroxismo da sociedade, ou melhor, o rompimento com as preocupações da existência cotidiana para quem dela participa como um outro mundo.

Perez (2002), ao propor uma Antropologia da festa, define as efervescências coletivas como idéia central de interpretação das socialidades que se instauram nessa extra-temporalidade festiva. Conforme descreve a autora,

uma antropologia da festa é, tal como a entendo, uma antropologia das efervescências coletivas, não necessariamente sociais, das formas de sociação e de troca não necessariamente cristalizadas. A festa não é um mero produto da vida social, muito menos um simples fator de reprodução da ordem estabelecida pela via da inversão. Tal como o princípio de reciprocidade, não custa repetir mais uma vez, a festa é o ato mesmo de produção da vida. (PEREZ, 2002, p.53).

Barros (2002, p. 61) em seu trabalho, intitulado *O divino segredo da festa*, compartilha dessa idéia de extra-temporal ao afirmar que “nas religiões tradicionais dos povos, a festa é a irrupção do divino no mundo. Significa uma ruptura com o cotidiano e uma interrupção do tempo comum”.

Nesse sentido, Di Méo (2002, p. 10), vai acrescentar que a festa é um interstício singular do espaço-tempo: “Ce sont toutes ces facettes, toutes ces natures différentes de la fête qui entrent en bloc dans sa définition. La fête constitue un espace-temps interstitiel de la vie sociale. Elle fait partie de ces contextes produits de l’interaction social et spatiale”.

Ao trilhar, até agora, o caminho construído principalmente pela Antropologia da festa, uma dimensão importante que parece ter sido desfavorecida nessas análises é a *relação de poder*. Entretanto, em outro percurso que parece possível e complementar, presente em diferentes trabalhos (SILVA, 2006; BARROS, 2002; DI MÉO, 2002; CABRAL, 2001; AYALA E AYALA, 2000; SANTOS, 2000; GARCÍA CANCLINI, 2002), o qual leva em consideração uma sociedade estruturalmente desigual e fundamentada na competição, a festa se torna expressão de formas distintas de resistência, capaz também de ser constantemente

reelaborada e ressignificada. Contudo, não podemos esquecer que essas diferentes perspectivas podem estar combinadas num mesmo autor, embora alguma se sobressaia.

Conforme considera Giddens (2005, p.218), já presente nos estudos de Weber (1974), “toda a relação social é, em certa medida e em certas circunstâncias, uma relação de poder”. A distribuição de poder em sociedade, tanto a situação econômica de classe, quanto a própria distribuição de poder social, são também determinadas pela obtenção de capital simbólico (status), como por exemplo, grau de escolaridade, apadrinhamento político ou mesmo beleza física, fatores que afetam, positiva ou negativamente, os indivíduos ou os grupos sociais.

Sendo assim, Barros (2002, p. 64 e 65) concorda e ressalta que em uma sociedade fundamentada no desamor e na competição, a festa pode expressar também um caráter de resistência, como também é passível de adaptações (como exemplo, o tempo de realização cada vez mais limitado).

Dois outros aspectos importantes podem ser destacados em seu trabalho: o primeiro, é a idéia de festa constituída por uma relação comunitária e o segundo, é a festa quando realizada em contexto urbano geralmente apresentar uma perda de controle da comunidade, segundo Barros (2002, p.63):

no íntimo, o espírito da festa é comunitário. Não há festa sem comunidade e sem participação ativa de todos. Na festa, todos dançam ou brincam, ou cantam, ou atuam. No espetáculo, todos assistem ao que alguém ou ao que um grupo de artistas faz. O espetáculo não precisa de comunidade. Alimenta-se de espectadores.

Nessa perspectiva, García Canclini (2002), ao analisar três festas realizadas no México: a festa do padroeiro de Ocumicho, a do Cristo Rei de Patamban e a festa dos mortos em Pátzcuaro, observa que: a primeira é uma festa comunitária, uma celebração tradicional,

impregnada pela lógica do valor de uso, que tem como consequência a festa-participação, em contraposição à festa-espetáculo, segundo o autor:

nada más lejano a un espectáculo. Las actividades de cada fiesta y la forma en que se realizan son conocidas por el pueblo entero como parte de su repertorio de creencias y su tradición. La mayoría de los habitantes sigue paso a paso las ceremonias y desempeña papeles activos. Tampoco es la fiesta un espectáculo para los visitantes, ya que proceden de poblados cercanos [...], conocen a los que habitan Ocumicho y son invitados a intervenir. (GARCÍA CANCLINI, 2002, p.191).

A segunda festa, a do Cristo Rei, o autor já assinala um processo de mudança em sua lógica, de comunitária à tendência capitalista, com o aumento das vendas e consumo na praça da cidade e a intervenção de diferentes instituições (religiosa, governamental) na organização da festa. Esses elementos, segundo o autor, vão aos poucos transformando e reduzindo a participação do povoado em espectadores e o momento de celebração em entretenimento.

Essa lógica de uma festa-espetáculo, como valor de troca, dada em função do consumo e não da participação dos moradores da região, já se apresenta completamente estabelecida na terceira festa analisada, a festa dos mortos em Pátzcuaro; na qual as danças, a ornamentação do povoado passam a ser uma parte complementar ou decorativa da festa, não a festa, de acordo com García Canclini (2002, p.201):

la fiesta se convierte primero en feria y luego en espectáculo. Un espectáculo interurbano, nacional y aun internacional, según el alcance turístico. Quedó lejos el tiempo de las fiestas comunales, llegaron los empresarios que la convierten en fiesta para los otros. Se separa a los espectadores de los actores y se confía a profesionales la organización de las diversiones.

Esse processo de transição e de festas completamente opostas em seu caráter, no que se refere à *festa-participação*, ou seja, enquanto espaço e tempo de comemoração para as

pessoas do lugar, resultando em uma festa para si, para os de dentro; e à *festa-espetáculo*, sempre que realizada para o outro, em função do comércio, do consumo, de entretenimento; fornecem uma diferente perspectiva de análise e servem como subsídio para se compreender o sentido da festa a ser estudada.

Lima (2002), com o objetivo de compreender as transformações pelas quais tinham passado as festas juninas no nordeste, observou as práticas e os discursos que permeavam o ambiente da festa do “Maior São João do Mundo”, realizada em Campina Grande, no estado da Paraíba. O grande destaque desse estudo foi o processo de reinvenção, apropriação e conversão que ocorreu na medida em que a festa de São João ocupou o espaço urbano e quando passou a ocorrer como evento institucionalizado, especialmente, inserida em um processo geral de globalização econômica e de relações políticas e culturais³⁵.

Semelhante constatação descreve Carmelita dos Santos (2000), ao estudar a Festa da Penha, localizada no litoral de João Pessoa. A partir da memória dos moradores daquela região, constata que aos poucos a festa foi se transformando em diversão para os de fora, uma multidão oriunda principalmente de diferentes bairros do município; e possibilidade de ganho para os de dentro, passando a ser diversão outros momentos da vida comunitária.

Nessa perspectiva, é preciso estarmos mais atentos aos desdobramentos resultantes das transformações de algumas festas como objeto de lucro e seu processo de institucionalização que envolve, sobretudo, a *produção, concepção e controle* na realização da festa.

Logo no início do estudo intitulado *Cultura popular*, Xidieh (1976) relata sua preocupação devido à confusão, feita por algumas pessoas, ao tratar cultura de massa e cultura popular como sinônimas. O que é ressaltado pelo autor, para desfazer essa confusão, é que se pode diferenciá-las pela *fonte produtora*: a cultura de massa é produzida pelos grupos sociais

³⁵Mais uma vez volto ao estudo de García Canclini (2002, p. 202), que descreve o processo de institucionalização e espetacularização na festa dos mortos em Pátzcuaro, quando: “en vez de los cargueros o mayordomos, un grupo de técnicos prepara el escenario, los altavoces, la iluminación, la puesta en escena del espectáculo”. Los campesinos, los indígenas, los artesanos se vuelven parte de ese espectáculo para turista que hay que estilizar o hacer entretenido”.

dominantes, que “dosa 'elementos' culturais para uso e consumo imediato da infra e média camadas da estratificação social”, tendo como objetivo a “substituição de valores 'populares autênticos' por valores de nivelção, em escala, propostos em vista da manutenção dessa mesma estrutura ”. (XIDIEH, 1976, p.1e 3).

Já a cultura popular, conforme citado anteriormente, além de ser “criada pelo povo e apoiada numa concepção de mundo toda específica e na tradição”, encontra-se em “permanente reelaboração mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura 'erudita', porém, mantendo sua identidade” (Xidieh, 1976, p.3). Em outras palavras, a cultura popular possui um sistema específico, que em consonância com outros, forma um sistema cultural mais geral.

Para entender a cultura popular, conforme Xidieh (1976), se faz necessário salientar as relações de conflito e dominação entre os grupos sociais - ela só se torna compreensível quando considerada em oposição à cultura erudita e cultura de massa.

Em *Plural, mas não caótico*, Alfredo Bosi (1999, p.7), afirma que "não existe uma cultura brasileira homogênea, (...) a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um 'efeito de sentido', resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço".

O que esse estudo vem acrescentar refere-se à questão *do uso e do sentido do tempo*, segundo o autor, principal diferenciador entre as culturas. A cultura popular teria um tempo diferenciado das outras culturas existentes e atuantes, a cultura de massa e a cultura erudita.

Na cultura popular, o tempo estaria relacionado aos ritmos "naturais": "Tempo sazonal, tempo do lavrador, marcado pelas águas e pela seca. Tempo lunar: tempo das marés, tempo menstrual. Tempo do ciclo agrário, da sementeira à ceifa, com a pausa necessária ao repouso da terra" (BOSI, 1999, p.11). Ela teria um tempo cíclico, e o seu fundamento estaria relacionado ao constante retorno.

Segundo E. P. Thompson (1998, p. 271), este tempo só é possível pela existência de "uma armação mínima de comercialização e administração, e na qual as tarefas cotidianas (...) parecem revelar-se aos olhos do lavrador pela lógica da necessidade". O autor afirma que:

a notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita como 'orientação pelas tarefas. (...) É possível propor três pontos sobre a orientação pelas tarefas. Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho regulado por horas. O camponês ou trabalhador parece ocupar-se do que é uma necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver **pouca separação entre 'trabalho' e 'vida'**. As relações sociais e o trabalho são misturados - o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa - e não há grande senso de conflito entre o trabalho e o 'passar o dia'. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência. (THOMPSON, 1998, p. 271-272, grifo meu).

A cultura de massa, por sua vez, possuiria outro fundamento e um outro tempo, que estaria intrinsecamente relacionado à urgência da substituição com vistas ao consumo. De acordo com Bosi (1999, p.8-9), nessa cultura aparece um tempo cultural acelerado: "o imperativo categórico desse tempo social é o da substituição ininterrupta de signos (...), e a montagem de bens simbólicos em ritmo industrial".

A cultura erudita teria o tempo ligado a dois modelos de formação simbólica: o ciclo e a série, possuindo em seu cerne dois princípios básicos, a liberdade e a universalidade. No entanto, para Bosi (1999, p.14), "o que singulariza a cultura 'superior' é a possibilidade que ela tem de avaliar a si mesma; em última instância; é a sua autoconsciência. (...) O seu ritmo supõe o movimento da consciência histórica".

Seguindo a mesma linha, García Canclini (2002) estuda as manifestações culturais populares inseridas em um contexto sócio-cultural atravessado por contrastes sociais do capitalismo e pelo confronto entre as culturas hegemônicas e subalternas - aspectos semelhantes ao contexto brasileiro. Para ele,

las culturas populares [...] se configuran por un proceso de apropiación desigual de los bienes económicos y culturales de una nación o etnia por parte de sus sectores subalternos, y por la comprensión, reproducción y transformación, real y simbólica, de las condiciones generales y propias de trabajo y de vida. (GARCIA CANCLINI, 2002, p.90).

Esse autor, que enfoca a heterogeneidade da cultura popular, já presente nos estudos de Gramsci (1986, p.190), assinala que toda produção cultural surge a partir das condições materiais de vida. Nas classes populares "las fiestas están más estrecha y cotidianamente ligadas a los trabajos materiales en que entregan casi todo su tiempo". (GARCÍA CANCLINI, 2002, p.89). Acrescenta ainda que:

las fiestas campesinas, de raíz indígena, colonial, y aun las fiestas religiosas de origen reciente son movimientos de unificación comunitaria para celebrar acontecimientos o creencias *surgidos* de su experiencia cotidiana con la naturaleza y con los otros hombres (cuando nacen de la iniciativa popular) o *impuestos* (por la iglesia o el poder cultural) para comandar la representación de su condiciones materiales de vida. (GARCÍA CANCLINI, 2002, p.103, grifo do autor).

No caso, quando essas festas têm como propósito beneficiar os hegemônicos através da intensificação do consumo, a festa logo “reafirma las diferencias sociales, da una nueva ocasión para que se ejerza la explotación interna y externa sobre el pueblo” (GARCÍA CANCLINI, 2002, p.106).

García Canclini (2002, p.104-105) nega a possibilidade de as festas que analisou servirem de fuga do cotidiano para as pessoas que as fazem. Segundo ele, “no podemos aceptar que la esencia de la fiesta sea la huida de la orden social, la persecución de un lugar

‘sin estructura y sin código, el mundo de la naturaleza donde se ejercen sólo las fuerzas del ‘ello’, las grandes instancias de la subversión’”³⁶.

Nesses trabalhos podemos encontrar três posições distintas: a festa como negadora das regras sociais, ou seja, possibilitando uma inversão de valores, admitindo assim uma fuga da realidade; a festa vista como uma forma de sintetizar a totalidade da vida de uma comunidade; ou ainda, a festa constituindo um modelo intermediário entre os dois modos citados.

Conforme essa pesquisa realizada por García Canclini (2002, p.103), “la fiesta sintetiza la vida entera de cada comunidad, su organización económica e sus estructuras culturales, sus relaciones políticas y sus proyectos de cambiarlas”. Já Amaral (1998, grifo da autora), ao analisar as festas brasileiras, afirma que elas exercem

simultaneamente o papel de negar e reiterar o modo como a sociedade se organiza justamente selecionando, através da inclusão e exclusão, pela vontade popular do que deve ou não estar presente nela, o que deve ser lembrado e o que deve ser relegado ao esquecimento; o que deve ser transformado e o que não deve...

Contudo, ao estudar as festas, é possível perceber que alguns elementos aparecem como indissociáveis da vida dos indivíduos de um dado grupo ou comunidade que compartilham daquela visão de mundo. Vale destacar também que se a festa sintetiza a totalidade da vida de uma comunidade ou sociedade, ela proporciona do mesmo modo a síntese de todas as hierarquias, desigualdades, discriminações, disputas presentes naquela região.

Por isso, para conhecermos o modo de vida de uma comunidade ou sociedade, também precisamos adentrar nas festas populares realizadas ou narradas pelos seus moradores, porque elas “son un modo de elaborar simbólica, y a veces de se apropiar materialmente, lo que les niega la naturaleza hostil o una sociedad injusta, celebrar ese don,

³⁶ DUVIGNAUD, Jean. *Fêtes et civilisations*. Genebra: Weber, 1973, p.46 *apud* García Canclini (2002, p.104).

recordar y revivir la manera en que lo recibieran en el pasado, buscar y anticipar su llegada futura” (GARCÍA CANCLINI, 2002, p.104).

É importante conhecer algumas características da festa: quem a produz, se ocorre processo de institucionalização, o uso e sentido do tempo, se festa-participação ou festa-espetáculo, se caráter comunitário ou vistas ao consumo, para compreender seu sentido.

Outro ponto importante, o qual também merece mais atenção, consiste no fato de diferentes grupos participarem de uma mesma festa. Talvez essa participação não seja necessariamente ou constantemente um processo ou resultado de reciprocidade entre os indivíduos de origem distinta e os grupos dominantes, e nem se configure como forma de inserção ao seio da comunidade. É preciso observar que a festa pode ser também *um espaço de conflito*.

A partir das diferentes abordagens, podemos considerar que as festas estão configuradas enquanto profundos códigos culturais em espaços geográficos, compostos pelas particularidades de cada contexto social, e elas possibilitam e são constituídas por celebrações; como também por relações de poder; compreendendo processos de institucionalização, integração, inclusão e exclusão de indivíduos ou grupos sociais.

Desse modo, é preciso perceber como são estabelecidas as relações sociais na Festa de São Pedro; compreender as diferenças sócio-econômicas, bem como elementos que podem influenciar nessa composição social; e refletir de que forma essas pessoas, pertencentes a diferentes estratos, grupos de status e de prestígio, como também a culturas diferenciadas, participavam ou participam da festa.

Nesse caso, para melhor compreensão do ponto de vista aqui proposto, a festa aparece como objeto de estudo e conceito, o qual permite analisarmos a realidade social, entre consensos e conflitos, rupturas e continuidades, cor e cores, abarcando as relações sociais nela existentes. O fio a seguir nessa festa são as *relações de poder*, que se apresentam na

organização e realização da festa e para além dela, nos revelando as desigualdades e discriminações vivenciadas entre essa comunidade e sua vizinhança, as quais são protagonistas e estão inseridas em semelhante dinâmica social; como também laços de amizade, familiares e de solidariedade. São essas questões que serão analisadas na Festa de São Pedro.

3 A FESTA DE SÃO PEDRO



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 12 – O andor sendo levado para o barco na Penha em 2004



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 13 - Dona Cila enfeitando o palanque em 2008



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 14 - A *caminhada* na praia da Penha em 2010

Andando Jesus junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Imediatamente eles deixaram as redes, e o seguiram. (Mateus 4:18-19)⁴⁷.

A Festa de São Pedro Pescador, realizada anualmente em Tambaú, reúne, além dos moradores dessa região e seus familiares, pessoas oriundas de diferentes bairros de João Pessoa. É uma manifestação que aparece como importante celebração nas histórias de vida dos que residem há anos nesse lugar. Falar sobre essa festa é remeter-se ainda aos moradores da Penha, visto que, essa comemoração é realizada também por pescadores desse bairro, local em que ocorre parte do festejo.

A integração, trocas materiais e simbólicas, no divertimento e no trabalho, que implicam o envolvimento de dois espaços: terra e mar, além dos laços de solidariedade e parentescos entre os antigos moradores de Tambaú e da Penha, constituem fatores cruciais para o prolongamento e permanência das relações entre essas comunidades, conforme aparece nas narrativas dos pescadores de Tambaú, região na qual venho desenvolvendo pesquisa. (CABRAL, 2005).

Outro fator que deve ser evidenciado é a continuidade da realização da Festa de São Pedro em Tambaú. Esse fato, além de demonstrar a importância dessa comemoração na vida dos pescadores e seus familiares, provavelmente contribui para que constantemente a procissão apareça nos relatos dos antigos moradores, principalmente, quando se fala em diversão ou devoção, como surge também nas narrativas de recentes e antigos integrantes da festa, sendo destacadas principalmente as transformações que nela vêm ocorrendo e as dificuldades em sua organização.

⁴⁷ Esse trecho que se encontra no livro de Mateus 4:18-19 (como também no livro de Marcos 1:16-17, Lucas 5:10) da Bíblia Sagrada, é normalmente lido pelo Padre da Igreja de São Pedro Pescador, assim que a barqueata chega em Tambaú. A intenção aqui é chamar atenção para a religiosidade, principal âncora e linha da Festa de São Pedro.

Iniciei a participação e observação da festa, ainda de forma assistemática, nos anos de 2003 e 2004, enquanto pesquisava as mudanças na região de Tambaú e as festas populares a partir da memória dos antigos moradores desse lugar. O entusiasmo em participar e conhecer mais desse festejo ocorreu mesmo depois de ouvir as narrativas de Seu Arlindo, descrevendo como era bonita essa festa⁴⁸. Nesses anos, fui para a praia de Tambaú ver a festa, com a intenção de participar, de conhecer a celebração e as pessoas que faziam parte dessa manifestação; porque mesmo morando nessa região há muitos anos e apesar das menções feitas por meus pais e pelos breves anúncios dos meios de comunicação, esse momento festivo era completamente desconhecido para mim, até ser despertada naquele momento da narrativa de Seu Arlindo.

Passei a questionar-me como algumas ou várias celebrações populares, de profundo significado para a população que as realiza e de grande importância quando nos referimos à diversidade cultural brasileira, muitas vezes executadas tão próximas fisicamente, ainda passam invisibilizadas ou tomadas como exóticas, até o momento de sermos “disciplinados” por uma nova forma de olhar, ou mesmo, como diria Cardoso (2006), por uma “domesticação teórica do olhar”. Ele ainda acrescenta que: “a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo.” (CARDOSO, 2006, p. 19).

Seguindo essas primeiras observações da Festa de São Pedro e já direcionada por um “olhar disciplinado”, percebi também, que para compreender seu processo de organização e realização permeadas por relações de poder, as inserções a serem realizadas nesse festejo precisavam ser “densas” e continuas, tomando como base as suas dimensões, não somente espaciais, como também simbólicas, passando a ser necessário traçar uma estratégia meticulosa de “ver e ouvir”, talvez mais que isso, de como entrar na festa, ou seja, penetrar

⁴⁸ Os relatos sobre a procissão de antigamente aparecerão no capítulo sobre a memória da festa.

nesse momento *extra-temporal*, de excesso, de des-ordem, como também, nesse “espaço de celebração, integração e conflito”.

O que interessava não era entender a festa em si, mas compreender as relações sociais construídas a partir da festa, porque conforme Brandão (1989, p.8), “a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem”. Com esse foco, durante seis anos consecutivos, de 2006 a 2011, minha participação e imersão na festa já se davam de forma diferenciada, sistemática, na tentativa de observar, mais especificamente, as *relações de poder* no processo de organização e realização desse festejo. Esse processo me levava a falas, memórias, mensagens e ainda permitia entender quais mudanças significativas para seus participantes tinham ocorrido nessa celebração.

Nessa caminhada, três observações foram importantes norteadores em direção à festa. A primeira foi em relação ao período dessa comemoração, o qual seu Arlindo, assim como outros antigos moradores e pescadores tomavam como envolvendo dois dias de realização, 28 e 29 de junho.

A segunda observação era sobre os espaços da festa, que compreendiam a terra e o mar da região de Tambaú e da Penha. Sobre o deslocamento e ritual na composição dos espaços da festa, Brandão (1989, p.39) nos chama atenção para o fato do culto religioso coletivo do catolicismo popular ser nômade, isso significa que, “fora situações de exceção, o que torna ritual uma cerimônia devota do catolicismo é sua qualidade de deslocamento, de viagem: [...] conduzindo seres sagrados através de espaços profanos, como a procissão”. Nesse caso, na Festa de São Pedro, ao se tratar, sobretudo, de comunidades pesqueiras, que trazem em seu cotidiano práticas (de trabalho, devoção e diversão) coletivas, devem ser consideradas as diferentes relações sociais estabelecidas na terra e no mar, e particularmente, entre Tambaú e Penha.

A terceira observação, decorrente das duas primeiras, percebida somente após alguns anos de participação nessa celebração, refere-se à Festa de São Pedro (ou à Procissão de São Pedro, como também é denominada por seus participantes⁴⁹) marcada por cinco grandes momentos: a **organização**, que antecede os momentos de procissão e festa. A realização da procissão, composta por procissão terrestre, tais como: a **carreata**, ocasião na qual a imagem do santo é levada de Tambaú para Penha; e as **caminhadas**⁵⁰, quando os fiéis saem a pé, que ocorrem em dois momentos distintos, na Penha e em Tambaú; e procissão marítima, nomeada também pelos pescadores de **barqueata**, que consiste no processo de retorno da imagem para Tambaú. Por fim, a **festa** de encerramento em Tambaú.

Para os “de fora” e “de longe”, a procissão se resume a *barqueata* e *caminhada* pelas ruas de Tambaú até a Igreja de São Pedro Pescador. Para os “de dentro” e “de perto”, a procissão consiste nesses cinco momentos: *organização*, *carreata*, *barqueata*, *caminhadas* e *festa*, que são vivenciados de forma diferenciada por seus integrantes.

Essas categorias, “de fora”, “de longe”, “de dentro”, “de perto”, estão sendo utilizadas para sintetizar e relacionar os grupos que constituem o cenário da Festa de São Pedro. Nessa perspectiva, “de dentro” e “de perto”, são considerados os pescadores, seus familiares e amigos constituídos nas relações de trabalho e descanso, ou ainda, grupo de fiéis sempre presente na procissão, podendo ser ou não morador das regiões de Tambaú e Penha. Já os “de fora” e “de longe” são pessoas que não tem nenhuma ligação com a festa ou algum vínculo

⁴⁹ Conforme aparece em diferentes narrativas, Festa de São Pedro e Procissão de São Pedro serão utilizadas também como sinônimas nesse trabalho.

⁵⁰ Utilizei a palavra *caminhada* na ausência de um termo que melhor expressasse esse momento da procissão, no qual as pessoas saem a pé carregando a imagem do santo e entoando cânticos de devoção pelas ruas e lugares. Não estou certa se *caminhada* cabe nesse contexto de festa religiosa; além de ser uma expressão alheia aos próprios realizadores da festa, mas necessitava de uma palavra que pudesse expressar esse momento específico da procissão. Conceber e utilizar o termo *procissão*, nesse caso, para nomear exclusivamente parte da festa, quando, por exemplo, a imagem de São Pedro é levada à Igreja Católica no bairro de Manaíra, é reduzi-la ao ponto de direcionar o leitor a um entendimento errôneo. Foi somente por esse motivo, de apontar marcos dentro da festa, que empreguei o termo *caminhada*. Para essa e nessa ocasião, parece ser a palavra que mais próximo traduz os momentos de procissão realizados a pé.

com os grupos diretamente envolvidos na organização e realização, podendo ser morador ou não morador das regiões de Tambaú e Penha.

Dessa forma, a Procissão de São Pedro Pescador, tomada como processo festivo, é composta, mesmo não diretamente mencionada, mas possível de ser observada, por esses distintos momentos de procissão marítima e terrestre: *a carreata, a barqueata e as caminhadas*, além de sua *organização e festa*.

A cada ano, na medida em que mergulhava em seus vários momentos, iam aparecendo e se confirmando os rituais e elementos essenciais para sua realização, como também se apresentavam de forma diferenciada outros componentes importantes que compunham a celebração e o papel desempenhado pelos participantes envolvidos na organização desse festejo. Percebe-se que a permanência e mudança de artefatos e membros numa celebração são características de uma cultura que está sempre em processo de realização, (r)elaboração e ressignificação, como também de pessoas que trazem a festa na memória, no corpo e em suas vivências.

Ao estudar as festas populares, no contexto italiano, Ferreira (2005, p.29) verificou que “a festa possui uma dupla e contraditória potencialização entre conservação e criatividade cultural”, constituindo e impulsionando o dinamismo dos processos culturais. Por essa razão, como denomina a autora, na relação entre *tradição-inovação* (repetição e invenção), “a festa é a mesma de cada ano, mas é diferente daquela anterior”. Processo semelhante se constata nas festas populares do Brasil e, nesse caso, na Festa de São Pedro Pescador, em que a cultura popular é dinâmica e a “tradição”, para ser mantida, é inovada.

Nessa direção, a partir da fala dos colaboradores e da observação participante, percebe-se que a cada ano a festa é uma, ou seja, ao mesmo tempo em que se tenta conservar a festa, seu ritmo, seu tempo, há a incorporação de novas pessoas e novos elementos, como parte do próprio dinamismo social, mesmo que seja a mesma festa. Esse processo se

assemelha também a hibridização da cultura popular destacado por Ayala (1997), no qual a mistura, dos remanescentes de diferentes grupos populares, permite recompor e satisfazer a necessidade deles de manter suas brincadeiras, festas, danças. Nesse caso, as mudanças também são provenientes das experiências vividas e trazidas por cada brincante.

As festas da cultura popular, dessa forma, se inserem nesse dinamismo da vida daqueles que delas participam. Mesmo tendo como intenção de seus realizadores a permanência, observa-se que as mudanças fazem parte dessa realização. Mudanças que tanto estão relacionadas a fatores internos, nem sempre intencionais, quanto a fatores externos às manifestações populares, que acabam provocando a busca por soluções inovadoras, as quais se tornam necessárias para sua continuidade. É bom esclarecer que essas mudanças, que menciono agora, em nada se relacionam à idéia de “invenção de tradições” trabalhadas por Hobsbawn (1984), mas provavelmente retornarei a essa idéia do autor em outro momento da festa.

Tambaú, como se viu na introdução, vem passando por várias mudanças, dentre elas: aumento populacional em contraposição à redução das comunidades de pescadores e criadores de gado, maior número de trabalhadores e transeuntes devido ao acréscimo de espaços de diversão e comércio, violência, aparecimento e expansão dos edifícios residenciais, facilidades em fazer compras, abundância em transportes urbanos, modificação na “paisagem sonora⁵¹”, entre outras. Transformações que vão afetando as relações dos antigos moradores, sobretudo, os pescadores, com o distanciamento espacial do trabalho, divertimento, descanso, que propiciavam vivenciarem, ao mesmo tempo, relações de solidariedade e reprodução de hierarquias.

⁵¹ A esse respeito ver R. Murray Schafer (2001).

Conhecer um pouco das experiências de vida dos organizadores da Festa de São Pedro, em relação ao percurso de trabalho e diversão, de trânsito entre lugares (terrestres e marítimos), e relações de parentesco, ajudará a compreender a própria dinâmica da festa.

Dessa forma, me preocupei em observar e acompanhar, de mais perto, a ação das pessoas em momentos diferentes da festa. Momentos que são considerados também importantes e vão aparecendo quando nos aproximamos dos “de dentro”, como: a distribuição das camisetas, a *carreata*, a organização do altar para o santo (o palanque), entre outros. Nesse processo de participação, aproximação e descoberta, ao passo que algumas inquietações eram respondidas, surgiam outras, ou cada vez mais as questões eram problematizadas.

Além de minha inserção na festa, a memória dos antigos moradores que ainda participam e de outros que por motivos diferenciados já não mais participam, foi crucial para compreender e expor o cenário, compor o objeto e solucionar as inquietações que aparecem nesse trabalho. Sendo assim, faz-se necessário nesse momento apresentar os colaboradores da pesquisa, os protagonistas da festa, de hoje e de ontem.

3.1 OS PROTAGONISTAS DA FESTA: LAÇOS DE RE-CONHECIMENTO



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 15 – A *caminhada* em frente à Vila dos Pescadores em Tambaú no ano de 2008



Crédito: Magno Job

Figura 16 – A *caminhada* seguindo para a Vila dos Pescadores na Penha em 2011

Ao procurar pela imagem, na véspera do dia em que se comemora a São Pedro (28 de junho), no ano de 2007, no período da tarde, acreditando que ela me levaria aos organizadores da festa, acabei conhecendo não só várias pessoas relacionadas à procissão, mas um pouco mais da própria organização. Nesse dia, fui primeiramente à Igreja de São Pedro Pescador, a rua estava interditada com um imenso pavilhão e havia algumas pessoas que ornamentavam o lugar. Quase todas as noites do período junino, entre véspera de São João e dia de São Pedro, estavam ocorrendo comemorações na igreja, com grupos de música, comidas típicas, bebidas, quadrilhas improvisadas, entre outras brincadeiras. Particularmente, nesse ano, a igreja tinha realizado uma programação para a Festa de São Pedro que abrangia os dias de 26 de junho a 01 de julho⁵². Entretanto, ao perguntar pela imagem de São Pedro a cinco pessoas que estavam no pavilhão, para minha surpresa, nenhuma das mulheres sabia onde ela poderia estar. Até que apareceu uma senhora, observando minha expressão de espanto, que me informou um dado novo sobre a festa: a imagem não pertencia àquela igreja, só chegava lá no dia de São Pedro. Saí de lá, parecendo entender um recado, a imagem era dos pescadores⁵³ e, mais que isso, parecia que os pescadores ocupavam a igreja somente no dia e momento da Procissão de São Pedro, por isso, o total desconhecimento sobre o lugar no qual se encontrava a imagem do santo.

Fui para a Vila dos Pescadores na esperança de encontrar o santo. A primeira pessoa que conheci, nessa nova busca, foi Raminho, um pequeno comerciante do lugar, que logo informou o paradeiro da imagem: está na casa de Dona Cila. Segundo ele, Dona Cila é uma pessoa de grande importância na realização da festa, mencionando que há muitos anos é ela quem enfeita o andor do santo. Assim fui tecendo minha nova rede de colaboradores e de

⁵² Ao observarem a programação, em anexo, notem que estava programado uma celebração, no dia 26 de junho, com saída da imagem da Vila dos Pescadores para a Igreja São Pedro Pescador.

⁵³ Durante a pesquisa foi confirmado que a imagem pertence aos pescadores, mas já fazia alguns anos que ela estava sendo guardada na Igreja de São Pedro Pescador. A imagem ficava exposta na entrada da igreja e que, recentemente (2008-2009), tinha sido substituída por outra escultura de São Pedro. Atualmente, a imagem de São Pedro e o andor, pertencentes aos pescadores, vêm sendo guardados em uma sala que serve como depósito na igreja.

amizade, mesmo que retornando em vários momentos a redes (de pessoas, conversas e textos) outrora compostas nas pesquisas que realizei nessa região.

Desse modo, pode-se afirmar que a Festa de São Pedro em foco é de iniciativa dos pescadores associados à Colônia Z-3, localizada no bairro de Manaíra, sendo a maior parte dos colaboradores dessa pesquisa antigos moradores da região de Tambaú. Aparecerão também, em menor número, colaboradores que moram na Penha, visto que parte desse festejo é realizada em conjunto com os pescadores desse bairro.

A minha inserção e as pesquisas realizadas anteriormente, tanto na época do mestrado como de graduação, ainda me proporcionaram a familiarização com os antigos lugares, ou melhor, as antigas divisões da região de Tambaú, como Enseada, Marinha Velha, Tebei, entre outras; como também possibilitaram conhecer algumas expressões, objetos, termos, que fazem parte do universo da pesca, facilitando o meu diálogo com os colaboradores.

Michel Pollak (1989, p.8) afirma que “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’. As fronteiras desses silêncios e ‘não-ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento”. Dessa forma, vale destacar também que há pontos de vista contidos nas narrativas que fazem parte de processos desencadeados ao longo dos anos ou até mesmo no instante do diálogo que foi travado entre o colaborador e o pesquisador; sendo assim, tais pontos de vista podem tomar diferentes posicionamentos.

Ao lidar com histórias de vida de pessoas que estão em constante processo de exclusão (os outsiders), no sentido de dificuldades ou problemas sociais que acarretam o isolamento e até a discriminação desse determinado grupo, a confiabilidade entre pesquisador e colaborador, entre os “de fora” e os “de dentro”, deve ser conquistada e preservada⁵⁴. Como afirma Ciacchi (1997), é a presença desse estranho que proporciona a formulação das histórias

⁵⁴ Ver sobre esse assunto: Bosi (2003); Thompson (1992); Pereira de Queiroz (1991).

de vida. Na pesquisa aqui desenvolvida, não somente as histórias de vida, mas todos os diferentes tipos de narrativas necessários para compor essa tese. Para esse autor, o pertencer a um dos subgrupos: “estranho cultural” ou “ausente geracional”, é mais um dos elementos que influencia na elaboração do relato do colaborador, possibilitando resultados diferenciados que advêm desses posicionamentos:

nesta perspectiva, com relação à história de vida, é necessário introduzir uma distinção entre dois subgrupos. Já foi dito que a condição para a formulação das histórias de vida é a presença de um estranho cultural; mas se deve acrescentar que as histórias de vida podem ser contadas também a pessoas ausentes aos acontecimentos, mas não necessariamente estranhas: é o caso dos relatos de guerra ou de fatos relativos a migrações, narrados para parentes ou amigos que não os presenciaram; em outras ocasiões, **as pessoas que não estavam presentes são os ausentes geracionais**, como os jovens, destinatários das histórias de família ou dos relatos sobre as condições de vida do passado. É diferente, entretanto, o caso dos relatos feitos para um interlocutor realmente externo à comunidade. (CIACCHI, 1997, p.227, grifo meu).

Nesse caso, ou melhor, em meu caso, há uma relação diferenciada. Nos primeiros contatos, sentia-me posicionada nesses dois subgrupos, tanto uma “estranha cultural”, mesmo não sendo, quanto uma “ausente geracional”. A estranheza cultural era proporcionada pelo fato de desconhecer a Festa de São Pedro, de nunca ter vivenciado a festa antes da pesquisa, como também, de outras manifestações populares relatadas pelos colaboradores, que hoje não existem enquanto prática cultural dos moradores dessa região, mas em suas memórias; o que faz enquadrar-me, mais precisamente, em uma “ausente geracional”. Houve a participação de parentes meus (pai, tio, avós) na festa de outrora, mas eu nunca tinha participado, até esse momento da pesquisa.

Laraia (1986, p.83-84) afirma que a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; "nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. [...] O importante, porém, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta do

conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais elementos da sociedade". Sendo assim, a categoria de "estranha cultural" não correspondia ao envolvimento existente, porque compartilho de vários signos e significados desse universo cultural. No entanto, cabia a relação de "ausente geracional", que ao mesmo tempo contribuiu no estranhamento necessário para a coleta e análise dos dados e, nomeadamente, permitiu narrativas de confiabilidade pelo re-conhecimento.

Essa relação ficou ainda mais nítida quando algumas portas só foram abertas rapidamente (com proximidade, confiança e alegria) por razão de alguns antigos moradores conhecerem meus pais, apesar de nunca terem me visto. Isso ocorreu em diferentes momentos, um dos mais significativos aconteceu quando eu fazia um levantamento de dados na Vila dos Pescadores, casa por casa, conforme relato abaixo:

Bati palmas em frente a um conjunto de pequenas casas que dividia o mesmo terreno, falei com algumas crianças que brincavam, perto do portão, na lateral dessa pequena vila na Vila dos Pescadores. Elas entraram correndo em casa para avisar sobre minha presença. Ouvi quando disseram: tem uma mulher no portão. Um adulto espreitou pela porta. Mesmo assim, esperei em pé, insistentemente, por mais uns longos sete minutos, alguém responder ao meu chamado de "bom de casa!"⁵⁵. Quando finalmente um homem grita da última casa: quem é? Eu respondo meu nome, como se me conhecessem, e por fim, o tão esperado: entre! Percorri a lateral que permitia a entrada para as quatro casas do terreno, até chegar em frente a um casal de idosos, que olhavam para mim com desconfiança. Iniciei minha fala explicando o objetivo da pesquisa e ressaltando o interesse na Festa de São Pedro. Foi quando escutei uma resposta curta e fria, que desfazia minha expectativa de uma prolongada conversa: somos evangélicos! Perguntei se poderiam responder um questionário para pesquisa. Concordaram e logo me mandaram entrar, sentar, enquanto o senhor trabalhava consertando a porta e a senhora estava

⁵⁵ Expressão popular utilizada por visitante para chamar e saudar as pessoas que residem numa casa.

sentada na sala. Foi quando olharam bem para mim e perguntaram: quem é você? Você é filha de quem mesmo (franzindo as sobrancelhas)?! Era como se encontrassem ou procurassem em mim uma semelhança, uma *familiaridade não pronunciada*. Resultado, eles conheciam meus pais. Depois disso, veio uma longa e alegre conversa, que durou todo o fim daquela tarde. É bem provável que não lembrem meu nome, porém, similar a uma pequena comunidade, conhecem a minha ascendência, que possibilitou uma aproximação de confiança para compartilhar de memórias e experiências de suas vidas naquele mesmo momento. Estava claro que seria mais difícil e demorado conquistar a confiança deles, para que abrissem suas portas e narrassem suas histórias de vida, se não houvesse um *re-conhecimento*.

Nem sempre foi compartilhado com os colaboradores o fato de meus pais possivelmente os conhecerem por serem antigos moradores dessa região. Essa *familiaridade não pronunciada* me custou, muitas vezes, uma confiança conquistada mais lentamente. Em algumas ocasiões ou para algumas pessoas, fui confundida, no primeiro instante, com uma profissional dos meios de comunicação⁵⁶, por geralmente aparecer repleta de aparelhos eletrônicos: gravador, câmera, máquina fotográfica, apesar de sempre explicar o motivo da pesquisa. Mesmo assim, fui colocada, por vezes, em um lugar confuso: “cadê aquela menina?” (era a menina do gravador, da câmera e cheia de perguntas), mas que aos poucos ia conquistando uma relação de proximidade.

Nesse caso, o *re-conhecimento* por parte de alguns colaboradores, ao descobrirem que conheciam meus pais, tornou mais fácil estabelecer uma relação de confiança. Por outro lado, esse fato tendia a direcionar as narrativas para episódios que tinham vivenciados juntos (narradores e meus familiares). Pareceu-me, ainda, que o fato de pertencer àquela comunidade, de conhecer e conversar com alguns outros antigos moradores serviam também como limitadores das formulações acerca de alguns acontecimentos, aspecto observado

⁵⁶ Vale destacar que presenciei a Festa de São Pedro recebendo cobertura expressiva e destaque nos principais jornais escritos e falados do Estado da Paraíba no ano de 2010.

também nas pesquisas anteriores realizadas nessa região, o que me levava novamente à *familiaridade não pronunciada*.

Cheguei a pensar que eles pudessem estar com certo receio de seu depoimento de alguma forma ser contestado por outrem (quando havia a preocupação, nas primeiras conversas, em saber quem ouviria aquelas histórias); ou quem sabe, seriam pontos ou espaços onde as decisões e memória entrariam em disputa, gerando um conflito entre as lideranças, entre mestres e demais pescadores, padre e fiéis, a memória coletiva e a individual, entre a “oficial” e a “subterrânea”. Essa questão se tornava ainda mais tensa, quando achavam que a minha presença estava vinculada aos meios de comunicação, contudo, alguns depoimentos (de desabafo e descontentamento) vieram à tona por essa associação. Além disso, somente agora, foi possível tecer uma ampla teia familiar com os resultados obtidos nessa pesquisa.

Diferentemente da pesquisa anterior que realizei nessa região, não era só o fato de achar estranho que alguém jovem, estudante, quisesse escutar e gravar as histórias de vida, depoimentos, visões de mundo de pessoas, em sua maioria, negras, pobres, iletradas, mas era, sobretudo, falar sobre uma festa devocional permeada de conflitos e ameaças de não mais ser realizada. Idéia que também aparece em conflito constantemente nos relatos, marcando a permanência e persistência versus a desistência e frustrações sobre a festa por parte de seus realizadores.

Dessa forma, é preciso que o pesquisador construa com o colaborador ou colaboradores *laços de re-conhecimento*. Re-conhecimentos que geralmente não se dão pela familiaridade (consangüínea, parental ou de vizinhança), nem de pertença ao grupo (nas relações culturais e de trabalho), mas, sobretudo, de *confiança* e confidências conquistadas e preservadas.

Embora Cardoso (2004, p.95) estivesse preocupada com os compromissos teóricos que cada método supõe e em problematizar a “observação participante” e “participação

observante”, ela destaca também a importância do processo de interação entre pesquisador e as minorias ou grupos populares, vejamos:

um pesquisador capaz de uma ‘boa’ interação com as minorias ou grupos populares será sempre um porta voz de seus anseios e carências, logo da sua ‘verdade’. [...] Sua função é tornar visível aquelas situações de vida que estão escondidas e que, só por virem à luz, são elementos de denúncia do *statu quo*.

Esse *re-conhecimento de confiança* marcou uma trajetória e alguns resultados diferenciados em relação ao que descreve Maldonado (1994) em sua pesquisa. Aos poucos foram aparecendo mulheres que dividiam o trabalho no barco com os homens. Sim, um número pequeno, quase nunca pronunciado, mas presente na história da pesca em Tambaú. Essa me parece, não indiferente ao método escolhido, uma situação de vida que só aparece dependendo da forma que a relação é estabelecida entre pesquisador e o grupo estudado.

Outra variante possível, não antagônica ao método e relacionamento estabelecido, para o surgimento das mulheres que pescavam em Tambaú, é o momento histórico marcado pela multiplicação das reivindicações por áreas de trabalho ou reconhecimento da laboração de mulheres em espaços ou tarefas antes vistas ou desempenhadas unicamente por homens.

Na área da pesca não é diferente, atualmente há movimentos de pescadoras, por exemplo, a Articulação Nacional de Pescadoras no Brasil (ANP) ou associações de mulheres de pescadores, solicitando seus direitos e reconhecimento de trabalhadoras da pesca junto às colônias, sindicatos ou federações de pescadores (MANESCHY; ÁLVARES, 2010). No entanto, ainda distante dessa realidade, em Tambaú, a pesca é predominantemente desempenhada por homens e um espaço de trabalho machista, no qual as tarefas realizadas por mulheres na pesca pouco são observáveis e observadas, assumidas ou relatadas.

Outro fato que se repetiu nessa pesquisa foi quando alguns colaboradores, ao narrar suas histórias de vida ou a Festa de São Pedro começaram a falar bem baixinho, quase

inaudível. Pela experiência nessa região, sabia que, a maioria dos casos, não era timidez, pela presença do gravador. A timidez era expressa geralmente pela rapidez e euforia da narração nos primeiros minutos. Em alguns casos, falar baixinho ou rápido fazia parte do modo de articular das pessoas. No entanto, em outros casos, percebi que as histórias foram narradas com a voz baixinha, não somente porque eram histórias que narravam sofrimento; ou porque algumas histórias não deveriam ser mais lembradas, nesse caso, eu não deveria ouvi-las, nem tampouco outras pessoas, eram também as disputas, incoerências, mudanças, enganos presentes na história da comunidade de pescadores e na comunidade religiosa, expressas também na festa. Estavam envolvidas assim pressões e barreiras que levavam ao silenciamento ou quase indizível, mas presente nos acontecimentos e memórias.

Mais uma vez, acabei deixando as narrativas, que apontavam para não serem divulgadas, na confiança, ou seja, não aparecem transcritas nesse trabalho, nem seu conteúdo foi divulgado. Houve outras ocasiões em que pediram explicitamente para que alguns trechos da conversa não fossem revelados ou utilizados e assim foi feito. Já nos casos em que essa voz baixa era uma marca da maneira de falar, eu sinalizei escrevendo com letras de tamanho 8.

Também afirma Cabral (2005, p.151), que: “abrir algumas janelas da memória não é somente lembrar coisas boas e bonitas, é também rememorar e recriar um passado por vezes sofrido, ao mesmo tempo, refletir sobre elementos do presente, e nesse entrelace, (re)construir a história de vida”. Esse fato re-apareceu mais nitidamente ao reencontrar Seu Aluizio, que perdeu a visão aos quarenta anos e, hoje, se encontra com a saúde mais debilitada, conforme aparecerá no capítulo sobre a memória da festa.

Foi possível notar também, se levarmos em consideração suas condições objetivas e relações simbólicas, esses colaboradores podem ser divididos em dois grupos: os que residem ou residiram em Tambaú e na Penha, pertencentes à família de pescadores e, em menor

número, os que residem também em Tambaú, mas desenvolvem outras atividades, geralmente classificados ou identificados como pertencentes à classe média. (SCOCUGLIA, 2000).

Um fator objetivo de distinção e de identificação desses antigos moradores pertencentes ou relacionados ao universo da pesca é a residência. Ela serve como um fator de distinção entre antigos e novos moradores, entre famílias de pescadores e classe média, mesmo que invisibilizados, quando se pensa na região de Tambaú.

Como essa pesquisa privilegia a voz dos participantes e ex-participantes da Festa de São Pedro em Tambaú, vejamos uma breve descrição das pessoas entrevistadas; enfocando em particular a atividade econômica, grau de escolaridade, estado civil, número de filhos, e a atuação em manifestações de cultura popular hoje e no passado, no bairro e fora dele, podendo assim construir e conhecer um pouco do perfil dos colaboradores.

A apresentação das pessoas poderia ter sido realizada por ordem de entrevista, porque proporcionaria a visualização de como essa rede de colaboradores vem sendo tecida ao longo de minha inserção como pesquisadora nessa região; porém recorri ao modelo que venho utilizando nas pesquisas anteriores, fazê-la por ordem alfabética para facilitar a localização das pessoas, caso seja necessário voltar a esse capítulo, e em particular a esse ponto, e conferir alguma informação.

A ordem das entrevistas, ou melhor, a ordem na qual fui conhecendo as pessoas, pode ser encontrada em uma listagem (em anexo), que indicará também como foi sendo formada essa rede; na verdade, uma grande rede de parentesco, quando nos referimos aos pescadores, que só agora, nesse trabalho, torna-se possível apresentá-la, sobretudo, para compreender as relações de trabalho e diversão. Então, vejamos um pouco dos colaboradores:

- *Adiel Pereira dos Santos - conhecido por João Galinha ou Trança Loira*

Nasceu no ano de 1941, no bairro de Cabo Branco (antiga Enseada), foi “morador das terras de George Cunha”. Seus pais eram “praieiros antigos”. João Mario das Neves, seu pai, pescador, desenvolvia seu trabalho em barco de madeira, em jangada, era membro da Igreja Batista. Seu Adiel desenvolveu várias atividades, pescador, vendedor e se aposentou como pintor. Kursou o ensino fundamental incompleto. Morou na Penha, Tambaú (na Marinha Velha), Cabedelo, atualmente mora no bairro de Manaíra. Casado há 52 anos com Maria Valdete da Silva das Neves, nascida em 1946, com quem teve dez filhos, vinte netos e quatro bisnetos. Destacou as dificuldades na infância e as brincadeiras em Tambaú. Brincou de Boi de Reis (de João Pena, pescador) e gostava dos parques, coco de roda (brincadeira dos pais), lapinha.

- *Aluizio Vicente dos Santos - conhecido também por Lula ou Cação*

Nasceu em 1939, irmão de Dona Argentina, concluiu o ensino fundamental. Teve oito irmãos. Seu Aluizio desde criança reside em Tambaú. Filho de Manoel dos Santos, conhecido por Mané Vicente, que era um famoso tocador de zabumba da região e Antônia Dias dos Santos, sua mãe, que conseguia dançar o coco equilibrando uma garrafa na cabeça. Há registros dos dois (Mané Vicente e Antônia Dias) brincando o coco, realizados pela Missão de Pesquisas Folclóricas, enviada por Mario de Andrade, no ano de 1938⁵⁷. Trabalhou como pescador, aprendendo a arte com seu pai desde criança. Na adolescência e juventude, chegou a desenvolver outras atividades, como a de ensacador de cimento, na CIMEPAR. Após alguns anos, voltou a pescar. Pescou em jangada de pau e em barco de madeira. Foi “capataz da

⁵⁷ Ver também: ANDRADE (2006), **Missão de Pesquisas Folclóricas**: música tradicional do norte e nordeste, 1938. (Caixa com 6 CDs e 4 livretos com ilustrações e fotografias. Curadoria de Marcos Branda Lacerda. Seleção musical de Marcos Branda Lacerda e Rosa Maria Zamith. Textos de Marcos Branda Lacerda, Flávia Camargo Toni, Jorge Coli, Carlos Augusto Calil e Danilo Santos de Miranda. São Paulo: SESC São Paulo e Prefeitura da Cidade de São Paulo (Secretaria Municipal de Cultura e Centro Cultural São Paulo); ou informações na versão *online* da Missão de Pesquisas Folclóricas, disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/missao/cd02_frameset.html>.

pesca” e passou dez anos, no período de 1972 a 1982, como presidente da Colônia dos Pescadores Z-3. Foi um dos primeiros pescadores dessa região a fazer o curso de Patrão de Pesca Regional na Escola Tamandaré em Recife. Perdeu a visão aos quarenta anos, em 1980, mesmo assim, continuou como presidente da Colônia por mais dois anos. Hoje é aposentado. Casou com Antônio da Silva Santos na Igreja Santa Júlia, localizada no bairro da Torre, em 1958. Dona Antônio, nascida em 1942, já trabalhou no Hotel Tambaú, Hotel Manaíra, Hotel Navegantes, atualmente é aposentada, mas ainda trabalha como costureira. Tiveram sete filhos: Maria Elizabete, Aluizio Filho, Erivan, Vanderlúcia, Ronaldo, Erivaldo, Gleides Cristina. Têm quinze netos e três bisnetos. Atualmente tem nove pessoas morando com eles. Na mocidade, seu Aluizio gostava de jogar pelada, tocar zabumba na brincadeira do coco e chegou a ser mestre de uma barca em Tambaú. Atualmente é evangélico, membro da Igreja Assembléia de Deus de Tambaú e constrói barcos em miniatura e instrumentos musicais artesanais.

- *Ana Maria Nascimento da Silva*

Nasceu em 1954, filha de Dona Lia e neta de Dona Apolônia, todas ex-dançadoras do coco em Tambaú, vem de uma família extensa, com oito irmãos, um deles é Seu Luca. Seu pai é Paulo Alegria, Paulo Soares de Nascimento, pescador. Mãe de cinco filhos. Atualmente reside no bairro do Castelo Branco e exerce funções administrativas na PRPG - Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - da Universidade Federal da Paraíba e como professora do Estado. Foi casada com Gilvando Gomes da Silva, conhecido por Nêgo, irmão de Seu Deca e Dona Gelúcia. Durante os depoimentos falou principalmente das festas populares que aconteciam em Tambaú, destacando as brincadeiras de seu tempo: baile, assustado, coco, serra-velho, barca, Festa de São Pedro.

- *Antônio Paulino da Silva - conhecido por João Sapo*

Meu avô materno, irmão de Zé Briba, nasceu em 1926, já morou em vários lugares, entre eles, Tambaú, Guruji, Mangabeira, residindo atualmente no Guruji. Filho de Lídia Maria da Conceição da Silva. Teve três irmãos, cursou o ensino fundamental incompleto. Casou três vezes, sua primeira esposa era Antônio, que faleceu muito cedo, prima de Doralice Maria dos Santos; depois casou com Júlia, e atualmente é casado com Bebeu, irmã de Bitonho. Tanto Doralice quanto Bitonho participam intensamente do grupo Coco de Roda Novo Quilombo, de Guruji. Seu Antônio teve sete filhos: Nilson, Josefa, Romildo, Renato, Severina (minha mãe), Laurenita e José (já falecido). Exerceu vários trabalhos, entre os quais pescador, vigilante, comerciante, agricultor, pedreiro, atualmente é aposentado. Disse ter participado de muitos cocos e cirandas. Ele e Zé Briba eram considerados ótimos tiradores (ou atiradores) de coco. Depois de demonstrar meu interesse pela brincadeira dos cocos, é comum ao visitá-lo, surgirem na conversa referências aos cocos, tanto à dança quanto ao canto.

- *Argentina Vicente dos Santos*

Nascida em 1930, irmã de Seu Aluízio. Concluiu o ensino fundamental. Esposa de Severino Ramos de Carvalho, conhecido por Piolho, nascido em 1929, já falecido, irmão de Dona Lia. Ela sempre foi dona de casa, hoje aposentada, e ele desenvolveu a atividade de pescador, conforme Dona Argentina, seu esposo, “era um bom mestre, sabia jangar bem a jangada, pegava muito peixe”. Tiveram 13 filhos: Maria da Penha, Maria das Mercês, Antônio, Jenival, Nerci, Nely, Maria das Graças, Jenilson, Joana, Janete, Janiere, Neuza e um filho que já faleceu. Têm trinta netos e dezesseis bisnetos. Ela mora na Vila dos Pescadores com mais seis pessoas. Já chegou a morar em Pitimbu-PB, no início do casamento. Atualmente, em sua casa funciona uma lavanderia, administrada por uma neta. Dona

Argentina participou como cigana da lapinha de Dona Francisca e Clotilde, que ficava na Franca Filho e do Bloco das ciganas no carnaval. Ultimamente participa de um grupo de terceira idade e gosta de ir à Igreja Católica de São Pedro, todas as quartas-feiras e participa também da Festa de São Pedro. Dona Argentina fez questão que eu escrevesse afirmando que “ela ainda possui muita saúde”. Nos três últimos anos de pesquisa, ela já não acompanhava mais a procissão.

- *Arlindo Coriolano da Silva* - conhecido por *Jacó*.

Nasceu no ano de 1933, em Tambaú. Seus pais são João Coriolano da Silva, conhecido por João Ribeiro e Maria Augusta da Silva, conhecida por Maria Júlia. Seus avós paternos sempre moraram em Tambaú e seus avós maternos moravam na Torre. Teve dois irmãos. Seu Arlindo não estudou. Trabalhou como pescador, desde muito jovem, influenciado por seu pai nas jangadas de pano. Sempre foi pescador, viajando algumas vezes para pescar em Pernambuco, Maceió, Rio Grande do Norte. Hoje é aposentado. Casou com Severina Antero da Silva, Dona Severina, nascida em 1932, na cidade de Borborema – PB. Eles tiveram sete filhos: Ivanildo (Nino), que desenvolve a atividade de pescador, Arlindo Filho, Lucena, Ivanilda, Joana D’arc, Maria Augusta, Vera Lúcia. Seu Arlindo sempre morou em Tambaú, faz sessenta e dois anos que mora na Vila dos Pescadores. Antes morava por trás do Mercado de Artesanato, mas também morou na “Marinha Velha” e nas avenidas Nego e Olinda. Gostava de um “forrozinho”, da brincadeira da barca, chegou a ser gajeiro, participava do coco, da ciranda, do serra-velho, da malhação de Judas, do carnaval e da Festa de São Pedro. Hoje Seu Arlindo é cadeirante, teve as pernas fragilizadas pelos longos anos de trabalho no mar. Há registros de Ludgero Coriolano da Silva, brincando coco em Tambaú, realizados pela Missão de Pesquisas Folclóricas, que acredito ser família de seu Arlindo, mas não foi possível confirmar.

- *Apolônia Ferreira da Silva*

Nasceu em 1911, mãe de Dona Lia, avó de Ana Maria e de Seu Luca, faleceu aos 92 anos de idade, em 2001. Morava com sua neta Ana Maria. A conversa girou em torno das brincadeiras, principalmente o coco, dançado em vários lugares. Lembrou com alegria de algumas músicas do coco, de alguns bumbos famosos e ressaltou em alguns momentos o trabalho.

- *Ceiça - Maria da Conceição Gomes da Silva*

Nasceu em 1957. Filha de João do Fogo, pescador e líder comunitário, geralmente citado como o responsável em indicar a casa que receberá a imagem do santo na Penha e em auxiliar as famílias com os preparativos da festa. Ela nasceu em Pitimbu e faz vinte e três anos que mora na Penha. É comerciante. Concluiu o ensino médio. Casou com José Antônio de Melo, conhecido por Madruga ou Zé do Carrinho, que desenvolve a atividade da pesca, com quem teve uma filha. Destacou que a vida do pescador melhorou. No ano de 2009, a sua residência foi “sorteada” para abrigar o santo na Penha.

- *Cila - Otacília Eduardo de Araújo*

Nasceu no ano de 1945, filha de Patrício Carlos de Araújo e Maria Eduardo de Araújo. Seus pais saíram de Caíçara (PB) para morar no Conjunto dos Expedicionários, depois na Torre (em João Pessoa). Ela teve cinco irmãos, dentre eles: Maria do Livramento, Luzia Eduardo de Araújo, José Eduardo de Araújo. Dona Cila foi casada com Paulo Soares do Nascimento (Paulo Alegria), pescador aposentado, com quem teve um casal de filhos: Fernando, que também desenvolve a atividade da pesca, e Fernanda, reside atualmente no Bairro das Indústrias, além de netos e três bisnetos. Após se casar, Dona Cila morou 55 anos

em Tambaú, atualmente reside no bairro Treze de Maio. Coursou o ensino fundamental incompleto. Trabalha como dona de casa, mas na mocidade, também pescava com o seu esposo. Dança lapinha e quadrilha em um Grupo de Terceira Idade em Mandacaru.

- *Diva Calixto Nazareno*

Minha avó paterna é natural de Paratibinho (João Pessoa-PB), nasceu em 1926, faleceu em 2008, não estudou. Morou a partir dos dez anos de idade na Penha, casou com Otávio Felipe Cabral (avô que não conheci, natural de Mulungu-PB), indo morar em Pernambuco. Após alguns anos, seu esposo foi trabalhar no Rio de Janeiro e Diva retornou à Penha. A partir de 1966, foi residir em Tambaú, na Vila dos Pescadores, onde morava seu irmão Waldemar (pescador). Depois moraram em diferentes casas dessa região. Ela teve cinco filhos: Paulo (meu pai), Severino, Manoel, Maria da Penha e Antônio (já falecido). Em vida, fez breves comentários sobre as brincadeiras que existiam em Tambaú e na Penha.

- *Deca - José Gomes da Silva*

Nasceu em 1949, filho de Lupécio Gomes da Silva e Francisca Pereira Gomes da Silva. Vieram da Bahia para Tambaú. Seu pai era pescador, sua mãe dona de casa. Seu Deca teve sete irmãos, dentre eles, Dona Gelúcia, Geralda (mãe de Ilton), Gilvandra e Seu Nêgo (Gilvando), que foi esposo de Ana Maria. Coursou o ensino fundamental incompleto. Trabalhou como pescador, hoje trabalha como laminador de fibra de vidro. Casou com Vera Lúcia Marques da Silva. Tiveram cinco filhos: Valério, Luana, Valéria, Lupécio, Karina. Gostava de olhar algumas brincadeiras populares. Sua irmã Gilvandra, que já faleceu, foi Saloia da barca de seu Aluízio.

- *Fumacinha – Jonh Early*

Nasceu no ano de 1961, em Campina Grande. Filho de Jackson de Alcântara e Maria José de Sousa Alcântara. Seu pai nasceu em São José de Piranhas (PB) e desenvolveu a atividade de agricultor, depois foi bancário. Sua mãe nasceu em Teixeira (PB), ela era dona de casa. Teve três irmãos. Entre 1963 e 1964, foi morar com sua avó, Francisca Pinheiro de Alcântara, funcionária dos Correios, em Jaguaribe (João Pessoa). Seus pais permaneceram em Campina Grande. Estudou em escolas privadas da capital, cursou Técnico Agrícola, concluindo o ensino médio. Casou com Maria José Belizardo da Silva, nascida no ano de 1960. Tem dois filhos. Reside no bairro de Manaíra. Em 1988, entra na pesca, depois foi patrono de pesca, passando a representar os pescadores da Colônia Z-3 (denominada André Vidal de Negreiros) desde 1996. Hoje exerce seu quarto mandato, é presidente da Federação dos Pescadores e Aquicultores do Estado da Paraíba – FEPESCA/PB, como também faz parte da Confederação Nacional dos Pescadores e Aquicultores - CNPA e é membro do Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca - CONAPE. Em seu relato aparecem as mudanças dos meios de trabalho na pesca, por exemplo, de barcos à vela a barcos motorizados, e a inserção de tecnologias, como o GPS (Sistema de Posicionamento Global), utilizado por vários pescadores.

- *Galiléia – Davi Tibério de Oliveira*

Nasceu em 1966. Filho de Faustina Tibério de Sousa e João Oliveira dos Santos, pescador. Teve duas irmãs. Seu avô, João Baixinho, era barbeiro e pescava em barco a vela, sua avó trabalhava lavando roupas. Foi com seu avô que Galiléia aprendeu a profissão de pescador e, atualmente, ele desempenha também a função de vice-presidente da Colônia de Pescadores. Faz oito anos que divide o barco com Fernando, filho de Dona Cila. Cursou o ensino fundamental incompleto. Casou três vezes. Pai de oito filhos. Morou desde a infância

em Tambaú e hoje reside em Miramar. Desde os cinco anos de idade participa da Festa de São Pedro.

- *Gelúcia Gomes da Silva*

Nasceu em 1946, em Tambaú, Filha de Lupécio Gomes da Silva e Francisca Pereira da Silva. Teve sete irmãos, dentre eles: José Gomes (Deca), Genésia, Geralda, Gilvando (Nêgo), Gilvanda (a Saloia), Genésio (os quatro últimos já falecidos). Tia de Ilton, com quem divide a residência e sua irmã Genésia. Já morou em Manaíra e faz 55 anos que mora na Vila dos Pescadores em Tambaú. Quando chegou para morar na Vila, só havia quatorze casas. Seu pai era pescador, sua mãe dona de casa. Dona Gelúcia lavava roupa, mas agora tem problema nas pernas proveniente da diabetes e colesterol, o que a impede de exercer seu trabalho. Coursou o ensino fundamental incompleto. Participa desde criança da Festa de São Pedro.

- *Geraldo Magela Christovam*

Nasceu em 1958, em Minas Gerais. Filho de Francisco, atualmente aposentado do comércio, e Maria de Lourdes, que era dona de casa. Teve dez irmãos: cinco homens e cinco mulheres. Coursou Teologia. Está servindo à Arquidiocese da Paraíba há vinte e cinco anos. É padre cônego desde 1988. Participa de vários conselhos da arquidiocese paraibana. Trabalhou em várias paróquias da Paraíba, em Gurinhém, Areia, como também em João Pessoa, nos bairros de Mangabeira, Bessa, Treze de Maio, entre outras e está desde 2009, em Manaíra, na Igreja de São Pedro Pescador. Disse que não teve pretensão de criar nada novo na história da festa, pelo pouco tempo que está na paróquia de São Pedro Pescador.

- *Ilton - Joseilton Gomes da Silva*

Nasceu no ano de 1973. Filho de José Nilton Alves dos Santos, pescador e Geralda

Gomes da Silva, dona de casa. Seu avô paterno, João Alves dos Santos, também era pescador em Jacumã, teve cinco filhos: José Nilton, Eliete, Geraldina, Batista, Zé Cutia. Ilton nasceu em Tambaú. Tem sete irmãos: Giselma, Gisélia, Giselda, Josélia, Jerailton, Joelma, Fagner. Aos 14 anos, sua mãe faleceu. Terminou o segundo grau. Trabalha em corretora. Participava na adolescência de um grupo, chamado Afro-axé, mais seus irmãos e alguns vizinhos, organizado por sua mãe. Destacou a orquestra na Festa de São Pedro e Dona Luzia, mãe de Luciano, que cantava muito bem o Hino de São Pedro. Ele sempre organiza festas em sua casa.

- *José Sérgio Nascimento de Lima*

Nascido em 1984, em Tambaú. Filho de Maria de Fátima Nascimento de Lima e José Sérgio de Lima. Tem dois irmãos. Casado com Maria Aparecida Soares da Silva, com que tem uma filha. Reside atualmente no Altiplano Cabo Branco. Concluiu o ensino médio. Desenvolve a atividade de agente de saúde. José Sérgio falou bastante emocionado que, todos os anos vem ajudando Dona Cila a enfeitar o santo e a manter a tradição iniciada por sua avó da Procissão de São Pedro passar na residência de seus pais. Toda sua família participa da festa.

- *José Paulino da Silva - Zé Briba*

Meu tio-avô materno nasceu em 1923, faleceu em 2005. Irmão de Antônio (João Sapo). Morou alguns anos no Guruji, depois foi morar em Tambaú, a seguir em Pernambuco, Bayeux, Funcionários, Bairro São José. Kursou o ensino fundamental incompleto, deixou os estudos para trabalhar. Era aposentado, desenvolveu, entre outras, a atividade de pescador na praia de Tambaú. Casou com Joana. Depois de algumas inferências minhas ao perguntar sobre as brincadeiras existentes no tempo em que ele morava em Tambaú, relatou com muito

entusiasmo a dança do coco. Segundo Zé Briba, essa era uma das brincadeiras de que ele mais gostava e não só contou como era a brincadeira, como também cantou alguns cocos que ele *tirava* ou *atirava* naquela época em que a brincadeira existia em Tambaú. Após essas conversas, ele compôs três cocos.

- *João Preto – João Antônio Ribeiro*

Nasceu no ano de 1936, filho de Odilo Antonio Ribeiro e Francisca Antônia Nascimento. Seu pai, natural de Tambaú, desenvolvia a atividade de pescador e sua mãe, nascida no interior da Paraíba, depois foi morar na Penha, trabalhava com “roupa de ganho⁵⁸”. Seu pai também foi registrado pela Missão de Pesquisas Folclóricas. Seu João Preto teve dois irmãos, que já faleceram. Começou a trabalhar desde tenra infância, vendendo água e caju, cortando lenha, fazendo lenha, limpando curral, entre outras atividades, só depois, aos 10 anos, se iniciou na pesca. Coursou o ensino fundamental incompleto. Morou em Cabo Branco e há muitos anos é morador da Penha. Foi casado com Maria e Isabel. Teve quatorze filhos, dentre eles: Josildo, conhecido por Zildo, que também desenvolve a atividade de pescador. Durante os depoimentos falou principalmente do universo da pesca: as marcações, as formas de pesca. Destacou que quando os pescadores estão no mar, eles pedem proteção a São Pedro. Seu João Preto brincou coco e atualmente participa de um grupo musical.

- *Lena - Arlenia da Cruz Pequeno*

Nasceu no ano de 1949, em Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte. Filha de Erivaldo Cavalcante da Cruz e Lindalva Saldanha da Cruz. Teve quatro irmãos. Os “pais se conheceram muito novos”, ele tinha dezessete anos e ela tinha dezenove anos, todos os dois eram estudantes, casaram e foram morar no Rio Grande do Norte. Lena participou da Mocidade Idealista Cristã – MIC, em Campina Grande (PB), onde conheceu seu esposo. Concluiu o ensino superior em Ciências Sociais. Casou com Baltazar Pequeno, nascido em

⁵⁸ Recebia dinheiro com o trabalho de lavar roupas.

1947, que na infância foi coroinha na catedral de Campina Grande. Formado em Direito, Baltazar atualmente é funcionário público. Com ele teve dois filhos: Ubaldo e Baltazar. Reside no bairro de Manaíra (João Pessoa) desde 1984. Desempenha a função de secretária e faz parte da tesouraria na Igreja de São Pedro Pescador. Integra os eventos promovidos pela igreja desde os projetos de sua construção. Participaram também da conversa: Cecília, Valdenira Siqueira Moura Costa e Jaci Maria de Franceschi Neto.

- *Lia - Maria José da Silva Nascimento*

Nasceu em Cruz das Armas, no ano de 1935, reside em Tambaú desde 1942. Filha de Dona Apolônia. Foi proprietária de vacaria, atualmente possui um mercadinho na praia de Tambaú. Foi casada com Paulo Alegria, Paulo Soares de Nascimento, pescador. Tiveram oito filhos: Ana Maria, Paulo (Luca), Ângela, Carlos (Gata Maga), José Cláudio, Ana Clécia, Antônio Alves, Amélia e Valéria. Coursou o ensino fundamental completo. Dançou coco em vários lugares além de Tambaú, como na Penha; brincou também lapinha, quadrilha, entre outras manifestações populares.

- *Luca - Paulo Antônio Nascimento*

Nasceu no ano de 1956, em Tambaú, filho de Lia e de Paulo Alegria, neto de Dona Apolônia, irmão de Ana Maria. Concluiu o ensino médio. Casou com Maria Auxiliadora Santos, conhecida por Dôra, comerciante. Tem oito filhos. Já foi comerciante, mas há alguns anos desenvolve a atividade de pescador. Possui barco próprio. Reside em Tambaú, no mesmo terreno da casa de Dona Lia. Gostava de olhar a barca, era pequeno demais para dançar o coco, participa ainda hoje da festa de São Pedro.

- *Maria de Fátima Nascimento de Lima*

Nasceu em 1961, filha de João Alves do Nascimento, que desenvolvia atividade da pesca, e Elza Francisca da Silva. Foi criada pela segunda esposa de seu pai, Joana Maria Morais do Nascimento, que mantinha a “tradição da Festa de São Pedro” em sua residência, na Enseada. Maria de Fátima teve oito irmãos, dentre eles: Passada, Morais, Vínio, todos eles são pescadores. Casada com José Sérgio de Lima, nascido em 1961, funcionário público e pescador, com quem teve três filhos, além de quatro netos. Um de seus filhos é José Sérgio Nascimento de Lima, que ajuda Dona Cila a enfeitar o santo. Ela é natural de Tambaú, morou na Enseada (Cabo Branco) e atualmente reside no Altiplano Cabo Branco. Coursou o ensino fundamental incompleto. A sua residência faz parte do percurso realizado pela carreata, ali se comemora todos os anos a Festa de São Pedro, levantando um mastro, soltando fogos de artifícios e oferecendo comida e bebida para os fiéis. Waldeci do Nascimento, antigo pescador, também foi citado como participante da festa.

- *Maria Valdete da Silva das Neves*

Nasceu em 1946. Filha de Augustinho, que foi presidente da Colônia de Pescadores em Tambaú, e Maria da Penha, que lavava roupa. Maria Valdete desenvolveu atividade de costureira, atualmente é aposentada. Coursou o ensino fundamental incompleto. Sempre morou em Tambaú. Casou com Adiel Pereira dos Santos, com quem teve dez filhos: Raquel, Rejane, Eliane, Midian, Euda, Suely, Mizael, Aziel, Salatiel, Jairo, além de vinte netos e quatro bisnetos. José Dantas Bezerra, conhecido por Socó, seu genro, esposo de Eliane, também é pescador. Seu cunhado, Paulo Rolinha, também foi presidente da Colônia. Gostava de dançar baile na casa de Dona Lia, brincar na lapinha (de Dandoca e de Dona Viscência), coco de roda, tomar banho no rio. Destacou a diferença na quadrilha de ontem e hoje.

- *Paulo Felipe Cabral – meu pai*

Filho de Diva Calixto Nazareno e Otávio Felipe Cabral, nasceu em 1948, é natural de Casa Amarela (Recife-PE), morou vários anos na Penha (João Pessoa), local em que viveu sua infância e onde conheceu a pesca e a brincadeira do coco. Aos dezessete anos foi morar em Tambaú, atualmente Manaíra. Teve quatro irmãos, dentre eles: Felipe, Manoel, Maria da Penha e Antônio. O pai nasceu em Mulungu-PB, a mãe é natural da Penha. Casou com Severina da Silva Cabral, tiveram três filhas: Clécia, Cristiane e Cleomar. Concluiu o ensino médio. É reformado pela Polícia Militar. Presenciou a brincadeira da barca, lapinha, coco, quadrilha, a Festa de São Pedro. Atualmente é membro da Igreja Batista de Manaíra - IBM.

- *Raminho – Severino Ramos dos Santos.*

Nasceu em 1962. Filho de Roberto, conhecido por Buia, e Severina. Seu pai era pescador e sua mãe era dona de casa. Seus avôs paternos, José e Rita, também eram pescadores. Teve muitos irmãos, dentre eles: Isabete, Antônio e Carlinhos (já falecido). Raminho sempre morou em Tambaú. Foi criado para ser pescador, utilizou rede de arrasto, mangote, mas “pescou pouco”, ou seja, considera que passou pouco tempo na atividade de pescador. Parou de pescar quando seu irmão morreu. Atualmente tem um pequeno comércio. Kursou o ensino fundamental incompleto. Juntamente com Dona Eliete Leandro dos Santos, sua esposa, teve 5 filhos: Nicácio, Leandro, Márcio, Ricardo, Marcelo. Não foi à procissão no ano de 2010, nem o ano anterior. Falou sobre a Festa de São Pedro, a parte sagrada do pescador, e o segredo da sopa de cabeça de peixe. Sua esposa tem uma barraquinha de comida na festa de São Pedro promovida pela igreja. Destacou também que a alimentação cotidiana dos pescadores mudou. Ele faz parte de uma das bandas da Igreja de São Pedro e organiza a Capela de Santo André, localizada na Vila dos Pescadores. Posteriormente, enquanto esperava Galiléia na caiçara, conversei com um jovem pescador, Erick Santos Pereira, sobrinho de seu

Raminho.

- *Roberval Ferreira Borba*

Nasceu em 1973. Filho de Nilza Ferreira Borba, professora e Paulo Araújo Borba, policial militar, comissário da Penha. Tem quinze irmãos, dentre eles: Robério Ferreira Borba (conhecido por Bebero), que desenvolve atividade de pescador. Roberval é ministro da eucaristia da Igreja de Nossa Senhora da Penha. Trabalhou de comerciário e hoje desenvolve atividade de atendimento ao cliente. Kursou Teologia básica. Casado com Helaine Cristini da Silva Borba, nascida em 1980, secretária executiva, que cursa música na Universidade Federal da Paraíba, com quem tem uma filha. Ele morou no Rio de Janeiro e hoje mora na Penha. Coordena um grupo de jovens no Santuário da Penha, a liturgia da Festa da Penha e celebra a palavra na Festa de São Pedro.

- *Severina da Silva Cabral – minha mãe*

Minha mãe, Severina da Silva Cabral, filha de Antônio Paulino da Silva e Antônio da Cruz do Nascimento. Nasceu em 1957, é natural do Gurui, morou alguns anos em Pernambuco e aos nove anos de idade foi morar em Tambaú, atualmente Manaíra. Kursou o ensino fundamental incompleto. Conheceu seu esposo, Paulo Felipe Cabral, em Tambaú, casaram em 1974. É dona de casa. Vem de uma família grande, de seis irmãos, Josefa, Laurenita, Romildo, Renato, Nilson, José, mas lembra com tristeza da infância por ter perdido aos quatro anos de idade a sua mãe. Conheceu a lapinha, a quadrilha, o serra velho, a barca, entre outras brincadeiras. Atualmente é membro da IBM. Meu pai e minha mãe são dois colaboradores constantes em meu trabalho.

- *Silvia - Severina da Luz de Figueiredo*

Nasceu em 1928, no município de Sapé (PB). Filha de Sebastião Alexandre e Francisca Barbosa Maciel. Ela teve mais de vinte e cinco irmãos. Casou com Aluizio Gomes de Figueiredo, nascido em 1926, comerciante, com quem teve dois filhos e um neto. Morou mais de trinta e dois anos em Santa Rita (PB), e há trinta anos reside no bairro de Manaíra (João Pessoa). Silvia concluiu o ensino fundamental e dedicou-se aos filhos e à casa. Toda a família é católica. Está na igreja de São Pedro Pescador desde a construção. É uma das responsáveis pela sala de distribuição dos elementos rituais. Não trabalha mais na organização da festa promovida pela igreja, mas gosta de participar desse evento todos os anos.

3.1.1 Laços de Família



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 17 – A festa e as crianças em 2007



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 18 – Fiéis esperando a barqueata na caçara de Tambaú em 2010

A história de minha vida...
saber a história de minha vida,
de onde eu comecei a trabalhar, né?
(Seu João Preto, 12/08/2010)

Deve-se levar em conta a importância e vinculação entre o *trabalho* e *divertimento* na vida dessas pessoas, nesse caso, dos pescadores; considerando que o trabalho aparece como o fio condutor de suas histórias de vida, relação vivenciada desde a tenra infância (CABRAL, 2005). Além das pesquisas por mim empreendidas desde a graduação, apoiando-me ainda na observação feita por Ecléa Bosi (1986, p.13) ao escrever: "quando desejamos compreender a cultura das classes pobres percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes". Orientação em consonância também com o pensamento de Amaral (1998), ao acrescentar que o divertimento "pode ser entendido até mesmo como a segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência". Seguindo esse raciocínio, para compreender as diferentes relações sociais estabelecidas, reforçadas e retomadas na festa, faz-se necessário, além das relações constituídas pelos entrelaces familiares nesse segmento, perceber de que forma se dão as relações de trabalho.

Vista desse ângulo, a Festa de São Pedro decorre justamente da relação entre trabalho, fé e diversão vivenciada pelos pescadores e seus familiares no mar e na terra.

Dessa forma, para a análise e compreensão do universo de trabalho e diversão dos pescadores de Tambaú foram utilizadas observações realizadas em campo, sobre seu cotidiano, trabalho e brincadeiras; informações obtidas a partir de conversas formais e informais; como também fiz uso de resultados alcançados principalmente em quatro pesquisas realizadas em diferentes períodos e contextos.

As duas primeiras pesquisas (MALDONADO, 1994; FIRMINO JÚNIOR, 2006) foram realizadas na região de Tambaú, envolvendo a esfera do trabalho e as relações dos

pescadores, em períodos e com preocupações distintas. Já para os espaços e relações sociais que se dão em meios comemorativos, fiz uso principalmente de dois estudos (SILVA, 2006; AYALA, 1996) que cumpriam objetivos bem diferenciados, sobre festas populares sucedidas em diferentes municípios da Paraíba.

A primeira pesquisa, de Simone Maldonado (1994), na área de Antropologia, dedica-se ao estudo da vida e das relações dos “pescadores simples” (expressão utilizada para distingui-los dos pescadores industriais) com a natureza e entre eles mesmos, realizada em três localidades: Ponta de Mato e Camalaú (situadas no município de Cabedelo), e Tambaú (em João Pessoa), na década de 1980 e início dos anos 1990. O segundo estudo, de Luiz Gonzaga Firmino Júnior (2006), na área de Ciências Sociais, faz uma reconstrução da história da comunidade de Tambaú, a partir das narrativas dos pescadores, discutindo as técnicas de trabalho, relações econômicas e simbólicas, até o início da década de 2000. Além de ressaltar as mudanças ocorridas na vida dessa comunidade, com um rico detalhamento em relação à esfera do trabalho e a forte presença das vozes dos pescadores de Tambaú (dois aspectos de grande relevância nesse trabalho), os resultados alcançados muito se assemelham aos obtidos por Maldonado (1994), também realizado nessa mesma região. O terceiro trabalho, construído por Gekebede da Silva (2006), na área de Ciências Sociais, refere-se ao conjunto de práticas das manifestações culturais e às implicações das atividades turísticas no local, a partir das narrativas dos moradores mais antigos de Barra de Camaratuba, região pertencente ao município de Mataraca - PB. O quarto e último trabalho, na área de História, desenvolvido por Marcos Ayala (1996), enfoca as relações sociais, que se estabelecem no interior do grupo e entre eles, dos Congos, Pontões e Reisado, denominados de “brinquedos”; a organização dos integrantes desses grupos de dança popular, os quais integram a Festa do Rosário realizada, anualmente, em Pombal, cidade do sertão da Paraíba; e as modificações pelas quais passaram ao longo do tempo.

Laços de família, nesse trabalho, se referem a gerações de famílias que desenvolvem algum trabalho, festa, brincadeira, entre outros afazeres, em um mesmo lugar ou, ainda, em regiões diferentes; como também, podem envolver a extensão familiar em uma mesma atividade. A cultura popular é geralmente constituída e repleta de laços de família. Em Tambaú, não é diferente, refletir sobre a história do lugar, as brincadeiras populares, a pesca, ou mesmo, a Festa de São Pedro, é pensar em laços de família⁵⁹.

Desse modo, foram as contribuições fornecidas, através de entrevistas, depoimentos e histórias de vida, por essas treze mulheres e esses dezesseis homens, totalizando vinte e nove colaboradores, que formam a base principal desse trabalho.

Entre os pescadores ou antigos moradores de Tambaú, talvez similar a outras comunidades tradicionais, percebe-se uma grande rede familiar. Nessa perspectiva, foram construídos dois quadros ilustrativos das conexões familiares encontradas entre alguns dos colaboradores. Esses quadros são importantes para servirem de orientação sobre as relações familiares compostas entre os pescadores de Tambaú e adjacência.

Cada vez que é possível avançar sobre a história dessa região, do passado próximo e distante, em direção aos antigos moradores, pescadores, mais laços podemos formar. Como não era o foco principal traçar todas as conexões familiares entre os pescadores que participam ou participaram da festa, nem todas as pessoas entrevistadas ou mencionadas foram contempladas no quadro. A intenção dos quadros abaixo foi simplesmente exemplificar outros fios relacionais (parentais) ainda presentes nessas regiões.

Os laços de família, sua extensão e temporalidade, nessa região, foram cruzados a partir das narrativas dos colaboradores. Para compor *essa rede*, também utilizei alguns dados

⁵⁹ Laços de família é também menção a uma pesquisa que foi coordenada pela Prof^a. Dr^a. Maria Ignez Novais Ayala, intitulada “Laços de família: outras memórias e registros da cultura popular brasileira”, nos anos de 2000 e 2001, que abrangia alguns bairros de João Pessoa, com o objetivo de pensar a memória (de lugares, fazeres, trabalho, sobretudo, brincadeiras populares) a partir das histórias de vida de seus realizadores, da qual fiz parte enquanto pesquisadora, co-orientada pelo Prof. Dr. Marcos Ayala.

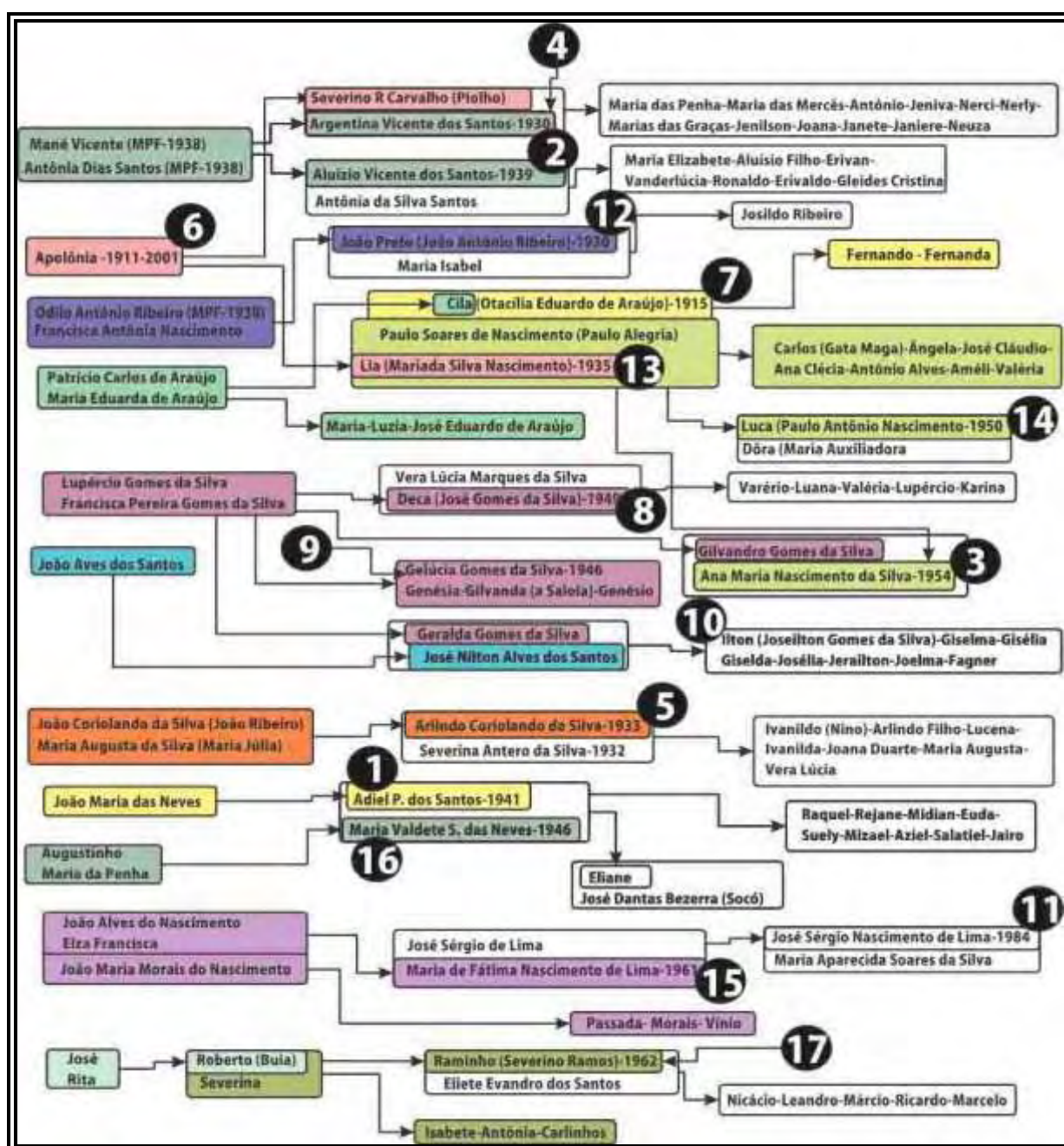
registrados pela Missão de Pesquisas Folclóricas, no ano de 1938, em Tambaú⁶⁰, que foram aparecendo em diferentes relatos.

Por essa razão, no primeiro quadro, os nomes que estão indicados a data de nascimento são as pessoas que entrevistei, esses virão acompanhados também de um número para mais facilmente serem localizados⁶¹; outros nomes aparecerão acompanhados da abreviação MPF-1938, lembrando terem participado da Missão de Pesquisas Folclóricas; os nomes que aparecem sem nenhuma data ou número foram mencionados por meus colaboradores, são geralmente seus filhos, irmãos, pais. As cores utilizadas são para relacionar pais e filhos.

No segundo quadro, tentei aproximar os laços de família, selecionando um número menor de colaboradores, ao quadro da relação de parentesco mais comumente utilizado na Antropologia. Nele, a relação entre pais e filhos se torna mais facilmente identificável. Os nomes dos colaboradores também aparecem acompanhados de um número para mais facilmente serem localizados. Vejamos os quadros a seguir:

⁶⁰ Ver: Andrade (2006) ou informações na versão *online* da Missão de Pesquisas Folclóricas, disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/missao/cd02_frameset.html>. Acesso em: 12 mar. 2010.

⁶¹ Através dos nomes dos colaboradores, caso apareça dúvida em relação ao parentesco, vocês poderão voltar para a parte na qual eles são apresentados e verificar os laços.

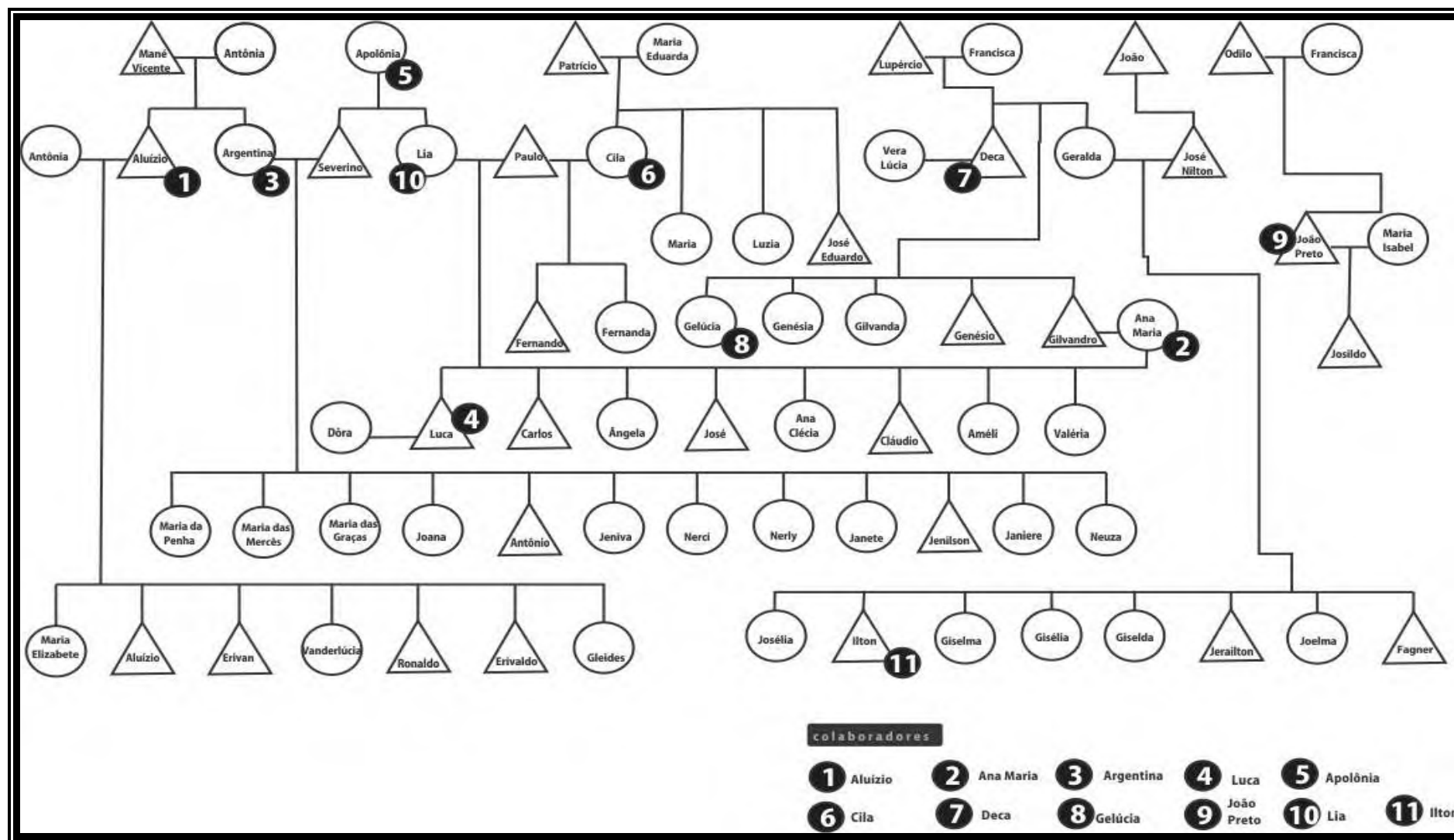


Crédito: Magno Job

colaboradores



Figura 19 – I quadro dos laços de família



Crédito: Magno Job

Figura 20 – II quadro dos laços de família

Foram traçadas e destacadas algumas características que apareceram com maior frequência nos diferentes relatos dos colaboradores. No que se refere à idade, nota-se que a maioria da população pesquisada está na faixa etária de 50 a 70 anos de idade, nascidos entre os anos de 1940 e 1960, caracterizando uma população entre a fase adulta para idosa. Os demais colaboradores estão distribuídos em idades de: 70 a 90 anos, totalizando nove colaboradores (dessas nove pessoas, duas faleceram); 30 a 50 anos, constituído por seis pessoas; uma pessoa com 26 anos e uma que faleceu aos 92 anos de idade (1910-2001).

No que diz respeito ao estado civil dos colaboradores, observa-se que a maioria é casada. Quanto ao número de filhos, geralmente, eles têm de um a dois filhos (7 colaboradores), podendo ser destacado também o número de casais com sete a oito filhos (6 pessoas); os que tiveram cinco filhos (4 pessoas) ou dez a quatorze crianças (3 famílias).

As famílias dos antigos moradores de Tambaú, principalmente as de pescadores, comumente, são extensas. Geralmente encontramos os terrenos onde residem os antigos moradores subdivididos para abrigarem os filhos, netos e bisnetos, por isso é comum existirem duas ou mais famílias morando em uma mesma casa ou em um mesmo terreno.

Em relação aos estudos, geralmente, os que nasceram até a década de 1930, nunca estudaram ou cursaram o ensino fundamental incompleto; os que nasceram na década de 1940 e 1960, também cursaram o ensino fundamental incompleto; os nascidos na década de 1950, concluíram o ensino médio; os que nasceram entre a década de 1970 e 1980, também possuem o ensino médio completo. Somente três pessoas cursaram o ensino superior completo. Entre os pescadores, percebe-se que a maioria situa-se entre o ensino fundamental incompleto e completo.

Um traço marcante foi a contribuição e presença das mulheres nessa pesquisa. Elas foram surgindo, não somente pela participação na festa e na vida cultural da região ou por

serem antigas moradoras de Tambaú, mas também, pela dificuldade encontrada de contatar seus maridos. A ausência de seus esposos é originada tanto pelas jornadas de trabalho (de três a quatro dias no mar ou mais, inclusive fins de semana, dependendo da maré e do arrecadado), quanto pelo modo de descanso (alguns pescadores voltam à caíçara para beber, brincar de cartas, dominó, como também, podem auxiliar o trabalho de outro pescador, voltando ao mar).

Maldonado (1994, p.44) ressalta ser “habitual que os pescadores não permaneçam em casa durante os intervalos entre uma pescaria e outra, tendendo antes a passá-lo nos portos, na beira da praia ou ainda nos próprios barcos com os outros pescadores”. Ela já chamava atenção, em alguns estudos realizados com pescadores canadenses, para o desgaste de retomarem “em sua inteireza o mundo e as relações da terra nos intervalos das pescarias”, resultando em relações, principalmente conjugais, conflituosas e difíceis. Nesse sentido, a forma “cooperativa e de camaradagem” com que se relacionam os pescadores no trabalho e em suas formas de descanso, e as relações estabelecidas com os “terrestres”, conforme descreve a autora, servem como impulso para eles retornarem à praia, ao barco, aos amigos e familiares de trabalho.

Em campo, depois de várias tentativas para encontrar Galiléia, frustradas pela coincidência de meus dias destinados à pesquisa e sua jornada de trabalho, mais uma vez, aguardava que ele chegasse do mar. Na ocasião, resolvi esperá-lo, bem cedo, na caíçara, após ele passar uma semana (de segunda-feira ao sábado) mar adentro. Tantos dias ininterruptos na lida indicam um período de pescaria “fraca”, sem grande sucesso. Lá, encontrei alguns pescadores, que com o passar da hora, foram se multiplicando na chegada dos barcos. Alguns comiam, bebiam e brincavam (de dominó e baralho), outros conversavam sobre a família, casamentos feitos e desfeitos pelos dias no mar. Enquanto o esperava, fiquei a ouvir as histórias e a fotografar as cabeças de dois tubarões encontradas, naquela semana, nas praias

urbanas de João Pessoa. Vi pescadores retornando ao mar, montando rede, outros, consertando as redes, organizando os instrumentos de trabalho. Nesse momento, conheci Erick, um jovem pescador, sobrinho de Raminho, que aguardava o momento de despescar sua rede. A chegada de Galiléia em terra estava marcada para as cinco horas da manhã, mas ele chegou uma hora antes, apesar de sua alegria de sempre, estava exausto. Dividiu o barco e a semana de trabalho com Fernando, filho de Dona Cila. Em terra, seu trabalho não terminou; além de arrumar o barco, retirando alguns materiais de trabalho e o pescado, teve ainda a responsabilidade de distribuí-lo, indo rapidamente a alguns bairros para entregar o peixe conseguido na semana aos atravessadores.

Nessa experiência, observo mais uma vez os laços de família e amizade sendo construídos e reforçados nas relações de trabalho e diversão.

Além desse aspecto, a ligação entre Paraíba e Pernambuco, como também Tambaú, Penha e Cabedelo, está presente nas relações familiares e nos deslocamentos principalmente dos pescadores através do mar à procura das boas temporadas de pesca, proporcionando assim diferentes vínculos e trocas culturais. Outros bairros citados foram Cruz das Armas e Torre. Já outros moradores são egressos do interior do Estado, sendo destacado principalmente o município de Campina Grande. Todos os colaboradores ligados a pesca conheciam ou tinham participado de alguma manifestação popular em Tambaú.

Outro traço observável nas narrativas, entre os antigos moradores de Tambaú, é a existência de um processo de sociabilidade diferente que perpassava o lúdico e o trabalho vivenciados simultaneamente. Eles começavam a trabalhar muito cedo, desde crianças, entre oito e nove anos, porque segundo seus pais, o trabalho fazia parte do processo de formação, sobretudo, representava a transmissão de valor moral, que deveria servir de orientação no modo de ser, além de ajudar na renda em casa.

Essa singularidade também reside no fato de que esses antigos moradores, por terem pertencido a uma comunidade que sobrevivia basicamente da pesca, do roçado de quintal, da venda de leite, estavam inseridos no local de trabalho desde a infância, vivenciando, simultaneamente, o trabalho e a brincadeira junto aos adultos e demais crianças. Nesse sentido, para eles, narrar suas histórias de vida é falar sobre trabalho.

As famílias ou os laços de família vêm sendo construídos ao longo dos anos, antes mesmo de Tambaú se tornar “terra de rico” (expressão utilizada por Dona Apolônia), base para várias atividades desenvolvidas por esses antigos moradores, atividades essas cuja identificação está fortemente atrelada à pesca.

Ainda hoje a noção de família é, devido à relação de *confiança*, um critério importante para participar da tripulação, no trabalho, e de outras atividades sociais. Talvez simbólica e objetivamente seja a possibilidade mais próxima de continuidade da herança do pescador: “o barco, a marcação e a mestrança”, mesmo que se tenha, em Tambaú, a constatação de poucos barcos compostos por uma única família (consangüínea)⁷⁶.

O barco, um instrumento de trabalho, meio de transporte e acesso ao mar, ou ainda, conforme Maldonado (1994), pode remeter à tripulação que o ocupa e maneja e as relações interpessoais que se estabelecem entre os pescadores durante as jornadas. Por vezes, ele pode ser entendido, em algumas ocasiões (em pescarias próximo à costa, no despescar de redes, realizadas geralmente nos fins de semana) como uma unidade de trabalho familiar, composta por filhos, irmãos, cunhados, primos, sobrinhos, esposa e filhas; além da possibilidade de ser incorporada à família (como uma das principais características atuais) a “irmandade”, parentes através de compadrios ou por pescarem juntos há muito tempo. Conforme acrescenta Maldonado (1994, p.72, grifo da autora):

⁷⁶ Firmino Júnior (2006, p.70) constatou somente um barco cuja tripulação era constituída apenas por pessoas da mesma família.

além de um mecanismo social de ordem do afetivo que minimizaria os riscos e tensões inerentes à convivência com o mar, a utilização do parentesco como referencial produtivo também é uma forma de garantir a *confiança* na competência dos pescadores entre si pelo pré-conhecimento e a experiência familiar. Também é uma forma de gerenciamento de força de trabalho, de estruturar o poder e de reproduzir a tradição.

O barco pode servir também como um espaço de diversão. Alguns membros da família, em seu sentido amplo, saem para as piscinas naturais encontradas na costa marítima urbana, ou se encontram para passear, “tomar um mergulho”, comer, beber, se divertir.

A marcação abrange o modo como o pescador se orienta no mar, seus caminhos e rotas para atingir um pesqueiro e de retornar para a terra, é uma forma de mapeamento. A orientação pode ser através do vento, estrelas, maré, falésias, as cores das águas, as pedras no mar, etc. Ainda acrescenta Maldonado (1994, p. 98) que:

a característica mais importante dessa divisão costumeira e cíclica que cada grupo de pescadores opera, é de que não havendo padrão fixo de fenômenos e espécies marinhos, o cálculo e a organização produtiva no que diz respeito ao espaço se fazem sobre pontos que permanecem enquanto outros se re-situam, estando os ‘pesqueiros’ ou pontos de pesca sempre sendo redescobertos, perdidos e esquecidos, reconstruindo-se a cada pescaria.

A mestrança é o conhecimento do pescador sobre os instrumentos de trabalho, os objetos de trabalho (por exemplo, as variações de peixe), as diferentes formas de pescá-los, a marcação, a tripulação, cuja autoridade deriva do notável saber. É também a precisão nas tomadas de decisões e a capacidade de manter segredo. O mestre é o responsável por tudo que ocorre quando ele e sua tripulação saem para pescaria, conforme define Seu Paulo em seu relato adiante. Ramalho e Cerqueira (2010) acrescentam que ser mestre de pesca é:

ter pleno e complexo domínio da atividade artesanal. O mestre deve saber relacionar fatores naturais, ambientais, sociais e técnicos com precisão, de forma que haja uma relação harmoniosa entre eles. Dentre esses fatores se encontram a análise do vento, da maré e do ciclo lunar. O trabalho do mestre, que vai do planejamento à execução da pescaria, deve ser realizado no intuito de garantir o sucesso na captura dos peixes e permitir que haja segurança para a tripulação em sua ação nas águas. Os mestres agem como tutores. A prática se sustenta, acima de tudo, no reconhecimento coletivo que os demais pescadores têm em relação ao talento do mestre.

Maldonado (1994, p. 134, grifo da autora) destaca na constituição de ser mestre e na sabedoria da *mestrança* um ideal social, *de confiança*, igualdade, competência e a liberdade dos pescadores, que se constroem a partir da família, da “irmandade” e do povo:

falar-se do *mestre* e da *mestrança* é falar de algo universal e indissociável à pesca, que congrega numa pessoa, num papel, um ideal social. O *mestre* é como um arquétipo que se visse à proa dos barcos, o olhar penetrante, atento, tendo nas mãos por atribuição da sua sociedade e do seu bote feixes de relações, de práticas e de sentimentos.

A falta de interesse por parte da nova geração (filhos, netos e bisnetos) em relação à pesca é um tema recorrente nas conversas e histórias de vida. Todos os pescadores e esposas ressaltam a dureza do trabalho e as possíveis implicações e complicações na vida, quando se opta ou segue viver da pesca. Por outro lado, aparece certa angústia quando nenhum filho escolhe ou trilha esse caminho, como se o saber específico da arte da pesca (a marcação, a *mestrança*), ou mesmo, a utilização do barco, fossem ceifadas naquela família, uma herança a ser perdida. Semelhante observação fez Firmino Júnior (2006, p.140, grifo do autor), quando escreve que: “esta atividade vem aos poucos deixando de ser considerada como meio de vida para os filhos dos pescadores, o que quebra aquela lógica estabelecida como forma de continuidade da *tradição* reconhecida a partir do elemento da *herança*”.

Em Tambaú e na Penha, parece haver um processo inicial de mudança na forma de hierarquia e conhecimento na pesca com a aquisição de *Global Position System* – GPS, mesmo que, a inserção dessa tecnologia, presente em quase todos os barcos, ainda não configure, nesse momento, a substituição da tradicional forma de pescar (a marcação feita pelo “olho e inteligência” do mestre), nessas regiões.

Se na época da pesquisa realizada por Maldonado (1994) ocorria a mudança de barcos à vela para motorizados, implicando posteriormente, em transformações no tamanho da tripulação, a quantidade de dias ao mar, gastos, etc. Atualmente, a inserção do GPS pode modificar as relações de autoridade fundamentada pelo saber da marcação.

Outro ponto que merece atenção e já faz parte desse cenário e das relações de trabalho vivenciada pelos pescadores, na proporção que se apresenta como um elemento de mudança e preocupação para eles, é a inserção de drogas ilícitas, como o crack, na pescaria, conforme constata Firmino Júnior (2006). Acredito que essas transformações no universo de trabalho mereçam um estudo específico.

Sobre o universo de trabalho, principalmente, em relação à mestrança, à marcação, ao barco, e às relações interpessoais, vejamos agora as narrativas de Seu Paulo e, depois de Seu João Preto:

Os pesqueiros, as marcações, as relações entre os pescadores de diferentes regiões do litoral.

Tambaú, Cabo Branco e Penha, certo? Então, Tambaú, zona 3; Z-11, Penha. Penha é zona 11. Penha, Cabo Branco, Tambaú, Penha. Esse pessoal é difícil de contar. Porque uma hora, quando a gente se juntava num pesqueiro, aí ficava todo mundo junto. Aí tem o peixe que não pega naquela hora, porque tem peixe de maré e de lua. Então, vamos pra Penha aqui, porque vai começar a maré de vazante e a maré de enchente, aí a gente pega garajuba. Aí no bate papo, a gente fazia amizade: *aí vai ter brincadeira lá no mercado, em Jaguaribe. Quando? Tal dia. Festa de não sei o quê... Quando? Tal dia. A gente sabia de tudo. (...) Lá uma vez, aparecia um de Jacumã, quando a gente tava na Curuba Grande, lá na frente de, lá na frente do rio Paratibe. Quando a gente foi uma vez no barco, d'alí, mais umas duas léguas pra frente, com dois ou três quilômetros, é a Curuba Grande, (inaudível) já perto da Praia do Sol, que é região de Jacarapé. Dalí, pra cima, a leste, a gente vai*

Cada parte desse mar
é um peixe, um
tempo, uma forma
de pescar.

sair na Curuba Grande, mais uns dois quilômetros pra frente, a leste, é um pesqueiro grande (inaudível) de Tambaú, Jacumã, e do porto de Pitimbu. (...) Como é mesmo o alto mar? O altar mar é o seguinte, toda vez que a gente passa, os pescadores se referem a essas pedras que têm aí, os arrecifes. Então a gente dividiu o mar de dentro, que é o de Picão. Essas pedras pra cá é o mar de dentro. Quais os peixes que dão no mar de dentro: pescada branca, cururuca, bicuda, peixe de primeira, mas, pequenos, ariacó. Vamos pra Barreira, pra Barreta, pra Barreta. O que é? Uma embocadura que tem uma ponta de uma pedra a outra, onde as navegações passam. Isso passa por marcação de lua ou de estrela, ou de farol da praia. Pega um farol daquele e faz uma marcação pra passar de noite. Então, se você sabe que vai pra Barreta, essa passagem aqui é perigosa, porque aqui tem cação, os tubarões, né; lixa; peixes maiores, geralmente nessa passagem aqui. Porque existe um grupo entre esse mar daqui e esse daqui, emenda. Só quem sabe é a gente, por causa da cor da água. Nesse encontro dessas duas águas tem esse peixe, aí láaa aparece uma cavala, aí aparece uma, aparece um, como é, aquele amarelo, um xaréu, vermelho. Aí, daí pra dentro você começa a medir a água, doze metros até quinze é chamado de Rasinho, até dezoito braças de profundidade. Aí: *você estava pescando aonde? Estava pescando no mar de Rasinho.* O Rasinho é até dezoito braças, braço. Quando passa desses dezoito pra até vinte e duas, vinte e três... *Você estava onde? Estava no Fundo.* A gente já sabe que ele passou das dezoito braças. Aí, no mar do fundo, das dezoito braças, você já nem vê terra. No mar do fundo então, pra dentro, acima, onde passa os navios cargueiros e passageiros, aí é mar do fundo, aí você tem perigo, cheio de barreiras. Às vezes, você está aqui, vinte e cinco, derrepente, chega numa barreira, cinqüenta, e às vezes, a âncora topa, porque o mar é **cheio** de barreiras. Chega aqui, aí: *tu ancorasses onde? Eu ancorei perto da barreira.* Aí você pega e marca. Aqui é um pesqueiro. Você pega, marca, pela profundidade. Tem uma pedra chumbada, que é uma pedra deste tamanho (demonstra o formato com a mão), com uma corda de agave, daquele *nailinho* [cru], vai cair direto naquele mapa. Pr'aqui, pro'culá, a gente tem uma marca. Aí, pruuu (fazendo o som do nylon desenrolando com a pedra de chumbo caindo no mar para medição): *trinta e cinco!* Vamos ancorar aqui um pouquinho que hoje vamos pegar avoador, pescaria de avoador. Aí, aqui o jereré, deitado na borda do barco, com aquele jereré, soltando óleo e o avoador chegando, soltando óleo e o avoador chegando. **O pescador deitadinho, né!** O pescador deitado, se fizer barulho, o avoador vai embora. (...) Aí, você ferra o primeiro e não bota em cima do barco, certo. Aí você faz outro jeito de lhe dá outra ferrada com uma corda

A pesca do peixe
avoador e o fazer-
saber do pescador

Vandique, um excelente marcador, a disputa e o perigo do pesqueiro “perdido”.

João Preto e seus irmãos, mestres. Os antigos mestres da Penha e de Tambaú, na década de 1960.

branca e ele fica rodando o barco. A tropa fica todinha rodeando aquele que foi ferrado. Toda vez que você botar [a rede], você pega. Se você botar o ferrado no barco, os outros vão embora. Tinha um pescador que era considerado aqui um perigo, um caba alto, forte, bonito, tinha uma jangada motorizada, eraaa... Vandique. (Inaudível) Vandique morava, Vandique era um camarada que morava... (inaudível). Me parece que ele não morava por aqui, mas era um pescador, um pescador que marcava bem e todo mundo tinha cuidado nele. A gente tava num pesqueiro, aí ele apontava, vamos dizer, como daqui pro Hotel Tambaú (aproximadamente uns três quilômetros de distância). Como ele tinha uma jangada motorizada e a vela, chegava primeiro que todo mundo. Que era um caba que tinha uma condição melhor. A turma dizia: *rápido, que lá vem Vandique!* Quando ele tava, mais ou menos a um quilometro, pra ninguém saber que era ele, o que é que ele fazia: fechava a vela e arriava, aí ia no motor. Você só o conhecia quando ele subia no mar, uma rajada de vento, mas já era tarde. *Lá vem Vandique!* Você puxava a corda pra ele não marcar, num quilometro, quinhentos metros, trezentos metros, não adiantava nada, ele já marcava. De lá, ele já tinha marcado o lugar. Você vem, ele marcava o lugar, matava o peixe todinho. (...) Eu não sei onde ele morava, eu só sei que todo mundo tinha cuidado nele. *Lá vem Vandique!* Outra coisa, essa divisão de mar: mar de dentro, rasilho, raso, fundo; cada parte desse mar é um tipo de peixe que cai, e **cada tipo de mar** desse que você vai, você tem um dia de voltar. Até rasilho e raso, você volta no mesmo dia, mas partindo de fundo pra dentro, são três dias de pescaria, porque não dá pra você chegar e voltar. Você sai aqui de madrugada e chega lá, às três horas da tarde. Se você chegar lá e voltar, você perde um dia. O bom então é você passar três a quatro dias com gelo, aí assim, você tem três ou quatro dias no mar. (...) João Preto foi um pescador que até na vela botou o nome da filha dele: Eliane, me lembro até o nome dela. O barco da Penha Eliane, era um barco de madeira comprido, com o nome da filha dele na vela: Eliane. Essa menina era uma morena com o cabelo bem comprido, bem estirado, Eliane. Não sei, essa menina foi pro Rio e sumiu. (...) E João Preto é irmão de Verdellino. João Preto da Penha é irmão de Verdellino, irmão de Ventinha e irmão de Pedro (...). E quem eram os mestres de sua época? Na Penha, os mestres mais antigos: João Preto, Ventinha, Baial, Chico de Lindolfo. O mais novo era Dedé. Os mais velhos eram: (...) não lembro o nome dele... Agora em Tambaú os mestres mais velhos eram: João Capeta, Lupécio, Antônio Baé, Arlindo. Piolho não era não? Piolho não era mestre, Piolho era proeiro. O que é proeiro? É aquele que auxilia o mestre. O proeiro é encarregado de torcer a vela e jogar a âncora. O mestre é aquele que faz só dirigir o barco

A divisão de trabalho: o Mestre, o Proeiro e o Bico de Proa.

Habilidade e perigo na arte da pesca.

e saber o pesqueiro, é ele quem manda, ele é quem escolhe o pesqueiro, quem marca, quem passa pela barreta, ele é o encarregado de toda população, certo. Já o proeiro, não. O proeiro é só responsável pela finalidade dele, é auxiliar as embarcações, mas a responsabilidade todinha é do mestre. Ele fica a mercê do mestre, ele obedece ao mestre, entendeu? Ele (o mestre) é encarregado de tudo, ele presta conta de tudo, ele é o responsável pelo barco. Qualquer coisa que acontecer, a Capitania: *chama o mestre*. Certo? Por quê? Porque ele é o encarregado, ele é o encarregado. Por isso que na carteira dele tá classificado: mestre de barco. Já o proeiro não. Já tinha o proeiro e o contra-proa. Porque tinha navegação que tinha duas velas, tinha a vela da frente e uma vela que tinha que puxar. O que é que ocorre, o proeiro torcia a vela grande e o tempo sempre era curto e o pontal é pesado. O mestre fica atento... O que é que acontece, ele bota em ponto morto, a vela fica tremulando, ele suspende pela frente, pega assim de perfil ou com uma vara que tem assim no meio, (...) ele pega aqui e bota pro lado de cá. Isso é rápido! Porque na proporção que o barco vai fazendo isso (indica com as mãos o barco virando), o proeiro já vai botando, se o vento chegar (nessa hora, ele fica em silêncio, aperta os lábios e balança a cabeça, em negativa)... *Vira!* Ele tira a proa, tem que tirar ligeiro, que tira o pombo aqui, que aprumou, e bote no ponto morto, o barco já vai virando. (...) O proeiro fica com a vela grande, o contra-proa já tá tirando, pra amarrar. (...). O outro era o quê? Contra-proa, bico de proa, se chama bico de proa. Vem o mestre, o proeiro e o bico de proa. Por que bico de proa? Porque ele só pesca do meio do barco pra frente. Ele não pode pescar aqui perto do proeiro, porque aqui ele se enrola. O mestre pesca aqui atrás, o proeiro pesca no meio do barco e o bico de proa pesca lá na frente. E pesca, exatamente, no banco que ele faz do lugar de botar a pedra, ele faz o banco de pescar. O senhor pescava onde? Eu era bico de proa, já duas vezes fui proeiro, porque os barcos que eu pesquei eram pequenos (risos). (Seu Paulo, entrevista em 29/09/2010).

Pode-se perceber que a experiência de Seu Paulo, enquanto pescador, se passa principalmente entre as regiões da Penha e Tambaú, por volta de seus quatorze anos, provavelmente no início da década de 1960. Barcos a vela, funções de trabalho e relações hierárquicas bem definidas no espaço do barco. Tais aspectos são bem semelhantes aos descritos e analisados por Maldonado (1994) em seu trabalho.

Nesse trecho da narrativa, vale destacar o aparecimento de Vandique, um pescador que possuía melhores condições aquisitivas; que parecia não ser morador de Tambaú; nem compartilhar do *ethos* de pescador daquela região. Tomo como *ethos*, o conceito utilizado por Maldonado (1986, p.72), de “sistema culturalmente padronizado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos”, ou ainda, os “valores realizados” pelos pescadores daquela região.

Seu João Preto iniciou a narrativa sobre sua vida, as experiências e os perigos que passa o pescador no mar ao fazer um paralelo com uma situação que ocorreu em terra: a “saída” dos pecadores que moravam de frente à praia, na propriedade de Paulo Santos Coelho, após ser vendida. Todas as famílias de pescadores foram realocadas em uma vila, conhecida como Vila dos Pescadores, próximo a rodovia PB-008, na Penha. Nesse encontro, o filho de Seu João Preto, Zildo, também pescador, estava presente, mas logo foi convidado por um vizinho para pescar naquele dia. Ele participou um pouco da conversa, chamou seu filho para ir à pescaria, já que voltariam no mesmo dia, mas a criança não quis ir. Em seguida, Zildo saiu para pescar. Seu pai, João Preto, conversava conosco, observava o movimento da casa e a comida que estava no fogo, era uma quinta-feira. Vejamos a fala de seu João Preto:

Os perigos no
alto mar e os
navios.

Das ondas do mar, ele vem. E hoje é assim ainda. Lá dentro do mar o que faz medo é o navio, porque o navio quando ele vem, ele pode traçar o rumo, a gente tem a navegação igual a outro navio, né, mas como a embarcação é pequena, a coisa complica. A gente que tem que sair da frente dele, porque se não sair, ele bota a pique. Então de noite, a gente, como é que se diz, se baseia que ele vem naquela posição, se ele vem com aquela posição, que a pessoa tá ali no coral, que ele tem duas lâmpadas de noite, parece: uma vermelha e uma verde. Se ele vier com aquelas duas lâmpadas e a gente tiver na frente dessas duas lâmpadas, pode sair da frente e ligar o motor, a gente se ajeita logo, que ele já vem pertinho. Um pescador fica acordado, dois dormindo, um acordado, tomando conta, aí reveza, porque uma pessoa já deve está ali com o motor ligado, qualquer coisa, é só sair da frente dele, de noite. E se ele vier também com uma lâmpada só, mostrando também, chamada lâmpada de corte, se ele vier somente com uma, ou ele passa pelo

As marcações

lado da pessoa ou passa por perto, entre um ou dois segundos. De noite ele passa com duas lâmpadas apontando, de noite a gente vê, né: uma vermelha, outra verde, aí já sai da frente. E de dia, a gente tinha trabalho também, era. De dia, ele vem com aqueles mastros, se ele vier bem pertinho assim, ele bota a pique. De dia, se ele vem certinho assim, você pode ficar dentro do barco, orando. Agora se ele vier com uma certa distancia dos mastros (inaudível), ele passa com uma certa distancia, mas se ele vier certinho assim, a gente já vai tentando enrolar o *nylon*, puxar a corda. (...) E de noite, se a gente vier pra terra (inaudível)... Hoje não, que a gente tem, que a gente tem... *ô Zildo, me ajuda aí, qual é o nome desse negócio que esses meninos usa pra pegar o peixe de perto?* (Zildo, seu filho, responde) *GPS?* Sim, *GPS*. Bom, *GPS* filma tudinho, onde já tá, pra onde é que vai, pra onde não vai. Na minha época a gente não tinha isso, não tinha *GPS*. A gente vinha pra terra pelas estrelas, quando não era isso, pelo claro de João Pessoa, (inaudível) tinha o clarão de João Pessoa, avistava do Recife e de Cabedelo, o resto era tudo escuro. Mas, se por acaso, o tempo trancava, mas se tivesse chovendo, (inaudível), pelas estrelas vivas, a gente ia pra terra: tem a estrela Dalva, tem as sete estrelas. Aí tem aquele roteiro que faz pelas estrelas pra voltar pra terra. Outra saída, nós tínhamos uma linha, pra verificar a fundura, como se diz assim: a gente tá ancorado com quarenta braças de fundura... Vamos dizer assim: a senhora quer vim pra terra, o tempo trancou, a senhora não sabe pra onde vai. Pega aquela linha, anda um pouco, desliga o motor, desacelera, digamos assim, pára um pouquinho, joga a linha, trinta metros. A senhora estava em quarenta, e aqui só é trinta, quer dizer que a senhora tá com destino pra terra. E se a senhora tava em quarenta, e afundou mais, quer dizer que agora, vai, vai errado, vai de mar a dentro, vai pro fundo. Mas se vai secando, pela linha a gente conhece, pela medida da linha a gente conhece, aí a gente já sabe que vai pra terra. Quando chega mais perto, a senhora já tá vendo a terra todinha, aí traça o rumo pra onde é que vai, né. Mas, é só tirar a medida da linha. O máximo que ela alcança é noventa braças de fundura. Noventa braças, dá o quê? É só multiplicar por três, dá duzentos e poucos metros. Se cem metros é uma base de sessenta braças (inaudível). Se tem uma pescaria que leva mais longe, é a pescaria do avoador, se depender do avoador é mais longe ainda, é mais longe, a pescaria do avoador é uma média de cem braças. Se a senhora quer pegar o avoador e o dourado, a senhora tem que entrar mar a dentro, como daqui a Tambaú, pra pegar o avoador, pra pegar o avoador. A senhora conhece o avoador, o peixe avoador? Pronto, o peixe avoador e o dourado. E tem uma coisa, a pescaria do avoador... Pra pegar o avoador, a

A pesca do avoador e do dourado. O cooperativismo e o cansaço.

senhora pesca deitada. Por quê? Porque é deitada. Agora, o deitar, a gente pega pra encurtar, (inaudível) tem que deitar assim (coloca as mãos nos peitos), pra a senhora botar a mão assim (ele explica também com o corpo, fazendo a posição como se deitasse de bruços e os braços para fora do barco, dentro d'água). Ele é deitado sabe, porque é de banda assim no barco, assim. Aí se chama borda, (inaudível) tem uma borda bem fininha assim (alonga os braços, mostrando o comprimento e com os dedos demonstra a largura da borda), pra senhora botar uma tábua. A senhora bota uma tábua, pra senhora pegar aqui o jereré e um avoador morto aqui na mão, assim (inaudível), e larga o óleo e vem de banda. Você vem de banda. O avoador vem pelo óleo, pelo óleo ele vem, tudinho. Ele fica bebendo o óleo e fica bêbado. E a senhora fica aqui deitada, com a mão aqui (os braços de fora do barco) e com o jereré aqui (em uma das mãos). A senhora fica dei-ta-da, com o jereré, pegando aqui e jogando aqui, pegando aqui e jogando aqui. Agora, têm outros, que é com o pessoal em cima do barco, são em cima do barco, pra cada um está com linha, um anzol, com um *nylon* grosso, pra pegar o dourado, o dourado. Agora isso é com uma base de uns quinze a vinte de distancia do barco. O barco andando de banda e o peixe tá lá, o dourado tá lá pra pegar o avoador e o outro pescando lá. Quando aquele estiver cansado, uma base de meia hora, aí já vai outro no lugar daquele, mas a pescaria é deitada, a pesca do avoador. Mas passa o dia todinho de banda, de banda. Ele sai daqui e aí pega muito peixe. Quando forem umas sete horas (inaudível), ele desliga o motor e vem pescando de banda; quando for uma base de umas quatro horas da tarde, quando eles vão sair, vão sair aqui, quase no mar de Baía, porque a água corre muito, e ele vai de banda, mesmo se ele largar o ferro, não topa não, de tão fundo que é, não tem ferro pra topar, o ferro só topa, só topa na base de cento e vinte metros, aí o ferro já topa. Depois que passa cento e vinte, cento e cinquenta metros, ninguém sabe onde topa não e a pescaria é deitada. (Inaudível) e os outros dois em cima pra pescar o dourado. (Inaudível). Será que eu tô confundindo os peixes, o avoador é o peixe que pula? Não, o que pula.... Não, o avoador pula, avoa também, mas é o... O dourado, o dourado é o que pula também, o dourado. O dourado, o avoador, a cavala, o serra, são os peixes que pulam, tem mais: agulha. Agulha é um peixinho. (Seu João Preto, em 12/08/2010).

Os peixes
que voam.

Nesses relatos, percebe-se a solidariedade, o segredo, os laços familiares, perigos náuticos, conflitos, disputa, a “ética da hierarquia igualitária” que se configura na relação do mestre com a sua tripulação de pescadores “iguais” e “libertos”, que desempenham cada qual

sua função, configurando o que Maldonado (1994, p.48) denominou de “igualitarismo individualizante”. Essas relações baseadas em um “igualitarismo”, de ordem prática e simbólica, são ressaltadas por Maldonado (1994, p. 49, grifo da autora), quando afirma que:

no mar, o igualitarismo se inspira na identidade dos pescadores e na natureza cooperativa da produção marítima que se constroem em estreita proximidade. É de ordem simbólica na medida em que os pescadores se representam como iguais e libertos diante da imensidão do mar e dos riscos que podem haver por trás de cada onda ou cada ventania que se avizinha no mar alto. É de ordem prática na medida em que os pescadores precisam ‘igualar-se’ para aprender a pescar bem, a desempenhar cada um a sua tarefa sem confundir nem deixar enredar-se linhas [...], a *cooperação* que por sua vez viabiliza a náutica, informa a pesca e confere aos pescadores a liberdade que acreditam ter e que, como a *igualdade* se inspira na imensidão e na mobilidade do mar.

Esse processo parece ser fundamental para o sucesso da tripulação e continuidade do fazer-saber artesanal, nesse caso, o saber-fazer da pesca artesanal. Estou me referindo ao fazer-saber tendo como referência o trabalho de Sennett (2009), intitulado “O artífice”. Nele, o autor dedica-se ao trabalho manual, como forma de pensar por meio do fazer, dito de outra forma, fazer é pensar. “A mão inteligente” seria aquela que desenvolve virtudes manuais a partir da prática constante, não da mera repetição, porque se levam em consideração as variações. Nesse caso, o ato de fazer torna-se objeto de reflexão. Seria uma prática que se mostra atenta ao erro momentâneo e que cada vez mais as soluções encontradas se impregnam no corpo, gerando confiança na capacidade de superar um erro e segurança.

Essa confiança e segurança, para Sennett (2009, p.181), é uma capacitação que pode ser aprendida, visto que, “a técnica desenvolve-se, assim numa dialética entre a maneira correta de fazer algo e a disposição de experimentar através do erro. Os dois lados não podem ser separados”. A habilidade, desse modo, também se conquista no fazer, no qual o trabalho está voltado para a busca na qualidade.

Acrescentaria a esse pensamento que, ao passo que esse fazer é praticado e torna-se objeto de reflexão, gerando habilidade, capacitação, confiança, segurança; surge de um conhecimento específico, um **fazer-saber** que é constituído na prática e impregnado no corpo, enquanto saber-fazer.

A pesca artesanal pode ser pensada enquanto esse fazer-saber e saber-fazer, ou seja, uma prática que leva à habilidade, capacitação, segurança e confiança e principalmente ao conhecimento, características tão necessárias à profissão de pescador, sobretudo, no desempenho do ofício do mestre.

Não só nas narrativas dos próprios pescadores, como também em diferentes pesquisas (MALDONADO, 1994; FIRMINO JÚNIOR, 2006; KNOX, 2007; RAMALHO; CERQUEIRA, 2010), pode-se encontrar facilmente menção aos perigos e incertezas do mar e, portanto, a grande importância da precisão nas decisões do mestre.

Sendo assim, as relações sociais não são somente estabelecidas em terra, mas também, tão solidamente no mar. Entretanto, os “homens do mar” voltam à terra e nela, reconfiguram, ressignificam ou, até mesmo, prolongam os valores, sentimentos, ideal social, construídos e solidificados no mar. “Homens do mar” que são também da terra.

É necessário olhar com atenção essas características das relações sociais estabelecidas entre os pescadores, inclusive familiares, porque se mostram fundamentais aportes para entendermos a forma como se constitui a organização e realização da Festa de São Pedro.

Conforme mencionei anteriormente, a Festa de São Pedro é composta por cinco momentos distintos que se entrelaçam: *a organização, a carreata, a barqueata, as caminhadas e a festa*. A organização é uma parte fundamental para a realização do evento e para perceber como são tomadas e realizadas as decisões sobre a festa. Os três momentos seguintes da festa compõem a Procissão de São Pedro Pescador e o quinto, é a festa de encerramento. Para falar das relações sociais estabelecidas e reforçadas no processo de

organização e realização da festa se faz necessário percorrer todos esses espaços diferenciados. Dessa forma, gostaria de apresentar, nesse momento, a festa e os lugares da festa.

3.2 FESTA-PROCISSÃO NO MAR E NA TERRA



Crédito: Magno Job

Figura 21 – A *caminhada* na Penha em 2011



Crédito: Magno Job

Figura 22 – A festa e devoção na Penha em 2011

Para dar continuidade à festa, nessa análise, são tomados como ponto de partida características encontradas nas relações sociais estabelecidas na pesca: de competição e cooperação, de *segredo* e necessidade de revelação, de confiança e conflito, de práticas hierárquicas recobertas por retóricas igualitárias (MALDONADO, 1994). Tais aspectos, localizados nas relações de trabalho, aparecem ou se prolongam nas relações de comemoração, ou seja, marcos culturais que transpassam trabalho e diversão entre os pescadores.

Participam dessa procissão, pescadores, seus familiares e amigos, de Tambaú e Penha; moradores da região pertencentes à classe média e fiéis oriundos de outros bairros. Não é uma festa em que se constate a presença efetiva de turista. Todos os grupos que participam de sua realização têm uma ligação com o santo, a pesca ou as regiões acima citadas.

Outro ponto importante, anteriormente anunciado, é a necessidade de se conhecer algumas características da festa, como: quais os grupos envolvidos na produção e realização de cada fase do festejo; se há processo de institucionalização; se a procissão aparece enquanto festa-participação ou festa-espetáculo (GARCÍA CANCLINI, 2002). Esses aspectos são indispensáveis para se compreender o sentido e a forma que se apresentam nessa festa popular e sua dinâmica.

As ocorrências destacadas enquanto marcos que compõem a procissão, como: a *carreata*, a *barqueata*, as *caminhadas* se realizam seqüencialmente, conforme serão apresentadas; somente as *organizações* e *festas familiares* aparecem simultaneamente nos diferentes espaços do festejo; como também parte da programação organizada pela igreja ocorre paralelamente a outros momentos da procissão.

Nessa perspectiva, a importância do sagrado e do mestre para tomadas de decisão; as *festas na festa* e *festas da festa*, ou seja, festas particulares resultantes de reuniões familiares; as diferentes formas de “disputas”, no mar e na terra, e festas paralelas recentemente

“inventadas” pela igreja, foram aparecendo e costurando os marcos dessa comemoração. Para essa trama, passaremos agora para a Festa de São Pedro e as relações familiares e sociais constituídas, retomadas ou reforçadas nos diferentes momentos da procissão.

3.2.1 A Organização da Festa: a Importância do Sagrado e do *Mestre*



Crédito: Cleomar Cabral



Crédito: Cleomar Cabral



Crédito: Cleomar Cabral



Crédito: Cleomar Cabral



Crédito: Magno Job

Figuras 23, 24, 25, 26 e 27 - O palanque, respectivamente, nos anos de 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011

A Festa de São Pedro Pescador é promovida pela **Colônia de Pescadores** André Vidal de Negreiros, localizada na região de Tambaú. Têm papel fundamental na organização e realização da procissão os pescadores e seus familiares, alguns deles também fiéis da paróquia de São Pedro Pescador, localizada no bairro de Manaíra. A igreja, a cada ano, vem aumentando sua participação na concretização dessa comemoração, principalmente, a festa que se produz no espaço social da igreja.

Apesar da reforma realizada na sede da Colônia de Pescadores, segundo os atuais gestores, não há um local adequado para abrigar a imagem de São Pedro em segurança. A imagem pertence à colônia, no entanto, nos últimos anos, ela se encontra guardada na Igreja de São Pedro Pescador.

Vários colaboradores iniciaram a conversa ressaltando a ligação, o respeito e as graças intermediadas pelo santo. Com Dona Cila e Seu João Preto, a conversa não foi diferente, em nossos encontros, logo foi mencionado à devoção por São Pedro:

promessa, se ele me valesse pra eu escapar daquela, eu todo ano eu fazia, enfeitava o andor dele, aí pronto. Com oito dias, eu fiquei sem sangue, porque eu perdi o sangue todinho e você sabe que hemorragia interna já viu, né! Nisso, eu continuo com São Pedro, vai fazer uns trinta anos ou mais, que eu continuo com São Pedro e eu nunca... desde que eu faleça pr'um dia que eu morrer, só no dia que eu morrer... (grande pausa). Aí eu saio daqui, eu tomo o café, tomo meu banho, tomo café e vou pra lá, aí já levo uma roupa pra eu voltar e ir pra Penha, levar ele na Penha. Aí, muita gente diz assim: *mas Cila, tu enfeita São Pedro, tu não ganha nada...* Eu não quero ganhar nada, só os poder de Jesus. E a vitória que ele me deu foi que eu fiquei boa, graças a Deus! Hoje em dia eu me vejo aqui, morei em Tambaú por muitos anos, vim morar aqui no Padre Zé e continuo de novo com São Pedro. São Pedro eu nunca deixo, deixar São Pedro, deixo não. Às vezes, me aperreio; às vezes, chego lá, ô meu Deus!, não tem uma tesoura, não tem uma cola, aí eu me aperreio. Eu vou pelas portas dos outros pedi um auxílio pra ajudar, porque eu vou mesmo, nas minhas conhecidas, tenho muitas conhecidas na praia, aí uma me dá dez, outra me dá vinte, outra me

dá quinze, aí eu vou e levo tudinho pra São Pedro. (Dona Cila. Entrevista realizada no dia 29/01/2010).

Quando eu podia, não tava com as pernas fracas, ia pra Tambaú de barco, depois vinha por terra, mas não perdia um ano não, perdia não. Porque quando a gente tá no mar, a gente pede a São Pedro pra gente fazer uma pescaria boa; pra proteger a gente dentro do mar; tudo isso a gente pede e a gente consegue. Eu mesmo consegui muitas vezes. Teve uma semana de São Pedro aqui, eu não tinha matado um peixe a semana todinha, aí quando foi véspera de São Pedro, eu peguei um camarão e fui pro mar no dia de São Pedro. No dia de São Pedro a gente ia pra Tambaú. Não deixei nadinha em casa, eu fiz uma pescaria tão boa. **Foi uma pescaria bonita!** Tinha gente que dizia: *não vai não, rapaz. Hoje é dia de São Pedro. Você vai no dia de São Pedro? Respeite ao menos o seu dia.* Eu dizia: *mas São Pedro vai me favorecer!* E de fato, fiz uma pescaria bonita demais! Cabe a cada pessoa ter fé e a gente ter fé. (...) Eu digo: tenho fé em Deus que São Pedro vai me ajudar. E de fato, fiz uma pescaria de cavala, foi cheia de cavala e guarajuba. Fazia gosto a pescaria. (Seu João Preto, 28/06/2010).

Narrar a história da Festa de São Pedro, para os pescadores e seus familiares, é contar como iniciou sua devoção e fé pelo santo. A obrigação está entrelaçada à gratidão das bênçãos conquistadas que acreditam terem sido intermediadas por São Pedro. Ele é considerado o santo protetor dos pescadores e caso algum pescador ouse insultá-lo ou simplesmente tenha uma conduta rude ou ofensiva por insatisfação, geralmente relacionadas às poucas conquistas no seu universo de trabalho, acreditam alguns colaboradores que algo ruim pode acontecer a ele, atribuído ao desgosto do santo. Conforme nos narra Seu João Preto:

no sorteio vai o nome de todos os pescadores, quem quer e quem não gosta, sabe. Tinha um pescador, que não gostava do santo, não gostava do santo. Quando houve o sorteio, chamaram o nome dele, ele tinha sido sorteado. Ele chamou tanto palavrão: *têtêê, têtêê*, mas mesmo assim levou o santo. Quando voltou, teve que encostar o barco, porque o barco estava torto (explica, inclinando o corpo para o lado direito, demonstrando como o barco tinha ficado fora de prumo). *Aí, ele disse assim: ah, espero que eu não seja sorteado novamente!* Mas dite feito, quando foi no ano seguinte, o nome dele foi

sorteado... (Balança a cabeça e dá um pequeno sorriso). Ele chamou nome novamente: *tatata, pêpêpê...* Levou novamente o santo, quando voltou, o barco tava a mesma coisa, torto (explica, inclinando novamente o corpo para o lado direito, demonstrando como o barco ficou envergado), aí, teve novamente que encostar o barco. (Seu João Preto. Entrevista realizada em 12/08/2010).

Essa relação com o santo, a dimensão do sagrado no trabalho, na festa e na vida, aparece em diferentes relatos. Para as pessoas do universo da pesca, que estão envolvidas com a Procissão de São Pedro, essa celebração é, sobretudo, um ato religioso de professar a gratidão, de respeito e amor ao santo que os protege cotidianamente na saúde e no trabalho árduo de pescador, de vários dias ao sol e noites “solitárias”, longe da terra e da família.

O trecho acima nos remete também à imensidão e aos perigos do mar, aos quais os pescadores estão submetidos, e que possibilitam a eles, respectivamente, a sensação de “liberdade” e “igualdade” entre os companheiros, segundo encontramos no trabalho de Maldonado (1994, p.43):

esse ideário social através do qual a ‘camaradagem’ se constrói na pesca, passa também pelas noções de autonomia e de liberdade inspiradas aos pescadores pela imensidão e ausência de apropriação e de divisão formal do meio em que produzem, em associação com os mecanismos sociais simbólicos e práticos de auto-representação, de ligação aos grupos primários que são as tripulações dos botes e de formas específicas de distribuição de poder e da autoridade.

É preciso estar ciente dos perigos no trabalho enfrentados pelos pescadores no mar, da incerteza de se conseguir uma boa pescaria, do distanciamento da terra e dos familiares para entender a dimensão e o sentido do sagrado na vida delas.

Conforme o relato de Seu João Preto, acima citado, percebe-se também que a dimensão do sagrado permeia todo o festejo, mesmo que nem sempre dita; inclusive nas

decisões sobre a festa, por exemplo, quando se menciona a escolha do barco que transportará a imagem de São Pedro em barqueata ou a casa na qual o santo ficará na Penha.

No início da pesquisa, a partir da memória dos antigos pescadores e ainda para alguns que estão no exercício de sua atividade, a escolha do pescador que transporta a imagem no barco é feita a partir de um sorteio. Durante esses anos de pesquisa, esperei presenciar esse momento, direcionada pela imaginação de uma cena repleta de pescadores ansiosos, cenário perfeito de integração, cooperação, comemoração e disputa. No entanto, nunca tive a oportunidade de ver o que se passou em relação ao sorteio do nome ou da casa na qual o santo passa a noite na Penha.

Foi perguntado a Galiléia como era feita a escolha do barco que iria transportar a imagem da Penha para Tambaú, em barqueata. A resposta foi que ele e mais quatro pescadores se juntavam e decidiam qual seria o barco (o pescador), levando em consideração a manifestação antecipada do pescador em fazê-lo, desde que esse pescador nunca tivesse sido escolhido ou passado já algum período sem transportar a imagem em seu barco. Vale destacar que o pescador escolhido ou que se prontificou a levar o santo não necessariamente é proprietário de um barco, algumas vezes, ele pode pedir emprestado ou lhe é oferecido um barco de outro pescador (provavelmente que integra a equipe de trabalho) ou o barco-escola da colônia. Josildo, filho de Seu João Preto, também mencionou como é feita a escolha da casa na Penha, onde o santo passa a noite:

*É que tem um rapaz, que o nome dele é João, ele é que escolhe a... Antigamente era um sorteio, mas agora ele é que faz uma visita, ele veio aqui fez a pergunta: *pode ser aqui?* (Josildo respondeu) *Pode.* Sou pescador também, meu pai é o pescador mais velho daqui. É mais velho, né. *Aí, pode ser aqui?* Eu disse: *pode, por mim!* Porque antigamente era um sorteio. (...) João é quem organiza a festa da gente. Ele é da comunidade. Todo ano é ele quem organiza a festa da gente. (Josildo. Conversa realizada em 28/06/2010).*

Em algum período dessa festa, certamente, ocorreu algum sorteio, mas nesses últimos anos, esse momento e forma de decisão não mais acontecem. O relato de Seu João Preto, acima citado, nos ajuda a compreender a influência do sagrado para terem retomado a designação por *escolha*, não mais por *sorteio*, dos encarregados nessas tarefas.

O pescador e o barco que são escolhidos para transportar a imagem são revestidos de uma grande responsabilidade, pois a imagem é tratada, nesse momento, com grande devoção e similar a uma pessoa respeitável no meio social. Fato semelhante constata García Canclini (2002, p. 206) nas festas mexicanas:

tanto en los pueblos de la sierra [...] como en varios del lago [...], las imágenes de los santos se guardan con idéntica devoción en las iglesias y en las casas de los cargueros y líderes barriales. ‘La gente trata con los dioses – observó R. A. M. van Zantwijk – casi en la misma forma que con las personas prominentes e entre la manera en que saludan a un jefe, un principal o un ‘pasado’ y la manera en que hablan con los santos: cuando mucho será una diferencia en el grado de dignidad’⁷⁷.

Por essas razões, alguns requisitos são esperados dos encarregados. O proprietário ou responsável pelo barco não pode está embriagado, como também, outra condição, é que o barco esteja em perfeito funcionamento e bem zelado (em regra, pintado). Em geral, a pessoa que é designada para desempenhar essa tarefa sabe que terá uma importante função e responsabilidade na festa. Além do mais, transportar a imagem significa ficar, fisicamente e simbolicamente, mais próximo ao santo protetor.

Apesar dessa grande responsabilidade de transportar o santo e o desejo de muitos em fazê-lo, a pessoa encarregada, posteriormente à festa, pouco é lembrada. Em várias ocasiões, após alguns dias, em meio aos pescadores, perguntei quem havia trazido a imagem e ninguém lembrava ou sabia informar. Nesse sentido, pode-se observar que o desejo e satisfação do

⁷⁷ R. A. M. van Zantwijk. **Los servidores de los santos**. México: INI, 1974, p. 165.

pescador e seus familiares em assumir essas tarefas não estão atrelados a um reconhecimento posterior que lhes confira influência na comunidade.

É comum todos os barcos, em especial o barco escolhido para carregar o santo, serem enfeitados com bandeirinhas coloridas ou fitas de plásticos, geralmente de cores azul e branco, amarradas a um barbante para essa ocasião. Assim, de barbante em barbante, os barcos vão sendo enfeitados. No período de campeonato mundial de futebol, as cores das bandeiras passam a ser amarelo e verde, em quase todos os barcos. As famílias - mulheres, filhos, sobrinhos e amigos - juntamente com os pescadores, são os responsáveis em fazer os enfeites das embarcações e nesse momento já se inicia uma comemoração com a reunião dos familiares.

A colônia é quem financia e angaria a maior parte dos recursos para a procissão. Geralmente esses recursos são doados por devotos, familiares de pescadores e poucos comerciantes. Todo ano é preciso providenciar alguns itens para que a comemoração ocorra: a confecção de camisas (às vezes, confeccionam também bonés); os fogos de artifícios que acompanham todo o cortejo; o palanque (lugar no qual o santo fica por alguns minutos quando chega a Tambaú); o carro para transportar a imagem em carreata; o barco para carregá-la em *barqueata*, tecido e flores naturais para enfeitar o andor de São Pedro (esses artigos geralmente são doados, quando isso não ocorre, também é a colônia quem financia); toalha ou tecido para o palanque (esses geralmente são providenciados por Dona Cila), entre outros elementos.

Os fogos acompanham todos os trajetos da procissão, na *carreata*, na *barqueata* e nas *caminhadas*, e eles são elementos fundamentais para homenagear o santo; como também a banda de música, que compõe a chegada e caminhada com a imagem em Tambaú; as flores; as bandeirinhas, as camisetas, as imagens impressas e distribuídas entre os participantes. Todos esses itens fazem parte do “movimento ritual” da festa, conforme assinala García

Canclini (2002, p.197), “la reunión de estos elementos [...] no tiene sólo un sentido ornamental y recreativo, como en las secularizadas fiestas urbanas. Todos los ingredientes de la fiesta campesina sirven, a la vez, a un movimiento ritual que invoca poderes sobrehumanos y pide su favor”. Tal afirmação pode ser também compreendida quando Dona Cila narra o pedido de sua mãe, para que ela pegasse uma flor do andor:

uma vez minha mãe tava doente de se acabar, ela disse: você vai esse ano? Eu vou com muita fé nele. Menina, quando eu coloquei a mão pra tirar uma flor do andor, o caba meteu a mão. Eu disse: por que você meteu a mão? (...) Você botou alguma flor? Não, botei não. Quem botou fui eu. Vou tirar pra você vê. Eu invés de tirar uma, tirei três. Ainda me lembro dessa. Eu sou muito medonha mesmo. (...) Uma flor do santo, eu não posso tirar?! É muito! (risos). Cada uma que a gente passa na vida. (Dona Cila. Entrevista realizada no dia 29/01/2010).

As flores, as bandeirinhas, os galhos de avenca, entre outros elementos do ritual (bastante disputados), passam a ser a extensão do sagrado, que transitam dos locais de festa a diferentes lares pelas mãos dos fiéis, fazendo transcorrer a perspectiva de benção, de cura, de boas novas.

O “palanque”, geralmente destinado a pessoas de prestígio, de status ou de poder (García Canclini, 2002), na festa de São Pedro, é o lugar da imagem, mas nem sempre foi assim, como veremos no capítulo sobre a memória da festa. O palanque já foi utilizado pelos pescadores como forma de exaltação do santo e da própria existência (na “terra de ninguém”, só de pescadores); de barganharem e negociarem com os políticos melhorias para sua categoria e o lugar; e dessa forma, reafirmar perante os “de fora”, “os de cima” e os “de dentro” o seu poder de mobilização, em saber-fazer o trabalho e a festa.

Galiléia esteve à frente da organização geral nesses últimos anos. Foi ele, na ausência do presidente da colônia devido à necessidade constante de viagem ao representar os pescadores no Conselho da Pesca, quem tomou as principais decisões da festa com o apoio de

outros pescadores para resolvê-las. A parte institucional e de articulação (enquanto vice-presidente da colônia) ficaram em sua atribuição, isso inclui as solicitações e convites à prefeitura e ao Estado, principalmente, para garantir a presença da banda de música; a interdição de vias públicas; a comunicação com os demais pescadores de Tambaú, a associação dos pescadores na Penha e o pároco da Igreja de São Pedro Pescador.

No ano de 2010, tive a oportunidade de presenciar dois andamentos importantes na organização que surgiram como momentos de conflito e tensão entre “os iguais”, que foram: a entrega das camisetas e bonés e a preparação do palanque. Conflito que também foi mediado por Galiléia, na figura de *mestre* e vice-presidente, como também por ser a pessoa que esteve, nesses últimos anos, mais presente e em contato com os demais pescadores.

Nesse ano, a confecção das camisetas e bonés foi providenciada pelo presidente, porém a chegada desses artigos à colônia teve um atraso, deixando as demais pessoas envolvidas na organização da festa em situação complicada, por não saber ao certo se as camisetas iriam chegar a tempo de serem distribuídas para a realização da comemoração e qual seria a quantidade.

Os critérios estabelecidos para distribuição das camisas e dos bonés eram: ser pescador e sair na procissão marítima. Os familiares dos pescadores também receberam esses artigos. Foi um momento tenso porque todos os pescadores queriam esses objetos, mas a pessoa encarregada de distribuí-los não sabia se haveria em quantidade para suprir a todos. Um pescador, que queria receber também algumas camisas para pescadores que não iriam à procissão, se exaltou, quase chegando à agressão corporal, ao ser negado seu pedido. Só depois, quase no fim da manhã, chegaram mais camisetas, agora um número suficiente para atender a demanda, proporcionando uma alegria para os pescadores e organizadores que esperavam os artigos.

Após alguns meses da festa, em uma conversa com Galiléia, na caiçara, ainda surgiu um pescador que se exaltou ao reclamar sobre as camisetas e bonés, alegando que naquele ano, em 2010, a festa foi fraca, assinalando que esses artigos não tinham sido providenciados. Galiléia, sabendo da minha presença no dia de distribuição das camisas, ficou em silêncio, não fez nenhum gesto além de um olhar para mim que foi sendo desviado para o chão, como um *mestre* que precisava calar para manter a ausência de atrito com sabedoria. Ao mesmo tempo em que a ocultação da palavra tinha implícita também um segredo, a minha presença naquele dia da festa, remetia aos códigos comunicativos e de comportamento, ao “caráter hierárquico e silencioso da posição do mestre, a autoridade para manter a ordem nas relações sociais”, que constatou Maldonado (1994, p.156).

Outro momento de tensão para os organizadores se relacionou ao palanque. Nesse mesmo ano, a colônia ou a pessoa designada para essa tarefa não tinha conseguido patrocínio para ser montado um palanque na praia de Tambaú. Todos ficaram apreensivos, preocupados com a forma como iria funcionar a solução que tinham encontrado, e tristes por não poder oferecer algo que julgassem ser melhor. A primeira construção do palanque acabou sendo desmanchada porque não estava a contento de Dona Cila e de alguns outros pescadores, que alegavam não apresentar segurança; a segunda tentativa foi a que terminou ficando no festejo.

Em 2011, Galiléia ao solicitar à prefeitura um palanque, lhe foi sugerido que a montagem fosse feita na areia da praia, por trás da Colônia dos Pescadores em Tambaú, o que lhe causou indignação por perceber uma desconsideração com a *festa deles*, ao ter sido recém inaugurada em frente ao mercado peixe (local que geralmente é montado o palanque da procissão e nesse ano, não foi diferente) uma praça que vem sendo utilizada também para apresentações de grupos e bandas.

No ano de 2010, na procissão, também não houve a presença da Banda de Música da Polícia Militar da Paraíba ou da Banda Cinco de Agosto, uma dessas bandas que geralmente

está presente no momento em que a imagem chega à praia de Tambaú. A banda de música é um importante elemento do “movimento ritual” dessa festa, segundo Ilton:

se você pedi agora a banda pr'aqui, ela toca em frente da igreja, não acompanha mais. A gente vai caminhando, mas assim, falta algo, fica muito triste. (...) Quando chegava aqui (na Vila dos Pescadores) e a banda começava a tocar era lindo demais! (...) A orquestra não pode faltar, pra mim a orquestra é que comanda, não sei se comanda ele, mas pelo menos pra mim... é lindo demais assim! (Ilton. Entrevista no dia 11 de agosto de 2010).

Nesse mesmo ano, o vice-presidente relatou que não iria tomar providência sobre algumas questões da festa, visto que o presidente estava presente, demonstrando as relações hierárquicas e papéis bem definidos, comparado à tripulação de um barco de pesca, acrescido do desejo de maior participação e engajamento do presidente na procissão. Nas festas anteriores (em 2007, 2008, 2009), ele não tinha participado por motivo de viagem. Esse desejo por maior participação ou apenas a presença do presidente ecoa por toda festa, ressaltando que as conquistas políticas no campo mais amplo são tão importantes quanto a festa e devoção a São Pedro para essa comunidade; em verdade, essas falas assinalam que a festa é sobretudo um espaço político para os pescadores de Tambaú.

Nesses diferentes momentos, compreendemos como a festa vai se configurando em espaço de integração e conflito. Ao mesmo tempo em que mobiliza pessoas para compartilharem da realização e celebração da própria festa, envolve também o conflito de idéias, posições e ações, até mesmo entre os pescadores.

Ainda sobre a organização dessa manifestação, conforme já mencionado, a primeira pessoa a ser citada pelos integrantes foi Dona Cila. Todo ano, ela é encarregada de enfeitar o santo. Quando morava no bairro de Manaíra, a imagem era ornamentada em sua casa. Nesses últimos anos, esse trabalho vem ocorrendo na Colônia de Pescadores. Além de Dona Cila, um

jovem rapaz, de nome José Sérgio, vem ajudando-a nessa tarefa. Ele também nos relatou como iniciou sua devoção por São Pedro, lembrando o envolvimento de sua família com a festa e destacando, emocionado, que foi indicado por Dona Cila para dar continuidade a esse trabalho que considera ser tão importante na festa. Vejamos:

comecei acompanhando a Procissão de São Pedro, então minha avó faleceu, aí ficou a tradição e a paixão pela procissão que saía de **carreata, barqueata**. Aí foi passando de geração pra geração, até que ela faleceu (inaudível). Pra que isso continuasse, aí, aí só restou o santuário da Penha. Daí então se originou novamente a Procissão de São Pedro. (...) Todo ano eu tô ornamentando o santo junto com Dona Cila, até então ela tá decidida que caso viesse o dia dela falecer, eu iria seguir a tradição dela de ornamentar o santo. Então estou assumindo esse compromisso junto à Dona Cila e São Pedro, caso ela vier a falecer, eu assumo essa responsabilidade de ornamentar o santo. (José Sérgio, 28/06/2010).

Eles, Dona Cila e José Sérgio, passam o dia na colônia realizando essa tarefa, desde as oito horas da manhã. Esse trabalho ocorre durante o dia inteiro na véspera de São Pedro. O andor é enfeitado com flores, já não há mais as rosas feitas de papel, agora as flores naturais e bandeirinhas azuis e brancas tomam conta do santo. Dona Cila, nesse dia, almoça lá, só retorna para casa após deixar a imagem na casa do pescador, na qual o andor passará a noite no bairro da Penha.

Durante algumas conversas, descubro que precisamente na casa de seu avô João Nascimento, a família de José Sérgio e Dona Maria de Fátima (sua mãe), quando ainda nos barcos à vela a procissão ia até a Enseada (no Cabo Branco), era ele (seu avô) um dos pescadores que recebia o santo.

Dessa forma, adentrei, em um segundo momento da festa, a partir do olhar e dedicação de Dona Cila. Ela me indicou algumas pessoas que achava importantes nesse universo.

Assim, nomes e pessoas foram ganhando significado nessa rede, ao passo que eu freqüentava cada vez mais os ambientes de comemoração.

Não é somente uma temporalidade distinguida, ligada ao uso e simbolismo do tempo relacionado ao ritmo da natureza (Thompson, 1998), marcada por um tempo cíclico, cujo fundamento está relacionado ao constante retorno, conforme descreve Alfredo Bosi (1999). É também a constituição de relações sociais diferenciadas, segundo analisa Maldonado (1994, p.43):

no caso da pesca, certas formas de camaradagem se constroem no pescar juntos anos a fio, não só igualando-se os pescadores e os róis a que pertencem diante dos muitos riscos e pesadas tarefas comuns, como capacitando-os a uma cooperação também de ordem prática, da ordem do fazer o bem, do ser capaz de coordenar tarefas com outros companheiros, sem pôr em risco as suas vidas nem o bote.

Essas pessoas tiveram uma forma diferente de estabelecer laços de sociabilidade inseridas no universo do trabalho. Elas constituíram formas de socialização e de vida, que estavam relacionadas com o tempo do trabalho, da natureza, da memória, da oralidade, permeadas da vivência do tempo das brincadeiras e do brincar, nas quais a cooperação e competição são parte dessa trama pela sobrevivência.

Dessa forma, podemos observar como a Festa de São Pedro vai se configurando enquanto uma celebração marcada por atos de fé, relação comunitária e familiar, como também cenário político.

3.2.2 A Carreata e as Caminhadas: Festas na Festa e Festas da Festa



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 28 – Galiléia organizando a saída da carreata em 2009



Crédito: Magno Job

Figura 29 – A celebração da palavra na Igreja de Nossa Senhora da Penha em 2011

No dia 28 de junho, à noite, após um dia inteiro de trabalho e festejo na organização da procissão, ocorre o momento mais esperado pelos devotos que estão envolvidos com a produção da comemoração: **a carreata**.

A carreata, cortejo em que a imagem do santo é levada de Tambaú para a casa de um pescador na Penha, é mais um momento que compõe a procissão, é mais uma festa. Essa ocasião é composta por *trajetos e paradas* realizados em carros, mas também por trechos realizados por caminhadas, em que vão aparecendo *festas na festa e festas da festa*.

O ápice da carreata e da caminhada ocorre especialmente nas *paradas* do percurso, sobretudo, no decurso de tempo entre a chegada da carreata à Penha e o instante da imagem ser recebida por um pescador da região. Esse percurso de *trajetos e paradas* é realizado e muito apreciado pelos “de dentro”, ele vem se tornando, segundo os participantes, o mais bonito da festa e contraditoriamente um momento pouco privilegiado pelos devotos moradores do outro lado da festa, da região de Tambaú. É possível compreender, quando se observa “de dentro”, as razões de ser tão especial essa parte da Procissão de São Pedro, conforme assinala Dona Cila:

you lost the party yesterday. It was great the party in the Penha. The streets were all decorated, everything decorated with little flags, everyone was waiting for the saint, everything was very organized, it was very lively. I went even later yesterday, playing there. A lot of food, drink, the people were lively. That is really a party, it's like that you want to play! (Dona Cila. Depoimento no dia 29/06/2007).

Dona Cila não é somente a pessoa que ornamenta o andor de São Pedro, desde o momento em que a imagem passa para as mãos dela e mesmo depois de ter terminado o trabalho de decorá-la, ela é também uma “guardiã da imagem”. Não há ninguém que a responsabilize para tal função, mas é ela que se sente no encargo de zelar a imagem para que

nenhum acidente aconteça até o momento de ser entregue aos cuidados de outro pescador.

Conta-nos Dona Cila que:

*teve uma vez que buliram em São Pedro, eu saí, eu não saí não, eu tava perto. Aí teve um cara: **será que ele é pesado?** Aí puxou São Pedro pelo pescoço, aí quando ele puxou, quando ele levantou pelo pescoço, no dia que eu tava enfeitando, aí ficou o rapaz com a cabeça de São Pedro na mão e o corpo no barco. Aí eu disse: **menino, o que foi que tu fizeste e agora?** Mas não foi porque eu quis não. Foi, porque São Pedro é pesado, não é maneirinho não. Foi porque você quis. Você já veio mandado. Nãoooo... Você veio mandado pra fazer isso. Agora você vai lá falar com o chefe pra ajeitar São Pedro, São Pedro tá sem cabeça, porque você fez isso com ele. Aí arrumaram uma cola, aí colaram a cabeça de São Pedro, até hoje tá colada. Mas tem dessa que chega e até pior. Tem gente que chega lá: **é porque São Pedro é assim.** Eu digo: não se meta não. Lá é assim... (Dona Cila. Entrevista em 29/01/2010).*

Então, depois de ser enfeitado, ocorre o momento de o santo ser levado a Penha, por volta das dezenove horas. Nessa ocasião, já têm chegado à Colônia de Pescadores de Tambaú alguns pescadores e familiares que se unem aos que lá já estavam envolvidos na organização da procissão, aguardando ansiosamente a saída do cortejo. A carreata sai em meio a rojões, algumas pessoas olham a procissão passar em frente de suas casas.

Antes desse momento, há sempre uma preocupação em qual carro irá o santo, porque se faz necessário um transporte que tenha carroceria para levar o andor e outra preocupação é o número suficiente de carros para os familiares acompanharem a procissão, visto que vários pescadores não possuem automóvel. Mesmo assim, sempre foi possível garantir aos devotos a participação na festa, apesar do reduzido número de carros, haja vista também a presença pequena de participantes para a carreata.

É uma ocasião de bastante alegria e é lá, na Penha, como assinalado por Dona Cila, que vem ocorrendo *a festa para eles*. Por outro lado, a cada ano, os participantes vêm destacando o reduzido número de pescadores e familiares nessa fase da festa.

O fato de aquele momento ser a festa deles e contraditoriamente ser também um momento compartilhado por poucos pescadores, familiares e amigos de Tambaú, fez com que desencadeassem novas questões para entender esse processo, essa festa. O que fazia aquele momento ser tão especial? O que tornou e torna aquela parte da festa ser o divertimento deles? Por que poucos pescadores e seus familiares acompanhavam aquele momento?

Fui observando que não havia nenhum processo de segredo ou sigilo para que apenas algumas pessoas “de dentro” participassem daquele momento da festa; pelo contrário, seus organizadores demonstravam uma preocupação com a pouca participação dos pescadores naquela ocasião e o desejo que mais pessoas pudessem partilhar dessa parte da procissão. Nos anos nos quais participei, sempre compareceram para essa ocasião aproximadamente o mesmo número de pessoas e as mesmas pessoas, com pequenas alterações.

Um fato que ocorreu, em 2010, foi a divulgação desse momento da festa por um canal de televisão local. No entanto, caso houvesse um aumento do número de pessoas que quisessem participar do cortejo, seria necessário providenciar mais transportes, visto que são poucos deles que possuem automóveis e esse pode ser um impedimento ou restrição de participação para muito dos pescadores, amigos e familiares.

Após esse processo, a carreata sai da colônia, geralmente com quatro a cinco carros, segue pelas ruas do bairro de Tambaú, passa pela orla do Cabo Branco, onde geralmente é feito uma rápida parada para soltar mais uns rojões e pegar algumas pessoas (também familiares de pescadores) que já esperam na Enseada. O cortejo segue novamente, agora em direção ao bairro do Altiplano, onde é realizada uma nova parada, precisamente na casa dos pais de José Sérgio⁷⁸.

Nessa casa, todo ano, é levantado o mastro para São Pedro. A carreata passa por essa casa como uma forma de *prestígio* ao trabalho desenvolvido por José Sérgio na ornamentação

⁷⁸ No ano de 2010, o pai de José Sérgio, Seu Antônio, pediu que fossem realizadas algumas rezas em sua casa, porém não foi possível pelo avançado da hora.

do andor. Nessa parada, o santo é recebido com fogos e por uma pequena aglomeração de pessoas composta pela vizinhança que aguarda a carreata. Lá se reúnem todo ano os familiares e amigos que vão para a casa de Dona Maria de Fátima e Seu Antônio, e passam o dia inteiro confraternizando e festejando.

A Festa de São Pedro serve para reunir os irmãos e outros parentes, principalmente os que moram distante e há muito não se vêem, resultando em uma celebração familiar, com consumo de bebidas e de refeições preparadas especialmente para os convidados, características semelhantes às festas familiares descritas por Ayala (1996, p.19), quando o autor descreve que na Festa de Pombal, em um primeiro momento, essa ocorrência se apresenta enquanto uma *festa fechada*: “são rodas de amigos e familiares às quais têm acesso apenas os que se enquadram nestas categorias. Há um certo controle sobre a participação, guardados os limites das boas maneiras e da hospitalidade. São festas particulares”. Nesse momento, é uma festa que se realiza por motivo da procissão, mas ainda de forma “paralela” a ela.

Na casa de Dona Maria de Fátima, além de festa familiar, quando a procissão tem como parada obrigatória essa casa, são oferecidas comidas e bebidas aos devotos em celebração ao santo. Então se compreende que esta é mais uma comemoração que compõe o festejo de São Pedro, não havendo um sentido “completo em si”, ou seja, não é uma festa que se esgota nela mesma, pelo contrário, justifica-se exatamente pela existência e em decorrência a Festa de São Pedro. São festas constituídas pela procissão e que fazem parte dela, sendo assim, ora particular e paralela, ora pública compondo a festa.

Logo depois, a procissão segue em direção à Penha⁷⁹ e, nesse bairro, também os moradores esperam a imagem de São Pedro. Ao chegar, o andor é levado para a Igreja de

⁷⁹ No ano de 2009, a carreata entrou em um condomínio fechado localizado na Penha, a pedido de um morador do local que tinha contribuído doando uma quantia em dinheiro para a festa.

Nossa Senhora da Penha, onde é realizada uma celebração da palavra proferida geralmente pelo ministro da eucaristia Roberval Borba.

Momentos antes, na igreja da Penha, a banda da celebração ensaia hinos da procissão de São Pedro, outros moradores aguardam a procissão em frente à igreja, nos bares, na praça ou nas residências próximas ao santuário da Penha. Segundo Roberval:

essa questão da Festa de São Pedro, ela já existia desde muito tempo. Antigamente, pelo que sei, o pouco que eu sei do caso da Festa de São Pedro, a imagem sempre, sempre vinha pra cá e ela ficava nas casas, vinha direto pras casas dos pescadores, né. Durante muito tempo, aqui a Penha então tinha uma Vila de Pescadores, a única atividade que tinha aqui era de pescar, então era tradição essa imagem vim pra cá e ficar na casa desses pescadores e aí tinha uma festa, mas era uma **festa de arromba mesmo!** Sabe, assim, eles ficavam um dia e a noite inteira com forró, a imagem do santo lá e o forró comendo, sabe, os caras bebendo e era uma situação (inaudível), durante muito tempo. Passou-se um tempo que essa imagem não veio pra cá, durante... muito antes de eu vim pra cá, durante muitos anos antes mesmo, ela não veio mais pra cá e foi pra outras praias: Pitimbu; outra, Jacumã. Mas como tem aquela barqueata, que no dia seguinte eles levam de barco a imagem; então assim, notou-se que ficava muito distante pra sair lá de Jacumã, aonde tem outra Vila de Pescadores, ou de Pitimbu que é mais longe ainda, que era muito distante pra cá, para voltar pra Tambaú. Aí voltou a criar aqui na Penha. Só que aí, já traziam a imagem de São Pedro pra cá pro santuário, aí fazia uma oraçãozinha na capelinha e ela ia pra casa das pessoas, pronto, assim ela é feita até hoje. Só que naquele tempo, a igreja não tinha uma representação. Vinha alguém abria a porta, a procissão vinha, entrava, fazia uma oração corrida, pronto, aí ia embora. Hoje, já tem uns dez anos que a gente faz essa recepção aqui. É pequena, é simples, sabe; mas feita com muito carinho e com muito cuidado e assim, a maior dificuldade que nós encontramos, por incrível que pareça, é com relação aos pescadores. (...) Veja, nós tentamos marcar umas reuniões pra tentar organizar, com a presença do padre, mas não deu quorum. Queríamos mesmo fazer uma programação pra acontecer nesse momento que é tão importante, mas aí com a falta dos pescadores, a gente não podia fazer. Veja bem, por exemplo, no dia em que a imagem vem pra cá, nós já temos muitos pescadores aqui na Penha,

e vem pra cá... essa coisa é muito difícil, contar com eles é muito complicado, mas assim, tenho **muito respeito**. Você já veio pra cá, no dia anterior, pra cá, pro salão paroquial, antes da procissão e barqueata? Vim. Você já vê uma reunião maior de pessoas, você já vê que tem outra aglomeração, já querem mais, nessa questão. (...) Faz em torno de dez anos que a gente faz essa celebração aqui, com o grupo de jovens, né. Vem, recebe a imagem, faz aquele momento, aí em seguida... Inclusive teve um ano que a gente fez a despedida lá, fizemos uma oração lá na casa onde estava a imagem e seguimos em procissão, mas é devido ao tempo, é complicado, sabe... trabalho até em dia de domingo, às vezes. Então é muito difícil e eu não consegui mais organizar. Eu acho muito bom, acho muito importante essa devoção porque São Pedro é uma figura marcante em nossa igreja. (Roberval. Entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2010).

Se a memória também é composta por som, conforme ressalta Bosi (1999); essa festa é marcada e lembrada pelo Hino de São Pedro, que é repetido diversas vezes nos diferentes momentos da procissão⁸⁰. Nos *trajetos* de caminhada e nas *paradas* da igreja na Penha; na casa do pescador da Penha, é cantado repetidamente o Hino de São Pedro. O hino compõe a memória, faz o “movimento ritual” da procissão, marca os trajetos e as paradas da festa. Em algumas *paradas*, também são realizadas oração e reza.

Após a celebração da palavra, o andor é levado em procissão para a casa de um pescador na Penha, onde passará a noite. Conforme mencionado anteriormente, a casa é indicada por João do Fogo, pai de Ceiça, que também auxilia com as despesas da festa, porque quem recebe a imagem do mesmo modo tem uma enorme obrigação: a de festejar. Para isso, comidas, bebidas, uma tenda ou o terraço enfeitado com bandeirolas fazem parte do ritual, que devem ser providenciados pelo anfitrião, porém, nessa ocasião a *festa é comunitária*, todos (familiares, amigos e vizinhos) ajudam com os artigos da comemoração. Geralmente é servido a todos os participantes, macaxeira, frango, carne, fava, bolos, etc. A festa que é realizada na Penha, além de seu fundamento na fé entrelaçada à vida dos

⁸⁰ Ver versões da letra do Hino de São Pedro nos anexos.

pescadores, tem seu sentido de existir e sua existência pelos laços comunitários entre os moradores da região. Nessa perspectiva, utilizando o conceito de García Canclini (2002), pode-se dizer que ela se caracteriza como *feira-participação*, uma comemoração organizada *por eles e para eles e*, sem dúvida, essa comemoração compõe a procissão como mais uma ocorrência de *festas na festa e festas da Festa de São Pedro*.

A imagem geralmente é colocada no terraço, espaço no qual qualquer devoto pode se aproximar, até tocá-la e fazer suas orações. Nesse momento é iniciada uma vigília cuja programação muda todo ano. Em 2007, houve a reza do terço; em 2009, todos os participantes foram embora após os comes e bebes e só ficou o dono da casa e um amigo “tomando conta do santo”; em 2010, como o dono da casa faz parte de um grupo musical, algumas pessoas passaram a noite cantando, comendo e bebendo⁸¹.

As festas vão surgindo e se integrando à Procissão de São Pedro como, por exemplo, a festa na casa do pescador na Penha; a parada na residência localizada no bairro do Altiplano; a reunião na caiçara localizada entre o mercado de peixe e o Hotel Tambaú; a ornamentação do barco; na Vila dos Pescadores em Tambaú; entre outras; têm como características serem festas familiares e comunitárias que ocorrem na procissão e são parte da Festa de São Pedro. É comum serem organizadas pelos membros da família ou pessoas da comunidade e servirem de diversão e forma de comemoração ao santo *para eles*. Nessa perspectiva, elas são *festas-participação*, diferentemente e em contraposição ao que vem ocorrendo na “festa social” organizada pela igreja.

Confirmava-se, a partir dos diferentes relatos e observação em campo, que para os “de dentro” a comemoração iniciava-se no processo de organização, seguido da carreata e a recepção da imagem de São Pedro na Penha; para os “de fora” e desavisados, a festa somente ocorre no dia 29 de junho. Elas são festas para os pescadores porque têm como base a

⁸¹ Em 2011, Seu João Preto participou da festa, novamente com o grupo musical do qual faz parte, até o amanhecer do dia seguinte (29/06/2011). A casa escolhida, nesse ano, também ficava localizada na Vila dos Pescadores na Penha.

integração das pessoas de sua comunidade de trabalho, familiar, de diversão, de “estilo de vida”, de “concepção de mundo”.

Refiro-me ao “estilo de vida” abordado por Bourdieu (2008, p.162), enquanto “habitus”, ou seja, sinais distintivos (“os gostos”) – “princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas” - e o mundo social representado, que determinam a classe. Já essas representações podem ser entendidas “a partir das práticas dos agentes, de suas formas de consumo e de reprodução ligadas a uma posição nas relações de produção e às diferenças no plano das relações simbólicas, nas trajetórias de vida individuais e nas estratégias de manipulação das identidades” (SCOCUGLIA, 2000, p.18).

Tais aspectos nos aproximam dessas festas realizadas no percurso para Penha e nessa região enquanto momento de celebração e “socialidade” entre eles, em contraposição a festa que vem ocorrendo na região de Tambaú com a participação da igreja.

3.2.3 A Barqueata e a Caminhada: as Diferentes Disputas no Mar e na Terra



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 30 - A chegada da *barqueata* em Tambaú no ano de 2008



Crédito: Cleomar Cabral

Figura 31 – O antigo padre abençoando a chegada da *barqueata* em Tambaú em 2008



Crédito: Magno Job

Figura 32 – Bandeirinhas sendo distribuídas por fiéis no ano de 2011

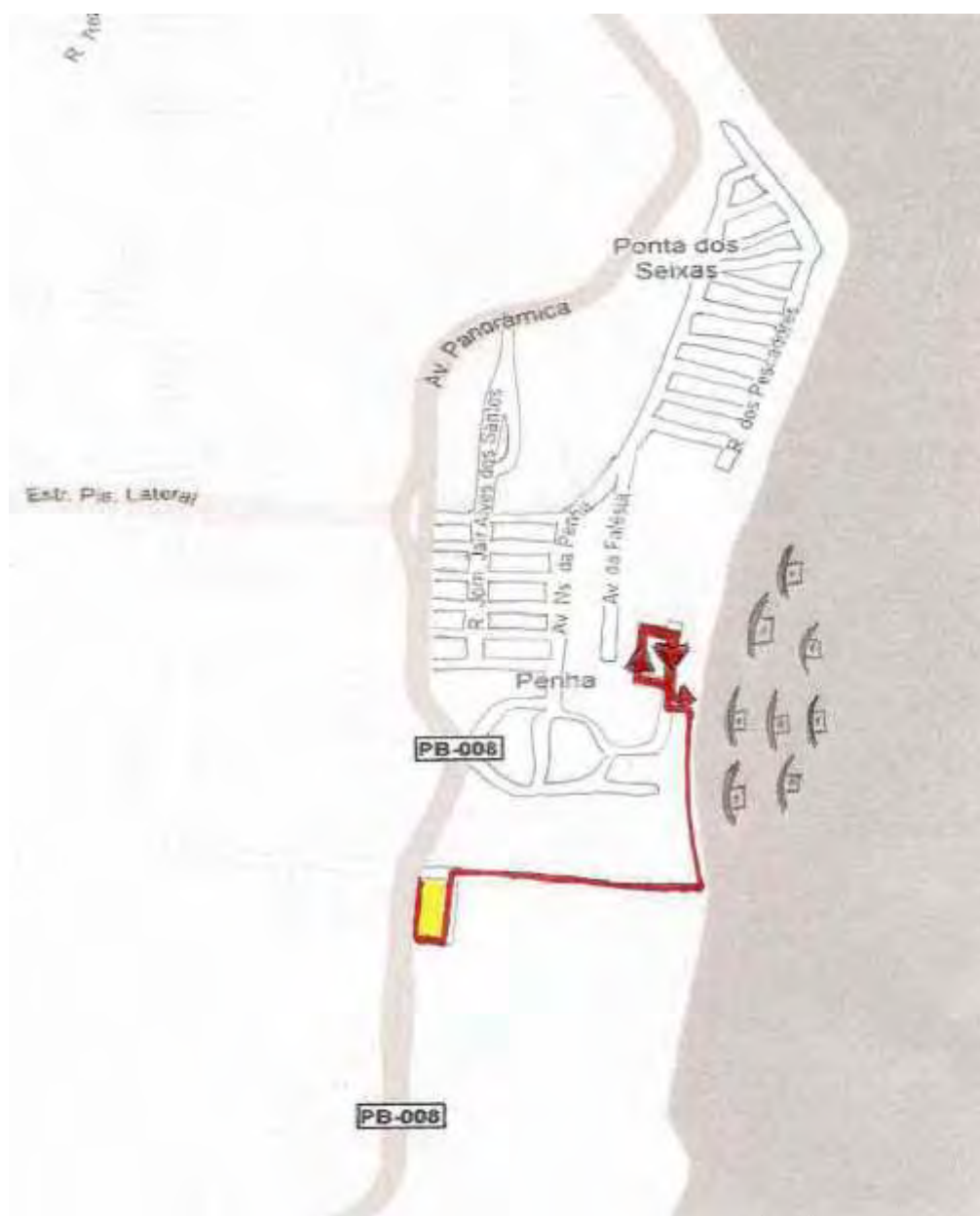
Um dos percursos da procissão também pouco conhecido é quando a imagem sai da casa do pescador, no bairro da Penha, em direção ao barco que aguarda na praia para seguir em barqueata. Refiro-me a um dos percursos porque, além das várias *caminhadas* que integram a Procissão de São Pedro, o *trajeto* dependerá da casa *escolhida* na qual a imagem permaneceu em vigília. Esse é mais um momento devocional e de celebração.

No ano de 2010, a casa escolhida foi de Seu João Preto que reside na Vila dos Pescadores na Penha. A procissão saiu de sua casa por volta das quatorze horas, não houve nenhuma reza coletiva, nem na casa, tampouco no percurso, havia sim várias mulheres, crianças, adolescentes e homens cantando o Hino de São Pedro.

Pelas ruas de barro, outras de areia do bairro da Penha, o andor foi carregado não somente por homens, mas também por algumas mulheres e adolescentes. Eram as mulheres que puxavam o ritmo do hino, eram os homens que determinavam o ritmo dos passos da procissão. Não havia nenhum representante religioso, eram os próprios moradores que organizavam e cumpriam o ritual.

A procissão circulou a quadra da Vila dos Pescadores, fazendo uma pequena parada em frente à casa de outro morador (são pessoas que contribuíram ou comumente contribuem para a realização da festa e pedem uma pequena parada em sua casa), depois seguiu em direção à praia. Durante a *caminhada* foram realizadas somente breves paradas em frente a duas residências.

A procissão atingiu à praia da Penha e as pessoas caminharam pela areia até chegarem à parte baixa do bairro. Ela novamente percorreu as ruas residenciais, provavelmente habitadas por pescadores, retornando à praia, para em seguida o andor ser levado em procissão marítima, em *barqueata*. Vejamos um mapa ilustrativo do percurso na Penha, em 2010:



Fonte: Google maps.

- Percurso
- Vila dos Pescadores na Penha

Figura 33 – Percurso da caminhada na Penha em 29/06/2010

A *barqueata* é o momento no qual os pescadores em seus barcos transportam a imagem de São Pedro da praia da Penha para Tambaú em procissão pelo mar. Para os pescadores que são de Tambaú, esse momento da *barqueata* é iniciado, entre às treze e quatorze horas, quando os pescadores saem com seus barcos em direção à praia da Penha, onde está a imagem de São Pedro. Nesse mesmo momento em terra, na Penha, há uma concentração de pessoas e preparação para a caminhada com saída da casa do pescador que foi escolhido até a praia; mais adiante, várias pessoas lotam os bares ou simplesmente ficam na areia da praia aguardando a chegada dos barcos de Tambaú e a caminhada com a imagem, que em sequência será transportada em *barqueata*.

Enquanto isso, na praia de Tambaú, uma multidão - formada principalmente por familiares de pescadores (nem todos moradores da região); por membros da igreja que residem em Tambaú e fiéis que moram em diferentes bairros de João Pessoa - aguarda o surgimento da imagem pelo mar, que vem em *barqueata*, para seguir em *caminhada* pelas ruas da região até a Igreja de São Pedro Pescador. Na igreja, situada no bairro de Manaíra, se encontram do mesmo modo fiéis que esperam a celebração da missa em homenagem a São Pedro.

A espera na praia de Tambaú também é marcada pela presença de algumas pessoas, como a de Seu Jocemar⁸² que todo ano distribui objetos e adornos (como bandeirinhas com a imagem de São Pedro, broches, bolas etc), geralmente artefatos bastante disputados pela multidão, para o momento da chegada da imagem em *barqueata* e *caminhada* nessa região.

Antes desse momento, ainda pela manhã, as famílias dos pescadores, esposas, filhos, irmãos, primos, se preparam para irem ao mar, providenciando comidas, bebidas, gelo, como também as bandeirinhas que irão enfeitar os barcos. Quase todos os barcos, como já foi mencionado, são ornamentados para essa ocasião.

⁸² Seu Jocemar, um dos fiéis da igreja católica e morador do bairro de Mangabeira, relatou que desde 1926, participa da Procissão de São Pedro em Tambaú.

Os familiares dos pescadores, amigos e outros pescadores (esses últimos geralmente integrantes da equipe de pesca ou antigos pescadores que já não exercem esse trabalho) participam desse momento de procissão marítima. O barco nessa ocasião não é mais um lugar de trabalho, mas de realização de festa e expressão de fé. Para essa comemoração as pessoas de cada tripulação contribuem da forma que convém. A festa que ocorre em cada barco particular também tem como característica ser “fechada”, no sentido de se ter o controle e conhecer as pessoas que irão participar e compor cada tripulação, no entanto também é uma festa que tem seu sentido entrelaçado à procissão, conforme as características de quase todas *as festas na festa e festas da Festa de São Pedro*, anteriormente citadas.

Vale salientar que não é difícil encontrar um pescador que ceda um lugar em seu barco, a dificuldade está em ser um lugar bastante concorrido. Do mesmo modo, não faz parte do comportamento dos pescadores negarem a um pedido de alguém que queira ir à procissão marítima. Entretanto, na maioria dos barcos se tem a ocorrência de confraternizações familiares e entre amigos. A *barqueata*, dessa forma, é a união de pequenas embarcações em festa compondo a procissão marítima.

Se Brandão (1989, p.41), ao falar da variedade de situações rituais dos camponeses católicos, sintetiza-os enquanto “ir de um lugar comum a um lugar sagrado; fazer em um lugar sagrado ou provisoriamente consagrado um ou vários ritos de celebração; fazer circular o sagrado pelo espaço comum da vida cotidiana”; então podemos dizer que a *barqueata* é a união de pequenas embarcações em festa profana compondo a procissão marítima religiosa, é ainda o lugar temporariamente consagrado da vida laboral dos pescadores para a realização desse rito de celebração. Nessa ordem, as *caminhadas* decorrem do ajuntamento de pessoas que saem a pé carregando uma divindade pelos lugares comuns da vida cotidiana, constituindo um ato religioso em processo de santificação.

Se o barco, enquanto instrumento e lugar de trabalho, não é um espaço no qual a mulher esteja presente, conforme assinala Maldonato (1994); nesse momento de procissão é um lugar de diversão e devoção também para as crianças e esposas dos pescadores.

Essa não foi a única vez que presenciei familiares, no sentido mais largo do termo, ocupando o barco. Ele pode ser também lugar de descanso, e nesse momento, se torna um espaço que permite a presença feminina. Alguns lugares freqüentados no mar, como as piscinas naturais, algumas delas conhecidas somente pelos pescadores ou quando saem no fim de semana para *despescar* uma rede, é possível presenciar mulheres e crianças compondo a tripulação.

Ao mesmo tempo em que esse *lugar de trabalho* vai se transformando em *lugar de diversão e espaço consagrado*, a barqueata apresenta-se como um momento de maestria do pescador. Por isso, cabe agora apresentar e analisar a *barqueata* de dentro do barco, em meio ao mar; mas também na terra, esperando os barcos, os pescadores e a imagem.

Há sempre um perigo quando se pensa em entrar no mar, “o mar é traiçoeiro”, esse risco aumenta quando se manifesta chuva acompanhada de trovões e relâmpagos. Em 2003, esse era o cenário da procissão, o que impediu várias pessoas de participarem da festa, tanto em terra quanto no mar. Por essa razão, uma característica que acompanha os organizadores na preparação e realização da festa é a apreensão. Apreensão que a chuva desencoraje e dificulte as pessoas de acompanharem e realizarem esses momentos de procissão, principalmente, em ir buscar o santo na praia da Penha nas pequenas embarcações ou mesmo de participar da caminhada em Tambaú.

Entrar no mar com chuva é sempre mais tenso, tanto para os pescadores, pois requer especialmente do mestre uma maior habilidade; quanto para toda tripulação, no momento em que se encontram amigos, esposas e crianças no barco. Também é possível que algum desses

convidados não saiba nadar. Assim, ter que *enfrentar* o mar acompanhado de chuva é mais um motivo de preocupação para o responsável pela tripulação.

Outro fator apontado pelos pescadores como motivo de alerta é o estado e o número de pessoas nos barcos. Na procissão marítima algumas embarcações saem com seu limite de passageiros e é provável a presença de pessoas alteradas, devido à carraspana habitual dessa festa e da vida dos pescadores, que queiram participar da *barqueata*.

Um dos pescadores me contou, certa vez, que tinha deixado seu barco ancorado mais afastado do local de onde geralmente sai a procissão marítima, perto do Hotel Tambaú, porque era uma “confusão”, ressaltando a presença de alguns pescadores alterados e de pessoas que ele não conhecia e que desejam ir à *barqueata*, aumentando o encargo do mestre que responde pela vida de todos quando se está no mar. Esse afastamento reforçava a idéia de perigo e responsabilidade, tanto quanto o fato desse momento ser de confraternização entre “familiares” em sua embarcação.

O barco-escola da colônia é o maior e geralmente ele fica à disposição dos interessados - não conhecidos - que queiram buscar a imagem. É preciso comparecer ao local de saída da *barqueata* algumas horas antes para poder conseguir uma vaga em algum dos barcos, seja o da colônia ou de algum pescador.

A festa começa bem cedo como nos dias de trabalho, alguns pescadores se divertem jogando dominó, bebendo, ouvindo música, na caiçara, outros só olham a diversão, e alguns já enfeitam seus barcos para a procissão. Os parentes dos pescadores também ajudam com os preparativos.

No dia de São Pedro, a supervisão de alguns itens nos barcos também é iniciada de manhã, especialmente a parte pela qual são responsáveis os pescadores que sairão na *barqueata*. Para eles, são necessários alguns cuidados nos barcos: verificar se a embarcação está em

condição de fazer o percurso, abastecê-la, observar os itens de segurança, entre outras coisas, para que não fiquem impedidos de participar pela fiscalização.

A procissão marítima e terrestre em Tambaú é realizada pelos pescadores, familiares, amigos e fiéis, moradores e não moradores da região. Os pescadores combinam um horário para saírem em procissão marítima de Tambaú em direção à Penha e fazem uma estimativa da hora de chegada (ao retornarem do trajeto entre a Penha e Tambaú), com base na experiência de conhecerem bem esse percurso, para em seguida darem continuidade à procissão em terra. No entanto, alguns pescadores saem mais cedo nos barcos, sinalizando outro perigo que só iria ser revelado mais tarde na barqueata: a *disputa*.

Pensava que o motivo principal, quando um pescador falou que queria sair mais cedo para chegar à Penha com tranquilidade, era o cuidado para que não houvesse uma superlotação ou a presença de um estranho na festa familiar, mas o que estava implícito era a esquiva da competição. De acordo com Maldonado (1994, p. 43):

o mar sugere competição, ao mesmo tempo em que a pesca é uma atividade na qual a cooperação e a competência dos participantes constituem também condições da produção. O mar não só inspira risco e conflito como propicia uma certa harmonia entre os homens que estão ali desempenhando tarefas com risco para o instrumental pesqueiro e a própria vida.

O que acontece, em meio à festa, em meio à procissão marítima, é uma sutil “disputa” entre os pescadores em querer estar bem próximo ao barco que transporta a imagem, é uma competição feita com a arte de manejar o barco. Sendo assim, essa “disputa” se estabelece no sentido de *competição* compreendida por Maldonado (1994), ou ainda a diferenciação estabelecida por Santos (2008), entre competição (ou concorrência) e competitividade, ao analisar a nova “ética” e valores estabelecidos na era da globalização. Para o autor (SANTOS, 2008, p.46 e 57): a competitividade elimina toda forma de compaixão e “tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar”; já a

concorrência, que parece ser vivenciada nesse momento da procissão, “exige o respeito a certas regras de convivência preestabelecidas entre os agentes”.

Cheguei exatamente ao meio-dia à praia, os pescadores estavam no barco virando o motor⁸³. Sua família se encontrava em uma barraca, fazendo os enfeites do barco e esperando outras pessoas que faltavam chegar para compor a tripulação.

Na ida à Penha, tudo tranquilo, caía uma leve chuva e estavam no barco doze pessoas, entre elas: dois antigos pescadores, a esposa do pescador proprietário do barco, sua sobrinha e o namorado, o irmão, o cunhado, dois amigos, duas crianças e eu. O percurso entre Tambaú e Penha foi realizado em uma hora.

As crianças estavam sentadas na proa, parte frontal do barco; eu e a esposa do mestre íamos sentadas no compartimento que se guardam os materiais de pesca; mais acima, estavam a sobrinha, seu namorado e um colega; lá atrás, próximo ao motor, navegavam os demais. De vez em quando, um dos antigos pescadores andava, sem se segurar em nada, para frente do barco e ficava em pé, contemplando o oceano e os caminhos, como também demonstrando equilíbrio, habilidade exigida na arte da pesca diante o balançar do barco, no vai e vem das ondas do mar.

Ao chegar à Penha, o mestre ancorou a embarcação bem próxima à praia, para que todos pudessem descer e esperar a imagem, mesmo assim era preciso saber nadar. Todos que desceram do barco esperaram a imagem da procissão em bares, ou perto de barraquinhas ambulantes, bebendo, comendo, conversando e observando a movimentação. A praia da Penha já se encontrava cheia de pessoas que aguardavam os barcos de Tambaú, como também a chegada da imagem. Algumas pessoas estavam de roupa de praia, outras vestidas especialmente para a ocasião. Muitas senhoras, senhores, jovens e crianças, estavam em clima de festa, comendo e bebendo, outros aguardavam em reverência, esperando tão somente o santo chegar.

⁸³ Virar o motor significa deixar o motor funcionando, ligar o motor.

Não havia nem um som alto, só as vozes das pessoas conversando, das crianças brincando, dos jovens paquerando.

Logo depois foram surgindo os outros barcos de Tambaú, quase todos bastante cheios, como também carros de emissoras de comunicação de João Pessoa. Havia ainda uma lancha do Corpo de Bombeiros que acompanhou todo o percurso.

A imagem de São Pedro então apareceu, à praia da Penha, carregada por fiéis em uma pequena procissão. Fogos foram estourados. Não demorou muito para o santo logo ser colocado no barco que o levaria para Tambaú. Enquanto isso, as pessoas iam retornando a suas embarcações.

Inicia-se então a procissão no mar, aí se revela a “disputa” e o perigo. Essa disputa consiste em demonstrar habilidades de manusear o barco tão próximo a outros, como conhecer o nível do mar, para poder escolher os caminhos a serem navegados, mantendo-se o mais próximo possível do barco que transporta a imagem de São Pedro. Embora o tamanho conhecimento adquirido no exercício do trabalho, o excesso pode ocasionar colisões. Alertava um pescador, que há trechos nesse percurso que só há uma passagem devido às pedras e apenas podem atravessar poucos barcos de cada vez, por isso se faz necessário conhecer bem o mar para que a embarcação não naufrague.

Há no mar, nesse instante, realizando a procissão aproximadamente trinta barcos, dentre eles: o Nossa Senhora da Penha, pintado das cores branco e azul, com detalhes vermelhos; o Tambaú, branco e azul; Manjubinha, branco e vermelho, com detalhes pretos; Pacífico I, branco, azul marinho e marrom; G e P, amarelo, preto e vermelho (era o barco que carregava o santo no ano de 2003); Rio Paraíba, azul e branco; Emanuel, azul e vermelho; Tiago II, branco e Preto; Flôr de Lucena, azul e amarelo; São Jorge IV, amarelo e branco; Sorriso do Mar, verde e branco; Vitor III, branco e vermelho; São Pedro, azul e branco; Jaques e Jaimes, azul e branco, lá atrás vinham outros barcos, dentre eles o Janinne, branco, com detalhes em preto e

vermelho, que não participavam da disputa. Mesmo diante dos possíveis riscos, esse momento é bastante especial para os pescadores e os outros fiéis de São Pedro. No entanto, Dona Cila e Galiléia relataram que já houve acidente no mar:

*eu gosto demais dele. Eu amarro ele pra não cair. Teve uma vez que eu amarrei ele, parece que eu tava adivinhando, peguei um araminho fininho, eu vou botar em São Pedro, por baixo no barco de São Pedro, pra o vento não botar São Pedro no chão. Aí amarrei, peguei um arame fino e amarrei. Então teve uma vez, que deu uma virada, o santo virou e não caiu. Virou e o santo não caiu. É muita sorte, muita sorte e não caiu. Foi quando houve, os barcos que viraram e ainda, morreram não, ia morrendo gente, que bateram na pedra, aí o santo tombou, mas não caiu. Ficou pendurado assim, oh... (vira a mão indicando que a imagem ficou de cabeça para baixo), mas não caiu. É muita fé. Aí, meu menino que é pescador, que é Fernando, que é pescador, disse: *mãe! E o santo não caiu não. Caiu todo mundo do barco e o santo ficou. Foi porque eu amarrei ele.* Eu sou muito experiente das coisas. Muita experiência. Aí pronto minha filha, a vida que tem é essa. (Dona Cila. Entrevista no dia 29/01/2010).*

A organização daqui, hoje, é só distribuir camisa, os fogos, organizar os barcos pra não sair os mestres embriagados, pra não acontecer acidente. A maior preocupação que a gente tem é que não saia nenhum mestre embriagado que é pra não acontecer acidente. Teve um ano que a marinha veio, o que ela recomendou mais, foi o ano que teve acidente. Não morreu gente porque tinha uma lancha perto, uma menina de dois anos caiu e o menino que tava junto com a gente pegou. Nunca deu essa recomendação, no dia que teve... (balança a cabeça em negativa). Então, a gente faz essa recomendação agora pra nenhum mestre sair embriagado e manter os passageiros sentados, porque você sabe quem anda em cima de barco em pé é quem causa tumulto pro barco virar, sentado não tem como se locomover e balançar. O que a gente precisa mais hoje é isso. Quem quiser beber, meu amigo, quando chegar em terra, beba, mas na procissão... (Seu Galiléia. Entrevista no dia 29/06/2010).

Esse momento da procissão e de “disputa” incide também em um período de brincadeira, no qual não há ganhadores ou perdedores. O que existe como fundamental é uma

grande demonstração de habilidades que são acompanhadas pelos olhos atentos dos *mestres*, dos participantes (tripulantes) ao demonstrar através de exclamações, risos e suspiros cada ousadia conquistada através da experiência e saber-fazer dos talentosos pescadores.

Nesse contexto, se a *barqueata* é a união de pequenas embarcações em festa compondo a procissão marítima religiosa e o lugar temporariamente consagrado da vida laboral dos pescadores para a realização desse rito de celebração, o mestre que participa da celebração necessita do conhecimento adquirido no trabalho de pescador para compor o ritual das embarcações no mar, gestual da mestrança, específico dos mestres do mar. Aqui se fundem o saber-fazer do mestre pescador e o ofício sagrado na Festa de São Pedro em transportar, em lugares específicos de sua atividade marítima, a imagem do santo.

Segundo Maldonado (1994, p. 150), nesse contexto marítimo, “sem a mestrança, vale dizer, sem a hierarquia que garante a cooperação e a articulação de tarefas, sem a marcação que leva ao peixe” e sem o conhecimento para manusear o barco, não é possível apropriar-se do mar. Na relação entre os pescadores, segundo a autora, também fazem parte das experiências de trabalho e de vida, as noções “de respeito” e “de *segredo*”.

Brandão (1989, p.182 e 176), ao descrever as qualidades e expressões do corpo e do rosto de um bom mestre de moçambiques e catupés, danças devocionais do catolicismo popular presentes em Minas Gerais, ressalta: “um ar rigoroso de poder de comando + a alegria inevitavelmente regida pelo ritmo que comanda + a deferência cerimonial diante de sujeitos iguais no ofício da festa ou de pessoas investidas de posições superiores nos festejos + a devoção típica do negro católico.” É o mestre (chamado também de capitão ou chefe), quem conduz o gesto e o culto.

A característica que diferencia a qualidade do saber, entre um mestre comum e um mestre especialista desses “ternos de dançadores”, é a capacidade de sutileza no ritual do gesto de cumprimento. Por outro lado, essa sutileza no domínio do gesto é uma cerimônia de

solidariedade, porque “demonstra a todos não apenas que aqueles são e se respeitam como mestres e irmãos de fé e ofício, mas os separa dos outros”, dos que desconhecem ou não dominam esse segredo. Por essa razão, eles são denominados de *senhores do gesto* e *sabedores do segredo*, “por saber fazer com graça, no momento certo, o gesto único necessário” da cerimônia. (BRANDÃO, 1989, p. 177).

Nessa parte ritual da Festa de São Pedro, *a barqueata*, o comando também é dos mestres, só eles têm o *domínio e conhecimento* necessários para essa tarefa. Só eles, nesse momento, conhecem os *segredos* do mar. Entre eles, há os mais novos e os mais experientes mestres pescadores, há também uma hierarquia de demonstração sutil de conhecimento, ao reforçar a marcação do mar entre Tambaú - Penha - Tambaú e a destreza de manejar o barco tão próximo a outras embarcações. Nessa ocasião, um pescador vai “cantando” as marcações, os perigos da travessia, da proximidade das embarcações e da necessidade de se conhecer bem seu ofício para não levar a pique o barco nesse momento de festa, celebração e disputa. É exatamente nesse instante que a identidade de pescador torna específica a Procissão de São Pedro: no conhecimento do mestre que leva ao mar o sagrado.

Na *barqueata*, o pescador não é só *mestre da pesca*, *ele é mestre na festa*, aquele que tem o comando e conhecimento de colocar no mar o “santo” e transformar esse ato em um rito de celebração e devoção.

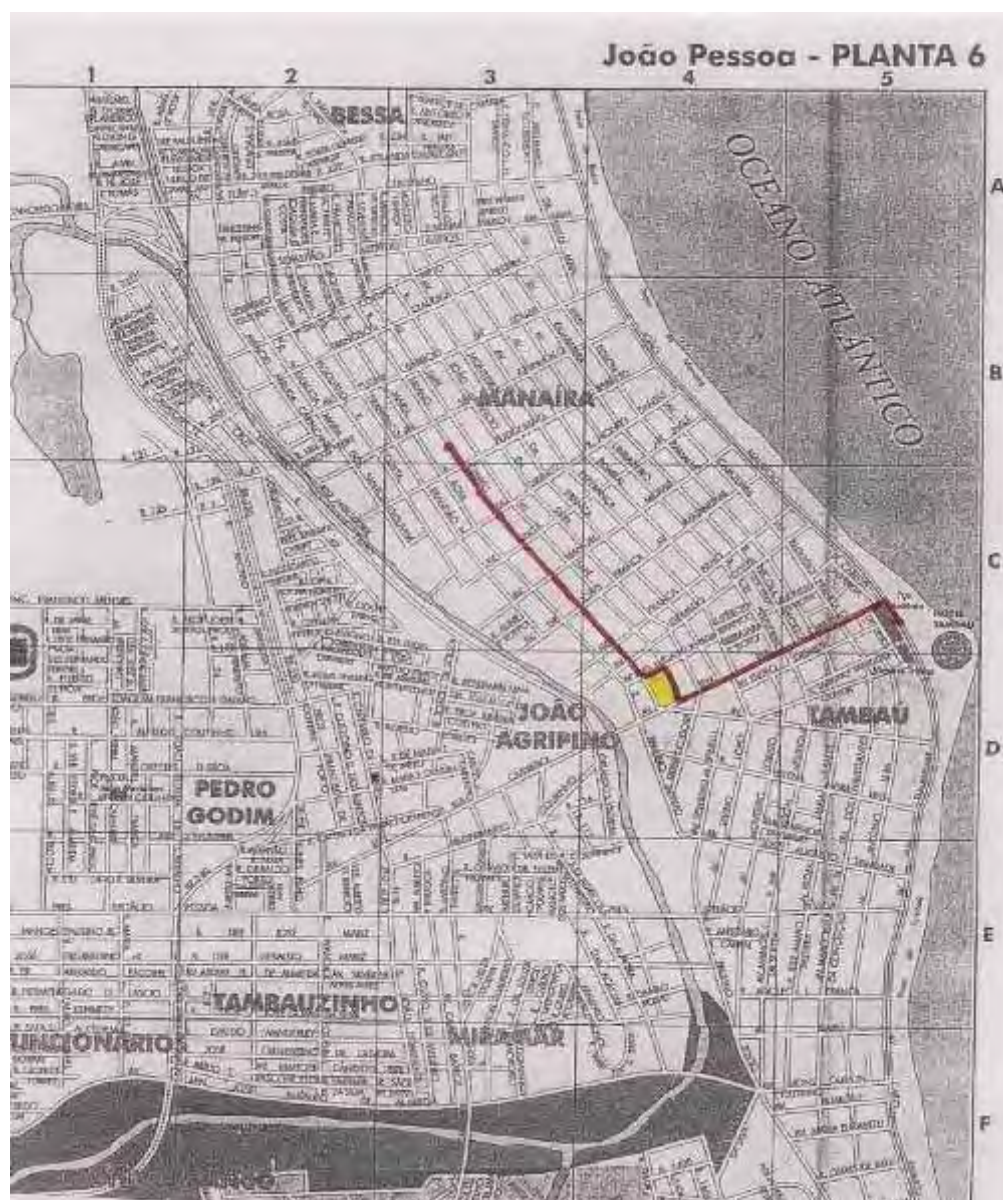
Em terra, adjacente à caiçara de Tambaú, uma multidão espera a imagem de São Pedro. Entre essas pessoas, muitos são parentes de pescador, tanto moradores da região, quanto oriundos de outros bairros, que visitam os familiares e retornam a Tambaú nessa ocasião; vários fiéis, moradores da região, pertencentes à Paróquia de São Pedro Pescador; e há também pessoas que surgem de diferentes bairros da cidade.

No ano de 2003, a festa contava com uma programação que contemplava várias apresentações, enquanto se esperava a imagem, como: quadrilha e grupos para-folclóricos. Na

chegada da imagem de São Pedro, em frente ao Centro Turístico de Tambaú, apresentou-se a banda de música. No ano de 2004, tinham convidado apenas a quadrilha infantil Relâmpago, pertencente ao bairro de Manaíra, que iria fazer uma breve apresentação, mas não aconteceu mesmo a quadrilha estando lá presente. Sua apresentação tinha sido transferida para o pavilhão da igreja católica, depois da missa, porém nesse ano não pude acompanhar a festa e tampouco confirmar se houve a apresentação.

Após a chegada da barqueata em Tambaú, a imagem foi transportada do mar para o palanque em terra. As pessoas disputavam um lugar próximo à imagem, algumas tentavam tocá-la ou pegar uma flor do andor. Foi realizada uma reza. Em seguida, o padre da igreja de São Pedro cantou os hinos que estavam no folheto distribuído para a multidão, acompanhado da Banda Marcial Cinco de Agosto, leu passagens da Bíblia, como também anunciou as crianças perdidas através do carro de som. Nesse momento, era o padre mais os fiéis da igreja que comandavam a procissão.

Os festejos continuaram em terra, a imagem percorreu as ruas de Tambaú até a Igreja de São Pedro Pescador em *caminhada*. As autoridades católicas acompanhavam em um carro de som e a liturgia de momento foi organizada pelos membros da igreja. Esse percurso sofreu alterações ao longo dos anos, atualmente a procissão já não passa em frente à Colônia dos Pescadores, devido à missa ser realizada na Igreja de São Pedro Pescador. A única parada realizada, atualmente, é na Vila dos Pescadores em frente à Capela de Santo André. Vejamos um mapa ilustrativo do percurso em Tambaú:



Fonte: Telelistas 2006 – João Pessoa, Campina Grande e região

-  - Percurso
-  - Vila dos Pescadores em Tambaú

Figura 34 – Percurso da *caminhada* em Tambaú entre 2007 e 2011

Desse momento em diante, da Vila dos Pescadores à igreja, são poucos pescadores que continuam na procissão, mesmo assim, alguns parentes prosseguem até a missa; nesse movimento, a festa vai ganhando novas características e outra cor com a mudança de seus atores.

Na igreja, a missa que ocorre após a *caminhada* é aguardada por muitos fiéis. Os fogos anunciam a chegada do andor que é conduzido ao altar. No ano de 2008, foram reservadas algumas cadeiras para os pescadores e parentes próximas à imagem. A igreja estava lotada durante a realização da missa.

Quase todos os anos vêm sendo servida, logo após a missa, uma sopa de cabeça de peixe. A sopa é feita por pessoas da igreja que geralmente recebem os peixes doados pelos pescadores, conforme narra Dona Cila:

sim, também teve uma vez que pegaram fizeram uma fila e deram a cada qual um copo de sopa. Foi a Igreja Católica que fez? Foi, foi... fez lá e aí saíram distribuindo, em fila, a sopa. Umas cabeças de peixe, arranjam umas cabeças de peixe, fizeram uma sopa e a cada um, dava um copo, em fila, isso pra mim não é festa! Tem uns cantores agora, uns negócios, ninguém pode entrar. De jeito nenhum, minha filha, não sei não. (Dona Cila, 29/01/2010).

Nesse trecho, Dona Cila também faz referência à “festa social” realizada pela igreja de São Pedro Pescador, a qual abordaremos adiante. Houve recentemente uma mudança do padre responsável pela paróquia, o que gerou descontentamento entre os membros e pescadores do lugar. Na procissão de 2010, os pescadores homenagearam o antigo padre, Luís Weel, o qual esteve presente durante a caminhada em Tambaú. Essa demonstração de admiração e homenagem ao padre antecessor (que se aposentou, regressando ao seu país de origem) era também uma forma de declaração, *uma mensagem*, em relação à nova liderança da igreja, que segundo alguns pescadores, pouco vem contribuindo com a festa, apesar dele chegar

recentemente a essa paróquia. Foi cogitado, inclusive, o retorno da missa para a Igreja de Santo Antônio, localizada mais próxima à Colônia dos Pescadores, devido a um certo distanciamento que parece haver entre os pescadores e o novo cônego. Antes, o distanciamento entre os pescadores e a igreja era amenizado pela aproximação que eles mantinham com o antigo padre, mas agora esse afastamento ganha força com a saída do padre.

Dessa forma, seguimos para o último momento da Procissão de São Pedro, a *festa* social que vem sendo organizada pela igreja católica.

3.2.4 A Festa e a Igreja de São Pedro Pescador



Crédito: Magno Job

Figura 35 – A celebração da missa em Tambaú em 2011



Crédito: Magno Job

Figura 36 – A devoção e disputa pelos adornos da charola após a missa em 2011

A partir da memória dos pescadores e seus familiares, podemos reconstruir a festa de antigamente (ou época)⁸⁴. Após a missa, a imagem da procissão voltava para Colônia dos Pescadores, onde era realizada uma festa, com brincadeira do coco; em outros tempos, um “forró” (tocado em radiola ou por músicos), bebida, comida, que encerrava esse momento de celebração. Era uma festa “aberta”, todos os pescadores, familiares e participantes da procissão podiam brincar, conforme relata Dona Cila:

antigamente tinha festa, o pessoal fazia aquela festona; fazia uma sopa, fazia pra dá ao pessoal; fazia um forrozinho depois no fim. Todo mundo gosta de festa, né?! Fazia um forrozinho, a gente brincava. Hoje em dia, minha filha, acabou-se tudo, acabou-se tudo mesmo! (...) Na época de Seu Aluizio era muito bom: era palanque, era festa, era forró, era tudo. Cheio de bandeira de canto a outro, ele tinha prazer em fazer. Ele hoje em dia é crente, ele hoje em dia é crente, não vai mais. (...) Fizeram umas camisas lá pra entregar a São Pedro, não sei como me deram uma ainda, não sei mesmo como me deram ainda uma camisa de São Pedro, não sei mesmo, não sei mesmo, vou perguntar... Agora, no tempo de Seu Aluizio, no tempo de Seu Aluizio era muito animaaado, fazia gosto ir pra Festa de São Pedro. Hoje com o palanque que tem... hum... (risos). O presidente, aonde tá o presidente, o Fumacinha? O Fumacinha tem que tomar conta, mas quando chega a época de São Pedro, eles fogem, vai embora. (Dona Cila, 29/01/2010).

A procissão dos pescadores, que tinha a missa celebrada anteriormente na Igreja de Santo Antônio, com a construção da nova paróquia na região, a qual recebeu o nome do santo homenageado e considerado protetor dos pescadores, passou a ser realizada na Igreja de São Pedro Pescador. Atualmente, a igreja católica vem organizando uma programação comemorativa, batizada “Festa de São Pedro Pescador”, em homenagem a São Pedro, designado por ela padroeiro de Manaíra. Esse evento, ora paralelo à procissão dos pescadores, ora integrado a ela, tem como organizadores os seus membros, juntamente com a liderança local da paróquia.

⁸⁴ Ver também o capítulo sobre a memória da festa.

Desse modo, nos últimos anos, vêm ocorrendo **duas festas** na região de Tambaú: a *Procissão de São Pedro*, organizada pelos pescadores e a *Festa do Padroeiro São Pedro Pescador*, fundada pela igreja, que se integram sobretudo na *caminhada* realizada em Tambaú. Entretanto, esperavam os pescadores que essa integração ocorresse em toda a procissão, em especial, destaque a *feira* que servia de encerramento ao evento. Assim, a procissão já existente, realizada por esses antigos moradores, foi somente parcialmente incorporada às comemorações do padroeiro.

A Igreja de São Pedro Pescador está localizada em Manaíra. Ela nasceu do desejo de fiéis católicos pertencentes à classe média, moradores dessa região, que congregavam em outros bairros, por não existir essa denominação nessa área. A construção dessa nova igreja foi aprovada em assembléia paroquial no ano de 1994. Anteriormente, esse bairro fazia parte da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, situada em Miramar.

O terreno da igreja foi conseguido através da Emlur e da prefeitura de João Pessoa. Os trabalhos de construção foram iniciados no mês de abril de 1996; em junho daquele ano foi lançada a pedra fundamental por Dom Marcelo Pinto Cavalheira, o Arcebispo da Arquidiocese da Paraíba naquele período. A construção da igreja durou sete anos. Ela foi projetada para comportar, aproximadamente, mil pessoas. Possui sacristia, salas, casa paroquial, salão, etc. A nova paróquia só foi decretada pelo Arcebispo em 30 de junho de 2001. No ano de 2004, após a conclusão da igreja, foi decidida uma nova construção, agora de um Centro Pastoral, homenageando “Dom José Maria Pires”, em um terreno ao lado da igreja, objetivando garantir espaços para atividades comunitárias.

Os fiéis residentes em Manaíra relatam que fizeram diversos tipos de arrecadação para a construção da igreja e depois para o Centro Pastoral, como: festas, bazar, rifas, inclusive, sair aos sábados de porta em porta pedindo subsídios. Outros financiamentos ou formas de

auxílio foram realizados por comerciantes, alguns patrocinadores, a própria construtora, a Colônia de Pescadores e as Peixarias de Manaíra e Tambaú.

Nesse primeiro momento, a visão da liderança da igreja era alcançar todos os estratos sociais existentes no bairro e dar continuidade a alguns trabalhos que vinham sendo desenvolvidos nas “comunidades”⁸⁵: uma localizada na parte periférica do bairro, próxima ao rio Jaguaribe, denominada de Chatuba e a outra era a Vila dos Pescadores.

Era de conhecimento e fundamento para a construção dessa nova paróquia o crescimento populacional, dado as várias construções verticais e os empreendimentos voltados ao turismo, que vêm atraindo diferentes transeuntes, consumidores e trabalhadores para essa região; como também o próprio contraste econômico, cultural e social lá existente, quando afirmam que: “é desafiador evangelizar a área de Manaíra, espaço de condições financeiras diferenciadas, no contexto de uma cultura urbana complexa e múltipla agravada pelo projeto neoliberal, que acentua o desemprego e as desigualdades sociais”⁸⁶.

Em conversas com os moradores da Vila dos Pescadores, entre 2003 e 2005, algumas pessoas relataram participar das missas na igreja nessa época. No entanto, com o passar dos anos, mais precisamente em 2007, alguns moradores da Vila pediram a construção de uma capela dedicada a Santo André, na própria Vila dos Pescadores. Foi necessária a compra de um novo espaço e o dinheiro foi doado pela irmã do pároco da Igreja São Pedro Pescador, que então passou a celebrar missas tanto na igreja, quanto na Capela de Santo André.

Seu Raminho mora vizinho a capela. É ele quem organiza o local para a missa, faz parte de uma das bandas que integra a liturgia da Igreja de São Pedro Pescador e da Capela de Santo André e parece ser um dos responsáveis em manter o vínculo entre os moradores da Vila dos Pescadores e a Igreja. Na “festa social” de São Pedro, sua esposa também trabalha em uma das barracas organizadas pela igreja. Mesmo assim, a construção da capela parece

⁸⁵ Comunidade aparece aqui entre aspas para indicar que é um termo utilizado pela igreja.

⁸⁶ ANUNCIAI: boletim informativo da Paróquia N. Sra. de Fátima. João Pessoa, Ano VI, n. 292, 07 a 13 out. 2000.

indicar o desmembramento dos paroquianos ou ainda as fissuras entre a população de classe média e as “comunidades” do lugar.

O tríduo, três dias de festa litúrgica organizada pela igreja, que acontece atualmente em comemoração a São Pedro, geralmente antecedia à missa que integrava a procissão dos pescadores e se prolongava por mais dois ou três dias (dependendo do dia da semana em que recaía a procissão). Nesse segundo momento, após o tríduo, ocorria também, todas as noites, “festa social”, conforme descreve padre Geraldo Magela em relação à programação realizada em 2010:

então, é... levando em conta, apesar que estou aqui há um ano e meio na Festa do Padroeiro São Pedro, posso dizer o que fiz foi assumir aquilo que já era a história, a vida do pessoal da vivência da festa aqui, não tive assim nenhuma pretensão de criar uma festa nova ou criar algo novo, fui conhecendo, já que estou chegando agora na paróquia, e assim, dessa forma, também cumpri um certo ritual da festa que já era previsto, que já era vivenciado nessa comunidade, né. É uma comunidade que já tem a festa do padroeiro há mais de dez anos; tem uma caminhada; tem uma experiência; tem uma vida durante a Festa de São Pedro aqui em Manaíra. Então, meu trabalho foi só de acompanhar e acompanhar como? Nas duas direções, que a gente chama a **festa religiosa**, que é a parte mais contemplativa, né, e a **parte social**, que diz respeito mais aaa, eu digo, a confraternização das pessoas, né, são esses encontros, do banquete, da música, da dança, dentro do roteiro da festa do padroeiro, e São Pedro está aí (inaudível). Com as festividades do padroeiro pescador aqui em Manaíra, a festa tem essa conotação até o momento. (...) O tríduo que culmina justamente com a procissão no dia de São Pedro, que vêm os barcos... que vêm de barqueata da praia da Penha e já é uma tradição dos pescadores dessa região. Fazem essa procissão e chegam à praia de Tambaú e vão aí muita gente, não só daqui da Paróquia São Pedro Pescador, não só daqui do bairro de Manaíra, mas as pessoas vindas de várias partes da cidade que pela devoção a São Pedro, então vai encontrar a imagem, né. E aí vem em procissão até aqui a igreja matriz e, com isso nós, eu diria assim, concluímos a festa religiosa, né, de São Pedro.

Pode-se então perceber a partir da programação que a festa do padroeiro é formada pelo *tríduo*, pensado como preparação espiritual para a procissão, a *barqueata* e *caminhada* de São Pedro (no dia 29 de junho) que se realiza na região de Tambaú, e a “*festa social*”, também chamada de “festa externa”, por ser realizada fora da igreja, mas organizada por ela. A festa do padroeiro é elaborada por uma comissão da igreja que designa equipes, formadas por membros e grupos da instituição, para organizar a festa. Cada equipe fica responsável por uma tarefa do festejo: liturgia, infra-estrutura, decoração, alimentação, animação etc. A comissão da igreja, todo ano, também organiza a produção de camisas para a festa do padroeiro, que serve ao mesmo tempo para arrecadar dinheiro.

Parece que a primeira tentativa da igreja era a de integrar a procissão dos pescadores, que tradicionalmente ocorre nessa região, com a festa recentemente “inventada” e organizada por ela, tendo em vista ser o mesmo santo consagrado. Trago essa festa recém criada pela Igreja de São Pedro Pescador em destaque à luz da “tradição inventada” proposta por Hobsbawn (1984, p.9-10), quando afirma que:

o termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. [...] Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

Não é difícil precisar o ano de criação da “Festa de São Pedro Pescador”, organizada pela igreja, e vislumbrar como aos poucos ela vai se tornando uma “tradição inventada”; constituída por signos e simbolismos inerentes aos rituais do catolicismo e aos valores e modo

de vida da população que dela organiza e participa. A “invenção de tradição” nos permite ir além, quando possibilita observarmos também o fluxo de envolvimento entre a festa organizada pelos pescadores e a realizada pela igreja, isto é, como aos poucos ela absorve parte da tradição anteriormente vivenciada pelos antigos moradores de Tambaú e vai conquistando o reconhecimento de Festa de São Pedro da região.

Outra característica importante dessa festa é que o tríduo e a “festa social” acontecem independentes da procissão, mas relacionados a ela, e parte desse festejo é comemorado paralelamente à Festa de São Pedro preparada pelos pescadores. Ao acompanharmos a programação realizada pela igreja, podemos perceber que a procissão dos pescadores foi integrada, mas de forma parcial à festa do padroeiro. Apesar da alusão à *barqueata*, na programação da igreja, a efetiva participação dos membros só ocorre na *caminhada* em Tambaú, realizada no dia 29 de junho, conforme veremos a baixo.

Em 2000, a festa do padroeiro foi realizada no período de 28 de junho a 02 de julho, com o lema: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”. Enquanto os pescadores transportavam a imagem em carreata à Penha; os membros da igreja realizavam uma nova procissão, que consistia em carregar uma bandeira dedicada a São Pedro, com saída da residência de um paroquiano até a igreja, seguido do hasteamento e de uma missa, marcando a abertura da festa do padroeiro. No dia da chegada da imagem à igreja, na procissão dos pescadores, foi o arcebispo Dom Marcelo Carvalheira quem celebrou a missa. Houve, durante todos os dias, festa social na parte externa, em frente ao Centro Pastoral, com pavilhão, mesas, barracas onde eram vendidas comidas e bebidas, apresentações de conjunto musical de forró, bingos, sorteios e leilões.

Em 2001, a festa da igreja foi realizada em dois períodos, de 01 a 27 de junho e de 28 de junho a 01 de julho, com o lema: “Caminhando com São Pedro neste novo milênio. Tu és o Cristo”. Houve, no primeiro período, a caminhada com a imagem de São Pedro Pescador

pelas residências; a cada dia, ela ficava em uma das ruas de Manaíra, onde eram realizadas orações e as casas que recebiam o santo eram abençoadas pelo padre. A partir do dia 14 de junho foram iniciadas as festas juninas organizadas pelas escolas que utilizaram o pavilhão montado em frente à igreja. Nesse mesmo ano, foi comemorada a formação das “comunidades missionárias” Vila dos Pescadores, São Francisco e Chatuba, lugares nos quais membros da igreja passaram a desenvolver trabalhos sociais. No dia 28 de junho, às dezenove horas, repetiu-se a procissão da bandeira, dessa vez, acompanhada da imagem de São Pedro pertencente à igreja. No dia 30 de junho, Dom Marcelo Carvalheira, celebrou a missa. No dia 01 de julho, houve o encerramento com a festa litúrgica dedicada a São Pedro e São Paulo. A festa social ocorreu durante todos os dias do segundo período.

Na ocasião de 26 a 29 de junho de 2002, com o lema: “Com São Pedro, por uma terra sem males”, ocorreu a festa promovida pela igreja, ainda em construção, com o mesmo formato dos anos anteriores. Também houve a caminhada no primeiro dia de festa, com saída da imagem da Vila dos Pescadores até a igreja. Já não foi mais mencionada a bandeira de São Pedro nessa procissão⁸⁷. Entre 25 de junho e 29 de junho de 2004, com o lema: “Navegando com São Pedro no mar da vida”, ocorreu o tríduo seguido da procissão dos pescadores. Nesse ano, foi realizada a caminhada da bandeira com a presença de uma banda de música, com saída da Vila dos Pescadores. Foram cinco dias de festa social. Na procissão dos pescadores, os padres Luís Weel e Júnior foram de barco buscar a imagem de São Pedro no bairro da Penha e após a missa solene da procissão foi servida uma sopa de cabeça de peixe.

De 26 de junho a 03 de julho de 2005, com o lema: “Celebrar unidos a eucaristia. ‘Felizes o que promovem a paz’”, ocorreu a programação da festa realizada pela igreja. Houve a abertura com saída da imagem da Vila dos Pescadores até a igreja e seis dias de festa social (entre 28/06/05 e 03/07/05). Foi padre Geraldo Magela quem celebrou a missa de

⁸⁷ Falta a programação da festa realizada em 2003, que geralmente é distribuída aos fiéis. A igreja não possuía exemplar em seus arquivos a ser disponibilizado.

encerramento. No ano de 2006, entre os dias 25 de junho e 02 de julho, ocorreu a festa da igreja, cujo lema era: “Com São Pedro em missão. Vinde e vede! ‘Felizes os que promovem a paz’”. A programação contemplava a caminhada com a imagem pelo bairro (realizada no primeiro dia); as celebrações de Dom Marcelo Cavalheira e Dom José Maria Pires entre outros, e a partir de 28 de junho, após a missa, todos os dias houve festa social.

Em 2007, de 26 de junho a 01 de julho, foi comemorada a festa de São Pedro em Manaíra, atribuído o lema “Com São Pedro formamos a família de Jesus. Vinde e vede!”. Acrescentaram à programação uma nova procissão pelo bairro, dedicada aos apóstolos São Pedro e São Paulo no último dia da festa. A missa, nesse dia, foi celebrada por Dom Aldo di Cillo Pagotto, o Arcebispo nesse período. A partir do dia 28 de junho, a festa social passou a ser realizada todos os dias, após a missa. No ano de 2008, entre 25 e 29 de junho, o tema era: “Com Pedro escolhemos a vida. ‘Toma tua cruz e segue-me’”, a festa seguiu os moldes anteriores. Houve novamente a presença do Arcebispo Dom Aldo Pagotto e foram três dias de festa social (entre os dias 27 e 29 de junho).

De 26 a 29 de junho 2009, “Com São Pedro celebramos a paz”, ocorreu a XII versão da Festa do Padroeiro de Manaíra. A abertura foi concretizada com a caminhada, tendo a saída da imagem da nomeada “Comunidade Santo André”, antes referida como “Comunidade Vila dos Pescadores”. A festa social aconteceu em apenas dois dias (26 e 27 de junho). No ano de 2010, “Com São Pedro celebramos a vida!”, a *barqueata*, *caminhada* e *missa* dos pescadores continuaram a ser realizadas no dia 29 de junho; porém o tríduo organizado pela igreja só ocorreu no final de semana (no período de 02 a 04 de julho) após a procissão, com dois dias de “festa social”, deixando mais claro sua independência, e entristecendo ainda mais alguns pescadores⁸⁸. Segundo os organizadores da festa na igreja, um dos motivos da

⁸⁸ Em 2011, a programação da festa organizada pela igreja foi semelhante ao ano de 2010. A missa de encerramento da procissão dos pescadores ocorreu na Igreja de São Pedro Pescador, no dia 29 de junho, finalizada com a distribuição da sopa de cabeça de peixe no Centro Pastoral e o tríduo só foi realizado no fim de semana (de 01 a 03 de julho), com a festa social no domingo após a missa.

mudança na data do festejo foi o dia de São Pedro não ser mais feriado, impedindo a participação de vários fiéis.

A partir da programação, pode-se perceber que em Tambaú são realizadas duas comemorações distintas, a *Festa de São Pedro* e a *Festa de São Pedro Pescador*, a primeira é organizada pelos pescadores e a segunda, organizada por fiéis e representantes da igreja, que se interligam na *caminhada e missa*.

A “festa social” ou “festa externa”, que vem ocorrendo no pátio do Centro Pastoral⁸⁹, poderia ser outro ponto de encontro entre as duas festas dedicadas a São Pedro, mas para entrar e participar é necessário a compra do ingresso. Como também a aquisição de comidas, bebidas, rifas, bingos, entre outros, se dão através do consumo, configurando-se muito mais em “festa-espetáculo”, que “festa-participação” (GARCÍA CANCLINI, 2002); do mesmo modo, constituída em um processo de institucionalização que tem participação e controle dos membros da igreja pertencentes à classe média da região.

O que parece ocorrer na igreja, apesar do nome ter como preito São Pedro Pescador, é que os pescadores ou parentes de pescadores da região começaram a passar por um processo de distanciamento; por exemplo, na forma comumente utilizada de participação nos eventos da igreja que ocorre por meio do *consumo*. De acordo com Dona Cila e Galiléia:

na igreja católica tem, depois da missa tem, mas tem um cartãozinho pra gente entrar, ingresso. Se não tiver com ingresso, a gente não entra. Isso não é festa, de jeito nenhum é festa. Eu enfeito São Pedro e não tem coragem nem de dizer: entre, porque eu enfeito São Pedro. Porque todo mundo sabe que eu sou conhecida, pra dizer: entre, pelo menos aqui, mas não! (...) A igreja católica só ajuda pra eles. Porque a festa em vez de ser na praia é na Igreja São Pedro Pescador em Manaíra, lá a festona é grande e pra gente entrar ainda tem que comprar o ingresso, pra gente entrar na festa de São Pedro, que nunca vi isso na minha vida. No

⁸⁹ Em 2007, como também em anos anteriores, foi construído um grande pavilhão em frente ao Centro Pastoral que interditou a rua para a festa social. Nesse ano, foi entregue aproximadamente cinquenta ingressos à Colônia dos Pescadores.

tempo de Aluizio, era um homem animado, ele fazia uma coisa, fazia outra, dava uma camisa a gente, hoje em dia minha filha, acabou-se tudo, tô vendo a hora São Pedro... não ter o próximo São Pedro. (Dona Cila, 29/01/2010).

Todo ano o padre faz uma festa lá, mas esse ano fez depois da procissão e era pago. (...) Eu não sei nem quem é o outro padre agora, conheço não. Eu conheço o padre Luís, que ele sempre estava aqui com a gente, mas agora ele está aposentado. (...) Aquela igreja ali fizeram através de pescador e assim mesmo não serve pro pescador. Até a procissão que tem, quando tem uma festa, o pescador não entra. A gente capricha aqui, quando tem a festa, mas pros meninos ir tem que pagar. A gente tá se organizando esse ano pra ver se para o ano, a gente faz a festa da gente aqui. Depois da procissão, pra fazer uma festa aí (na caiçara). Agora, vamos fazer no dia, né. (Galiléia, 02/10/2010).

As narrativas de Dona Cila e de Galiléia possibilitam entender também, que não é simplesmente o fato de poder entrar na festa; visto que no ano de 2008, no término da missa, foi oferecido aos pescadores o ingresso de entrada; é a ausência de elos com os membros da igreja; é a distancia na relação entre os *estabelecidos* e os *outsiders*; é a forma como a brincadeira se estabelece através do consumo.

Essa forma, “festa-espetáculo”, se dá e atrai um grupo específico de consumidor, a classe média local, que parece não estranhar que o acesso, as relações, as festas, sejam intermediadas pelo dinheiro; diferente da festa na Penha que vem se tornando *a festa deles*, dos pescadores, onde o festejar não se realiza a partir da relação vendedores-consumidores, mas no envolvimento dos participantes na festa. De acordo com García Canclini (2002), quando a forma de se relacionar é através da intensificação do consumo, a festa logo reafirma as diferenças sociais.

A “festa social”, nos últimos anos, ao ser realizada em dias anteriores ou posteriores à *caminhada* de São Pedro em Tambaú, além de ser paga, não se configura enquanto festa de

encerramento da procissão dos pescadores. Para os pescadores, já não há mais uma festa de encerramento, mas festas “fechadas” realizadas em diferentes lugares.

Os pescadores após a *caminhada* ou a missa em Tambaú comemoram, não mais na colônia. Atualmente, eles continuam o festejo em diferentes espaços: alguns vão para a caçara; outros para casa, onde estão reunidos os parentes; como também voltam à Vila dos Pescadores, onde alguns moradores do lugar, mais os parentes de outros bairros, se reúnem e fazem sua brincadeira.

Para os integrantes da igreja, a “festa social” é mais um espaço de festejar e aproximar as pessoas que participam dessa comunidade religiosa (as recém chegadas e antigas na igreja), de integração familiar, é o momento de encerramento da festa dedicada ao padroeiro de Manaíra, é tempo de celebrar.

Outros aspectos dessa relação que culminam na discriminação e distanciamento entre os grupos são as características fenotípicas e o “estilo de vida” dos pescadores, além das relações familiares, de amizade, ou os próprios locais de residências dos pescadores nas áreas periféricas (Chatuba I, II e III, Bairro São José), que são considerados lugares perigosos da região.

Nesse caso, como assinala Brandão (1989, p.9) a festa exagera o real, ela “se apossa da rotina e não rompe, mas excede sua lógica”. São questões que dizem respeito à desigualdade e a todas as relações sociais em que qualquer diferença é interpretada e classificada como desigual e mais, elas vão sendo naturalizadas e institucionalizadas pelo grupo com maior poder político, econômico e institucional, aumentando desse modo a distancia, a discriminação em relação aos pescadores do lugar.

São poucos pescadores que participam da “festa social”, porque mesmo que tenham condições financeiras de consumir, não conseguem se integrar aos demais. Eles formam um pequeno gueto na festa. Se há forró, é muito raro um rapaz da classe média (para não dizer

nenhum) convidar alguma menina (parente de pescador) para dançar; ou ver um rapaz (pescador) convidar uma garota de classe média, porque sabe que provavelmente receberá um não de resposta. Eles dançam entre si, sentam nas mesmas mesas. Nenhum outro elemento parece ser tão significativo para a distinção homogeneizada entre os grupos (pescador e não-pescador; classe média e não classe média), no momento da festa, que a cor da pele dos participantes, uns brancos e outros negros, associada ao modo de se vestirem. Isso ocorre também a partir de outra homogeneização vivenciada no bairro: negros, pobres e perigosos. O bairro de São José geralmente é, mencionado nos meios de comunicação, local associado a crimes; mas nessa região periférica do bairro também residem antigos pescadores e familiares.

A “festa social”, dessa forma, acaba afastando ou excluindo a participação dos pescadores através da estigmatização, conforme ressaltam Elias e Scotson (2000, p.23) entre *os estabelecidos e os outsiders*:

essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder dos quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer.

Um fator que deve ser considerado é a violência⁹⁰ na atual situação da região e que acaba influenciando não só as relações sociais como a forma de festejar. Sendo assim, a tentativa de proteger-se e resguardar-se dessa rotina de crimes, principalmente quando está reunido certo número de pessoas para celebrar, é geralmente esperado. Entretanto, em uma região com características heterogenias, o papel esperado da festa de integrar os moradores do

⁹⁰ Ainda no período da pesquisa, uma integrante da Igreja São Pedro Pescador foi vítima de um latrocínio quando se dirigia para a missa, pela manhã, em um dia de domingo. Ver anexo das notícias de jornais sobre violência no bairro de Manaíra.

local, pode desdobrar-se em aproximar os semelhantes e distanciar os dessemelhantes (por vezes, desiguais).

Se por um lado, o santo padroeiro escolhido para a igreja parece homenagear aos pescadores da região, ressaltando ao mesmo tempo a história do lugar, por outro lado, nos últimos anos, ao repetir a visão dominante sobre o bairro, que “não há pescadores na região”, apresenta-o como somente de classe média, abolindo as particularidades lá existentes. Nessa perspectiva, é negada a presença e a própria existência desses profissionais como moradores de Tambaú e conseqüentemente, os pescadores vão cada vez mais sendo distanciados e discriminados até chegarem ao processo de quase completa invisibilização ou expulsão (uma saída forçada do lugar e da festa); e mesmo os pescadores que continuam morando no bairro de Manaíra, de Tambaú ou de Cabo Branco são logo identificados como pertencentes às áreas carentes e “perigosas” do lugar, nesse processo, vão também se distanciando dos *estabelecidos* da região. Vejamos a narrativa do padre Geraldo Magela, realizada em 2010, sobre a festa, a Paróquia de São Pedro e o bairro:

a festa social é um momento assim, muito importante também, né, porque é um momento de encontro das pessoas aqui do bairro, né. Pelo menos o que nós podemos constatar de avaliação pós-festa é que: aqueles que participaram, aqueles que vieram para o momento, onde era a festa social (inaudível), com quermesse, são pessoas, são famílias da comunidade de Manaíra, que vêm se descontraírem com sua família, que vêm para o momento, que vem para um momento de lazer. Nesse sentido, na figura do padroeiro que é agregar essas pessoas, eu quero dizer, aumentar a família, né, tornar a família mais ampla, então a festa social, nesse sentido, tem esse cheiro, tem esse sabor. Não só o cheiro do milho, não só o cheiro do cachorro quente, não só o cheiro da cervejinha e nem só o som do forró, mas também tem esse cheiro, tem esse gosto, tem esse sabor do encontro das pessoas da comunidade, é dos amigos, das pessoas que se conhecem, até porque tem pessoas que estão chegando na comunidade agora, estão chegando aqui em Manaíra. Porque também Manaíra não é uma comunidade já assim constituída, está sempre, sabe, que eu falo, está sempre chegando

pessoas novas aqui, então para que as pessoas busquem e trabalhem para se encontrarem e, creio eu que, o trabalho que chamamos de festa social tem essa dimensão e tem conseguido. Não é interesse nosso a questão financeira, por isso, a festa tem uma característica, tem um entorno mesmo muito familiar. Até pelo espaço mesmo, nós fizemos num espaço bem mais reservado, né, bem assim, pequeno mesmo, com essa intenção mesmo de não ser assim uma festa comercial. É uma festa mesmo para a família. A comunidade que vem não só para beber, que vem para encontrar pessoas, que vem para conviver. Não é uma festa de bebedeira, é uma festa de convivência, e convivência tem a cervejinha, e tem a dança, e tem a brincadeira, e tem tudo isso, né, têm as paqueras, vem outros se conhecerem, tudo isso que é troca e é natural da festa. Não é festa comercial, não é para vender a imagem do santo, ou para ganhar algum auxílio à base ou à custa do santo. Na verdade, é para promover ou tentar promover convivialidade maior na comunidade, essa é a festa social. Vem pescador pra cá, pra festa? Não, não é... aí é a questão. Não é uma festa hoje dos pescadores, eu diria socialmente falando, sociologicamente falando, não, não é. A procissão tem, **a procissão**, tem essa marca. Até mesmo porque hoje Manaíra, não é um bairro de pescadores. Tem essa questão, né. São Pedro é pescador, São Pedro ficou padroeiro daqui pela tradição, porque no passado, diz a história, que aqui foi uma região de moradia, de morada de pescador, mas hoje não é. (...) Até pela própria formação do bairro, pela feitura do bairro, não é um bairro de pescador, de pescador é outra coisa, mas não esse. (Geraldo Magela. Entrevista no dia 28/09/2010).

No entanto, o saber deles em conhecer o mar, o funcionamento do barco, faz com eles permaneçam a frente da *barqueata*. Dessa forma, a demonstração de habilidade dos pescadores, naquele momento, não é somente uma afirmação de conhecimento entre eles e diante das relações sociais constituídas na festa, é em especial um marco de domínio perante os terrestres, que naquele momento desbravam o mar. Contudo, parece haver um lugar designado aos pescadores na festa. Ao conversar com Lena, a secretária da igreja, e Jaci Maria, que congrega na paróquia de São Pedro, perguntei como era a participação dos pescadores na festa, elas disseram que:

no início a participação deles é era bem maior, porque existia a Vila. Inicialmente existia mesmo a Vila de Pescadores, hoje é a comunidade do Santo André. Com o início da urbanização, muitos pescadores foram vendendo suas casas, foram vendendo as casas, que se transformou hoje no bairro de Manaíra, né. Então a participação deles era muito maior, porque tem toda uma história com aqueles pescadores, né. Eles pegaram aquela imagem, que é uma imagem antiga, eles colocavam na Igreja de Santo Antônio. Então eles vinham desde lá da Penha em procissão, com os barcos, desciam ali em Tambaú e iam até a Igreja de Santo Antônio com essa imagem e depois rezavam lá, e lá ficava. No momento em que, segundo essa, com a reforma da capela para modernizar a paróquia Nossa Senhora de Fátima, então a procissão se estendeu até aqui. Com essa pretensão, continuavam com o patrono Santo Antonio, mas continuávamos com a caminhada até aqui, passando pela Vila de Pescadores e chegando aqui. Agora daqui, original de pescadores tem assim, uns cinco só, nem sei, né Lena, de pescadores aqui, tem muito pouca gente, da Vila original. Mas foi uma época muito boa. A participação deles ainda continua, sendo São Pedro assim patrono da festa, eles têm por tradição, como fazem parte daqui, eles têm por tradição acompanhar a procissão, né Lena. Às vezes, doam peixe pra fazer a sopa de São Pedro, da sogra de São Pedro, da sogra de São Pedro (risos), era feita sempre com a cabeça de peixe, enfim, né, tem cabeça de peixe, assim, e eles sempre doaram. Mas eles continuam participando ainda, não é mais com aquele fervor. É como estou te dizendo: a modernidade, por incrível que pareça, está afastando muitas pessoas dessas festas tradicionais, né, desse espírito de cooperação, de integração, as pessoas tão ficando muito individualistas, então por isso, não é só porque Manaíra está crescendo, em todo canto que tem festa, já está muita gente abandonando. (Jaci Maria, 30/09/2010).

Se há uma disputa entre “iguais” (no mar), no momento da *barqueata*, há outra disputa entre “desiguais” (em terra), na programação e participação da festa realizada em Tambaú, conforme a parábola utilizada por Seu João Preto, ao comparar o poder desigual vivenciado em terra à discrepância entre o barco de pescador e o navio no mar.

Marcos Ayala (1996), ao estudar as relações entre a Irmandade, a Igreja e a sociedade na Festa do Rosário em Pombal-PB, analisa a disputa entre a confraria e os sacerdotes como um modo de competição em torno da definição de religiosidade e da distinção entre atividades

religiosas e não religiosas - o sagrado e o profano. Para esse autor, algumas práticas e manifestações religiosas populares (de músicas, cantos e danças) são consideradas profanas pela ortodoxia católica, no entanto, para os populares, as atividades que eles desempenham na festa têm caráter religioso e sagrado. Vejamos:

os responsáveis pela realização dessas atividades, a exemplo dos freqüentadores de outras festas religiosas populares (sejam as domiciliares, sejam as realizadas em comunidades rurais e de bairro, ou nas cidades, em ruas e praças públicas), não têm dúvida sobre o caráter religioso daquelas atividades. Os integrantes dos grupos de dança religiosa encontrados em São Paulo (dança de São Gonçalo, congada, moçambique, samba-lenço, folias de Reis), principalmente, entendem que são sagradas as tarefas que desempenham. A atuação como dançador, bandeireiro, ou em outras funções, bem como a promoção de eventos dos quais os grupos de dança religiosa participam (responsabilidade dos festeiros), se dá muitas vezes em cumprimento de promessas. Nesses casos, a realização das atividades envolvidas na festa é tida como uma retribuição à graça recebida; em outros, como forma de "agradar", de louvar os santos. (AYALA, 1996, p 132).

Nessa pesquisa, o autor ainda coloca em evidência alguns processos de distanciamento entre o catolicismo popular e a ortodoxia religiosa; a aproximação do catolicismo e a religiosidade afro-brasileira e ainda da igreja e os grupos dominantes; como também as festas religiosas enquanto campos de disputas e conflitos entre a hierarquia eclesiástica e os fiéis.

Esse distanciamento entre as crenças e práticas do catolicismo popular em relação à doutrina “oficial” da igreja tem gerado posturas diferenciadas de ambos os grupos (o clérigo e os fiéis do catolicismo popular). Ainda segundo Ayala (1996), as tentativas de solução e posturas adotadas pela igreja em relação às manifestações e práticas religiosas populares têm sido de: *proibição*, impedindo as práticas dessas atividades pela igreja e pelos fiéis, se valendo, quando possível, da repressão policial; *tolerância*, a igreja (aparentemente) se conforma com a impossibilidade de impedir as práticas que desaprova, e *adaptação* ou *criação*, ou seja, cria ou adapta práticas e instituições da religiosidade popular para atrair fiéis. É possível percebê-las quando o autor afirma que

a exemplo do que ocorre com os outros setores da religião, a igreja tenta controlar estas festas e extirpar delas os elementos que considera ‘profanos’, quando não heréticos. Os elementos lúdicos das práticas populares são um alvo preferencial desta atuação. Como se disse acima, as práticas pouco - ou nada - ortodoxas foram aceitas ou ao menos toleradas pelas autoridades durante um longo período - muitas delas foram incluídas nas cerimônias religiosas oficiais por iniciativa do próprio clero. Em certos momentos, porém, as autoridades passam a hostilizar estas manifestações. (AYALA, 1996, p.118).

Não se pode esquecer que uma das principais preocupações da igreja é não perder o número de adeptos, nem seu domínio religioso, ideológico e político. Já em relação às camadas populares, Ayala (1996) constatou que a hostilidade do clérigo às práticas do catolicismo popular não as inibe, mas pode levar à aversão dos praticantes aos sacerdotes e, desse modo, à não participação ou ao afastamento dos fiéis nas missas e solenidades da igreja.

As especificidades locais enquanto determinantes da aceitação ou mesmo do incentivo ao catolicismo popular, por parte da igreja, são importantes para compreendermos os desfechos de cada situação. Conforme descreveu Ayala (1996), sobre a Festa do Divino em Mogi das Cruzes (SP), diversos grupos de dança, que participavam das procissões e se apresentavam nas ruas e praças da cidade, não participavam das missas, nem algumas mulheres de dançadores e outras devotas do Divino assistiam às missas durante as festas ou em outras ocasiões. Aspecto parcialmente atribuído à interrupção do apoio da igreja aos festejos daquela cidade, durante determinada época. Mesmo posteriormente, com o interesse do vigário da matriz pelas manifestações e práticas populares presentes na festa, os fiéis não retornaram à missa. Observou-se que os praticantes do catolicismo popular encontraram novas formas de continuarem manifestando sua fé,

em alguns casos, o fiel ou a família realiza suas devoções sem a interferência de qualquer outra pessoa. Em outros, aparecem os intermediários leigos: o sacristão, o

capelão, a rezadeira e também os grupos de dança ou canto religioso, como ocorre nas danças de São Gonçalo e Santa Cruz, nas folias de Reis e do Divino. Esses grupos podem atuar ao lado de uma rezadeira ou um capelão, ou então é algum de seus integrantes quem "tira" a reza. A devoção pode também ser expressa apenas pelos cantos executados pelo grupo, sem o acréscimo de orações dirigidas por um "especialista". (AYALA, 1996, p.123-124).

Esses aspectos nos ajudam a pensar sobre a dimensão do sagrado e profano, os domínios e conflitos entre as autoridades eclesiais, fiéis da igreja e os pescadores, em diferentes momentos da Festa de São Pedro.

Na festa, a dimensão e aproximação do sagrado à vida e devoção dos pescadores podem ser encontradas em várias ocasiões e em diferentes formas: no trabalho desempenhado há anos por Dona Cila e mais recentemente por José Sérgio em “enfeitar o santo”; em carregar ou transportar o andor pela terra e pelo mar – *nas caminhadas e barqueata*; em cantar o Hino de São Pedro em alguns momentos de procissão (especificamente, nos momentos de chegada e partida, como também durante as *caminhadas* realizadas pelos pescadores e seus familiares na Penha - o Hino de São Pedro é fundamental e **único cântico** nessa parte do movimento ritual da festa).

Apesar de o hino ser cantado todos os anos nos momentos da Procissão de São Pedro na Penha e, às vezes, na chegada da imagem a praia de Tambaú, são geralmente distribuídas cópias da letra. Entretanto é necessário apenas que alguém “puxe” o hino, com ou sem o auxílio da letra impressa, para que os demais integrantes comecem a cantar.

É possível encontrar várias versões do hino. Seu Arlindo chama atenção para o fato das pessoas que participam atualmente da festa não saberem cantar a letra “correta” do hino, apontando a inserção de versos da barca na música (brincadeira que Seu Arlindo também participou). Ao observar a letra desse hino, cantado na igreja da Penha, nas caminhadas lá presentes, e as versões distribuídas tanto na Penha quanto em Tambaú, realmente aparece uma

estrofe que se assemelha aos versos que fazem parte das brincadeiras da barca⁹¹. Vejamos a estrofe:

Venham ver a barca nova
Que do céu caiu no mar
Nossa Senhora no leme
Com seus anjinhos a remar

A observação de Seu Arlindo sobre a estrofe da barca é bastante pertinente. Nesse momento, é possível pensar nas experiências em diferentes manifestações populares vividas pelos integrantes da Procissão de São Pedro e, ao mesmo tempo, em um hino que tem como base fundamental, apesar das versões que aparecem impressas, a oralidade. Essas diferentes inserções nas brincadeiras populares é um dos fatores que permitem o processo de “hibridização da cultura popular” (AYALA, 1997), ou seja, a recomposição e ressignificação de práticas e, nesse caso, crenças populares.

Esse hino, que é tão presente e único cântico no ritual da festa realizado na Penha, se finda na chegada da imagem no palanque em Tambaú. Desse momento em diante, na cerimônia organizada e dirigida pelo pároco e integrantes da Igreja de São Pedro Pescador,

⁹¹ Vejamos a estrofe da canção “Vamos ver a barca nova”, cantada na brincadeira realizada no bairro de Mandacarú – JP, que se encontra transcrita no livro *Barca Santa Maria*, de José de Carvalho Ramos - Mestre Deda (2005, p.123):

Mestre: Vamos ver a barca nova
Que do céu caiu ao mar
Vamos ver a barca nova
Que do céu caiu ao mar
Nossa Senhora vem dentro
Ô lelê lelê lelê
Com seus anjinhos a remar
Nossa Senhora vem dentro
Ô lelê lelê lelê
Com seus anjinhos a remar

Também podemos encontrar semelhantes versos da brincadeira da barca, canção “Barca Nova”, no livro *Nau Catarineta de Cabedelo - 1910/1954*, na publicação dos manuscritos de Seu Hermes Nascimento (2004, p.32):

Todos -
Cantam - Vamos ver a barca nova
Repetn - Que do céu caiu no mar
As estr - Nossa Senhora vem dentro - ô lelê lelê lelê
Com seus anjinhos a remar - bis

não se constata a presença do Hino de São Pedro, em nenhuma das programações de cantos para missa (que tive acesso), as quais também servem de orientação para a *caminhada* realizada em Tambaú (nem das caminhadas e missas das quais participei em Tambaú), tampouco na chegada da imagem à igreja. Podem-se perceber, a partir desse exemplo, dois universos rituais, de crença e simbolismos presentes na festa.

Dona Cila, que vem desempenhando e ensinando ao jovem José Sérgio, assumiu a tarefa de decorar o andor. Esse trabalho requer também um conhecimento específico do ritual, pois além da imagem, há no andor uma pequena jangada. A imagem é colocada em cima da jangada e há um modo específico de decorá-la, de como amarrar as velas do barco, as flores e fitas. Desde o momento que a imagem é entregue a Dona Cila até ser deixada na casa do pescador, ela se sente responsável pela imagem e todos a respeitam como guardiã (agora José Sérgio também vem desempenhando esse papel ao assumir essa responsabilidade). Guardiões para que nenhum dano venha acontecer à imagem e à decoração do andor. Enquanto o andor está na colônia, são eles que têm o poder de decidir quem pode tocar na imagem e se aproximar do “santo”. Desde o instante em que a procissão é iniciada em Tambaú até chegar à Penha, também são eles que decidem quem pode tirar uma flor ou galho do andor. Esses elementos, um galho de avenca ou uma flor do andor, também são considerados sagrados. É comum observar as pessoas que disputam tocar a imagem ou retirar um desses itens da decoração do andor com devoção, que fazem parte dos elementos rituais da festa. Vale retomar o exemplo de Dona Cila, que quando sua mãe estava doente e não pode ir à procissão, ela lhe pediu uma flor do andor. O que demonstra a confiança depositada no santo e estendida aos adornos do andor. No término da missa realizada em Tambaú também é comum a disputa por uma flor do andor.

O proprietário da casa na Penha que receberá o andor também se torna responsável para que nada ocorra à imagem, como também o pescador responsável pelo barco que

transportará a imagem na barqueata. As festas ocorridas durante a procissão (na casa do pescador da Penha, nas embarcações), que fazem parte do ritual de celebração à divindade, são portanto consideradas sagradas e devocionais para os pescadores, formas de celebração e de expressão de fé para com o santo.

De acordo com Ayala (1996, p. 133), o que diferencia os produtores culturais populares “da autoridade eclesiástica é que não colocam o sagrado e profano em compartimentos distintos e estanques, ou, antes disso, não estabelecem uma distância tão grande entre o ‘mundo dos santos’ e o ‘mundo dos homens’”.

Segundo o autor, esses mundos bastante próximos podem ser percebidos quando as promessas, como compromissos assumidos com o santo, podem acarretar castigos, ao não serem cumpridas. Essa proximidade permite também que os fiéis possam cantar e dançar para o "santo", como formas de homenageá-lo e agradá-lo, sendo assim, práticas devocionais, formas de expressar a fé. A devoção e diversão conjuntamente vivenciadas em determinadas situações da festa, também é percebida por Chianca (2007), ao analisar festas religiosas juninas realizadas em Natal-RN.

Era comum, com a presença da imagem, no encerramento da Procissão de São Pedro, uma festa organizada e realizada na colônia, com dança, comidas e bebidas. Não são diferentes, as festas realizadas nas casas que recebem o “santo” e o barco que o transporta na procissão marítima, são festas devocionais. Ao contrário do que vem ocorrendo na festa organizada pela igreja e a concepção de sagrado e profano expressa pelo padre, em que os primeiros dias são destinados ao sagrado e a festa de encerramento seria o momento profano.

Os fogos aparecem também com grande importância na comemoração, se houver poucos fogos, se as flores forem poucas ou se o número de pessoas for reduzido, a festa pode ser considerada fraca.

Outro aspecto importante da festa é como vem sendo estabelecida a relação entre a colônia e a igreja, os pescadores e seus familiares e a igreja. No ritual da Festa de São Pedro só há uma imagem⁹², a que pertence à colônia. Essa é a imagem que é transportada em todos os percursos e paradas do festejo. Todo ano, ela vem sendo guardada na Igreja de São Pedro Pescador e no dia vinte oito de junho, um representante da colônia, geralmente o vice-presidente, tem a função de pegá-la na igreja e deixá-la aos cuidados de Dona Cila.

No ano de 2011, a pessoa encarregada de apanhar a imagem se exaltou ao ser exigido dela um ofício da colônia para que pudessem entregar a imagem. Vale lembrar, que para todos os anos anteriores nunca foi necessária qualquer documentação. A relação, que antes era estabelecida na confiança (visto que a imagem pertence aos pescadores, mas está sendo guardada na igreja), agora se coloca intermediada pela desconfiança, resultando em divergências e reforçando as diferenças entre os grupos (de moradores da região de Tambaú) envolvidos na Festa de São Pedro. Esse processo de institucionalização e burocratização só acentua o distanciamento das relações vivenciadas, nesse momento, entre a direção da igreja e os pescadores do lugar.

Da saída da imagem da colônia à chegada da barqueata em Tambaú, não há, nesses momentos, nenhuma autoridade eclesiástica. No dia vinte e oito de junho, a festa, o compromisso com a divindade, o poder de decisão e comando são dos leigos. São eles, liderados nesse momento pelas mulheres, que puxam o Hino de São Pedro e, quando acham necessário, rezam. Ainda nesse dia, somente ao chegar à Penha, o ministro da eucaristia, Roberval Borba, é quem celebra a palavra na Igreja da Penha. Ele tomou essa responsabilidade porque além dos laços de família com pescadores e moradores da Penha, antes não havia nenhum representante da igreja que desempenhasse essa função. Por outro

⁹² Aparece em alguns programas do tríduo, festa organizada pela Igreja de São Pedro Pescador, uma procissão realizada no primeiro dia de festa com a saída da imagem da Vila dos Pescadores, mas segundo Lena, ela não se lembra de ter ocorrido essa procissão em nenhum dos anos e se ocorreu, foi só um ano e não teve imagem, provavelmente só a bandeira.

lado, o padre da Igreja de Nossa Senhora da Penha, nunca apareceu na festa. O que leva-nos a crer que não há ou nunca houve interesse dos sacerdotes da igreja (nem do padre da igreja na Penha, nem o padre da igreja em Tambaú) nessa parte da Procissão de São Pedro. Houve somente uma tentativa isolada do ministro da eucaristia em ser organizada e realizada uma missa. Segundo o próprio ministro, a proposta não teve êxito, por não ter ocorrido interesse dos pescadores, eles não compareceram a reunião que tinha sido agendada.

Nunca apareceu nos relatos dos pescadores e seus familiares (nem durante a festa) o interesse em ter nesse momento do festejo a presença de um sacerdote. Talvez, porque é de costume, desde o tempo de outrora, não ter representante eclesiástico nesse primeiro dia de festa. A festa, nesse momento, é dos pescadores e seus familiares.

Se for comparado o número de participantes na ministração da palavra na Penha (realizada no dia 28/06/2011) e na missa em Tambaú (realizada no dia 29/06/2011), perceberemos na primeira ocasião um número bem reduzido de fiéis⁹³. No entanto, esse é o momento que os pescadores e seus familiares de Tambaú e da Penha, que integram a procissão, ouvem a palavra, participam da celebração na igreja.

Já na missa realizada na Igreja de São Pedro Pescador, após a *caminhada* com a imagem, há normalmente a presença de três padres, a igreja fica lotada de pessoas (moradores de Tambaú e fiéis de outras paróquias) “assistindo” a missa até nos batentes da entrada da igreja. É possível observar a quase inexistente presença de pescadores e seus familiares na missa. Em 2011, constatei um banco com seis mulheres, todas eram familiares de pescadores. Mesmo com a igreja lotada, havia uma mulher negra, vestida com a camisa distribuída pela

⁹³ Aqui vale um parêntese para relatar a forma como São Pedro foi descrito, no ano de 2011, pelo ministro da eucaristia (Roberval Borba) na Penha e por Dom Aldo Pagotto na missa em Tambaú. No primeiro contexto, São Pedro, não era pobre, era um empresário bem sucessivo, proprietário de uma frota de barcos, casado várias vezes porque podia sustentar várias esposas e que deixou tudo para seguir Jesus e ser pescador de homens. Na segunda ocasião, em Tambaú, São Pedro era um ignorante, analfabeto, pobre, **miserável** (igual a nós pecadores, disse o padre, após a igreja ficar em suspense) e mesmo assim recebeu um chamado para deixar de ser pescador de peixe para ser pescador de homens. Essa descrição poderia nos levar a vários caminhos de análise, o que parece merecer um trabalho mais aprofundado sobre o tema. Nesse contexto da Festa de São Pedro, esse relato foi somente para trazer à tona que há outras dimensões na festa (como a concepção de quem foi São Pedro) que também se diferenciam.

colônia, isolada em outro banco. Não havia ninguém sentada ao seu lado. Depois de alguns minutos, sentaram-se três pessoas no mesmo banco, mas bem afastada da mulher e só no fim da missa, chegou mais uma pessoa, também vestida com a camisa da procissão, que se sentou ao seu lado. No ano de 2008, havia um maior número de pescadores e seus familiares, mas apesar da homenagem, deixando-os em destaque, eles também ficaram “isolados” em umas cadeiras destinadas a eles no altar ao lado do andor.

Um diferencial dessa procissão em sua ritualística, bastante sagrada para os pescadores que vivem no mar e do mar, é quando a imagem é transportada no barco e vai consagrando o lugar de trabalho e de vida em barqueata. Ao reconhecer essa especificidade e importância para esse grupo, em 2004, assim que recém inaugurada a igreja, como forma de aproximação e de prestigiar esse momento, o pároco anterior da Igreja de São Pedro Pescador acompanhado de outro padre foram em um dos barcos dos pescadores para pegar a imagem na praia da Penha e voltar em barqueata. Bem diferente do que ocorreu em 2011, quando o atual sacerdote (ao contrário de seu antecessor), sem os paramentos e o carro de som que todo ano era providenciado pela igreja, estava presente, mas não rezou com a chegada da imagem em Tambaú, deixando de sacralizar aquele instante e espaço, de marcar a saída da *caminhada* e de abençoar a vida dos pescadores e seus familiares. Fato que possivelmente aumentará a animosidade e distanciamento vivenciados nesse momento entre a igreja e a colônia.

Verifica-se, nesses anos, que na Festa de São Pedro, há o domínio e o saber ritual dos leigos, pescadores e seus familiares de Tambaú e da Penha, do enfeitar o santo à barqueata, especificidades atreladas ao saber adquirido no trabalho de pescador, que vem sendo pouco privilegiado (quando não ignorado) pela igreja e os *estabelecidos* de Tambaú; e há na igreja e em seus entornos o domínio e saber do sacerdote. Temos aí diferentes concepções sobre o sagrado e o profano que, conseqüentemente, distanciam a relação com os pescadores e seus familiares.

Dessa forma, a Festa de São Pedro organizada pelos pescadores, além de momento devocional, acaba sendo um ritual de celebração pelo reencontro de amigos e familiares distanciados com a fragmentação estabelecida por diferentes processos, que resultou no afastamento e enfraquecimento da convivência entre eles ao serem realocados em diferentes lugares da região: a desapropriação das antigas moradas; a saída desses trabalhadores pela exploração imobiliária ou mesmo o crescimento e casamento dos filhos, em que alguns permanecem nas casas dos pais, mas outros vão morar nas regiões periféricas de Tambaú ou então em bairros populares do município. São assim relações familiares e sociais constituídas, retomadas ou reforçadas em diferentes momentos do festejo.

Se um dia a festa foi importante porque marcava a existência dos pescadores na “terra de ninguém”, no palanque perante os políticos, buscando melhorias enquanto categoria profissional e moradores do lugar; atualmente ela serve ao mesmo tempo de afirmação e de resistência, só que agora, diante dos próprios vizinhos e da igreja. Desta forma, continua a “disputa” e resistência política e cultural, enquanto organizadores e participantes da Festa de São Pedro realizada na região; social, enquanto moradores de Tambaú; e de afirmação identitária, enquanto pescadores do lugar. São resistências e “disputas”, mesmo que algumas delas não intencionais, vivenciadas pelos pescadores em diferentes esferas da vida (cultural, política, social) na Festa de São Pedro.

Há vários pescadores espalhados por essa região de Tambaú, ainda é fácil identificá-los (pescadores ou familiares) por meio da residência, conforme mencionei no capítulo sobre Tambaú. As festas, Procissão de São Pedro e Festa de São Pedro Pescador, cada vez mais parecem distanciar-se, tomando caminhos, espaços e tempos distintos, como também na composição e formas de inserção dos atores sociais envolvidos, solidificando-se em duas diferentes celebrações. Foi a Procissão de São Pedro que me conduziu à Festa de São Pedro Pescador, através da *caminhada e missa* que ainda compartilham e as constantes menções

feitas pelos pescadores sobre a “festa social” que aspiravam ser a retomada da antiga *festa* de encerramento, que relembram com detalhes os mais velhos. No próximo capítulo, aparecerão as narrativas sobre a Festa de São Pedro de outrora e as relações sociais (nas ocasiões de devoção, celebração e trabalho) em Tambaú.

4 MEMÓRIA DA FESTA: OBJETOS E LUGARES BIOGRÁFICOS COLETIVOS



Crédito: Maria Ignez N. Ayala

Figura 37 – A Procissão de São Pedro em Tambaú no ano de 1979



Fonte: Colônia dos Pescadores

Figura 38 – A *barqueata* em Tambaú aproximadamente entre 1970 e 1980

Sentado na cadeira de balanço

Terça-feira, 17/06/03, dia de sol, depois de três dias de intensa chuva, vento frio, chego à casa de Seu Arlindo. Sua filha me recebe no portão lateral. Roupa estendida no varal, som ligado, crianças brincando, gritando e assobiando, crianças por todo lugar - dentro da casa, na lateral, no quintal: eram seus netos. Andando pelo comprido corredor que me levaria a uma casa nos fundos, abaixo-me para não bater nas roupas recém lavadas, avisto um primeiro andar e lá, encontro Seu Arlindo, na porta, sentado em sua cadeira de balanço, tomando sol. Logo que chego, ele sorri, veste a camisa, manda-me entrar, pede para sua filha me trazer uma cadeira... E assim começamos a conversa... (CABRAL, 2005, p.11).

Em 2010, durante o levantamento de dados na Vila dos Pescadores, reencontro Seu Arlindo no terraço de sua casa. Dessa vez, era um dos netos que lhe fazia companhia, o novo encarregado de pegar a cadeira que Seu Arlindo logo solicita para eu sentar. Não há muros entre a sua casa e a rua, o que facilita nos vermos face a face. Ele fica surpreso. Nós dois ficamos alegremente emocionados. A menção ao tempo é a primeira fala. Conversamos por quase toda manhã. Nessa nova fase da vida, ele continua tomando seu banho de sol, porém já não se encontra sentado em sua cadeira de balanço, agora são rodas. É a cadeira de rodas que o conduz e é conduzida, marcando o ciclo do reencontro.

Conforme já foi mencionado, foram especialmente as narrativas de Seu Arlindo que me seduziram ao tema. Falar sobre sua vida e as brincadeiras em Tambaú é mencionar a Festa de São Pedro. Outros elementos que aparecem em seu relato são a relação desigual de poder entre Deus, os representantes políticos e os assalariados; a delimitação de lugar a partir dos contrastes sócio-econômicos e a mudança na forma de se relacionar e brincar com os companheiros de trabalho. Para ele, apesar das modificações desfavoráveis ocorridas nessa região e na festa, uma *recordação* se repete formando e marcando o caminhar da procissão de outrora: “Santo Antônio na frente, São João no meio e São Pedro atrás, que era o derradeiro”, conforme veremos na transcrição das narrativas.

Com Seu Aluízio, a emoção no reencontro não foi diferente. No entanto, com a saúde também mais debilitada, recordar um tempo em que ele enxergava e tinha um papel fundamental na colônia enquanto presidente e na realização da festa foi deparar-se com uma saudosa e dolorosa lembrança. Após os olhos cheios d'água, ele logo retomou a palavra e repetiu com sua voz grave, dessa vez, com o semblante ainda mais emocionado: “se alguém está em Cristo, nova criatura é, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo¹¹²”. Para Seu Aluízio, a perda da visão e sua conversão ao pentecostalismo marcam uma nova fase de sua vida.

A narrativa de Seu Aluízio nos transporta principalmente para a celebração de uma comunidade que sobrevivia da pesca, como também as disputas e tensões entre eles. A festa constituía um espaço político, de negociação e mobilização para **os antigos moradores** de Tambaú singularizada no saber-fazer de pescador. O palanque aparece como uma forma dos pescadores barganharem melhorias, reafirmarem e celebrarem para si, perante os outros (dentre eles, as autoridades que compareciam à festa), enquanto sujeitos do lugar. Sujeitos com voz, sabedoria, obrigações e desejos.

Já Ana Maria, não a reencontrei, mas avistei suas filhas e mãe na caminhada da procissão em Tambaú. Sua recordação sobre as festas (de São Pedro, do Marinheiro e de Santo Antônio) contemplam detalhes que marcam sua experiência e traduzem a festa-participação da comunidade.

Esse capítulo pretende mostrar distintas visões sobre a festa no passado, principalmente, a partir das narrativas desses três **antigos moradores** de Tambaú: Seu Arlindo, Ana Maria e Seu Aluízio. Embora sejam diferentes narrativas, alguns pontos se encontram e outros se complementam nos oferecendo um panorama enriquecido de detalhes sobre a Festa de São Pedro. Essas narrativas ainda permitem a visualização de algumas

¹¹² Citação de um trecho da Bíblia Sagrada, que se encontra no livro de II Coríntios 5:17.

mudanças, rupturas e continuidades que vêm ocorrendo ao longo dos anos, na realização e organização dessa celebração. Assim, alguns temas vão surgindo e nos conduzindo aos enredos das relações sociais estabelecidas, construídas e reafirmadas na configuração do passado e do presente da festa.

Foram também utilizadas outras fontes sobre a Festa de São Pedro em Tambaú, como as fotografias cedidas pela professora e pesquisadora Maria Ignez Novais Ayala, no ano de 1979, e pela Colônia dos Pescadores¹¹³. Foi realizado também um levantamento em jornais do Arquivo Histórico Waldemar Duarte, localizado no Espaço Cultural José Lins do Rêgo.

Nesse Arquivo Histórico foi possível lançar mão do Jornal A União, único jornal oficializado no Estado até 1964, com o exemplar mais antigo do acervo datado em 1912, também disponível para consulta. Entretanto, esses periódicos encontram-se, em sua maioria, em péssimo estado de conservação, o que dificulta o acesso às informações¹¹⁴. Constatou-se que quase não há referencia sobre as festas populares dedicadas a São Pedro. Aparecem comumente notícias sobre festas particulares (em residências e clubes da capital), em pouquíssimos casos sobre as festas de São Pedro realizadas pela população nos bairros e em outros municípios do Estado.

A primeira citação encontrada nos jornais em relação à Procissão de Tambaú refere-se ao dia 29/06/1945, com o título “Procissão marítima em homenagem a S. Pedro”, provavelmente pelo tributo que os pescadores fizeram ao presidente da época e o convite realizado ao interventor do Estado. Vejamos:

**hoje, às 16 horas, promovida pelos pescadores da Colônia Z-3, de Tambaú –
Inauguração do retrato do presidente Getúlio Vargas na sede dessa associação**

¹¹³ Tive acesso a várias fotografias do acervo particular da colônia sobre diversos momentos festivos, mas nem sempre foi possível saber informações sobre datas ou nomes de pessoas que aparecem nas fotos.

¹¹⁴ Os jornais encontram-se arquivados em pastas. Geralmente para cada ano há duas pastas semestrais (de janeiro a junho; de julho a dezembro). Alguns jornais, principalmente entre as décadas de 1910 e 1930, não constam no acervo. Foram consultados os jornais dos seguintes anos: 1912, 1916, 1922, 1925, 1928, 1930, 1935, 1939, 1940, 1945, 1948, 1950, 1954, 1958, 1960, 1964.

profissional – convite ao interventor Ruy Carneiro. Homenageando o seu patrono, São Pedro, numa festa religiosa tradicional, os pescadores de Tambaú pelo seu órgão de classe, a Colônia Z-3, vão realizar hoje uma procissão marítima, que terá início às 16 horas. O cortejo será organizado na praia, dirigindo-se até o Cabo Branco, dêle participando os profissionais da pesca com seus barcos e jangadas. Logo após a procissão, será realizada na sede da Colônia Z-3 a solenidade da aposição do retrato do Presidente Getúlio Vargas, numa espontânea manifestação de apreço dos pescadores ao chefe da Nação, cuja política social lhes concedeu notáveis benefícios. Uma comissão constituída dos Srs. Francisco Paulino das Neves, Abílio Gonçalves Simões, Fernando Gomes Jardim, Odílio Antônio Ribeiro e José Vicente foi ontem ao Palácio convidar o interventor Ruy Carneiro para comparecer às festividades promovidas pelos pescadores de Tambaú. (A UNIÃO, 29/06/1945, p.3, grifo do autor).

A nota acima se torna interessante pela relação de nomes dos pescadores que compuseram a comissão da festividade. Se, geralmente, para quem é “de fora”, os integrantes das manifestações populares não possuem nomes, nem rostos¹¹⁵; para os “de dentro”, os nomes dos participantes e organizadores são lembrados e mencionados. Tornar anônima uma manifestação popular é, na maioria das vezes, mais uma forma de expropriá-la de seus produtores.

Vale destacar que mesmo sendo uma festa popular e comunitária, os seus integrantes não são anônimos, dá para observar pelos nomes que também são mencionados nos relatos que aparecerão nesse capítulo. Nomes que ganham significado e importância através da memória dos antigos moradores sobre a região de Tambaú *de ternantonte*¹¹⁶, na instância do trabalho de pesca, no cotidiano do lugar, na realização de brincadeiras populares e dentre elas, a Festa de São Pedro. Nomes que também remetem a laços de família.

¹¹⁵ Ver Brandão (1989) sobre ausência dos rostos nos retratos de negros fotografados por brancos.

¹¹⁶ Na conversa com Seu Aluízio sempre aparece a divisão do tempo e dos dias da semana em: *ternantonte*, *ontante e ontem*, *hoje amanhã e depois*; em que *ternantonte* se refere ao tempo passado e distante.

No jornal do dia 29/06/1954, com o título da reportagem “Em Tambaú: procissão aquática de São Pedro”, observa-se uma pequena descrição da realização da festa nessa localidade. Vejamos:

o povo pessoense terá ensejo de assistir, hoje, na famosa praia de Tambaú, às 15 horas, à tradicional procissão aquática e homenagem a São Pedro, padroeiro dos pescadores. Singrando, desde o Cabo Branco até o ponto de desembarque nas proximidades da Cooperativa, veremos várias embarcações que integrarão o interessante cortêjo, tendo à frente o barco-capitaneia que conduzirá a jangada-nincho, original, que ostentará o santo considerado como o primeiro pontífice da Igreja Católica. A esse ato de fé religiosa, que será demonstrado pela laboriosa classe dos valentes homens do mar, estarão presentes o Sr. Governador do Estado, autoridade civis, militares, eclesiásticas e imprensa, o qual será abrilhantado pela correta banda de música da nossa Força Policial, gentilmente cedida pelo Cel. Ivo Borges. (A UNIÃO, 1945, p.2)

No dia seguinte, 01/07/1954, com o título “Festa de São Pedro”, fazendo menção a algumas festas realizadas no Estado, no tópico “Procissão aquática em Tambaú”, o jornal traz uma breve nota das autoridades que se fizeram presente na celebração; entretanto um elemento que merece atenção nessa nota de jornal é a citação a quantidade de pessoas que participou do festejo. Essa referencia de multidão geralmente aparece nos relatos e é utilizada também pelos pescadores quando fazem uma comparação entre o passado e o presente da festa e mencionam a decadência na participação (tanto em relação à dedicação, quanto ao número de participantes) nos dias atuais. Vejamos a nota de jornal:

o povo de João Pessoa deslocou-se em grande parte, na tarde da terça-feira para a praia de Tambaú onde se realizava a tradicional procissão aquática em homenagem a São Pedro, padroeiro dos pescadores. O desfile de embarcações, conduzindo a imagem do santo partiu do Cabo Branco terminando nas proximidades da Cooperativa. O ato foi assistido por altas autoridades, inclusive o representante do governador, Major Sebastião Calixto, sacerdotes, militares e grande multidão.

Apresentou-se no mesmo a banda de música da nossa Força Policial, cedida especialmente pelo seu comandante Cel. Ivo Borges. (A UNIÃO, 1954, p.6).

Entretanto, nada se compara ao palpitar das conversas com os antigos moradores de Tambaú, que para reconstruir, evocar ou ainda recordar lembranças, compondo a imagem que se faz ou se tem do passado, são utilizados não só as palavras, mas gestos, entonações, música.

Como menciona Ecléa Bosi (2003), há pessoas que se entregam à rememoração. Para ela, o processo de rememoração não é simplesmente lembrar uma imagem ou outra, mas é quando o sujeito “evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca, ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência”. (BOSI, 2003, p.44).

Já para Ana Cristina Lúcio (2001) a *recordação* ou o ato de recordar, além de trazer emoções, sentimentos, gestos e tons de voz pertencentes àquelas lembranças, são associados a um passado vivido no presente, compondo assim uma revivência, ou seja,

reviver o passado com o coração, com o gesto e com a voz. Mesmo que as sensações não sejam as mesmas que experimentou, já que entre o que aconteceu e o presente da narração existe um tempo longo, marcado por novas experiências, a emoção traz para o presente o sentimento que torna vivos, revividos momentos do passado. (...) [É dessa forma que] a experiência se transforma em revivência. (LÚCIO, 2001, p.170-171).

Podemos então perceber que o processo de *revivência* ou *rememoração* está intrinsecamente ligado ao fenômeno de presentificação do passado e registro do presente, visto que esse passado está impresso no corpo, trazendo consigo emoção, um sentido, que podem ser reorganizados a cada evocação; como também do afloramento de emoções

próximas ou diferentes das anteriormente vivenciadas, formando assim novas experiências e reconstruindo novas lembranças.

No entanto, quando ocorre uma desagregação da vizinhança, entre as pessoas que faziam a festa, surge um fator importante para o declínio e as mudanças na forma de organização, realização e rememoração dessa celebração. Ao serem quebradas essas relações, não se vão apenas algumas cantigas que dão identidade ao festejo, vão também possibilidades de relembrar o passado e recriar o presente.

Segundo Ecléa Bosi (2003, p.70), “a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória”. Conforme a autora, a memória entra em crise, não somente pelo entrave entre a memória oficial e uma subterrânea, mas porque falta a sustentação da coletividade.

Hoje, como descrevem alguns pescadores, a relação entre pescador e pescador, pescadores e colônia estão cada vez mais difíceis. Nos dois casos há um distanciamento, dando a entender que todas as etapas da pesca e as relações que dela advém sofrem as consequências, inclusive as festas promovidas pelos pescadores.

Outro ponto de desagregação que aparece nessa região, presente no relato de seu Seu Arlindo, é a cotidianização da criminalidade, banalização da violência e ausência de autoridade; esses são alguns acontecimentos que distinguem os dias de hoje de tempos que parecem distantes.

Apesar das transformações, José Jorge de Carvalho (1991, p.17) enfatiza como sendo uma característica específica do folclore a construção de uma “memória longa” (que se contrapõe a experiência do transitório), cuja dinâmica contribui para a formação de uma memória coletiva, “com todo o peso e a responsabilidade que esta acarreta nos planos moral,

político, religioso, social etc”. Essa memória ainda funciona como um “núcleo simbólico” entre as pessoas’ que compartilham dessa visão de mundo. Vejamos:

contudo há algo específico no folclore que não se perdeu: ele ainda funciona como um núcleo simbólico para expressar um certo tipo de sentimento, de convívio social e de visão de mundo que, ainda quando totalmente reinterpretado e revestido das modernas técnicas de difusão, continua sendo importante, porque remete a memória longa. Há uma mentalidade bem definida que se expressa em determinados objetos ou formas estéticas objetificadas – uma quadra em verso, uma vestimenta, um ritmo de tambor, um padrão de cores, etc, são signos diacríticos de uma experiência social muito particular. Por mais manipulados que sejam, apontam para a continuidade da sociedade ao expressar um ideal de relações intensas de espírito comunitário, de uma afinidade básica, anterior ao individualismo. (CARVALHO, 1991, p.17).

Por isso, o que se percebe, ou melhor, o que é ressaltado nesses bairros que se tornam cada vez mais lugares e “não-lugares”, área de lazer e trabalho para uso de indivíduos oriundos de vários locais, como também de turistas, e residência de novos moradores, pouco tem a ver com os significados daqueles que aqui são denominados de antigos moradores. Esses destacam a importância de objetos, trechos, locais, festas que continuaram presentes, ora na memória, ora em algumas ruas dos bairros que constituem a região de Tambaú, como prolongamento de suas histórias de vida e da vida dessa coletividade.

Nesse sentido, é possível lembrar dos “objetos biográficos” e dos “objetos de status” que são encontrados e distintos em cada família e na sociedade. Conforme assinala Bosi (2003, p.26), a diferença entre os objetos está na importância aferida a eles: há aqueles que representam uma experiência vivida e têm a temporalidade atrelada à vida de seu possuidor, “pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida”, devido à sensação de continuidade que é proporcionada pelo objeto. Há aqueles objetos que proporcionam status, que possuem um tempo de vida independente de seu possuidor, pois não envelhecem com ele, apenas deterioram e posso acrescentar que logo são substituídos.

A festa possibilita refletir não apenas sobre os objetos biográficos individuais, mas os objetos e lugares que davam ou dão continuidade à vida da coletividade, à memória e a sua identidade, como: algumas árvores, praças, casas, caixas, barcos, que ao envelhecer com as pessoas que compartilham dos significados contidos nesses lugares e objetos ajudam a contar a sua história, tornando-se **objetos e lugares biográficos coletivos**.

A Procissão de São Pedro é um evento composto de objetos e vários lugares biográficos coletivos. A própria Festa de São Pedro é um lugar biográfico coletivo que aparece em diferentes narrativas compondo a história dos antigos moradores de Tambaú. Assim, as mudanças no espaço e objetos não são reflexos ou afetam somente os modos de vida e a forma de se relacionar com o outro, afetam a memória, a cultura, o trabalho, a festa.

O sentido atribuído aos *objetos e lugares biográficos coletivos* permite uma identificação entre os antigos moradores que, dessa forma, constroem uma identidade peculiar em meio a uma região identificada por seus atrativos comerciais e de classe média.

Conforme já mencionado, alguns antigos moradores possuem residências que diferem completamente das casas dos novos habitantes que têm melhores condições de vida. A diferença não diz respeito apenas aos moradores que estão na periferia da região (que também é habitada por pescadores e seus familiares), mas àqueles que conseguiram permanecer em suas casas nas diferentes ruas da região de Tambaú. Essas casas, contrastantes com as mansões, são para esses moradores expressão de conquista, oferecendo um melhor conforto para os pescadores e seus familiares (compostas também de netos e mais raramente bisnetos), diferente dos tempos de outrora, que eram constituídas de palha e taipa; além do fato de conseguirem permanecer em uma área que se tornou extremamente valorizada, mas, sobretudo, um lugar que faz parte de suas histórias de vida. Para Ecléa Bosi (2003, p.71), “as lembranças se apóiam nas pedras da cidade. As ruas e as calçadas crescem ao redor da casa

materna, essa constitui o centro geométrico do mundo e da cidade, onde é iniciado o desenrolar da vida”.

A caiçara, que ainda permanece na região de Tambaú, se assemelha aos aspectos mencionados por Gekebede Silva (2006, p.63, grifos meus), se referindo a outra região do litoral paraibano, na qual “a caiçara é pesca, é vida, é trabalho, lazer, dança e lembrança, e por que não dizer que caiçara é ainda a **identidade do pescador**, a qual faz o povo resistir não só para manter, mas para viver as manifestações da cultura popular”.

Apesar das transformações ocorridas na região de Tambaú e a inversão na situação dos antigos moradores em *outsiders*, algumas festas e formas deles utilizarem o espaço realimentam a paisagem do lugar, a história por eles conquistada e o sentimento de pertencer a um diferente modo de vida, núcleo simbólico e visão de mundo. A “memória longa”, baseada na experiência renovada pelo movimento de repetição, recria novos laços e reafirma antigas formas de sobrevivência baseadas na solidariedade, mesmo em meio a um novo cenário de tensão e conflito.

É possível acompanhar as transformações dos lugares, a partir das narrativas, em que esses “objetos e lugares biográficos coletivos” sutilmente vão aparecendo na memória e alguns desaparecendo com a transformação do lugar. Dessa forma, vão sendo tecidos caminhos familiares, em que “os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia”. (BOSI, 2003, p.73).

Nessa perspectiva, o olhar sobre a memória da Procissão de São Pedro está voltado para as questões do cotidiano; a convivência entre os pescadores; entre os antigos e os novos moradores; as várias transformações ocorridas em Tambaú, sobretudo, na festa.

Um dos aspectos da Festa de São Pedro que aparece nas narrativas de Seu Arlindo e Ana Maria é a mudança no trajeto da procissão como uma perda para os pescadores. Essa perda se refere tanto ao fato dos pescadores não receberem mais o santo na colônia, quer

dizer, remete ao fato da procissão atualmente não passar pela frente da colônia; quanto pela desistência de muitos pescadores em continuar na procissão após caminharem até a Vila dos Pescadores. Vejamos o anterior e o novo percurso da procissão em Tambaú conforme as narrativas.



Fonte: Telelistas 2006 – João Pessoa, Campina Grande e região

-  - Antigo percurso
-  - Novo percurso
-  - Vila dos pescadores

Figura 39 – Os percursos da *caminhada* de outrora e de hoje em Tambaú

Após verificarmos o percurso da procissão nos tempos de outrora e atualmente quando chega a Tambaú, é possível inferir que, conforme ressalta Ana Maria, “está mais para o rio que para o mar”; o que dificulta o retorno para casa devido à relativa distância entre a igreja, a parada de ônibus e as residências dos pescadores (próximas à avenida Ruy Carneiro) e a periculosidade do lugar; mas talvez a principal mudança tenha sido a maior participação de novos personagens (os *estabelecidos*) nas decisões dessa parte da festa e todas as transformações que dela sobrevém.

Uma questão vale ser retomada a partir das narrativas: a festa como cenário político, o que implica aqui em *relações de poder*. Desse modo, o trabalho de Flávia Pires (2004) contribui para seguirmos nessa direção. A autora analisa as relações sociais na Festa de São Sebastião, padroeiro da cidade de Catingueira, localizada no sertão da Paraíba, a partir do “leilão das penosas”. Esse leilão é um ritual da “festa social” que consiste no arremate de galinhas assadas (magras e frias). Os atores sociais desse cenário são os denominados de “ricão” e os “pobrinhos”. Essas denominações distintas e opostas (ricão e pobrinhos) têm como base o *lugar de moradia*, que lhes confere *status* social, como também estão relacionadas ao pertencimento religioso: católicos, crentes de três denominações diferentes e espíritas kardecistas.

Nesse contexto, a autora analisa a relação e concepção de política que se expressam na “arrematação das penosas”. Uma das considerações, realizada por Pires (2004, p. 75, grifos do autor), a partir da visão e do modo como se dão as diferentes participações dos atores na “festa social” desse lugar, é que “política se faz entre ricos e não é de se espantar que a festa do santo também seja feita entre ricos. [...] Ricos são as pessoas *de fora*, os *filhos-ausentes*, são todos ricos. Além disso, ricos são católicos, apesar de nem todos católicos são ricos”. Só os ricos participam do arremate das penosas.

Voltando a Tambaú, a própria moradia, o tempo de residência, entre outras características conferem *status* diferenciados aos moradores do lugar (os *estabelecidos* e os *outsiders*, classe média e populares, ricos e pobres). A Festa de São Pedro apresenta diferentes *disputas* políticas, dentre elas, uma entre “iguais” (no mar), no momento da *barqueata*, outra disputa entre “desiguais” (em terra), na programação e participação da festa (caminhada, missa, “festa social”) quando realizada em Tambaú.

A narrativa de Seu Aluízio, sobre a festa de outrora, ainda nos remete a outra composição (ele, representante dos pescadores, e os candidatos político-partidários), na qual é possível perceber que a política era estabelecida mais uma vez entre *desiguais*, no “jogo de faz-de-conta” que eram *iguais*. Talvez, o jogo aqui em sua forma “mentirosa”, fundado em interesses “objetivos” (SIMMEL, 2006), de ambos participantes. Por isso, para a realização do encontro com o candidato, Seu Aluízio não “procurava a barraca de Tio Chico não; ia logo pro Elite Bar”. Lugar que aparece nos relatos dos pescadores como destinado às elites, diferente das barracas freqüentadas por eles no cotidiano. A partir daqui, pode ser ponderado que a negociação na festa e em Tambaú não é realizada somente entre “ricos”, nem somente entre “pobres”, mas também entre “ricos” e “pobres”.

Essa relação de poder e negociação política entre os grupos envolvidos na organização e realização da Festa de São Pedro poderiam também ser analisadas a partir de outro ângulo, da hegemonia e contra-hegemonia.

Gruppi (1980, p.5), analisando o conceito de hegemonia em Gramsci, ressalta que ele não opera apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas em toda sua plenitude, o que implica sua atuação sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer. Nesse caso, “a hegemonia é a capacidade de direção, de conquistar alianças, capacidade de fornecer uma base social”. Essa

concepção apresenta o conceito de hegemonia não só enquanto direção política, mas também como direção moral, cultural, ideológica.

Konder (2002, 147), também ressalta que o conceito de hegemonia envolve todo o processo social, sendo assim, “é uma mobilização de forças, um conjunto de ações, a afirmação da supremacia de um grupo social na direção moral e intelectual da sociedade, através da aceitação eficaz por parte da maioria (consenso)”. No entanto, jamais uma hegemonia é total, isto é, exercida sobre toda a sociedade, o grupo hegemônico dirige os que lhe são favoráveis, as classes aliadas, e para conter as classes opositoras, ou seja, os que lhe são contrários, quando necessário, os dirigentes usam a coerção através dos aparatos do Estado. (COUTINHO, 1999; ALVES, 2010; GRUPPI, 1980).

Na Festa de São Pedro aparecem diferentes lideranças que atuam em áreas distintas da sociedade: eclesiástica, da pesca, do sindicato da pesca, do bairro, que são consolidados a partir do grupo ou grupos dos quais fazem parte, no cotidiano de trabalho, descanso, devoção e períodos de festejo, que ora entram em consenso, ora entram em conflito.

Seu Aluizio apresenta mais claramente sua percepção sobre o compromisso com os pescadores e as diferenças entre os atores (entre “eles” e “os candidatos políticos”), quando lhe é perguntado por um pescador “o que ele fazia no Elite bar”. A resposta dele é: *Porque eu sou representante, eu tenho o direito de me oferecer a todo mundo no meu trabalho. (...) Agora que eu prometi num é obrigado eu fazer não. Meu negócio é com você.*

Nessa direção, apresenta-se mais uma característica que parece diferente entre a Festa de São Pedro e a Festa de São Sebastião. Nessa festa, segundo a autora (PIRES, 2004, p.78), “o objetivo não é ‘mostrar-se’ (enquanto comunidade) mas sim mostrá-los (os de fora)”, ou seja, a festa é feita para os “de fora”. Os “de fora” são turistas, mas também os *filhos ausentes* e, se são “de fora”, são ricos ou estão enricando.

A festa, aqui estudada, aproxima-se em seus objetivos das festas religiosas, do litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul, analisadas por Toffoli (2004 *apud* PIRES, 2004, p.78)¹¹⁷, quando afirma que ““é para eles que se faz a festa, com o objetivo de mostrar-se’ [enquanto comunidade frente a outras comunidades]”. No entanto, a meu ver, o que difere na festa em Tambaú, por estar inserida em outro contexto, é, além da devoção ao santo, articulada à habilidade, ao saber-fazer e herança de pescador (a mestrança, a marcação e o bote), que tornam singular a festa; da festança no mar com a presença das esposas, filhos, amigos e outros parentes, que retornam a Tambaú (por morarem distante; por terem saído da região, não para enriquecer, mas pelo contrário, porque não conseguiram manter-se lá, geralmente indo para bairros mais populares ou periféricos), enquanto objetivo mostrar-se como moradores (comunidade de pescadores) pertencentes a Tambaú frente a outros grupos nem tão distantes (fiéis da Paróquia de São Pedro Pescador e de outras paróquias, políticos, vizinhos), pois não há uma grande presença de turistas. Assim, o objetivo da festa é a devoção e diversão *para eles*, em meio *a outros*, para os “de fora” usufruírem. Passaremos agora para as narrativas.

¹¹⁷ TOFFOLI, Gervásio. Fazendo festa: as festas religiosas comunitárias no litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. In: **Revista Debates do NER**. Catolicismo no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ano 5, n.5, p. 77-104, jun. 2004.

4.1 SANTO ANTÔNIO NA FRENTE, SÃO JOÃO NO MEIO E SÃO PEDRO ATRÁS: AS NARRATIVAS



Fonte: Colônia dos Pescadores

Figura 40 – Banda de Música em Tambaú aproximadamente entre 1970 e 1980



Crédito: Maria Ignez N. Ayala

Figura 41 – A caminhada pelas ruas de Tambaú em 1979

Os primeiros relatos que aparecerão são de Seu Arlindo, realizados nos dias 24/07/2003 e 11/08/2010; em seguida veremos a narrativa de Ana Maria, coletada em 29/01/2000, e por fim, a entrevista com Seu Aluízio, realizada no dia 29/01/2010. Vejamos as narrativas:

- Seu Arlindo (24/07/2003)

A lei de Deus e a lei dos homens

Tambaú é um lugar de se viver

O lugar dos ricos e dos pobres

Trabalhar foi coisa que nunca me faltou coragem, não trabalho hoje em dia mais porque não posso. Tenho inveja de... Vejo o meu filho, sai todo dia, todo dia, pra trabalhar. Eu fico com uma inveja danada (inaudível). Vê... a situação em dinheiro é essa que nem você vê, o salário de fome, duzentos e quarenta reais é um salário de fome. Como é que a pessoa pode com um salário de duzentos e quarenta reais, tem dois, três filhos, pode botar no estudo? Pode pagar água? Pode pagar luz, comprar sapato, roupa pra ele? Como é que um homem desse veve? Só se tiver alguma ajuda. Tá certo, vai se levando a vida. A pessoa não pode ser melhor em nada. Tem que ir levando como Deus quer. A pessoa não vai avançar a lei de Deus **e nem dos homens**. Porque lá em cima Jesus, aqui na terra o presidente. O que o presidente quiser, senador e deputado, tá tudo, tá tudo resolvido. Porque a convivência é essa aqui. Olhe, de primeiro aqui, quando eu me entendi de gente, esse Tambaú era um lugar de se viver, ainda hoje é, porque não tem lugar melhor de se viver do que Tambaú não. Embora, o que exista, o que existe por aí, o povo ladrão, rouba tudo, mas é um lugar até meio calmo, em vista a outros lugares, é um lugar meio calmo. Olhe, chegava no tempo de festa aqui, pelo menos, ói, começa de Santo Antônio, véspera de Santo Antônio, ia até o dia vinte e nove de junho, de junho, até dia vinte e nove de junho. Brincadeira por todo o canto. Agora aquilo ali, era aquele que pudesse brincar mais. Não havia uma briga, não havia uma morte, não havia nada, também quando terminasse **ia preparar já pra brincar pelas férias**. Aqui era assim, a convivência era essa. E brincava de que? Era baile, era tudo, tudo! Vinha boi de reis. Vinha, vinha tudo. Às vezes, o pessoal convidava pra vim brincar aqui, no tempo de São João na beira da praia [e no carnaval]. Agora tinha pavilhão pra pobreza e tinha pros ricos. Os ricos, nem, nem no portão ninguém chegava. Hoje em dia não. Hoje em dia eles chegam, são muito sem vergonha, eles chegam se metem no meio da pobreza, querem ser o [tuxaua], né,

se mete no meio da pobreza, (inaudível), depois vão embora. De primeiro não, de primeiro, o negócio era bom de brincar. Mas hoje em dia não, hoje em dia **nem casamento presta!** O pessoal nem, nem na sua casa pode fazer um aniversário. Não pode fazer porque as turmas mesmo do barco quer desmoralizar. E outra coisa, pescador ou a sina que eu não sei, não enrica nunca. Porque já houve, houve possibilidade, uma vez quando eu pescava, que a pescaria não era de rico, hoje a pescaria é mais de rico; tempo que se chamava seiscentos mil réis de meu dinheiro, eu fiquei cansado de todo sábado ficar com quinhentos, seiscentos, oitocentos mil réis no bolso (bate na perna, sinalizando o bolso cheio de dinheiro), somente minha mãe, minha irmã e meu irmão. Eu dava lá cem conto: *tome minha mãe cem reais pra ir a feira*. Ela ia pra feira, fazia a feira de um tudo, ainda ficava com trinta, quarenta mil réis no bolso, na mão pra comprar um pão, uma coisa. E eu pegava aqueles quatrocentos ou quinhentos mil réis botava no bolso, saia pros pastoris, forró, no outro dia, chegava pedindo quinhentos reais a ela pra comprar uma carteira de cigarro. (...) E aonde eram os forrozinhos? Rapaz, tem ali o mercadinho, ali o mercadinho, ali aquilo ali já tem uns quarenta, cinqüenta anos aquilo ali. Aí quando chegava assim em tempo de festa, a gente ia falar com o prefeito, ele dava dinheiro pra gente fazer a brincadeira da gente. Quando não era isso, era nas festas da gente mesmo, na colônia. Festa de São Pedro, toda vida fizemos na colônia. Agora não, porque modificaram o prédio, aí deixaram. O ano passado e o ano trasado e o ano passado, nem fizeram festa lá. Foi somente a procissão que passou na porta, enquanto, enquanto cantavam o hino, passaram lá na porta. Eu fui pra Igreja de São Pedro e não teve forró. Festa de São Pedro, começa por Santo Antônio, São João e São Pedro. Quando era no dia de São Pedro, vinha todos os dois santos: São João... Santo Antônio e São João. Aí fazia a bancada, botava de frente a caçara e botava as duas charolas, esperar São Pedro quando viesse da Enseada, aí quando chegava, saía: Santo Antônio na frente, São João no meio e São Pedro atrás, que era o derradeiro, nera. **Todo ano era assim**, mas cabou-se. Nem essa danação de gente tá dando mais na Festa de São Pedro. Também uns negócios tudo a toa. Os presidentes que entram na colônia só querem é comer. Até a associação dos meninos tá fechada. Tá o prédio, minha filha, mas tá fechado, porque o presidente, mais o tesoureiro, o secretário comeram dinheiro e tudo, e fechou, não tá vendendo mais nada. Tá certo que os meninos que... os barcos é pelo banco, aí ele, ele não pode mexer, né. Eles pagam do bolso dele e eles não podem mexer.

As festas da gente

A multidão na festa

- Seu Arlindo (11/08/2010)

Santo Antônio, São João e São Pedro

O hino de São Pedro ninguém sabe mais

Se juntava dinheiro em pote

A escolha do pescador

Sim, eu vou dizer, a Festa de São Pedro, quando começou aqui com os mais velhos, era muito bonita, muito bonita, bonita mermo! Começava com Santo Antônio, entrava São João, quando chegava São Pedro, aí é que era a Festa de São Pedro. Também ficavam preparando as charolas dos santos, Santo Antônio e São João. Quando iam buscar ele lá na Enseada, nesse tempo tudo era de pano a jangada, aí faziam o pavilhão na beira da praia, pegava Santo Antônio e São João e trazia pra praia, ficava esperando São Pedro, aí quando chegavam, o pessoal entregava a charola de São Pedro ao pessoal, aí saiam: Santo Antônio na frente, São João no meio e São Pedro atrás. Aí primeiro andavam Tambaú todinho. Mas hoje em dia a festa é diferente, só traz São Pedro e mal. A procissão não dá mais gente como dava. Hoje em dia, até os hinos dentro da procissão ninguém sabe. Aquilo é um, um sufoco. Fica... o pessoal chega, o pessoal descompromissado, aí quando começa, o pessoal chegando, daqui a pouco vem os barcos, o pessoal já tá (inaudível), é a pior esculhambação na beira da praia. Aí a procissão sai com as músicas de Nau Catarineta, que isso nunca foi o hino da procissão. O velho também que puxava a procissão era um moreno que chamava [Geraldinho]. Ele quem tomava conta da procissão. Ele quem puxava a procissão por esses lugares aí todinhos. Era muito bonita! Hoje em dia, é o presidente que vai assumir a colônia, lá a sede. A procissão agora todo ano tem que pedir uma esmola pra fazer. De primeiro não era. No tempo que terminasse, amanhã: *esse dinheiro é pro São Pedro*. Terminava a procissão, amanhã começava juntar dinheiro em pote, pra quando chegasse o outro ano não precisar tá pedindo a ninguém. Hoje em dia não, se o pessoal não der uma ajuda, também não tem procissão. A procissão também esse ano, acho que não teve mil pessoas. Tava muito fraca esse ano. O presidente só quer tomar cachaça, não liga. É um tal de Fumacinha, é como a gente chama ele no mar. (...) E como era a arrecadação, quem dava dinheiro? Os pescadores, os pescadores, todo dia, se chegasse da maré, se pegasse peixe, deixava um quilo de peixe, dois, depende daquele que pegasse mais, quem pudesse dar mais, dava... Pra colônia vender e o dinheiro ir pra festa? Ficava era em sociedade, vendia (inaudível), aí passava pra procissão. Era muita boa essa procissão! E como era a escolha do pescador? Vinha de barco? Vinha de barco... E como era a escolha do pescador? *A escolha do pescador* nosso tinha... que nem agora tá indo pra Penha, aí lá eles botam a sujeição. Vem pra cá, então aí o barco que vai levar é o barco de lá, porque aqui não tem nenhum interesse de trazer e de ir levar. Mas daqui ia pra lá, pra vim de lá pra cá em procissão.

João da Mata e o barco
de São Pedro

A imagem ficava na
colônia

A melhor riqueza
da colônia

Agora tinha que vim tudo direitinho, que era pra não bater nas pedras, que nem era pra não acontecer de ele cair dentro d'água, como já houve. O cara que mergulhava foi pegar ele lá embaixo, no fundo. No tempo o barco era até a pano. Agora não, agora é tudo motorizado, é tudo mais fácil, né. Ela antes não ia pra Penha não, ia pra onde, ia pro Cabo Branco? Ia pro Cabo Branco, na casa de Zé Nascimento. Era um moreno que morava mais alto ainda, ia pra lá. (...) Hoje, é na casa do filho dele, porque ele morreu faz bem uns dez, doze anos. E ele era pescador daqui era? Era pescador também. E por que ia pra casa dele? É porque tinha que ir, pra gente ir buscar, pra gente ter que ir buscar. Levava de noite e trazia no outro dia logo. Aí depois é que foi pra Penha? É, depois que ele morreu aí é que levou pra Penha... e todo ano ele vai pra lá... Aqui foi o tempo que tinha um velho chamado João da Mata, inclusive um filho dele se chama até João da Mata também, um capitão da polícia, ele hoje em dia ele já é coronel, aí fez um barquinho, deste tamanho o barquinho (utiliza as mãos para demonstrar o tamanho do barco), pintava direitinho, (inaudível). Todo ano ele fica lá embaixo na Igreja de São Pedro, que eu já fui na igreja lá em baixo, todo ano ele fica pra lá. Porque de primeiro, assim que termina a procissão ele vinha pra sede, aí guardava o santo, botava... tinha uma coisa pra botar ele lá e o barquinho guardava dentro do quarto. Agora fica na igreja. Quem resolveu deixar ele lá na igreja? O presidente mermo, se juntou com os pescadores. Eeee na colônia ficava muito abandonado, chegava gente pr'ali e todo ano tinha que endireitar... pintar ele direitinho. Sei que todo ano eles pintam, mas tinha parte que quebrava... Essa procissão é melhor fazer no barco grande¹¹⁸ que no barquinho pequenininho... Aí depois, o que é que acontecia, depois que chegava a imagem? Aí chegasse dessa procissão, aí o santo ia pra colônia de novo, pra sede. Aí de noite era o forró (risada), aí era até de manhã, brincava até de manhã... *Agora só para o ano!* (diz essa frase batendo palmas). Pronto. E deixaram de fazer também a brincadeira? Ah deixaram, porque a colônia com tanta gente, fizeram agora, há pouco, há pouco tempo, fizeram lá um arranjo que nem a reunião tão fazendo mais. De primeiro tinha a peixaria na frente, com os balcões, com os balcões na frente da casa, tudo elétrico, o frigorífico eeee o salão de reunião e nada mais. O motor de fazer gelo, que era a melhor riqueza da colônia, até isso o presidente deixou se acabar. (...) E ele é pescador também? Ele, ele é assim pescava lagosta. Agora ele é, ele é... como é que se diz, ele é da comunidade dos pescadores, né, porque todo ano tem que entrar um presidente e sair outro, entrar um e sair outro, aí

¹¹⁸ A menção ao barco grande é retomada quando seu Arlindo vai falar de seu filho Nino que tinha acabado de trocar um barco maior por um menor.

O presidente da colônia

O barco do filho

O primeiro presidente da colônia

muda o secretário, tesoureiro... É anual a mudança de presidente? É, agora é.

Mas ele tá há alguns anos... Fumacinha já tá há alguns anos, né... Táaa, tá, aquele não sai mais não, não sai mais não! (...) No disse que ele agora tá inté, um vice, um diretor não sei o que da pesca aí... É do Conselho Nacional da Pesca. Éééé. Aí quem fica a frente da pesca quando ele não tá organizando? É o secretário. O secretário é que assume o mandato... Agora ele, quer dizer, ele sabe fazer umas coisas e, outra coisa, porque ele, também se não fosse ele, ele como presidente foi o que teve direito de ir aaaa a banco falar com os homens, falar e tudo, falar sobre a pesca, né. Aí o Nino teve direito, ele foi pro secretário, ele pediu dois dias de férias pra isso, ele ajeitou tudo pra ir no projeto que tava uns barcos pra sair. Inclusive como meu filho tava também nesse projeto, mas eu com medo que ele não não tivesse, porque era interesse dele tirar um barquinho maior, aí eu falei com ele, eu digo: *ó, eu não tenho mais direito não porque eu já sou aposentado, mas ver se tu arruma um barco lá pro meu menino*. Ele disse: *não se, não se incomode não Seu Jacó, não se incomode não, que ele não sai não*. Eu sei que ele tirou. Aí ele trocou o barco dele que achou grande demais, aí tem um pequeno agora, de sete metros e pouco, quase oito metros. Aí seu filho conseguiu tirar? Ele tirou. Ele tinha um de quase nove metros e ele agora trocou por um de quase sete metros e meio, porque ele achou grande pra atividade dele de pescador. Agora isso é em todo lugar, é todo cheio de problema, se não... se a pessoa for pescar, (...), diz que vai naquela navegação e vai noutra, desde que ele não esteja se aborrecendo com ninguém. Ele foi e trocou o barco dele, o camarada deu oito mil a ele, ele tá com esse barco agora, quando ele quiser ir pro mar, ele vai sozinho mesmo, agora é perigoso, mergulho né, pra pessoa sozinha, já duas ou três pessoas é perigoso, avalie uma só. Agora, só porque pega ar né. Ele mesmo já pegou ar uma vez, quase morre. (...) Quem foi o primeiro presidente da colônia, o senhor lembra? O primeiro presidente da colônia, sei, era um velho chamado de Novida. Novida? Sim, era um velho aí da Franca Filho. E ele era pescador? Era não. Era não. Mas presidente qualquer um podia ser. E era, Seu Arlindo? Era, qualquer um podia ser presidente. Pra mim fosse só pescador... É não, é não porque nessa época o pessoal não tinha estudo, né. Aí tinha que botar uma pessoa com estudo e aquele que a gente via, que os mais velhos viam, que tinha compromisso com o pessoal da colônia, porque pra comer o que já tinha lá guardado, a gente não botava não.

- Dona Ana Maria (29/01/2000)

A Festa do
Marinheiro e a
participação dos
pescadores

Antes tinha a Festa do Marinheiro, que era muito interessante também a Festa do Marinheiro, era do dia treze de dezembro, do dia de Tamandaré, né. Então tinha a Festa do Marinheiro que acontecia ali no busto de Tamandaré, então era uma festa bonita também, porque tinha a participação dos pescadores, vinha barco de fora, tinha corrida, é, aaaa Banda da Marinha vinha tocar, condecorava os pescadores, então era uma das atividades bem interessante, era... Hoje, a festa continua, mas é em Cabedelo, né, na praça de Cabedelo e... Mas eu já fui uma vez olhar, mas não é do mesmo jeito que era em Tambaú de antigamente, porque tinha banda de música, era era a manhã toda de festas, de atividades até meio dia, uma hora, quando acontecia a premiação dos pescadores. Era festa que tinha éééé atividades (inaudível), era um negócio assim beem organizado. Quem organizava era os pescadores? Eu acho que era a colônia com, com os que... não sei. Eu era muito pequena, no, no... Não, como é!? Mas eu acho que era com a, as colônias, com o capitão dos portos, né? Porque a gente tinha também em Tambaú o Colégio Tamandaré, não era colégio, era Grupo Escolar Almirante Tamandaré, que é ali onde hoje é, em frente ali onde vende peixe, onde hoje é aquele negócio que parece um shopping, Centro, Centro Turístico, então ali tinha o Grupo Escolar Almirante de Tamandaré, aí os marinheiros vinham, faziam uma limpeza no Grupo. Assim, era uma atividade bem interessante e terminava com a festa no Busto de Tamandaré. Tinhaaa atividade a semana todinha e terminava lá naaa, no busto de Tamandaré que era o encerramento. Sem falar na nossa Procissão de São Pedro, né, que hoje quase não existe mais. Era outra, outra atividade muito muito viva na época, era a Festa de São Pedro. Tanto na véspera de São Pedro, pra levar São Pedro pra Enseada no Cabo Branco, que antes não saía da Penha saía lá da Enseada. Ali mais ou menos onde é a fundação José Américo, porque o Cabo Branco não faz aquela curva, então a enseada é exatamente uma pequena entrada do mar na terra. Então aquilo ali se chama enseada. Então a gente chamava Enseada não chamava Cabo Branco antigamente... então, *vamos pra Enseada...*, então já sabia que era aquele local ali onde o mar penetrava mais e de lá onde se saía a Procissão de São Pedro. Tinha a participação maior do povo. Também em Tambaú tinha muito pescadores, hoje está muito reduzido, né? Muitas vezes os pescadores pescam em Tambaú, mas não moram em Tambaú, moram em Mangabeira, mora na Torre, não sei onde. Então mora nos mais diversos bairros, né?

A procissão de São
Pedro

Hoje, muitos
pescadores pescam
em Tambaú, mas
não moram lá

O itinerário da
procissão

Antes não, todos os pescadores moravam em Tambaú, moravam na praia, mas com a modernização foi se expulsando os pescadores, né? E foram cada vez mais se afastando. Era uma festa muito bonita também. Tinha... depois da procissão sempre tinha o baile na colônia, né, baile aí... Hoje não, a condição do povo, é pouquíssima gente. Esse ano mesmo tinha muito pouca gente, pouquíssima gente mesmo, e a procissão saiu uma carreira, fazendo um itinerário horroroso. Ela antes saía da praia, passava na Franca Filho, na Vila dos Pescadores, e voltava pra Igreja de Santo Antônio que é, era onde acontecia a missa. E da Igreja de Santo Antônio, era onde acontecia a missa, e daí os pescadores iam pra colônia, que era pra ficar lá vendo a, éééé ter a visitaçã do povo lá, né, ter a visitaçã do povo eeee depois tinha o baile. Hoje não, ele sai da praia, passa pela Igreja de Santo Antônio, passa na Vila dos Pescadores e vai embora. A Igreja de São Pedro tá lá em Manaíra, né? **Aquilo ali é Manaíra?** A Igreja de São Pedro, o Pescador, por trás do Alice Carneiro? É, é Manaíra. Então ele faz o caminho inverso, tá mais pro rio do que pro mar... (risos, e uma parada para tomar água). Quando a gente chega ali na Ruy Carneiro não dá mais vontade de acompanhar a procissão não, viu, porque é longe demais pra voltar, éééé, ficou meio complicado. Outra atividade muito boa era São Pedro, Santo Antônio era assim, uma coisa mais restrita, só nas casas que tivesse Antônio era que era acostumada a comemorar a Festa de Santo Antônio. É porque fazia a novena de Santo Antônio e combinava pro encerramento, no encerramento, aí tinha hasteamento da bandeira. Tinha umas coisas assim, então nas casas que tinha Antônio que fazia a novena. Então geralmente no ultimo dia tinha festa, tinha um baile, tinha assim muita comida pra o povo. Tinhaaa, às vezes, tinha ciranda, tinha coco de roda assim, mas só nas casas que comemoravam o Santo Antônio, que geralmente tinha um Antônio em casa. Eram festas mais, mais, menores, né! Mas se a gente for juntar o ano todo era festa que benza Deus, viu!

A Festa de Santo
Antônio

- Seu Aluizio (29/01/2010)

É tradicional a Festa
de São Pedro

A Festa de São Pedro ééé uma tradição, né. É tradicional a Festa de São Pedro, que se comemora no Dia do Pescador, que é o dia 29 de... vê se eu me lembro mais não... Junho? De Junho, é. E se comemora em todas as praias. A direção das colônias de pescador é quem fica a frente. Na nossa época aqui, eu era o secretário da colônia e um presidente era dessas pessoas que parece que é

A arrecadação do
dinheiro para
procissão

A construção da
colônia

egoísta e a gente acostumado desde criança em vê essa procissão, o presidente disse que não ia fazer. Aí eu me interessei, eu digo: *a gente vai fazer*. Achei engraçado porque parece que um dia eu ia conversando com outro pescador, aí ele me viu de longe, entrou num matinho que tinha ali na Ruy Carneiro, que naquela época era mato, e a gente passou e começamos a falar dele: *porque era egoísta e não queria fazer, mas a gente queria fazer, ia mostrar que ia fazer...* E ele escutou (risos). As coincidências... **Eee fiz!** Saiu na rua aí, fiz uma lista, comecei a angariar dinheiro, a preparar, porque a gente não podia mexer nos cofres da colônia pra fazer essas festas, nem tradicional que ela fosse. E arrecadei a importância e comprei fogos, mandei enfeitar a charola. No final foi uma festa bonita, fiz convite lá a Prefeitura, trouxe a banda de música, eee as autoridades, e muitos convidados. Daí nunca mais faltou a Procissão de São Pedro. Olhe, foi onde passei dez anos... dez anos. O último ano foi o de setenta e nove, não, setenta e oito. Setenta e oito eu fiz a última e inauguramos a Colônia de Pescador, que também foi uma construção minha, que eu fiz. Ficou aí feito o alicerce, o... Aonde ela é hoje, né? É, aonde ela é hoje. Ali na Carlos Alverga... Na... por trás do antigo Elite Bar. Aí eu fiz aquela, porque era taipa mesmo, era aqueles pedaços de pau caindo e até os pregos pra enfeitar a colônia empurrava com a mão, na linha, naqueles travessões em cima, botava aqueles papelzinho de bandeirola e empurrava com o dedo assim (demonstra com as mãos), de tão forte que tava. Imagino... Era e... foi tempo que a Colônia de Cabedelo caiu, aí, por coincidência, eu tive uma reunião lá com as autoridades: o Capitão dos Portos, com o Delegado da Sudeste, na época, e muitas autoridades, professor, doutores, pescador, tava pra lá uma misturada grande. E quando saímos de lá, o comandante da capitania nos convidou para um coquetel no Cabedelo Clube e foi todo mundo pra lá. Quando terminou o coquetel, fui pra casa do meu irmão, que morava lá em Cabedelo, e quando a gente tava conversando, eu tava com o presidente da colônia do lado, chegou uma menina com a cabeça lascada merma, que na hora da escola o prédio caiu. Desabou. Quando deu um estalo em cima, a professora mandou todo mundo correr, e ela correu também. Aí duas crianças que disse: *vou buscar meu caderno*. Entrou e quando pegou no caderno, a casa caiu. Não sei como essas crianças não morreram! Aí a gente foi pra lá, chegou lá, tava aquela placa de telha quebrada, as paredes rachadas, pronto, aí causou, é... se fosse... aquela multidão de homem que tivesse ali dentro tinha, vixe, aí o acidente era pior, porque criança com qualquer coisinha corre, e homem quer sustentar com a mão, ia haver alguma coisa. Mas daí surgiu a construção da colônia, por sinal, inaugurei a colônia no... na última procissão que eu fiz. É... teve a inauguração da colônia, a

A marcação do tempo
e a graça da procissão

procissão passou por lá, é... o menino ainda tava abrindo a letra: "Colônia de Pecadores" e a gente parado no meio lá... São Pedro olhando, sem ver mesmo... (risos). Tava São Pedro olhando pra colônia, a casa dele, hehe. Pronto, aí, eu adoeci no mês de julho, no mês de julho eu adoeci. Foi em setenta e nove, que eu adoeci em julho. Aí depois, perdi a visão, ainda passei o resto do ano, de oitenta a oitenta e um. Fui pra o Rio, pra o médico. De volta entreguei a... colônia, no ano de oitenta e um. Eu dou graças a Deus porque o cérebro e o coração tá funcionando muito bem... Exatamente... Num é! Porque se lembrar dessas coisas de antigamente... É. Que... faz tempo! Faz tempo eee quando você pergunta alguma coisa a mim, aí eu pergunto logo: quer de hoje, da amanhã...? (risos). De ontem, anteontem... Ternantonte, ou de ontem, hoje ou de depois de amanhã... Pois é... Tá gravado, né? É, tá gravado... Ternantonte, ontonte, ontem, hoje, amanhã e depois, e assim, sucessivamente. Não sei se você quer mais alguma coisa? É... a imagem ficava aonde? A imagem era guardada lá mesmo, na colônia... Era, só saía de ano em ano. Ficava lá num oratoriozinho, ele lá em cima, perto do telhado, e ali, ele passava o ano todinho: sem dormir, sem comer, sem beber e sem falar. (risos). Eu creio até, sem ver, né? Porque imagem, escultura, não fala, nem ouve, nem... Mas é isso mesmo, era uma tradição, muito bem feita. Hoje ainda alguém passa por mim: *Seu Aluízio, ô! Ah, Seu Aluízio e a Procissão de São Pedro?* Eu digo: *tá pra lá!* (risos). *Ah, Seu Aluízio, a graça da Procissão de São Pedro acabou-se...* Eu digo: *quem era a graça da Procissão de São Pedro? Era o senhor, Seu Aluízio. O senhor era um homem muito alegre, muito contente, falava muito, sabia falar...* Aí eu digo: *hoje a graça tá na Assembléia de Deus, vá lá... me ouça lá, que eu sempre falo também...* Ainda hoje se me perguntar: *e quem foi?* Eu digo: *e eu sei!* Falou comigo, eu não perguntei o nome eee num sei quem foi. E ela sempre foi pra Penha e voltou? Não, a procissão de São Pedro sempre a gente fazia até ali, no Cabo Branco. Um pescador que morava lá... Quem era o pescador? Era... Tinha Seu Otávio, pai de Honaldo, e depois passou pra casa de Zé Nascimento, mais pra lá ainda. Foi se estirando. Depois foi pra Praia da Penha, que... ninguém não fazia nem questão... mais duas vezes, saía da igreja, lá de cima, o santo chegava lá, passava a noite em novena, missa. E de lá, no outro dia, saía em procissão. Ia buscar nos barcos. Todo mundo soltando fogos, aquela fileira de barcos. Tradição continuava pelo mar, chegava na terra, fazia um palanque pra receber as autoridades, receber o santo também... Eu sei que a última vez que eu fui, eu não queria ir porque... eu já tinha aceitado o evangelho e eu não queria ficar aqui também porque meu corpo ainda tava assim, tremendo. Fazia poucos dias que eu tinha perdido a visão, meu corpo ficou tremendo. Eu digo:

A tradição continuava
pelo mar

A última participação
de Seu Aluízio

*Tu tens que ir ao
palanque*

vai chegar visita aqui. Eu disse pra minha esposa: e eu não queria receber não. Eu acho que eu vou procurar um lugar pra eu ir. Aí falei com um primo meu. Aí, lá pra perto onde mora Paulo (Cabral, meu pai), que ele morava por ali, e ficar por lá, passar o dia lá, ficar ali. Aí, meu primo disse: Tá certo, pois dez horas eu venho lhe buscar. Eu disse: venha mesmo. Lá vai dez horas, onze horas, lá vai meio dia. Aí meus meninos saíram e as meninas foram tudo pra praia, dia de São Pedro. Aí, eu me lembro, não era nem essa casa, era outra casa, eu sentado aqui no terraço, bem no cantinho. Mas achei uma coisa importante, minha esposa foi varrer a casa também, que ela também ia sair pra trabalhar. Quando ela estava lá dentro fiquei sozinho aqui esperando meu primo. Aí uma voz bradou aqui... nessa sala: tu tens que ir ao palanque. Era uma voz forte. Eu fiquei assim: quem é que tá aqui me dizendo que vou pro palanque? Eu fiquei olhando. Aí escutei assim no beco aí da casa, escutei aqui nesse quarto. Nem nada. Uma voz grossa, de homem. Aí eu chamei minha esposa e disse: Tonha repara se nesse quarto aí tem alguém. Ela olhou: Não. Nesse beco, tem alguém? Tem não. Que foi? Aí eu disse pra ela: uma voz falou aqui: tu tens que ir ao palanque. Eu não queria ir, já tinha falado com meu secretário, pra... receber lá as autoridades que eu não ia não. Meu corpo não dava não. Tomei uma úlcera no estômago que não era brincadeira. Deu logo uma úlcera nervosa... Foi tempo... Aí quando perde a visão acontece muita coisa. Aí minha esposa endossou: também, eu acho que você deve ir... porque... de qualquer maneira você ainda é o presidente. Paulo (o secretário) é aquela pessoa que não sabe receber ninguém, não sabe falar. Tá certo, então eu vou. Pronto, aí acabou o nervoso. Aí eu mandei o recado pra Tonha, que... na hora da procissão eu ia. E quando chegou a hora da procissão, minha filha me levou. Botei a gravata, quando cheguei lá, subi no palanque, invés de receber o povo, o povo foi que me recebeu. Era deputado, era... o povo da capitania, o capitão dos portos, o subcomandante, quem tava em cima, vieram me abraçar. Aí chegou o carro de som, aí o locutor disse: vamos ouvir uma palavra agora pelo presidente da colônia. Mas o andor não tinha chegado ainda. Eu disse: não, deixe o andor chegar... que eu vou falar. Aí quando os fogos começaram a subir, eu já tava sentindo que tava ali pertinho, mais... tá chegando por aí. Aí o presidente da federação, que era Sebastião lá da Sudepe: Aluízio, venha pegar aqui no andor. Eu disse: não, não, não, vocês peguem no andor, porque de repente cai da minha mão, tô vendo nada, o santo se quebra por aí, vão dizer que fui eu por propósito, né? (Inaudível). Lá vai São Pedro no chão... Eu num tô vendo... Aí eles pegaram e... botaram o andor assim e eu fiquei dentro dos dois pauzinho, que me botou aqui... não sabia nem que tava de frente a São Pedro, assim conversando

A multidão na festa e
o choro do prefeito
Damásio Franca

O itinerário da
procissão

A multidão não cabia
na igreja

Forró com São Pedro

mais ele. Aí foi quando me entregaram o microfone. E aí comecei a dar umas pinceladas lá em quem era Pedro, a Bíblia... Eu já tinha escutado alguma palavra e comecei a explicar pra aquela multidão. Que é gente, muita gente! A multidão era grande e todo mundo me ouvia, e me ouvia, e quando eu comecei a... a ir tomando gosto na partida: *e hoje, a procissão hoje não sai mais, pronto!* Quando eu vi, tomaram o microfone da minha mão, hehe, puxaram. *Agora, vamos ouvir o prefeito.* Aí o prefeito era Damásio Franca. Ele não teve ânimo de falar, não. Ele chorou. Só fez dizer: *vamos rezar pelo... Aluízio.* Pronto, foi a palavra dele. Ele morreu, né, tu sabe? Hum hum... Pronto, e dali... foi organizado e saiu a procissão pela rua. E de lá mesmo do palanque eu vim pra casa. Fui não, acompanhei não. Pronto e outra coisa... tô satisfeito e eu não tenho saudade... viu! Não tenho a emoção do dia, quando é São Pedro. Não, me passou tudo! Pra mim hoje tudo se fez novo, né? Graças a Deus, que a palavra de Deus diz: que a gente agora somos nova criatura, nascemos de novo... e não tem por que ter saudade de nada do passado. Exatamente. Passou, passou. Vamos tocar o barco pra frente, e até a chamada do Senhor (risos). É, muita gente se admira quando a gente fala as coisas direitinho... pra... cair também na... num cair também em decadência, né? É. Porque a gente sabe que através da palavra que só Cristo salva, né? Só Jesus salva. Se nós não entrarmos no caminho, o caminho é o Senhor. O caminho é a verdade e a vida. Ninguém, ninguém na terra vai ao pai senão por ele. É verdade. (...) É... a gente conhece a verdade e a verdade nos libertará. Escrito, né? Exatamente. Quer mais alguma coisa? É... ela percorria por Tambaú, ia por quais ruas? É... antigamente, nós, nós caminhava lá... pela avenida João Maurício ou rua João Maurício, a principal, que era lá do Hotel Tambaú... até a Franca Filho. Na Franca Filho, nós entrávamos, ia, percorria toda a Franca Filho. E lá no final da Franca Filho saía noutra avenida... Me lembrei do nome daquela avenida... Pegava a Ruy Carneiro, chegava na Ruy Carneiro, aí entrava aqui pra avenida Olinda. Passava aqui na Olinda, onde era a rua da igreja, e ia pra lá. E lá... onde havia a missa campal. Porque a multidão era grande, não cabia mesmo na igreja. Depois da missa, levava de novo pra colônia onde ia dançar forró lá com São Pedro, hehe. E São Pedro ficava lá, o povo acendendo vela e... e o forró dançando. Tinha gente que era contra, minha cunhada mesmo era tão contra isso. E passava a noite, era? Passava a noite toda. Tinha coco também, ou não, só forró? Não, era só forró. Teve até uma vez que teve um camarada lá que quebrou o som... e tava cheio. Até Paulo (Cabral, meu pai) tava comigo nessa vez. Paulo também tava dançando um forrozinho lá e... quando o camarada meteu a mão no som, naquele tempo era disco, quebrou, quebrou o som e acabou a festa. Aí apareceu...

quiseram pegar o cara e eu fiz tudo pra não haver uma briga... Que a sede da colônia não agüentava uma briga dentro não, porque podia cair... Eu pensava mais nisso (risos). Era porque os paus, quando a gente panhava, os paus quando eu desmanchei, eu pegava assim os paus assim, machucava com a mão. Assustentava só, quem nem sei, só no barro. E eu pensava muito... ninguém encoste nas paredes. Numa briga lá, também ia querer o povo ia passar nas portas de uma vez. Cheio de mulher, cheio de homem. O pessoal da marinha tava comigo, os marinheiros: *deixa comigo, Aluízio. Não senhor, deixe que eu tomo providência. Não precisa de nada.* Aí foi quando chegou o Paulo (Cabral, meu pai). Aí eu peguei o pescador: *foge, vai-te embora.* Empurrei ele pela porta por trás, ele sumiu. Aí Paulo chegou. *Paulo... o Alicate, rapaz, quebrou o som aqui, acabou-se a festa... E cadê ele?* Eu disse: *sei não, saiu por aí... sei não por onde ele tá não... Vamo atrás dele... Bora!* Aí saí mais Paulo. Andei, olhemos pra um lado, pra outro, ninguém viu ele. Eu disse: *Paulo, deixe isso pra lá, deixe que eu resolvo amanhã.* No outro dia, eu fui na capitania, falei com o sub-comandante, o capitão mandou buscar ele, trouxe um ofício, eu dei a ele. Aí ele foi lá. Aí ele prometeu pagar, pagou umas duas coisinhas, umas duas prestaçõzinhas. Depois me disse que não ia pagar mais. *Tem nada não, meu filho, tem nada não! Ele não quer pagar mais, eu vou brigar por isso?* Já morreu... Morreu muita gente, do meu tempo parece que só tem eu mesmo... Meu irmão já tá... não sei se eu vou primeiro que ele¹¹⁹ ... Mas é isso mesmo... Deus é quem sabe. Deus é quem sabe... Não sei se a despedida é hoje, não sei se é amanhã, se depois, só Deus sabe. Só Deus sabe... Só sei que eu tô aqui ainda. (...)

O senhor lembra quem fez o barquinho? O Barquinho de São Pedro foi feito pelo... pelo... um carpinteiro que tinha aqui: João da Mata. Ele morava bem pertinho da igreja Assembléia de Deus. Ele fez esse barquinho e me deu de presente... pra os pecadores. Mas esse barquinho já é muito mais antigo de que eu. Eu mesmo fiz dois consertos nele, depois, mandaram um carpinteiro fazer. O carpinteiro cobrou muito caro, parece que foi na minha gestão mesmo, eu disse: *me dê pra cá, isso não é um bicho de sete cabeças não.* Preguei duas tabuinhas, pro camarada cobrar uma coisa dessas... Aí eu fiz. E se pintou ele. Todo ano eu mandava pintar, renovar... o São Pedro foi pintado não sei quantas vezes, pra ficar novinho. É que ele chama-se reencarnação... **de tinta** (risos). Pintava São Pedro pra ficar novinho. E João da Mata era pescador também? Como? E João da Mata era pescador também? Não, ele era carpinteiro naval. Hoje em dia, o filho dele, ele tem um filho, que é assim da minha idade mais ou menos... é... o nome... João da Mata também, ele é coronel da polícia. Parece que ele trabalha, eu

O carpinteiro João da Mata

A reencarnação de tinta do santo

¹¹⁹ Em 2011, na Festa de São Pedro, recebo a notícia que o irmão de Seu Aluízio tinha falecido.

As mulheres que
enfeitavam o santo
e a promessa

Mudavam as cores dos
enfeites

O hino de São Pedro e
a gravação

O que não podia faltar
na procissão

não sei se ele já tá aposentado, trabalhava em Campina Grande. Ele foi crente também. O velho era crente também. A esposa dele e João da Mata também. João da Mata entrou na polícia. Encontrei com ele uma vez que eu fui pra igreja, na porta da igreja ele estava. Aí ele falou comigo: *quem tá falando comigo? É João da Mata, Aluizio... Rapaz, João da Mata... Como vai?* Abracei ele. A gente jogava futebol junto também. Aí, comecei a contar minha história final... *Meu irmão, mas... acontece que você tá vendo mais de que eu... tá vendo mais de que eu. Você vê pelos olhos da fé e o Senhor, naquilo que você quer, quando você pede. A sua situação espiritual tá melhor do que a minha.* Porque é verdade, quando a pessoa confessa isso é porque sabe, né? Foi criado no evangelho. É verdade... E o senhor ia dizendo que enfeitava como? Sim... Aí, nos anos a gente ia lá na colônia, e as mulheres, né, convidada, pra enfeitar, fazer aquelas bandeirazinha, um cordãozinho, enfeitar o barcozinho, o barcozinho todo pintadinho. Pintava de branco e azul. E os enfeites a gente mudava as cores, o pano do andor. Tinha uma mulher que fez uma promessa e todo ano ela dava, o manto né, aquele que sai por fora do, do barco. O barquinho fica no meio, assim no meio e, pegava aquele manto azul, branco, vermelho, mudava a cor. Ela mandava me chamar pra dar o pano. Mandava me perguntar a cor. Eu ia lá na casa dela. É que ela fez uma promessa que era pra dar todo ano. Essa mulher morreu e eu acho que as filhas dela ficaram dando. Era bom! Muitas bandeiras, muitos fogos, muita música, cantando o hino de São Pedro. E como era o hino de São Pedro? Rapaz, eu num me lembro mais não, porque... faz muitos anos isso, né? Mas ainda tem uma coizinha aí:

Viva São Pedro Divino
Chaveiro mais singular
Queira-nos abrir a porta
Da corte celestial
Queira-nos abrir a porta
Da corte celestial
São Pedro vinha na barca
Os anjinhos a pé
Quando avistaram São Pedro...

Aí, eu esqueci do resto... (cantarola a melodia)... é música. E vinha gravador da prefeitura. O homem lá... o motorista, responsável dos trabalhos de som, ele vinha toda véspera de São Pedro, vinha gravar. Até que eu soube que eu ainda tô cantando por lá. Ele guardou a fita, e sempre, sempre eu escuto, quando chega alguém dizendo aqui: *eita Aluizio, eu vi tu cantando por lá. Não, era eu não, só a voz.* Porque fica gravada. Mas eu acho que ele já perdeu, sei não. Acabou-se, faz tempo demais (risos). E o que é que não podia faltar na Festa de São Pedro? (...) O povo, a multidão (risos). Procissão

A escolha do barco e o perigo no mar

sem gente, não é procissão. Tinha que haver logo a multidão pra poder aparecer outras coisas. Quem é que trazia o São Pedro, como é que era pra trazer o São Pedro lá da... Trazia no barco... Mas, como é que era? Era sorteio...? Não, não, a gente: *você é quem vai trazer hoje. Aí o caba ficava contente: aaah!* Eu indicava a pessoa pra trazer. Não é do meu tempo, essa foi primeiro do que eu: teve um pescador que foi buscar São Pedro, deram a ele. Nesse tempo era tudo jangada, a vela. Aí no caminho a jangada virou (risos). Caiu tudo dentro d'água, o barco ficou boiando com São Pedro em cima e... Esse pescador, até o capataz, ele suspendeu ele. Foi suspenso, porque... teve negligência com... Aí, ficaram rindo demais. Ainda bem que o barquinho ficou boiando com São Pedro... (risos). Boiou, mas... São Pedro tomou um banho bom (risos). Pior se ele tivesse afundado. É... pra quem tá com calor... (risos). Tava quente no dia... (risos). Aí, Jesus! Mas rapaz, eu tô aqui pescando o teu nome, que fugiu... Cleomar. Tão fácil... Cleomar. Cleomar. Cleomar era uma meninazinha, filha de Cleiton. Por sinal, acho que não vou esquecer tão cedo não, que me deram um neto aqui, que botaram o nome: Ericleuton. (...) Diz que, a história do progresso popular diz que: "morre o homem fica a fama". É só que o senhor ainda tá vivo, graças a Deus. Eu ando aqui devagarzinho, sem enxergar as quatro paredes que nos cercam. Mas eu sempre digo, que a noite de ontem se foi e hoje o dia, já estamos nessa hora, vai também, e amanhã será outro dia, né, com certeza. É. Falar sobre Tambaú hoje e sobre a festa, seu nome sempre aparece e com muitos elogios. É muito bom saber que, né, o trabalho que foi feito ficou marcado. Fica, ninguém sabe as coisas que vão, não. Às vezes, pra uns, despreza, se já num desprezaram; pra outros, não. Meus pescadores mesmo, por onde... eu carreguei todos aqui na palma de minha mão... porque ninguém pode dizer que não passou na palma da minha mão, porque passou. Quando a pessoa enfrenta o que eu enfrentei, depois de ser rejeitado por sete pessoas... O comandante me fez o convite e a minha palavra foi essa: *quero ver qual é o bicho que tem. O senhor aceita Seu Aluizio? Aceito sim senhor.* Pronto, passei dez anos, num é? E o melhor é não tá lá ainda, eu não sei. Eu acho que se eu estivesse lá, não tava mais vivo não, porque a concorrência era grande, todo mundo queria. Hoje ninguém pode falhar... né? Hoje ninguém pode falhar. Naquele tempo, eu já era assustado com meus amigos mesmo. Era que eu ia pra todo canto, Pitimbu, Baia da Traição, era... muito lugar por aqui e pela Paraíba. Que eu... tinha muita amizade, por todo canto. Mas... principalmente com os deputados, né, essa época assim de campanha! Eu tinha um colega que gostava desse negócio de, de... e trazia sempre os vereadores aqui, trazia deputado... era saindo um e entrando outro, e saindo um e eu dando meu voto a todos eles. Levava pra praia da Penha e ficava lá,

O desafio da presidência da colônia

A política e o
compromisso com
os pescadores

num barzinho... Aí um, um dia de São Pedro... dia de São Pedro, na porta da colônia, de instante em instante, chegava um vereador me procurando... candidato. *Seu Aluizio, onde era que a gente podia conversar?* Eu digo: *é lá no Elite Bar*. Procurava a barraca de Tio Chico não; ia logo pro Elite Bar: *bora lá*. Pronto, chegando lá, se abancava, começava a tomar uma cervejinha eee peixinho. Fiquei com a barriga grande. Quando saia um, chegava o outro: *ô Seu Aluizio! Ham... Vamos alí, no Elite Bar*. Aí teve um que disse: *o que era que o senhor tava conversando com aquele... aquele candidato, o vereador fulano de tal? Rapaz, sabe por quê? Porque eu sou representante, eu tenho o direito de me oferecer a todo mundo no meu trabalho. Tenho esse direito ou não?* Ele disse: *tem!* E pronto. *É o que o senhor tá fazendo. Agora que eu prometi num é obrigado eu fazer não.* **Meu negócio é com você** (risos). O cara, um camarada que tinha aqui, ele morreu também. Ele me ensinava as safadezas dele e pronto, aí... eu aprendi a lidar com todos eles. Chegava... a lábia, né, pra um e pra outro, pra um e pra outro. Aí, Luiz, Luiz também o nome dele, me disse: *Aluizio, esses caba tudo é safado mesmo, tudo calça quarenta*. Eu digo: *e não é, rapaz. Eu vou aprendendo com você e... desmanchando os bicho todinho*. Aí uma vez eu disse: *quantas vezes foi candidato?* Ele fez: *fui candidato três vezes já. Ganhou alguma vez?* Ele disse: *não senhor. Vai ganhar dessa! Não me procurou, como é que podia ganhar?* Aí pronto, a mulher dele ficou contente. Morava lá em Cruz das Armas, o velhinho lá que vendia carne... açougueiro. Mas o sem-vergonha não ganhou! (Risos). Qual era a participação da igreja na organização da festa? Tinha alguma, a Igreja de Santo Antônio? A organização da Igreja era só dar conhecimento da procissão ao padre da paróquia, né. Na época era padre Everaldo, era um capitão da polícia, e não exigia nada senão... às vezes, pedia a gente para fazer um palanque de frente à igreja pra ele celebrar a missa, né. Pra multidão ficar, a banda de música também de lado... era aquela festa bonita. Às vezes, me botaram, a mulher zeladora de lá: *Seu Aluizio, tome essa bandeja e vá correr aí o... como é, a oferta, né? Me dê pra cá*. Pronto, aí daqui a pouco não cabia mais o dinheiro, comecei a encerrar. Aí teve uma mulher ali da fortaleza: *Mas Seu Aluizio, meu filho, dá pra tudo no mundo!* Eu disse: *vá minha senhora, encha logo esse negócio aqui...* (risos), *de dinheiro que é pra gente prestar conta ali*. Chega veio esborrando a bandejinha. Mas ali ele fazia a missa, depois pronto, me entregava o santo... Teve uma vez que eu recebi o santo puxando um fogo medonho. Que eu passei na colônia, os pescadores já tavam lá no barzinho. Parece que eu já tava me despedindo mesmo naquele dia. Foi na última, na última, na mesma... na última procissão que eu fiz. Todo mundo bem... dez colegas, todo mundo

A participação da
igreja

Puxando fogo

As brincadeiras

O escabeche de peixe

com o copinho de cerveja assim na mesa, e: *Aluízio, vem tomar aqui um copinho*. E digo: *quero nada, quero não, eu tô ocupado*. Aí saí, peguei um copo dele assim aí... num olhei de quem era, aí saí, arrudiei a mesa todinha e tomei toda a cerveja que tinha na mesa, nos copos. Saí, e eu... perto da igreja ali tinha um bar que era de João, aí eu entrei lá no bar e disse: *cadê João?* Aí o garçom disse: *ele num tá não*. Eu digo: *eu fiquei de vim tomar um whisky aqui*. Ele fez: *é agora*. Ele pegou o *whisky*, botou um dedinho. E disse: *isso é teu, ou é de João?* Ele disse: *é de João*. *Apois enche o copo!* (Risos). Vixe, quando tomei, acendeu as orelha toda. Dali pra igreja era só atravessar a estrada, quando eu cheguei, não sei como foi que o padre me viu (risos). *Pronto Aluízio, leve seu santo, leve seu santo* (inaudível). *Bora, bora!* Chamei o povo, botaram o santo nas costas, os músicos começaram a brigar, porque queriam ficar logo pra tocar no forró de noite. Eu disse: *é pra ficar mermo, é pra ficar mermo*. Aí ficaram. Depois eles... dei um dinheiro pra eles lancharem, foram lá pra o mercado; em vez de lancharem, foram beber. E de noite começaram a arengar, discutir. *Sabe de uma coisa, vocês vão se embora, não quero nenhum aqui mais não*. Acabei a festa logo cedo. Aí no outro ano, eles não foram mais, que... parece que não tão vindo mais não, num sei não. Eu só escuto a zoada dos fogos quando... vem de lá, que daqui a gente escuta os fogo subir... *pow, pei!* Lá vem São Pedro. As recepções eram boas, era... bem representada, bem feita, muitas bandeiras, muitos fogos. Fazia... tudo esquematizado direitinho, muitos convidados, fazia cartão de convite, né? Entregar na... por aí a fora... mas graças a Deus que terminou.... terminou a minha tarefa. Tem tempo debaixo do céu e acima da terra pra tudo no mundo, né? E a sopa de cabeça de peixe? Quem fazia? Rapaz... por incrível que pareça, eu não me lembro se tomei alguma vez a sopa mesmo, né, assim... a gente usava muito era o escabeche do peixe, do peixe era cozinhado... comum, com água e as... muita verdura, às vezes, um colorauzinho pra mudar a cor e o óleo, o vinagre, tempero completo ou a pimenta do reino. Fazia aquele pirão mexido, que a gente chamava ele de tijolinho, os pedaços assim, bolinho assim, escaldado. Jogasse ele, o caba caia (risos). Aquilo enchia que fazia gosto. No mar era mesma coisa, fazia aqueles pirãozinho, gostozinho, liguento, né, pra saciar... Na praia mesmo, a gente encostava os barcos fazia aquela (inaudível), aquelas cabeças de peixe, fazia escabeche e, às vezes, comia muito. No Picãozinho quando eu levava o... alugava meu barco, tinha um camarada que alugava, de quinze em quinze dias, ele alugava. Aí ele trazia pra mim um tambor de óleo e vinha um... representante da EMATER, negócio de companhia de trator, dessas coisas, trazia um tambor com vinte litros de óleo, aí eu contratava o preço do barco, da

viagem, ele me dava o dinheiro pra eu comprar a verdura, comprar... tudo que faltasse, comprar o peixe... Aí um dia, eu levei eles pra lá, pra Picãozinho. Quando deu assim, essa hora assim (quase onze e meia), eu fui... catar o peixe. Fui na caixa, que meu barco tinha chegado do mar de madrugada, separava um peixe desse tamanho, assim (mostra o tamanho do peixe com as mãos). Era um parque pereira, um peixe preto, o bicho chega tava assim roliço. Eu digo: *esse tá bom*. Uns três ou quatro quilos, por aí. Aí eu fui tratar, tirei da caixa, e... deu umas seis doutora da universidade, daquelas que trabalhava por aí pelo HU por aí. Aí... me arrodearam e eu procurando um jeito pra me sentar, e elas tudo na minha frente. Eu digo: *ô menina, esse negócio...* Aí, eu ajeitei e preparei, deixei tudo bem lavado e... tinha levado a tomate, o coentro, a cebola, o óleo foi lá do barco mermo, o vinagre e o colorau... e o móio de coentro, era aquele móio grande que eu comprava, lavava assim dentro dum balde cheio d'água, lavava, torava aquelas raízes, aquele pé dele assim, com a faquinha, aquele bibelo mesmo, era uma faquinha desse tamanho (quase da altura de um dedo), mas cortava que parecia uma gilete... (risos) mas cortava o móio todinho aquele bibelo. Você veja, aqui em casa, só bota dois pezinhos de coentro, lá eu botava um móio todo... duas, três cebolas grandes, aí botava no fogo, aí chamava elas pra ficar sentindo a fumaça, sentindo a fumaça do cheiro do peixe...

A memória sobre a Festa de São Pedro em Tambaú encontra obstáculos não apenas nas experiências e trajetórias individuais de seus integrantes, como também na transformação do cenário, do cotidiano do lugar (de trabalho, vizinhança, descanso); na relação desigual de poder entre “os estabelecidos e os outsiders”, quer dizer, na expulsão e fragmentação dos espaços de memória e convivência, que afetam o ato de lembrar, recriar e restabelecer antigas e novas relações sociais. Apesar disso, a procissão *reúne as pessoas e reintegra fragmentos da memória*, ao serem revivenciados, resignificados e rememorados **objetos e lugares biográficos coletivos**.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Crédito: Cleomar Cabral



Crédito: Cleomar Cabral



Crédito: Cleomar Cabral

Figuras 42, 43, 44 – A “festa social” promovida pela Igreja de São Pedro Pescador em 2008

Esse trabalho partiu de indagações sobre o processo de organização e realização da Festa de São Pedro que ocorre na região de Tambaú, tendo como foco os diversos grupos envolvidos e, especificamente, observando de que forma as relações de classe, status e de prestígio interferiam na produção da festa, o que permitiu chegar tanto a respostas, quanto a novas questões.

Na produção da Festa de São Pedro podemos encontrar diversas *festas na festa e festas da festa*, o que possibilita a identificação de características diferenciadas ou até mesmo contraditórias, como: estabelecidos-outsiders, os recém-chegados e os antigos moradores, brancos e negros, classe média e classe popular, letrados e iletrados, mansões e casas populares, entre outras características dessa relação e região, nos remetendo a *relações desiguais de poder*.

Foi observado que essa região de Tambaú vem passando por um processo de *gentrification* e se transformando em um lugar de classe média (os *estabelecidos*), em detrimento dos antigos moradores da região, pescadores e criadores de gados (os *outsiders*). A festa, desse modo, permite que as pessoas envolvidas tanto na produção, quanto na realização, reatem e (re)construam laços de amizade, laços de família e laços de re-conhecimento que estão para além da festa, estão no cotidiano de trabalho e de vida dos integrantes. Ainda possibilita o (re)encontro de pessoas de diferentes estratos sociais e entre “iguais”, como também a manifestação da indiferença ou ainda exclusão, ao tornar mais nítidas e reafirmar as desigualdades daquela realidade social.

Na festa se processam relações de conflito e de disputa entre indivíduos do próprio grupo e entre grupos diferentes que também dividem o espaço geográfico-social, ao mesmo tempo que atuam relações de interação e divertimento, especialmente, entre pessoas pertencentes ou consideradas como parte da mesma camada social.

Por enquanto nesse cenário se constata a realização de duas festas consagradas a São Pedro: a Procissão de São Pedro, mais próxima de ser caracterizada enquanto “festa-participação” e a Festa de São Pedro Pescador, que permanece com a participação (na organização e realização) de fiéis da igreja, mas vai se delineando enquanto “festa-espetáculo”. Desse modo, quanto mais a festa é voltada ao consumo, à “festa-espetáculo”, nos termos definido por García Canclini (2002), mais se tornam evidentes as contradições e desigualdades daquele contexto social, bem como as inconsistências de um possível discurso de incorporação. Nesse caso, continuará interagindo quem possui as moedas específicas para consumir, quem compartilha dessa forma de inserção e de festejo por dispor dos fatores necessários a sua inclusão: poder econômico, reconhecimento social, prestígio social, status, capacidade de influência política.

No entanto, não se pode esquecer que a Procissão de São Pedro é um momento de festa, *extra-ordinário, extra-temporal*, é expressão de alegria e de devoção, onde se marcam e diferenciam concepções de fé e rituais atrelados ao modo de vida, ao universo simbólico, a concepções de mundo dos participantes. É também lugar de exaltação do santo e santificado, do sagrado e consagrado, das conquistas, dos saberes e fazeres dos homens do mar e de seus familiares pertencentes a Tambaú.

A festa é um lugar de celebração da vida, das bênçãos recebidas, das relações entre companheiros de trabalhos e familiares que, por vezes, estão ou são afastados pela própria laboração de pescador ou por hoje morarem distantes, como resultado das diferentes mudanças. Tempo de confraternização, em que são realizadas *festas na festa e festas da festa* (nos barcos, na caiçara, nas ruas, nas residências, na igreja). Circunstância em que crianças, mulheres, terrestres desbravam o mar junto aos pescadores e retornam a Tambaú, retornam às casas dos parentes e amigos que lá ainda residem. Desatam e amarram relações vivenciadas

no mar e prolongadas em terra, relações familiares em seu sentido mais amplo, chegando a interligar regiões, Tambaú e Penha, ao sagrado.

Festa-participação, tempo de prestigiar os antigos e reconhecer o trabalho e a contribuição dos que prosseguem ou assumem as responsabilidades de continuar a “tradição” da festa, enfrentando os novos desafios.

Essa festa possibilita ainda que o universo de trabalho invada a festa-procissão e a festa-procissão invada o universo de trabalho dos pescadores. A imagem do santo vai consagrando o mar em barqueata pelas mãos e pelo *fazer-saber e saber-fazer* dos mestres da pesca. Esses que são mestres na pesca se tornam mestres no momento singular dessa festa, a *barqueata*.

A festa pode ser também um lugar biográfico coletivo, que acompanha e ajuda a contar a história de vida de um dado grupo social que a celebra, tonando-se parte da identidade. Nessa perspectiva, a procissão poder ser entendida enquanto **lugares e objetos biográficos coletivos** que compõem a festa. Festa realizada e festa recordada por seus novos e antigos integrantes.

Na memória sobre a festa aparecem não somente aspectos de devoção e celebração, como as festas de encerramento que duravam até o amanhecer do dia seguinte; a contribuição através do pescado para a sua realização; o Hino de São Pedro; entre outros, como de perigo, tensão e conflito, por exemplo, as brigas entre os pescadores; o santo bem amarrado para não cair no mar; o cuidado com a segurança da tripulação e da imagem etc. A partir da memória e da realização da festa, também surgem os nomes dos participantes, *os sujeitos* da festa, de hoje e do passado. Ao mesmo tempo que há, na festa e sobre a festa, “segredo” e silêncio. (MALDONADO, 1994).

A festa também é um espaço político, em que podem ser negociadas vantagens e desvantagens para o cotidiano do lugar, dos grupos envolvidos e da própria celebração, onde

também entram em disputas identidades, status, prestígio, poder. Nesse caso, a festa atesta a presença e existência, perante os “de fora” e os “de longe”, dos grupos geralmente invisibilizados enquanto moradores da região.

A Festa de São Pedro está inserida em um processo no qual as relações entre os diferentes grupos sociais que residem na região (*os estabelecidos e os outsiders*) podem a partir da festa se aproximar ou se distanciar cada vez mais, tornando-os “de perto” ou “de dentro”, ou ainda deixando-os “de fora” e “de longe”, dependendo das variáveis circunstanciais e as posturas tomadas por seus atores. De acordo com a observação feita por Konder (2002, p.187), “o real é processual. O que existe deixa de existir; o que não existe passa a existir”. Assim é o cenário de Tambaú, as festas e os laços feitos, desfeitos, refeitos e não feitos. Nessa perspectiva, a festa é dinâmica e processual.

Vale recordar a consideração feita por Seu Aluizio (2010), quando alerta: “**mas eu sempre digo, que a noite de ontem se foi e hoje o dia, já estamos nessa hora, vai também, e amanhã será outro dia**”.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA JUNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. In: **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v. 3, n.2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2011.
- ACHARD, Pierre; DAYALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis. Memória e produção discursiva do sentido. In: **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999, p.11-17.
- AGIER, Michel. **Anthropologie du carnaval: la ville, la fête et l'Afrique à Bahia**. Paris: Parenthèses, 2000. (Collection Eupalinos) Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oLrHg-svqQ8C&oi=fnd&pg=PA5&dq=fête&ots=7yzUrK8oUR&sig=07QWPWs6S4XfAmPuhu97JpB8jQQ#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 12 jan. 2010.
- AGUIAR, Wellington; OTÁVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos**: evolução e roteiro. 2. ed. João Pessoa: Fundação cultural do Estado da Paraíba, 1989.
- ALMEIDA, José Américo de. Novas avenidas e corrida para o mar. In: AGUIAR, Wellington; OTÁVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos**: evolução e roteiro. 2. ed. João Pessoa: Fundação cultural do Estado da Paraíba, 1989, p. 165-166.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2010.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **A festa como possibilidade de mobilização social**, Bogotá, 2008. Disponível em: <http://www.redcreacion.org/documentos/congreso10/VNoronha.html#Uso_apropiado_del_documento>. Acesso em: 30 jan. 2010.
- AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que "não é sério". 1998. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 10 set. 2005.
- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Martins, 1959.
- ANDRADE, Mario de. **Missão de pesquisas folclóricas**: música tradicional do Norte e Nordeste, 1938. São Paulo: SESC/SP, Secretaria da Cultura de SP, CCSP, 2006a. 6 CDs, 4 livros.

ANDRADE, Mario de. **Missão de pesquisas folclóricas**: música tradicional do Norte e Nordeste, 1938. São Paulo: SESC/SP, Secretaria da Cultura de SP, CCSP, 2006b. 6 CDs, 4 livros. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/missao/apresenta_frameset.html. Acesso em: 08 set. 2010.

ANDRADE, Mário de. **O Turista aprendiz**. 2 ed. São Paulo: Duas cidades, 1983.

ANDRADE, Mário de. **Os cocos**. São Paulo: Duas Cidades, (Brasília): INL; Fundação Nacional; Pró-Memória, 1984.

ANDRADE, Mário de. **Táxi e crônicas no Diário Nacional**. São Paulo: Duas cidades, Secretária da cultura, ciência e tecnologia, 1976.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção primeiros passos; 36).

ARENDT, Hannah. A quebra entre o passado e o futuro. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997, p.28-41.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994, p.8-93.

AYALA, Marcos. Cultura popular ou folclore: apontamentos para uma análise ideológica. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, EDUEPB, n.05, abr. 1987.

AYALA, Marcos. **História e cultura**: negros do rosário de Pombal. 1996.158 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez N.; MACIEL, Diógenes A. V. Embarcando na Barca Santa Maria de Mandacarú. In: RAMOS, José de Carvalho. **Barca Santa Maria**: versos e memória da brincadeira da Nau Catarineta. Campina Grande: Bagagem, 2005, p. 11-24.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. (Org.). **Cocos**: alegria e devoção. Natal: EDUFRN, 2000.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

AYALA, Maria Ignez N. Riqueza de pobre. **Revista Literatura e Sociedade**: literatura e literatura comparada, São Paulo, n.02, p. 160-169, 1997.

AYALA, Maria Ignez N. **No arranco do grito**: aspectos da cantoria nordestina. São Paulo: Ática, 1988. (Coleção Ensaios, n.127).

BARBOSA, Maria José S. Exu: “verbo devoluto”. In: FONSECA, Maria Nazareth. S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.153-171.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; EdUB, 1993.

BARROS, MARCELO. O divino segredo da festa. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 59-70.

BASTIDE, Roger. **Sociologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Anhambi, 1959.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**: magia, técnica, arte e política. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, vol. 1, 1985, p.197-221.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 83-208.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**: temas e situações. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: **Cultura brasileira**: temas e situações. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 7-15.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999a, p.16-41.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. Sobre a cultura das classes pobres. In: **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p.13-23.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p.1-44.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EdUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989, 7-43, 167-185.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Lutar com a palavra**: escritos sobre o trabalho do educador. 2. ed. São Paulo: Graal, 1986, p.158-169.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos; 60).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Peões, pretos e congos**: trabalho e identidade étnica em Goiás. Brasília: EDUNB, 1977, p.13-42, 131-245.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CABRAL, Cleomar F. **Meu tempo, meu lugar**: trabalho, cultura e memórias de antigos moradores Tambaú. 2005. 285 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

CABRAL, Cleomar F. **Meu tempo**: dança e memória em Tambaú. 2001. 66 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

CALDEIRA, Teresa P. R. **Cidade de muros**: crimes, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34, EDUSP, 2000, p. 221-242.

CALDEIRA, Tereza P.R. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 47, mar., p. 179-192, 1996.

CAMBI, Franco. A educação do povo. In: **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.166-167. (Encyclopaedia)

CARDOSO, Roberto de Oliveira. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2006, p. 17-35. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=487uaSPk0gsC&pg=PA12&dq=roberto+cardoso+de+oliveira+olhar,+ouvir,+escrever&hl=pt-BR&ei=9qF7TieAJIL48Abj5qHOBg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0C8Q6AEwAA#v=onepage&q=roberto%20cardoso%20de%20oliveira%20olhar%2C%20ouvir%2C%20escrever&f=false>. Acesso em: 28 ago. 2010.

CARDOSO, Ruth. (Org.). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CARDOSO, Ruth. As aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004, p. 95-105.

CARVALHO, José Jorge. As duas faces da tradição: o clássico e o popular na modernidade latino americana, **Série Antropologia**, n. 109. Brasília: UnB, 1991. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?url=http%3A%2F%2Fvsites.unb.br%2Fics%2Fdan%2FSerie109empdf.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, L; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar; cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAMPAGNE, Patrick. La fête au village. **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 17-18, p. 73-84, nov. 1977. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1977_num_17_1_2577>. Acesso em: 12 nov. 2009.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CIACCHI, Andréa. A história somos nós: reflexões sobre histórias de vida, autobiografia, cultura popular, narradores e pesquisadores. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, n.13, p.223-235, set. 1997.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas da festa e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18(2), p.49-74, 2007. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3128413>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBERT, Guita Grin. As classificações etárias e juventude como estilo de vida. In: **A invenção da velhice**. São Paulo: EDUSP/FASPESP, 1999, p.39-69.

DI MÉO, Guy. (Org.). **La géographie en fêtes: fêtes de Bayonne, 2002, 3 au 7 Aout**. Paris: Géophrys, 2001. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=gbsS0t44QP0C&oi=fnd&pg=PA3&dq=fête&ots=_zjD3OBVvm&sig=vXxmrxK5n7A4IASAnFMCAJ19BsE#v=onepage&q=f%C3%AAte&f=true>. Acesso em: 23 abr. 2009.

DOMINGUES, José Maurício. Ação e movimento, memória e criatividade social. In: **Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999, p.31-68.

DUARTE, Waldemar. Tambaú de outrora na lírica de seus poetas. In: AGUIAR, Wellington; OTÁVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro**. 2. ed. João Pessoa: fundação cultural do Estado da Paraíba, 1989, p. 245-251.

ECKERT, Cornelia. Cultura do medo e cotidiano dos idosos porto-alegrenses. **RBSE**, João Pessoa, v.2, n.4, p.34-71, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.rbse.rg3.net>>. Acesso em: 29 jun. 2004.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5. ed. São Paulo: Global, 2008, 2 v.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1989.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Maria Elizabeth. **As festas populares na expansão do turismo**: a experiência italiana. São Paulo: Arte & Ciência, 2005. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=ijb6jY9BTU0C&pg=PA30&dq=a+festa+é+diferente+a+cada+ano&hl=pt-BR&ei=q0qGTMW6DMKBlAeUpbCyDw&sa=X&oi=>>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

FIRMINO JÚNIOR, Luiz Gonzaga. **“Então descobriram que o mar também é um campo”**: pesca e pescadores em Tambaú. 2006. 162 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

FONSÊCA, Ana Claudia Mafra da. **O verso e a rua**: vozes da poesia popular na cidade de Currais Novos - RN. 1999. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

FORACCHI, Maria M.; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, EDUSP, 2000, p.19-37.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor; SKLAIR, Jéssica. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 30, p. 119–136, 2009.

FRY, Peter. **A persistência da raça**: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Cidades em Globalização: o consumo serve para pensar. In: **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 1995, p.13-69.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas populares en el capitalismo**. 6. ed. Amp. México: Grijalbo, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2005. (Coleção universidade hoje; 11).

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O “tempo de atrás”**: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB. 2004. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

GORDON, Lewis R. **Existencia Africana**: understanding africana existential thought. New York: Routledge, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980. (Biblioteca de Ciências Sociais, n. 1).

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A, HUNTLEY, Lynn. (Org.). **Tirando a máscara**: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

HANCHARD, Michael G. **Orfeu e o poder**: O movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 - 1988). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. (Org.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 09-23.

IANNI, Octávio. Dialética das relações raciais. **Estudos avançados** 18 (50), 2004, p.21-30. Disponível em: <www.sociologia.com.br/arti/colab/a16-oianni.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2007.

IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, p.87-112.

KNOX, Winifred. **Vivendo do mar**: tradição, memória e mudança na vida pesqueira em Pitangui – RN. 2007. 228 f. Tese (Pós-Graduação em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: **Gestão cultural**: significados e dilemas na contemporaneidade. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003, p. 75-87.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LE GOFF, Jaques. Memória. In: **História e Memória**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994, p.423-477.

LEITÃO, Deusdedit. **Ruas de Tambaú**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1998.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. O espetáculo das festas juninas no espaço urbano: o caso do Maior São João do Mundo de Campina Grande. **Revista Vivência**: Cultura popular, Natal, n. 27, p. 15-25, 2004.

LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **O mundo de Jove**: a história de vida de um cantador de coco. 2001. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

LÚCIO, Ana Cristina M.; MACIEL, Diógenes A.V. O coco em Forte Velho: uma poética entre o rio e o canavial. In: AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. (Org.). **Cocos**: alegria e devoção. Natal: EDUFRN, 2000, p.105-116.

MAGALHÃES, Beatriz R. O povo e a festa. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 95-112.

MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec, UNESP, 2003.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Luccas. (Org.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres e mares**: espaço e indivisão na pesca marítima. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1994. (Selo universidade: 7).

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios: n. 71).

MANESCHY, Maria Cristina; ÁLVARES, Maria Luzia M. Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos. **Revista Coletiva**, Pernambuco, ano1, n. 1, out/nov/dez. 2010. Disponível em:
<http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_content&view=article&id=267:mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos&catid=46&Itemid=76>. Acesso em: nov. 2010.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru/SP: EDUSC, 2002. (Coleção História).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 425-503.

NASCIMENTO, Hermes. **Nau Catarineta de Cabedelo – 1919/1952**. Campina Grande: Bagagem, 2004.

NOGUEIRA, Oracy. A história de vida como técnica de pesquisa. **Sociologia**, [S.l.], XIV, p.3-16, mar. 1952.

NOGUEIRA, O. **Pesquisa Social**: introdução às suas técnicas. 3. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1973.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana**: São Paulo: região central (1945-1998), obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2000.

PASSOS, Mauro. (Org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópoles: Vozes, 2002.

PASSOS, Mauro. Catolicismo popular. In: **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópoles: Vozes, 2002, p. 165-190.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 5 e 6, p. 15-24, mai – dez. 1997.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. História de vida e depoimentos pessoais. **Revista de Sociologia**, São Paulo, EDUSP, vol. XV (1), p.8-24, mar. 1953.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

PEREZ, Léa F. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópoles: Vozes, 2002, p.15-58.

PEREZ, Léa. **Dionísio nos trópicos**: festa religiosa e a barroquização do mundo. Comunidade virtual de Antropologia, 2003. Disponível em: <<http://antropologia.org.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

PEREZ, Léa. Le métissage au Brésil vu à travers les fêtes. **Hermes**, [S.l.], n. 35, 2003, p.261-268. Disponível em: <http://documents.irevues.inist.fr/bitstream/handle/2042/9344/HERMES_2003_35_261.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jan. 2010.

PIRES, Flávia. “Quem vai comer da galinha?”: ricos e pobres, católicos e crentes no sertão paraibano. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 65-85, 2004.

PIZA, Edith. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio A, HUNTLEY, Lynn. (Org.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 97-126.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista de Estudos Históricos**, São Paulo, vol.2, n.3, p.3-15, 1989.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Trad. Élcio Fernandes. São Paulo: EDUNESP, 1998.

RAMALHO, Cristiano; CERQUEIRA, Nízia. Artesãos da pesca. **Revista Coletiva**, Pernambuco, ano1, n. 1, out/nov/dez. 2010. Disponível em: <http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_content&view=article&id=263:artesaos-da-pesca&catid=45:reportagens>. Acesso em: nov. 2010.

RAMOS, José de Carvalho. **Barca Santa Maria: versos e memória da brincadeira da Nau Catarineta**. Campina Grande: Bagagem, 2005.

RATTS, Alecsandro J. P. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro. In: FONSECA, Maria Nazareth. S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 307-347.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnica nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 7-33, 1996. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/tempo/site/?cat=31>>. Acesso em: 22 fev. 2010.

REVISTA COLETIVA, Pernambuco, ano1, n. 1, out/nov/dez. 2010. Disponível em: <<http://www.coletiva.org>>. Acesso em: nov. 2010.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Georg Simmel: pensador da religiosidade moderna. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 109 -126, 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2011.

RODRIGUES, Lílían. **A voz em canto: de Militana a Maria José, uma história de vida**. 2006. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. 2. ed. João Pessoa: SEC, A União, 1994.

SAMPAIO, Henrique J. P. Tradição e experiência: o coco em duas comunidades de pescadores. In: AYALA, Marcos e AYALA, Maria Ignez Novais. (Org.). **Cocos: alegria e devoção**. Natal: EDUFRN, 2000, p.63-82.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: Pallas, EDUFBA, 2004.

SANTOS, Carmelita Salomé. **Cultura popular à beira-mar: festas e memória na comunidade da Penha**. 2000. Monografia (Graduação em Ciências Sociais)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: UNESP, 2001, p.1-30.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Raça sempre deu o que falar. In: FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007, p.11-24.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhhy C. **Cidade, habitus e cotidiano familiar**. João Pessoa: EDUEPB, 2000.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Gekebede Dantas da. **O tempo das brincadeiras: memória, turismo e tradição em Barra de Camaratuba-PB**. 2006.191 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SILVA, Marinaldo. José. Lapinhas de João Pessoa: uma cena da memória na cultura popular. In: **VII Encontro de Antropólogos do Norte-nordeste**, 2001, Recife. VII Encontro de Antropólogos do Norte-nordeste. Recife: liber Gráfica e Editora LTDA, 2001.

SILVA, Vagner G. da. Observação participante e escrita etnográfica. In: FONSECA, Maria Nazareth. S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 285-306.

SILVA, Renata Nogueira. **Tradição oral e o fazer musical de um Moçambique em Uberlândia –MG**. Ouro Preto: UFOP, 2001. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/cms0504.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.11-25.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). In: SOUSA, Jessé; OËLZE, B. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UNB, 1998, p.23-40.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). **Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p.165-188.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUSA, Anne Gabriele Lima. **Tambaú**: pertença e fragmentação sob uma ótica do medo. 2004. Monografia (Graduação em Ciências Sociais)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

SOUSA, Jessé; OËLZE, B. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UNB, 1998, p. 9-109.

STUCKERT FILHO, Gilberto. **Parahyba**: capital em fotos. João Pessoa: F&A, 2003.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TÖNNEIS, Ferdinand. **Comunidade e sociedade**. Trad. Orlando de Miranda. São Paulo: [s. n.], 1991.

VELHO, Otávio Guilherme. (Org.). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WAIZBORT, Leopoldo. Simmel no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 11 - 48, 2007. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/dados/v50n1/a02v50n1.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor, n. 49).

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

WEBER, Max. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1979. (Grandes cientistas sociais, n. 13).

XIDIEH, Oswaldo Elias et al. **Catálogo da Feira Nacional da Cultura Popular**. São Paulo: SESC, 1976.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares**: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Italaia, 1993.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

ANEXO

- **Programação da Festa de São Pedro Pescador de 2007**
- **Hino de São Pedro**
- **Glossário**
- **Violência em Manaíra**
- **Catálogo: gravação de áudio - Tambaú**

Programação da Festa de São Pedro Pescador de 2007

Pescador de homens

Um pescador saía sempre no início da madrugada, pegava sua rede, apertava a embarcação sob os olhos atentos de sua esposa, e ia para o mar. Mar é imensidão, é incerteza, é coisa grande demais, que dá medo. Por isso Simão sempre abraçava sua esposa antes de sair. E um dia quando voltava, triste por não trazer nada, vinha de rede vazia, viu um homem rabiscando a areia, e que parecia estar olhando para ele, para sua decepção. Simão queria só um pequeno motivo que reavivasse sua esperança; e continuava a olhar para aquele homem, como que procurando respostas em seu olhar. Então, o jovem lhe falou: "Atira tua rede do lado contrário". Refletiu, e quis acreditar. Precisava acreditar. Era sua última chance. E ele jogou a rede... Alguns instantes depois, não podia acreditar. A rede estava cheia. Simão olhou para a praia e viu o jovem. Sentiu-se na obrigação de apresentar-se a ele. De dizer-lhe obrigado. De convidá-lo para comer em sua casa. Abriu-se a seus pés e disse: "Mestre-se de mim, meu senhor, porque sou um pecador". O rapaz mirou Simão com um doce olhar e lhe disse: "Não tenhas medo! Daqui para frente, será pescador de homens". Simão sentiu aquelas palavras arderem em seu coração. Daí para frente sua vida seria tão incerta quanto o mar. Mas era como se somente precisasse acreditar, como fizera na hora de lançar a rede.

Oração de São Pedro

São Pedro, a vossa fraqueza humana vos levou a negar por três vezes o bom Mestre; as vossas lágrimas de arrependimento vos alcançaram o perdão. O grande santo, dai-nos a graça de vencermos as nossas fraquezas humanas e fazer com que a vossa fé e o vosso amor para com Cristo sejam para nós estímulo que nos leve a vos imitar, e assim, imitando-vos na fé e no amor a Cristo, tenhamos a certeza de que, quando morrer, vos havesse de recebermos de braços abertos na porta do Reino dos Céus. São Pedro, abençoai o Papa, protejai toda a Igreja, sede nosso intercessor junto ao Pai e confirmai os irmãos na fé. Amém

Paróquia de São Pedro Pescador Mandira - João Pessoa - PB

Com São Pedro a família de Jesus



"Vinde e vede!" (Jo. 1,39)

*Convidamos você para participar das festas
de São Pedro de 26 de junho a 01 de julho 2007
na Igreja São Pedro Pescador e no
Centro Pastoral "Dom José Maria Pires"*

"Uma experiência inesquecível"

Quem quer a chance de conhecer São Pedro Pescador na família de bairro, vai experimentar uma sensação única. A cidade de João Pessoa é mais bela vista do oceano, suas similitudes são vastíssimas e o verde da a orla dá a sensação de uma ilha paradisíaca. O cenário do mar aumenta a beleza, ao mesmo tempo em que a vida suave e relaxante o cenário. O cenário também é muito bom com o grande número de embarcações. A paróquia segue o santo, enquanto abisco o mar, criando novos pontos de encontro. As pessoas também e sabem como é. Muitos lugares vão sair na marinha busca de São Pedro Pescador. Venha celebrar com a gente!

As famílias de Mandira têm o maior prazer em convidar você e a sua família para participar das festividades de São Pedro Pescador, padroeiro da comunidade.

As famílias de Mandira preparam, com muita amor, o Tríduo da Festa de São Pedro para os dias 26, 27 e 28 de junho. Durante os três dias, vamos meditar juntos os textos da Escritura que nos mostram a fragilidade e a força de Deus na vida do nosso modelo de imitador: São Pedro, Pescador de Homens.

No dia 29 de junho, o dia de São Pedro, temos mais um momento forte de oração, a benção, trazendo a imagem de São Pedro da Paróquia de Mandira, seguindo pelo rio da cidade até a Igreja de São Pedro Pescador, onde teremos a solene celebração de São Pedro.

A partir do dia 28 de junho (Véspera de São Pedro), teremos, após a missa, a festa social com barbaque, piratêira, muita música, fogueira para todos se divertirem. O local é o espaço social do Centro Pastoral "Dom José Maria Pires", ao lado da Igreja.

Programação

Na Terça-feira, dia 26 de junho

19h00 - Solene da imagem de São Pedro, da comunidade Vila dos Pescadores até a igreja.

19h30 - Abertura do Tríduo de São Pedro, com a bênção da Santa Missa.

Preagador: Mons. Edinaldo Araújo dos Santos.

Leituras: "Com São Pedro, queremos ser discípulos de Jesus".

Temas: "Serás pescador de homens" Lc 8,1-11.

Responsáveis: RCC, Comunidade Vila dos Pescadores, Apostolado da Oração.

Na Quarta-feira, dia 27 de junho

19h00 - Celebração de Santa Missa.

Preagador: Pe. George Batista.

Leituras: "Com São Pedro, queremos formar a família de Jesus em Mandira".

Temas: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja".

Mc 16,13-20.

Responsáveis: EAC, EJC e Orismo.

Na Quinta-feira, dia 28 de junho (Véspera de São Pedro)

19h30 - Celebração de Santa Missa.

Preagador: Pe. Antônio Amândio Jurema.

Leituras: "Com São Pedro, queremos ser missionários de Jesus".

Temas: "Apostolicidade em Mandira".

Mc 16,13-20.

Responsáveis: Pastoral da Solidariedade, Cessão Evangelizadora, Grupo Bíblico.

Na Sexta-feira, dia 29 de junho - Dia de São Pedro

19h00 - Solene da benção da imagem de São Pedro.

19h30 - Chegada da procissão da imagem de São Pedro em Mandira e procissão tríplice até a Igreja de São Pedro Pescador.

20h00 - Celebração Solene da Santa Missa.

Preagador: Pe. José Carlos Ferreira Araújo.

Leituras: "Com São Pedro, somos chamados para pescar os homens".

Temas: "Três, alguns dos países que apertam".

Jo 21, 1-19.

Responsáveis: Catequese dos pescadores e Vila dos pescadores.

No sábado, dia 30 de junho - Véspera da festa litúrgica de São Pedro e São Paulo

19h00 - Festa de São Pedro para as crianças.

Responsáveis: Catequese e os pais das catequistas.

19h30 - Celebração da Missa de São Pedro.

Preagador: Pe. José Leônidas da Silva Junior.

Leituras: "Com São Pedro queremos evangelizar a família".

Temas: "Ele que nos deu a vida e se entregou".

Mc 16, 13-20.

Responsáveis: RCC e Espiritualidade Pastoral Litúrgica.

No Domingo 01 de julho - Festa dos apóstolos São Pedro e São Paulo

19h00 - Procissão com São Pedro, apóstolo, pelo rio.

19h30 - Missa solene de São Pedro e São Paulo.

Celebrante: Dom Aldo de Cillo Pagotto - Arcebispo.

Leituras: "Com São Pedro queremos proclamar Jesus, Filho de Deus".

Temas: "Quem vem de fora, vem de fora".

Mc 16, 13-20.

Responsáveis: Amor e Paz (Mandira).

HINO DE SÃO PEDRO

HINO DE SÃO PEDRO

Viva São Pedro divino
Chaveiro mais singular
Queira nos abrir a porta
Da corte celestial

São Pedro vinha na barca
Quando Santo Antonio avistou
Com Deus menino nos braços
Cheio de esplendor

São Pedro vinha na barca
E os anjinhos a pé
Quando avistaram São Pedro
Na barquinha de Noé

Venham ver a barca nova
Que do céu caiu no mar
Nossa Senhora no leme

Pedro negou a seu mestre
Antes do galo cantar
Jesus de tudo sabia
Porém não quis castigar

Em sua cadeira de ouro
São Pedro era pescador
Pescava com o seu mestre
Padeceu por nosso amor

HINO DE SÃO PEDRO

REFRÃO: VIVA SÃO PEDRO DIVINO
CHAVEIRO MAIS SINGULAR
QUEIRA NOS ABRIR A PORTA
DA CORTE CELESTIAL

BIS: VINHA SÃO JORGE A CAVALO E OS
ANJINHOS A PÉ, QUANDO AVISTARAM
SÃO PEDRO NA BARQUINHA DE NOÉ

BIS: VENHAM VER A BARCA NOVA
QUE DO CÉU CAIU NO MAR
NOSSA SENHORA NO LEME
COM SEUS ANJINHOS A REMAR

BIS: EM TUA CADEIRA DE OURO
SÃO PEDRO ERA PESCADOR
PESCAVA COM O SEU MESTRE
PADECEU POR NOSSO AMOR

BIS: PEDRO NEGOU À SEU MESTRE
ANTES DE O GALO CANTAR
JESUS DE TUDO SABIA
PORÉM NÃO QUIS CASTIGAR

BIS: VINHA SÃO PEDRO NA BARCA
QUANDO SANTO ANTONIO AVISTOU - COM DEUS MENINO NOS BRAÇOS - CHEIO
DE ESPLENDOR

Festa da Excelsa Virgem do Carmo

De 07 a 16 de julho de 2007

Você é nosso convidado



HINO DE SÃO PEDRO

*Viva São Pedro divino
Chaveiro mais singular
Queira nos abrir a porta
Da corte celestial*

*São Pedro vinha na barca
Quando Santo Antonio avistou
Com Deus menino nos braços
Cheio de resplendor*

*São Pedro vinha na barca
E os anjinhos a pé
Quando avistaram São Pedro
Na barquinha de Noé*

*Venham ver a barca nova
Que do céu caiu no mar
Nossa Senhora no leme*

*Pedro negou a seu mestre
Antes do galo cantar
Jesus de tudo sabia
Porém não quis castigar*

*Em sua cadeira de ouro
São Pedro era pescador
Pescava com o seu mestre
Padeceu por nosso amor*

Jocemar Chavez - Organizador

HINO DOS PESCADORES

*Pescador larga as veias ao vento
Rumo ao mar com destreza e valor
No seu barco de salso elemento
O domínio tu tens pescador*

Coro

*Se a pátria um dia de ti precisar
Serás teu guia na amplidão do mar*

*Pouco importa se a brisa refresca
Ou se ruge a procela, o tufão
No seu barco de salso elemento
Com valor defendendo o seu pão*

*Pescador como é tua esta terra
E também esta faixa de mar
Defendendo na paz e na guerra
Pescador tu defendes o teu lar*

Vereador MARCONI PAIVA
Colaboração

GLOSSÁRIO

Nessa parte, aparecerão algumas brincadeiras e expressões que fazem ou fizeram parte da vida dos antigos moradores de Tambaú. As brincadeiras são formas de diversão que podem conter música, canto e dança⁶⁵. Vejamos:

Assustado - também chamado de forró e baile de pau e corda ou baile de corda, realizado nas residências, com o objetivo de reunir os vizinhos para dançar. Os instrumentos musicais geralmente são: violão, cavaquinho, banjo, pandeiro. No momento do baile, a moça não podia “cortar cavalheiro”, isto é, ela não podia recusar o convite de um rapaz para dançar. Caso ela negasse o convite teria que passar algumas músicas sem dançar. Não era permitida a entrada de crianças. Havia a contribuição dos vizinhos, principalmente, para o cachê dos músicos. Na ocasião, era passado o chapéu entre os participantes do baile.

Barca - ver Nau Catarineta.

Boi de Reis – é também uma dança dramática, que os personagens encenam, com cantos, danças e versos, sobre o tema do boi que será morto. Personagens que fazem parte da trama: Catirina ou Caterina, Mateus, Birico, a Burrinha, os Galantes, o Vaqueiro, o Boi, o Jaraguá, entre outros. Os instrumentos musicais geralmente são pandeiro, caixa, agogô, banjo, cavaquinho, rabeca.

Capataz da Pesca – pessoa encarregada pelos pescadores de uma determinada zona.

Charanga – é um conjunto musical esporádico, formado por pessoas que geralmente não vivem da música. Os instrumentos utilizados são: violão, cavaquinho, pandeiro, surdo, afoxé, entre outros.

⁶⁵ Sobre brincadeiras populares ver também: Ayala (1988); Ayala e Ayala (2000; 2005); Cabral (2001; 2005); Lúcio e Maciel (1999); Nascimento (2004); Ramos (2005); Silva (2001).

Charola – andor da procissão.

Coco - é uma brincadeira com música, canto e dança, na qual o ritmo do corpo é marcado pela batida do zabumba e a cadência dos versos, que se diferenciam a cada *tirador* ou coco. “A brincadeira se organiza em torno dos cantadores ou *atiradores* e do coro, formado por mulheres que cantam e dançam na roda”. (LÚCIO; MACIEL, 1999, p.107). No centro da roda ficam duas pessoas que simulam a umbigada. Os instrumentos utilizados são: um ou dois zabumbas (conhecidos também como bombos) e o ganzá. Em Tambaú, a brincadeira do coco realizava-se com maior frequência nos finais de semana, aniversários e em festas de Santos (como as festas juninas). O coco era realizado nos terraços das casas, ou na rua quando a festa tomava grandes proporções. As crianças só podiam dançar no horário do dia, à noite eram os adultos que dançavam. A brincadeira podia durar até o amanhecer do dia seguinte e, geralmente, era encerrada com o banho no rio.

Corrida de Argolinha – É uma corrida entre dois cavaleiros que tem por objetivo retirar com uma vara a argola pendurada em uma trave. É uma brincadeira que não tem dança, nem música. Em Tambaú, participavam da brincadeira principalmente os criadores de gado.

Festa do Marinheiro – realizada no dia treze de dezembro, no busto de Tamandaré, com a participação dos pescadores de Tambaú, dos marinheiros e pescadores de outra área. A Banda de Música da Marinha tocava no festejo. Havia atividades e brincadeiras pela manhã e a festa era finalizada à tarde com a condecoração de pescadores.

Gajeiro – ver Nau Catarineta.

Lapinha – representação de “autos” diante do presépio com canto, dança e versos, que são chamados de jornadas. É encenada a partir de dezembro e finalizada no dia de Reis (06 de janeiro), com a queima do presépio. Há dois cordões, o azul e o encarnado. As

personagens são: Mestra e Contra-Mestra, Diana, Anjo ou Belo Anjo, Estrela do Norte, Cruzeiro do Sul, além de outras. Nos intervalos das jornadas, as pastoras oferecem flores ao público. Vence o cordão que vender mais flores ou arrecadar mais dinheiro. A orquestra geralmente é composta por violão, cavaquinho, pandeiro, banjo. Em Tambaú, é comum ouvir que só as crianças ou moças podiam participar da Lapinha.

Malhação do Judas – é uma brincadeira que consiste em um boneco de pano, às vezes, recheado com doces, pendurado em um lugar alto, poste ou vara, rasgado ou queimado no sábado de aleluia. Em Tambaú, houve um tempo em que o Judas era colocado na porta dos vizinhos.

Nau Catarineta - também conhecida como barca ou nau. É uma brincadeira que chegou a ser classificada por Mario de Andrade (1959) como uma “dança dramática”. Sua apresentação envolve não só a dança e a música, mas vários personagens que encenam “o tema das navegações e os acontecimentos, alegres e trágicos, por que passa a tripulação” (AYALA; AYALA, 2005, p.13). Os personagens são: o Mestre, General, Comandante, Piloto, Capitão Médico, Barbeiro, o Padre, o Ração, o Vassoura, dois Gajeiros, a Saloia, e dois grupos de marujos, que dançam em filas. Os instrumentos da orquestra geralmente são: violão, cavaquinho, pandeiro. Em Tambaú era brincada geralmente por homens, com a presença de uma ou duas mulheres, que faziam o papel de Saloia e Rainha.

Pastoril – é também uma dança dramática, que possui semelhança com a Lapinha. As diferenças geralmente apontadas entre as duas brincadeiras são: a presença do personagem, o Palhaço; a participação de mulheres; temas e brincadeiras consideradas maliciosas; e nem sempre há presépio.

Serra Velho – a brincadeira acontecia na quarta-feira de trevas, quarta-feira que antecede a sexta-feira da paixão, diante da residência de pessoas idosas. Adultos, jovens e crianças participavam da encenação de “serrar o velho”, balançando chocalhos, fazendo e enfeitando a cova na porta da pessoa a ser serrada (período que as ruas de Tambaú ainda eram de areia), serrando um pedaço de tábua. Além do velhinho que é serrado e sua família que escuta atentamente a divisão dos bens; tem uma pessoa que interpreta o Padre, aquele que lê o testamento; e a multidão de amigos, que “chora” e “grita” pela “morte” do vizinho.

Tiradores de Coco - conhecidos também por atiradores de coco, por atirar um coco na roda, ou seja, “puxar” uma música da brincadeira. ver *Coco*.

Ursos do Carnaval – brincar de urso significa juntar alguns meninos, ou meninas, um se veste de urso com uma corda amarrada na cintura, um outro menino sai com um apito e segura o urso com a corda e os outros fazem a batucada, assim saem alegrando as ruas, assustando as crianças e pedindo dinheiro. Os ursos começam a surgir depois do dia de Reis (06/01) e se estende até o carnaval. Um urso precisa basicamente da roupa de urso, feita de sacos de nylon ou sobras de tecido, e de seu batuque, de instrumentos industrializados ou improvisados.

VIOLÊNCIA EM MANAÍRA

Notícia de jornal online, “Paraíba 1: a informação em primeira mão”, sobre violência no bairro de Manaíra, no período de janeiro de 2010 a agosto de 2011⁶⁶. Vejamos:

1. 17/08/2011 - 09:15 -

Moradores reclamam da falta de segurança em Manaíra

2. 16/08/2011 - 13:43 - Policial

Irmã de Ricardo Coutinho é assaltada na frente de casa, em Manaíra

Maria de Fátima Coutinho se apresentou à polícia como irmã do governador. Dois adolescentes assaltaram pelo menos mais quatro pessoas que passavam pela rua.

3. 22/07/2011 - 09:18 -

Filha de ex-deputado fala sobre tentativa de assalto em Manaíra

4. 21/07/2011 - 11:30 - Policial

Motorista sofre tentativa de assalto e acaba ferida em Manaíra

Por volta das 9h15 uma mulher foi abordada por um bandido, mas para fugir da ação acelerou o carro e acabou ferida. Na quarta, um funcionário do Detran ficou ferido neste mesmo tipo de ação.

5. 18/07/2011 - 07:31 - Policial

Lanchonete é assaltada no Retão de Manaíra; funcionário é ameaçado

Cinco homens entraram na lanchonete Habib's fingindo ser clientes e levaram todo o dinheiro do caixa. Eles disseram que não queriam roubar funcionários, apenas valor lucrado naquela noite.

⁶⁶ FONTE:

PARAÍBA 1: A INFORMAÇÃO EM PRIMEIRA MÃO. João Pessoa. Disponível em:

<<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=1>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=2>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=3>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=4>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=5>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=6>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=7>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=8>;
<http://www.paraiba1.com.br/busca.php?busca=mana%EDra&pag=9>>
 Acesso em: 18 ago. 2011.

6. 15/07/2011 - 07:11 - Policial

Jovem é baleado em Manaíra; polícia investiga tentativa de assalto

Bruno Henrique Bezerra Pessoa, de 20 anos, estava dentro de um carro com um amigo quando três homens se aproximaram. Ele suspeitou que iria ser assaltado e tentou fugir, mas foi baleado.

7. 10/07/2011 - 08:14 - Policial

Bandido pula varanda e rouba hóspede em pousada de Manaíra

Turista dormia enquanto o criminoso realizava o roubo. Segundo a polícia, o bandido entrou pela varanda da pousada Bela Praia, localizada na avenida Nego em Manaíra, na Capital.

8. 02/07/2011 - 12:20 - Policial

Fisioterapeuta fica ferida ao reagir a assalto em bairro nobre de JP

Ela reagiu a um assalto e acabou tendo o seu carro baleado pelo assaltante. A bala quebrou os vidros do veículo e os estilhaços acabaram lhe ferindo. Fato aconteceu em Manaíra.

9. 29/06/2011 - 11:15 - Policial

Jovens sofrem arrastão na Praça do Skate; filho de jornalista é agredido

Frequentadores da Praça do Skate, situada no Retão de Manaíra, em João Pessoa, sofreram um arrastão na madrugada desta quarta-feira (29). Rapaz foi agredido com paulada e está internado.

10. 18/06/2011 - 12:28 - Policial

Servidor do Detran-PB é acusado de provocar acidente com feridos

Acidente aconteceu na madrugada deste sábado em cruzamento no bairro de Manaíra, em JP. Funcionário do órgão há 25 anos foi autuado por embriaguez ao volante.

11. 22/05/2011 - 17:56 - Policial

Jovens apanham de seguranças em casa de shows na Capital

Segundo o laudo do IML, um dos jovens perdeu 50% da audição e a situação pode ser irreversível. A confusão começou porque o mais novo chamou uma garota para dançar.

12. 07/05/2011 - 16:35 - Justiça

Morte de empresário completa sete meses sem identificação de autoria

Suênio Melo foi baleado quando saía de um shopping. Polícia Civil e promotoria creem que disparo não foi feito por assaltante. Shopping contratou legista para rebater laudos.

13. 13/04/2011 - 16:10 -

Chuva e trânsito lento facilitaram a ação de bandidos em Manaíra

14. 13/04/2011 - 07:02 - Policial

Internautas relatam arrastão no Retão de Manaíra; polícia não recebe queixas

Informação distribuída no Twitter era de que quatro homens armados estavam realizando uma série de assaltos contra motoristas na curva da BR-230 que dá acesso ao Retão de Manaíra.

15. 28/03/2011 - 15:40 -

Mais de 20 passageiros foram assaltados em um ônibus na Capital

16. 28/03/2011 - 06:55 - Policial

Vinte pessoas são assaltadas em ônibus; acusados são presos

Crime aconteceu no fim da tarde do domingo (27) em transporte da linha 511, em Manaíra, em JP. Casal armado foi detido com pertences dos passageiros e dinheiro do caixa.

17. 21/03/2011 - 12:35 - Policial

Do banheiro, doméstica liga para polícia e frustra roubo em Manaíra

Empregada doméstica conseguiu frustrar a ação de um bandido que tentava assaltar uma casa na avenida Sapé em Manaíra. Bandido fugiu sem levar nenhum objeto da casa.

18. 19/03/2011 - 19:13 - Policial

Bandidos assaltam salão de beleza em bairro nobre da Capital

Bandidos levaram dinheiro, celulares, cartões de crédito e jóias das mais de 15 clientes que estavam no local.

19. 26/02/2011 - 07:59 - Policial

Após sequestro relâmpago, bandido bate com carro de vítima e é preso

Depois de roubar um carro, cerca de R\$ 100 em dinheiro e vários objetos pessoais de um morador do bairro Mangabeira. Um bandido foi preso, em Manaíra.

20. 26/01/2011 - 21:10 - Justiça

Advogado pede indenização e cobra novas imagens de shopping

Após três meses da morte do empresário Suênio Rocha Melo na saída do estacionamento do Manaíra Shopping, família entra na Justiça e pede indenização.

21. 21/01/2011 - 11:00 - Policial

Assaltante é "preso" pela população e polícia faz resgate em Manaíra

Brasiliense Eduardo Almeida, de 23 anos, foi capturado nesta sexta-feira (21) após assaltar um rapaz em uma parada de ônibus do bairro Manaíra em João Pessoa.

22. 30/12/2010 - 07:38 - Policial

Três residências são invadidas no Bessa e em Manaíra, na Capital

Dois adolescentes foram apreendidos na madrugada desta quinta-feira (30).

23. 23/12/2010 - 07:59 - Policial

Travestis são detidos por assalto na orla; casos são frequentes

Episódios, geralmente envolvendo assaltos, já resultaram em prisões isoladas, mas os casos passaram a se tornar mais frequentes.

24. 16/12/2010 - 07:06 – Policial

Garçom é assassinado em ponto de ônibus de Manaíra, na Capital

Glebson Jefferson da Silva, de 20 anos, morava no bairro São José e estava a caminho do trabalho. Parentes desconfiam que ele tenha sido morto por engano. Alvo seria o irmão.

25. 08/12/2010 - 18:00 - Policial

Perseguição e troca de tiros geram tumulto no Retão de Manaíra

Perseguição, envolvendo bandidos e policiais, em uma das principais avenidas de João Pessoa na tarde desta terça-feira (8) terminou com uma bandido preso e outro ferido.

26. 08/12/2010 - 17:13 - Policial

Polícia intercepta ladrões que tentavam tomar carro na saída de shopping

Família foi abordada ainda dentro do estacionamento e obrigada a entrar no próprio veículo, um Corsa Classic, onde seguiriam com o assaltante.

27. 10/11/2010 - 09:20 - Policial

Shopping entrega relatório de armas e defende que tiro não partiu de segurança

Advogado informou que a empresa está aberta para perícia, ou qualquer procedimento técnico. Polícia investiga quem disparou tiro que matou empresário em saída de estacionamento.

28. 09/11/2010 - 15:29 - Policial

Tiro que matou empresário na saída do shopping foi de longe

Informação partiu do diretor do Instituto de Polícia Científica, Antônio Toscano e foi confirmada pelo delegado de homicídios Marcos Vasconcelos. Tiro foi disparado de longe.

29. 09/11/2010 - 09:56 - Cidades

Prefeitura derruba quatro barracas na orla da Capital e donos causam tumulto

Na madrugada desta terça-feira (9), a Prefeitura municipal de João Pessoa demoliu quatro barracas localizadas no Largo da Gameleira, na orla Capital.

30. 29/10/2010 - 07:30 - Policial

Rotam detém mais um suspeito de matar empresário em saída de shopping

Rapaz de 16 anos foi encontrado no bairro São José, em João Pessoa. Delegado diz ter identificado todos os envolvidos na morte de Suênio Rocha Melo.

31. 20/10/2010 - 17:32 - Policial

Delegado pede exame de bala que matou empresário em Manaíra

Polícia tem duas hipóteses. A de que o tiro teria sido disparado por um assaltante, e a de que o disparo tenha sido efetuado por alguém que tentava deter os ladrões.

32. 20/10/2010 - 07:10 - Policial

Trio invade festa de aniversário em casa de Manaíra e faz arrastão

Mais uma vez o bairro de Manaíra, em JP, é alvo da ação de bandidos. Desta vez, assaltantes invadiram casa e durante festa. Convidados, aniversariante e até vizinho foram vítimas.

33. 19/10/2010 - 08:13 - Policial

Comerciante é flagrado fazendo sexo com adolescente no carro

Na noite desta segunda-feira (18), Airton Pedro da Silva, de 56 anos, foi flagrado fazendo sexo, dentro do carro, com uma adolescente de 11 anos em Manaíra, em João Pessoa.

34. 18/10/2010 - 09:47 -

Polícia reforça segurança no bairro de Manaíra, em João Pessoa

35. 15/10/2010 - 12:02 - Cidades

Polícia revela esquema de segurança para esta noite em Manaíra

Capitão Benevides afirmou que vai contar com cerca de 40 policiais e cinco viaturas. Além do apoio da Rotam e do Choque, o policiamento da área vai ter a Polícia Florestal.

36. 14/10/2010 - 19:40 - Policial

Polícia já identificou todos os suspeitos de participar de tiroteio em Manaíra

Família de Suênio Rocha entregou o carro que ele usava no momento do crime para a polícia. Perícia do veículo e laudo cadavérico deverão nortear investigações.

37. 14/10/2010 - 19:06 -

Polícia identifica acusados de participar de tiroteio em Manaíra

38. 14/10/2010 - 15:11 -

Moradores de Manaíra reclamam da insegurança na área

39. 14/10/2010 - 11:10 - Policial

Mais PMs em Manaíra é a promessa do novo responsável da área

Capitão Benevides, novo responsável pela 4ª CIA, participou de solenidade de passagem de cargo nesta quinta-feira (14). Ele prometeu que vai diminuir crimes no bairro.

40. 14/10/2010 - 07:42 - Policial

Capitão da PM é substituído após série de incidentes em Manaíra

Após série de assaltos e morte em saída de shopping, capitão Lábis declarou que não tinha viaturas suficientes para atuar na região. "Não sou vigia do shopping", disse.

41. 13/10/2010 - 19:38 - Policial

Crime em Manaíra: acusado de participar de tiroteio é detido

Tiroteio aconteceu na madrugada do último domingo e resultou na morte de um homem na saída do Shopping Manaíra. Acusado é um adolescente.

42. 13/10/2010 - 19:35 - Policial

Violência na porta de shopping. Afinal, de quem é a culpa?

43. 13/10/2010 - 18:02 - Policial

Manaíra Shopping rebate declarações de capitão da Polícia Militar

Em nota, assessoria diz esperar da Polícia é que "exerça a sua atribuição funcional que é ser vigia da sociedade, fora dos limites do shopping".

44. 13/10/2010 - 17:13 - Policial

Internautas relatam perigo em Manaíra e cobram mais segurança

No Twitter, vários internautas relatam a insegurança da área e cobram ação das autoridades competentes. Manaíra Shopping emite nota e lamenta o ocorrido.

45. 13/10/2010 - 15:46 -

Delegado comenta imagens de assassinato no Manaíra Shopping

46. 13/10/2010 - 12:45 - Policial

"Não sou vigia do shopping", diz capitão responsável por Manaíra

Após incidente que terminou na morte de Suênio Rocha Melo, de 30 anos, na saída do estacionamento de um shopping, capitão Licksomar Lábis fala sobre o caso.

47. 11/10/2010 - 12:22 - Policial

Polícia investiga duas hipóteses para morte ocorrida em saída de shopping

São duas linhas de investigação: briga de gangues e tiroteio entre seguranças e assaltantes. Campinense foi atingido por tiro quando saía de show neste fim de semana.

48. 11/10/2010 - 10:33 -

Jovem é morto na saída de show na Capital

49. 11/10/2010 - 07:56 - Policial

Quatro mulheres são flagradas furtando roupas em shopping da Capital

Grupo atuava de forma organizada, retirando lacres de segurança das roupas com alicates para que alarme da loja não disparasse. Flagrante aconteceu na Riachuelo.

50. 27/09/2010 - 11:58 - Policial

Preso acusado de assaltos em Manaíra e em casa de procurador

Alex Chinês, como ficou 'famoso' o criminoso do bairro São José, é citado em investigações de vários assaltos e homicídios. Ele portava pistola de uso restrito do Exército.

51. 23/09/2010 - 21:19 -

Acusado de assaltos no bairro de Manaíra, na Capital, é preso

52. 23/09/2010 - 11:35 - Policial

Dupla faz arrastão em prédio comercial de Manaíra

Dois homens armados realizaram um arrastão em um prédio comercial na avenida Ingá em Manaíra, na Capital. Assalto aconteceu por volta das 10h30 desta quinta-feira (23).

53. 18/09/2010 - 12:09 - Policial

Homem é agredido a golpes de faca no bairro de Manaíra

A Polícia ainda desconhece as causas e o autor da agressão. O estado da vítima é grave.

54. 16/09/2010 - 07:38 - Policial

Assaltantes desligam alarme e invadem distribuidora em Manaíra

As assaltantes conseguiram entrar no estabelecimento utilizando um recurso semelhante ao praticado no roubo em uma casa de luxo em Cabo Branco, na mesma noite.

55. 14/09/2010 - 20:21 -

Violência assusta moradores do bairro de Manaíra, em JP

56. 14/09/2010 - 15:47 -

Moradores de Manaíra estão cada vez mais amedrontados com violência

57. 13/09/2010 - 17:27 - Cidades

PM não evita assaltos e shopping quer delegacia no fim de semana

Capitão Lábis da 4ª Companhia da Polícia Militar, disse que a polícia faz sua parte. "A população precisa cobrar às outras autoridades", informou.

58. 13/09/2010 - 07:51 - Policial

Clientes de shopping são alvos de assaltos; guardas sofrem ameaças

Lateral de estacionamento em Manaíra, na Capital, vira novamente alvo preferido de assaltantes. Domingo teve série de roubos. Até vigia armado é intimidado pelos bandidos.

59. 06/09/2010 - 08:26 - Policial

Assaltantes circulam com sequestrado trocando pertences por crack

Homem de 39 anos foi vítima de sequestro relâmpago em Manaíra. Ele circulou com bandidos em pontos de venda de drogas.

60. 23/08/2010 - 07:38 - Policial

Criança atropelada próximo a igreja continua em estado grave

Nilze Evelyn da Silva Araújo, de seis anos, foi atropelada no sábado (21) por um motociclista que fugiu sem prestar socorro. Ela sofreu ferimentos na região da cabeça.

61. 04/08/2010 - 17:33 -

Após assalto em Manaíra, bandidos morrem em acidente na BR-230

62. 04/08/2010 - 17:10 - Policial

Bandidos atiram para o alto após assalto no Retão de Manaíra

Roubo aconteceu perto de uma imobiliária no Retão de Manaíra e ninguém ficou ferido. Polícia faz buscas para prender dupla de assaltantes.

63. 22/07/2010 - 08:01 - Policial

Blitz na orla de Manaíra prende três condutores infringindo Lei Seca

Barreira foi montada na avenida João Maurício, região que concentra bares e restaurantes da Capital. Condutores tiveram que pagar fiança para responder a processo em liberdade.

64. 21/07/2010 - 07:18 - Policial

Pedreiro é flagrado furtando equipamentos de obra em Manaíra

Francisco Barbosa da Silva, de 33 anos, foi surpreendido por vizinhos da obra quando tentava fugir com um carrinho de mão e oito cadeiras de plástico.

65. 06/07/2010 - 12:42 - Policial

Acidente no Retão de Manaíra, em JP, deixa um morto

Equipes do Samu chegaram a ser acionadas, mas ao chegar a vítima já estava em óbito. Acidente provocou grande congestionamento.

66. 30/06/2010 - 08:51 - Policial

Jovens travestidos são detidos por roubar motorista em Manaíra

Acusados de 21 e 18 anos estavam vestidos de mulheres e já teriam praticado outros crimes na região. Um deles teria se jogado em frente a um veículo para forçar motorista a parar.

67. 24/06/2010 - 08:19 - Policial

Estudante foge de sequestro após pular de carro em movimento

Mulher de 24 anos estava em seu carro no bairro de Manaíra, em João Pessoa, quando foi abordada por dois homens armados. Ela fugiu depois de pular do carro.

68. 11/06/2010 - 13:39 - Cidades

Abaixo-assinado enviado ao MP pede mais segurança em Manaíra

No documento, os moradores pedem que o MPPB acione as autoridades competentes para que elas tomem providências capazes de conter a violência no bairro.

69. 02/06/2010 - 16:45 - Policial

Acusado de matar segurança em Manaíra é atingido em tiroteio

Polícia estava em busca dos acusados no bairro São José e foi recebida a tiros. Policiais revidaram e um menor suspeito do crime foi baleado e está sob custódia no Trauma.

70. 02/06/2010 - 15:10 -

Vigilante é assassinado a tiros em Manaíra

71. 02/06/2010 - 10:30 - Policial

Em plena luz do dia, segurança de empresa em Manaíra é assassinado

Crime aconteceu por volta das 9h20 desta quarta (2). Câmeras de segurança filmaram ação. Em março, uma procuradora aposentada foi assassinada próximo ao local deste crime.

72. 28/05/2010 - 11:18 - Policial

Acusados de série de assaltos em Manaíra são presos e reconhecidos

Dupla foi detida em flagrante após realizar mais um assalto próximo a shopping no bairro, nesta manhã. Comerciantes e moradores do bairro reconheceram os acusados.

73. 21/05/2010 - 15:19 -

Tiroteio assusta moradores de Manaíra na manhã desta sexta

74. 23/03/2010 - 07:58 - Policial

Delegacia prende fugitivo de assalto que acabou em morte em Manaíra

Marcos Antônio da Silva, de 20 anos, foi preso nesta terça-feira (23). Ele confessou participação em assalto a uma casa no bairro de Manaíra, adolescente foi espancado e morto.

75. 22/03/2010 - 14:25 -

Polícia acredita que a reação das pessoas em Manaíra foi por legítima defesa

76. 22/03/2010 - 09:19 -

Polícia Militar comenta espancamento de assaltantes em Manaíra

77. 22/03/2010 - 07:22 - Policial

Assaltante linchado ao invadir casa é transferido para Central de Polícia

Rafael Carvalho dos Santos, de 19 anos, foi espancado pelos moradores e visitantes da casa, que alegaram legítima defesa. Um rapaz de 15 anos foi linchado até morrer.

78. 21/03/2010 - 09:53 - Policial

Ladrões são linchados em Manaíra; um morre e outro está internado

Após invadir uma casa no bairro de Manaíra e anunciar um assalto, trio é subjugado por moradores e espancado. Polícia investiga se houve excesso.

79. 18/03/2010 - 14:50 - Policial

Homem acusado de assaltos é preso em Manaíra portando revólver

Segundo a 10ª DD, o rapaz já era conhecido por praticar assalto nas proximidades do local.

80. 15/03/2010 - 20:46 -

Policiamento reforçado gera clima de segurança no bairro de Manaíra

81. 15/03/2010 - 08:04 - Policial

Assaltante é detido em flagrante pela PM em Manaíra ao tentar fugir

Jovem de 20 anos estava com dinheiro e um celular que ele havia acabado de roubar de uma pedestre no bairro de João Pessoa. Ele foi autuado e levado para a Central de Polícia.

82. 10/03/2010 - 20:00 -

Quem mora e trabalha em Manaíra convive com a insegurança

83. 10/03/2010 - 08:32 - Policial

Enterro de procuradora acontece em Cajazeiras; PM busca suspeito

Maria Mércles Guedes Feitosa, de 62 anos, foi assassinada durante uma tentativa de assalto em Manaíra. Polícia identificou suspeito com base em imagens de câmeras de segurança.

84. 09/03/2010 - 13:47 - Policial

Procuradora aposentada da PGE é assassinada a tiros em Manaíra

Vítima residia no bairro de Jaguaribe e estava em Manaíra dentro de seu carro quando levou dois tiros na região da garganta. Ela foi levada ao Trauma, mas morreu logo depois.

85. 05/03/2010 - 09:11 - Policial

Polícia Civil prende chefe de quadrilha que aterroriza Manaíra e São José

Superintendência Regional da Polícia Civil deflagrou operação para cumprir mandados de prisão e de busca e apreensão contra acusados de praticar assaltos na região.

86. 02/03/2010 - 07:26 - Policial

Bandidos dominam rua em Manaíra e fazem arrastão contra motoristas

Crime voltou a acontecer na divisa entre Manaíra e o São José, onde há um shopping e uma delegacia. Moradores cansados da violência pedem socorro. Assista ao vídeo.

87. 23/02/2010 - 11:40 - Cidades

Moradores relatam ao Paraíba1 assaltos no bairro de Manaíra

Por meio do [Fale Conosco](#) do **Paraíba1** vários leitores enviaram relatos sobre a ação dos bandidos na rua Manoel Arruda Cavalcante.

88. 20/02/2010 - 12:09 - Cidades

Mais uma vez bandidos aterrorizam moradores do bairro de Manaíra

Em novembro de 2009 o **Paraíba1** relatou a onda de assaltos que aconteciam na rua Manoel Arruda Cavalcante. De lá pra cá parece que nada mudou.

89. 02/02/2010 - 07:37 - Cidades

Enterro do empresário Divaldo da Nóbrega acontece nesta terça

Pai do empresário Roberto Santiago e um dos idealizadores do Manaíra Shopping sofreu complicações cardíacas quando estava internado em hospital de São Paulo.

90. 01/02/2010 - 14:52 -

Famílias que moram no bairro São José serão transferidas para Manaíra

91. 27/01/2010 - 07:23 - Policial

Morre homem baleado por policial à paisana durante assalto em Manaíra

Vamberto Félix Silva Júnior, de 20 anos, foi atingido por um tiro na cabeça quando tentou assaltar um policial dentro do carro dele em uma lombada em frente ao MAG Shopping.

92. 21/01/2010 - 07:09 - Policial

Trio faz assaltos em Manaíra, mas um deles é baleado por policial

Homens realizavam assaltos a motoristas em Manaíra, mas foram surpreendidos por policial que reagiu ao assalto. Na troca de tiros, um dos ladrões foi baleado na cabeça.

CATÁLOGO
GRAVAÇÃO DE ÁUDIO - TAMBAÚ

Nº DA FITA	Nº DE FITA	LADO	DATA	CIDADE	EST.	ASSUNTO
001	1	A-B	06/06/99	Bairro do Castelo Branco – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida e as brincadeiras: depoimento de Ana Maria e Dona Apolônia
002	1	A	29/07/99	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida e as brincadeiras: depoimento de Dona Lia
003	1	A	11/01/00	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida e o trabalho: depoimento de Dona Diva
003	1	A-B	11/01/00	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	As brincadeiras populares: depoimento de Paulo
003	1	B	14/01/00	Bairro dos Funcionários – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida e o trabalho: depoimento de Seu Zé Briba
004	1	A-B	29/01/00	Bairro do Castelo Branco – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida e as brincadeiras: depoimento de Ana Maria
005	1	A-B	17/06/03	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	História de vida: depoimento de Seu Arlindo
006	1/2	A-B	24/07/03	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	A barca: depoimento de Seu Arlindo
007	2/2	A	24/07/03	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	A barca: depoimento de seu Arlindo
007	1	B	18/11/03	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	História de vida: depoimento de Dona Argentina
008	1	A-B	11/11/03	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	História de vida: depoimento de Dona Argentina
009	1	A-B	25/11/03	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	História de vida: depoimento de Dona Argentina
010	1/2	A-B	09/12/03	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	História de vida: depoimento de Seu Aluizio*
011	2/2	A	09/12/03	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	História de vida: depoimento de Seu Aluizio*
011	1/2	A-B	16/12/03	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida: depoimento de Seu Aluizio
012	2/2	A-B	16/12/03	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida: depoimento de Seu Aluizio
013	1/2	A-B	05/02/04	Manaíra e Tambaú – JOAO PESSOA	PB	Dados pessoais: Seu Arlindo, Dona Argentina e Seu Aluizio
014	1	A	00/02/00	Bairro dos funcionários – JOÃO PESSOA	PB	Tio Zé e os cocos
014	2/2	A-B	05/02/04	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Dados pessoais de Seu Aluizio
015	1	A-B	04/03/04	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida: depoimento de Seu Deca
016	1/2	A-B	08/03/04	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Como adquiriu valores – depoimento de Seu Deca
017	2/2	A-B	08/03/04	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Como adquiriu valores – depoimento de Seu Deca

018	1	A-B	31/03/04	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida em Tambaú – depoimento de Dona Maria Monteiro e Sua filha, Maria Madalena	
019	1	A-B	31/03/04	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida – depoimento de Dona Laurides	
020	1/2	A-B	28/04/04	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida em Tambaú – depoimento de Seu Guilherme	
021	2/2	A	28/04/04	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Sua vida em Tambaú – depoimento de Seu Guilherme	
022	1/2	A-B	06/09/04	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	História de vida de Seu Luca, pescador.	
023	1	A	31/08/04	Bairro São José – JOÃO PESSOA	PB	Coco cantado por Zé Briba	
024	2/2	A	06/09/04	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	História de vida de Seu Luca, pescador.	
025	1/2	A-B	29/01/10	Bairro do Treze de Maio – JOÃO PESSOA	PB	Dona Cila – A Festa de São Pedro	
026	2/2	A	29/01/10	Bairro do Padre Zé – JOÃO PESSOA	PB	Dona Cila – A Festa de São Pedro	
Nº DA GRAVAÇÃO		TEMPO	DATA	CIDADE	EST.	ASSUNTO	GRAV
001_A_001		01:01:45	29/01/10	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Seu Aluízio*	DVF
001_A_002		00:06:15	29/01/10	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Seu Aluízio*	DVF
001_A_004		00:03:39	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Hino de São Pedro	DVF
001_A_005		00:03:04	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Ozildo	DVF
001_A_006		00:05:02	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Hino do Barco de São Pedro	DVF
001_A_007		00:03:20	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Hino de São Pedro	DVF
001_A_008		00:00:14	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Hino de São Pedro	DVF
001_A_009		00:05:43	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	João Preto	DVF
001_A_010		00:02:49	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Sérgio	DVF
001_A_011		00:01:53	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Hino de São Pedro	DVF
001_A_012		00:01:49	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Luciano	DVF
001_A_013		00:05:13	28/06/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Cila na Penha	DVF
001_A_014		00:09:08	29/06/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Galiléia	DVF
001_A_015		00:33:14	09/08/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Gelúcia	DVF
001_A_016		00:31:37	11/08/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Arlindo	DVF
001_A_017		00:42:54	11/08/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Raminho	DVF
001_A_018		00:41:29	11/08/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Adiel e Maria Valdete	DVF
001_A_020		00:53:32	11/08/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Ilton	DVF
001_A_021		00:25:03	11/08/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	João Preto e Ozildo	DVF
001_A_022		00:26:01	12/08/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Ceição Penha	DVF
001_A_023		00:41:13	13/08/10	Bairro da Penha - JOÃO PESSOA	PB	Roberval Penha	DVF

001_A_024	00:22:30	28/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Fumacinha	DVF
001_A_025	00:20:05	28/09/10	Bairro do Altiplano Cabo Branco - JOÃO PESSOA	PB	Maria de Fátima Nascimento	DVF
001_A_026	00:11:25	28/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Padre Geraldo Magela	DVF
001_A_027	00:26:57	28/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Silvia	DVF
001_A_028	00:26:06	29/09/10	Bairro do Padre Zé – JOÃO PESSOA	PB	Cila	DVF
001_A_029	00:04:22	29/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Severina	DVF
001_A_030	00:24:45	29/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Paulo	DVF
001_A_031	00:15:09	29/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Paulo	DVF
001_A_032	00:00:11	29/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Paulo	DVF
001_A_033	00:10:38	29/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Paulo	DVF
001_A_034	00:08:22	29/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Paulo	DVF
001_A_035	00:32:40	30/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Lena	DVF
001_A_036	00:04:44	30/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Lena	DVF
001_A_037	00:23:20	30/09/10	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Lena e Jaci	DVF
001_A_038	00:01:21	02/10/10	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Galiléia	DVF
001_A_039	00:08:37	02/10/10	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Galiléia	DVF
001_A_050	00:01:33	29/06/11	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	Comentário sobre a Festa São Pedro - (Magno e Cleomar)	DVF
001_A_053	00:00:55	29/06/11	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Festa de São Pedro_chegada do andor	DVF
001_A_054	00:03:09	29/06/11	Bairro de Tambaú – JOÃO PESSOA	PB	Galiléia_após a chegada sem a benção	DVF
001_A_055	01:26:23	29/06/11	Bairro de Manaíra – JOÃO PESSOA	PB	A missa_Dom Aldo Pagotto	DVF

* Cópia dada a Seu Aluizio.